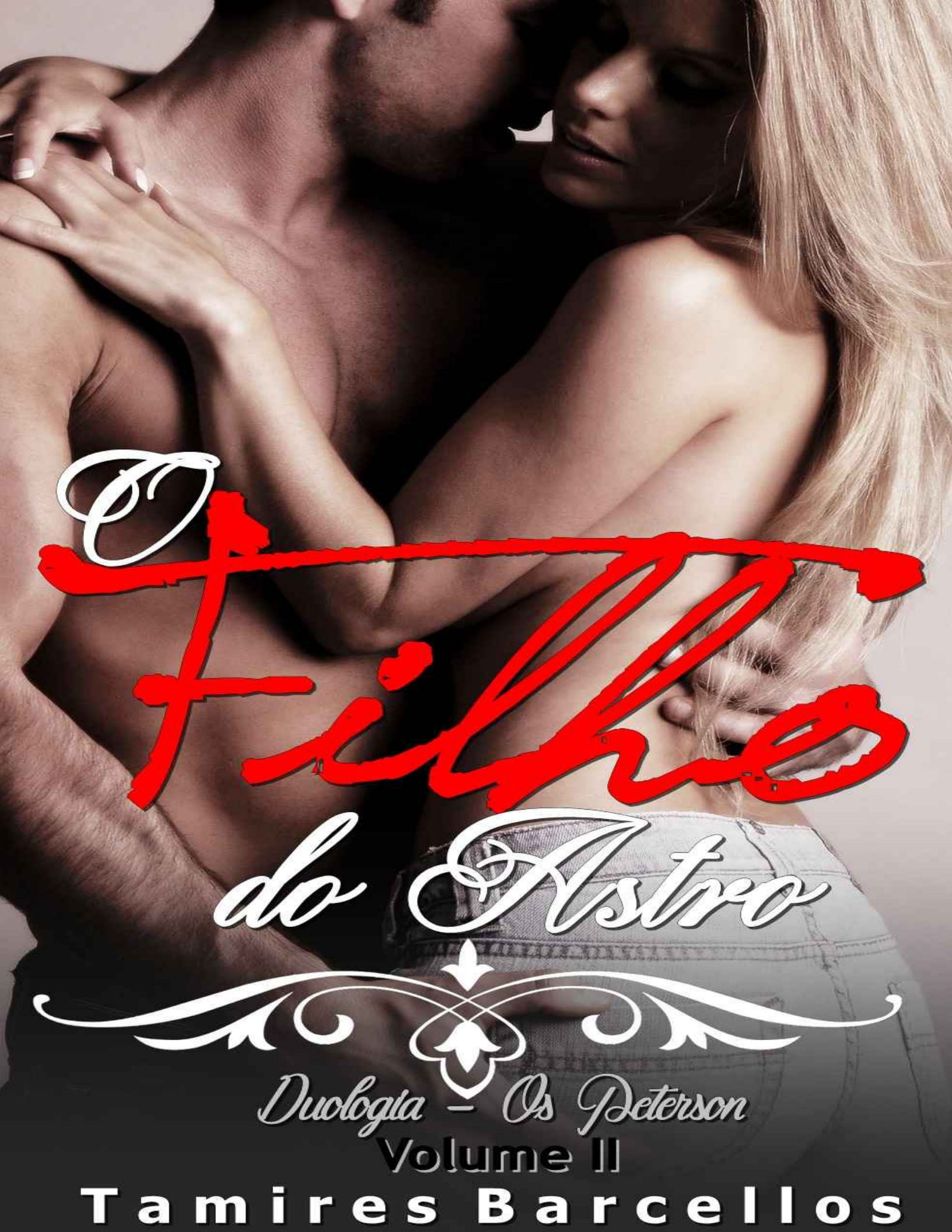




O **Filhos**

do Astro



Duologia – Os Peterson
Volume II

Tamires Barcellos



O Filho do Astro

Duologia – Os Peterson

Volume II

Tamires Barcellos

Todos os direitos reservados© Copyright 2015 – Tamires Barcellos

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem a prévia autorização do autor.

Está é uma obra de ficção, qualquer semelhança com a realidade é mera coincidência.

Edição e Revisão: Tamires Barcellos

Foto: CanStock Photo

Capa: Tamires Barcellos.

Dedicatória.

Para todas vocês que pediram por mais de Michael e Emma.

Essa é uma extensão deles.

Espero que gostem.

Sinopse

Filho de um grande astro pornográfico, Matthew Peterson sempre viveu lado a lado com o sexo. Tudo em sua vida indicava que ele seria como o pai e que teria a fama e a fortuna que seu pai conquistou. Mas aquilo não era vida para ele.

Formado como engenheiro químico, Matthew era sócio com mais três amigos em uma famosa empresa de engenharia. Como um belo planejador, tudo já estava milimetricamente traçado em sua agenda, ele tinha planos não só para a hora seguinte, como para os anos que ainda viriam. Ele tinha até mesmo anotado o ano e o mês que sua noiva, Therese Line iria engravidar, depois que se casassem.

Mas nem tudo sai como o planejado.

Em uma noite de quarta-feira, seus melhores amigos o arrastam para a famosa "Pleasure House ", uma boate luxuosa, que abrigava requinte, bom gosto e, acima de tudo, bom sexo. Mesmo sem ter planejado aquilo, em cinco minutos ele tinha traçado em sua mente que iria apenas tomar uns drinks com seus amigos e logo depois, iria embora. Sua noiva nem precisava saber que ele esteve naquele lugar.

Ele já tinha tudo planejado... Milimetricamente traçado... Nada daria errado, simplesmente nada. Até Claire Benson aparecer e envolvê-lo na sua rede de dançarina sedutora.

Talvez Matthew agradecesse aos Céus por todo o seu plano ter dado errado... Ou talvez, não.

Capítulo 1 - Matthew

02 de março de 2044 - França

O campo esverdeado estava totalmente florido e ornamentado. Haviam mesas e cadeiras de madeira branca, com uma toalha rosa... Rosa bebê. Porra de rosa bebê, o que era rosa bebê? Revirei os olhos, mas estava tudo muito, muito bonito e o cheiro era incrível

Passei as mãos pelo meu terno e ajeitei a gravata, sentindo aquela coisa me apertar. Já queria que começasse logo a festa, onde poderia me livrar daquele negócio que enforcava. Quem inventou a gravata, era um belo de um pau no cu. Mas o que eu não faria por ela, não é mesmo? Minha princesa, minha linda e maravilhosa menina de olhos azuis.

— Ah, Matthew... Eu ainda não acredito. — Minha mãe, Emma, murmurou ao meu lado, toda emocionada.

— Eu sei, mãe... Eu também ainda não acredito muito nisso.

— Mas eu estou tão feliz! — Ela me olhou com seu enorme sorriso, seus olhos azuis repletos de lágrimas e arrumou a rosa cor de... Rosa bebê, no meu bolso. Meio segundo depois, ouvimos a música. — Oh meu Deus, é ela!

E então, ela veio... Linda com seu vestido branco esvoaçante, uma linda coroa de flores — de novo, rosa bebê, mas nela ficava lindo — em cima de seus cabelos negros, que faziam cachos largos na ponta. Seu braço estava enlaçado ao braço de meu pai, que a acompanhava com um meio sorriso no rosto, nunca perdendo aquela pose de pai superprotetor.

Chloe Peterson, minha linda irmãzinha de vinte e três anos, vinha sorridente olhando a todos a sua volta, passando por cima do tapete de pétalas de rosa branca, até chegar a Calton Henderson, seu noivo. É... Minha pequena estava casando. Passou a perna em mim e o tal do Calton, que agora era um renomado médico, havia a capturado de jeito.

Meu pai a entregou para ele e apertou sua mão, dando um beijo na testa de Chloe logo depois. Se acomodou ao lado da minha mãe, que não conseguia parar de sorrir e limpar os olhos para não borrar a maquiagem. Sorri diante daquilo, era minha família, a melhor que alguém poderia ter.

— Logo mais será o nosso, não é, meu amor? — Therese sussurrou no meu ouvido, apertando minha mão com um pouco mais de força.

Olhei para ela e voltei a sorri de leve, seus lindos olhos azuis dentro dos meus. Eu a amava, sem sombra de dúvidas.

— Mal vejo a hora de torná-la minha esposa.

Ela sorriu languidamente ao meu lado e voltamos nosso olhar para os noivos. O padre começou a falar sobre a importância do casamento perante Deus e sobre o amor que o casal deve nutrir um pelo o outro. Meus olhos estavam fixos em Chloe, que sorria e olhava para Calton apaixonadamente. Ele espelhava a sua expressão, mostrando-me o que eu sabia desde sempre: ele era o cara certo para minha irmã.

— Calton Dominic Henderson você aceita Chloe Marie Peterson como sua legítima esposa, para amá-la e respeitá-la, até o último dia de sua vida?

— Sim, aceito.

— Chloe Marie Peterson você aceita Calton Dominic Henderson como seu legítimo esposo, para amá-lo e honrá-lo até o dia de sua morte?

— Sim, com toda a certeza.

O padre sorriu e os convidados suspiraram. Certo, eu também suspirei. Porra, era minha irmã que estava casando... Me dê um desconto!

— Sendo assim, com o poder dado a mim, eu os declaro marido e mulher. Pode beijar a noiva.

Calton passou a mão de leve pelo rosto da minha irmã e a beijou sob os aplausos de todos os convidados. Therese sorriu ao meu lado e bateu palmas junto com a minha mãe. Para minha felicidade, elas se adoravam, quer dizer, quem não adorava minha noiva? Ela era incrível, a mulher mais doce, sincera, bonita e gostosa que já vi na vida.

Eles passaram pelo tapete de pétalas, enquanto os convidados jogavam ainda mais pétalas sobre eles. Nunca vi tanta rosa na minha vida, tinha certeza que estaria traumatizado até o fim do casamento.

Enfim, a cerimônia havia acabado e assim que todos os convidados começaram a se dispersar para suas mesas, eu tirei aquela maldita gravata que estava me matando. A música começou a tocar, os garçons começaram a circular e em pouco tempo eu já tinha minha taça de champanhe em uma mão e minha linda garota em meus braços. Tudo estava perfeito, como minha irmã merecia.

— Porra, cara, ainda não acredito que perdi sua irmãzinha para esse doutorzinho! - Saudou Paul, vindo ao meu encontro acompanhado por John, Mark e Roy, meus... Melhores amigos, pois é.

— Eu também estou ótimo, Paul e você? - Perguntei, tomando mais um gole da minha bebida, impedindo uma risada diante da sua expressão falsamente triste.

— Como posso estar bem quando aquela coisinha linda de olhos azuis, acabou de colocar um anel no dedo e dizer sim no altar? Um sim que nem sequer foi para mim? Isso dói, cara!

— Como se Chloe fosse dar bola para você... Não tem espelho em casa, Paul? — Roy perguntou, rindo.

— Claro que tenho e ele me diz o quão irresistível eu sou. Não é, Therese?

— Eu não sei de nada... — Ela disse, voltando seu olhar para mim. — Só tenho olhos para o meu Matt.

Sorri e a beijei com sutileza, ouvindo os quatro reclamarem ao meu lado.

— Cara, para com esse romantismo todo, isso é muito gay. — Mark reclamou.

— É gay porque você ainda não achou a mulher ideal, cara. Eu já achei, o que posso fazer? — Dei de ombros, inocente. — E você, Paul, para de ficar reclamando pelos cantos. Você nunca encostaria esse pauzinho na minha irmã.

— Por que? — Perguntou, chocado.

— Porque eu sei o quão sujo ele é, cara.

Rimos, enquanto ele cruzava os braços e revirava os olhos, tipicamente infantil, mas logo depois sua risada rompeu junto com a nossa. E era assim a nossa amizade, meio louca, brincalhona, mas no final, sempre estaríamos ali um para o outro.

A festa seguiu sem problema algum, Chloe e Calton fizeram uma coreografia um tanto louca para abrir a pista de dança, minha mãe e meu pai beberam para caramba e curtiram mais a festa do que todos juntos — vai entender Michael e Emma, não é? — Therese e eu caímos na dança também, e logo os convidados começaram a ir embora, no finalzinho da tarde.

Me aproximei de Chloe, que se despedia de um casal de amigos e esperei. Quando ela terminou, se virou para mim com aquele sorriso de menina que eu tanto amava.

— Matt! — Me abraçou, ficando na ponta dos pés para alcançar meu pescoço.

"Minha baixinha adorável... Eu amo tanto você." Pensei, enquanto a segurava um pouco mais.

— Estou muito feliz por você, querida.

— Eu sei, irmão. Eu tenho que te agradecer, você sempre esteve ao meu lado desde o início do meu relacionamento com Calton. Eu te amo muito.

Nos separamos e peguei suas mãos nas minhas, vendo seus olhos brilharem com lágrimas de emoção.

— Não chore, baby, eu sempre estaria e estarei ao seu lado. Se Calton fosse um idiota, eu já teria chutado a bunda dele, pode ter certeza.

— Matthew! — Ela riu, jogando a cabeça para trás.

— É a verdade, mas eu sempre soube que ele era o cara certo. — Ela me olhou e suspirou, totalmente apaixonada pelo marido. — Eu espero que vocês sejam muito, muito felizes e quero logo um monte de sobrinhos para me perturbar, correndo atrás do "tio Matt".

— Quem sabe eles não virão depois da lua de mel... — Ela se encolheu, corando.

Era a única garota que eu conhecia que ainda tinha a inocência de corar.

— Estarei esperando ansiosamente por isso, querida. — Me aproximei e beijei sua testa, como sempre fiz desde quando ela nasceu. — Seja feliz, irmã. Eu te amo muito.

— Obrigada, Matt. Eu também te amo.

Pouco menos de duas horas depois, Calton e Chloe se despediram dos poucos convidados que ainda estavam na festa e foram em direção a limusine que os aguardava. Não lembro exatamente onde seria a lua de mel deles, mas Chloe estava tão empolgada, que eu tinha certeza que Calton estava realizando algum sonho dela. Algum sonho que nosso pai ainda não tinha realizado, porque, tudo o que ela pedia, meu pai dava. Sim, ela era a verdadeira filhinha do *papai babão*.

— Ainda não acredito que minha filha saiu de casa. — Meu pai lamuriou, um pouco bêbado, com a cabeça encostada no ombro da minha mãe.

— Ainda lamentando, senhor Michael Peterson?

— Não é algo que eu possa superar com tanta rapidez, Matt. — Lamentou com a voz embolada.

Minha mãe riu junto com Therese.

— Não seja dramático, Michael. Isso vai passar em pouco tempo. Você sabia que isso iria acontecer.

Ele suspirou, levantando a cabeça lentamente. Logo depois, olhou para Therese e eu e nos analisou, a cabeça levemente pendida para o lado.

— E vocês? Quando vão trocar essa aliança de noivos para as de casados?

— Em setembro, meu pai. Já está tudo planejado, não é, amor? — Perguntei, levando sua mão aos meus lábios.

Ela sorriu alegremente.

— Sim, o senhor planejador aqui — Ela apontou para mim. —, já tem tudo milimetricamente anotado. Só precisamos começar os preparativos, Emma e isso está por nossa conta. Enfim Matthew me deixou fazer alguma coisa!

— Oh meu Deus, que maravilha! Estou ansiosa para começarmos tudo, querida. — Minha mãe disse, entusiasmada. — Ah... Meus dois filhos casando em um único ano. Isso é emoção demais para uma mãe só.

E então, um tanto bêbada, assim como o meu pai, minha mãe começou a choramingar. Sem poder me segurar, fui até os dois e os abracei. Eles, junto a Chloe, eram minha família e nada no mundo iria nos separar.

06 de março de 2044 - Nova York.

A semana estava corrida, como sempre. Já era quarta-feira, quase nove da noite e ainda assim, eu

continuava preso no escritório, analisando um projeto que estava me deixando de cabelo em pé, totalmente exausto.

Engenharia Química era minha paixão e apesar de ser uma profissão que abrange um leque de opções para trabalhos, a parte financeira, aquela de analisar projetos, mexer no que estava ruim, melhorar o que já estava bom, havia me pegado pelo pé quando John, Mark, Roy e eu havíamos decidido que iríamos montar uma empresa só nossa.

No começo era apenas o esboço de uma ideia, dois períodos antes de terminarmos a faculdade. Entretanto, meu pai soube um pouco sobre o que planejávamos e os pais de John, Mark e Roy também e, juntos, nos deram o melhor presente que já poderiam ter dado: capital para montar a MMJR Engenharia. Certo, não é um nome criativo, mas éramos jovens na época, estávamos extasiados e excitados e colocar as iniciais dos nossos nomes, nos pareceu uma boa ideia.

E realmente foi. Com nosso empenho, trabalho duro e dedicação, fizemos a MMJR Engenharia crescer e hoje somos uma das melhores empresas de engenharia nos EUA e estamos entre as 10 melhores do mundo. Nossa empresa abrange quase todo o campo da engenharia, seja ela química, ambiental, elétrica, industrial, civil, mecânica e agora começaremos a trabalhar com a indústria alimentícia e agrícola, pois pensamos em abrir uma filial em um dos países que executam a agricultura, o Brasil.

Não foi fácil, posso dizer que mergulhei de cabeça nessa empresa junto com meus amigos, e se não fosse pelo nosso suor, todo o dinheiro que nossos pais haviam investido, teria sido jogado fora. Tenho muito orgulho de mim, do meu emprego, da nossa empresa e posso dizer com todas as letras que os anos que gastei em planejamentos só serviram para nos engrandecer.

Continuei a ler o projeto de um dos nossos engenheiros, sobre a expansão de luz solar em um prédio que estávamos construindo no Estado de Washington D. C., quando ouvi meu celular tocar. Por um momento, pensei em não atender, odiava ser interrompido, mas logo pensei em Therese ou minha mãe, que sempre ligavam preocupadas. Estranhei ao ver o nome de Paul na tela:

— Paul? Tudo bem?

— Mais ou menos, cara... Estou aqui em frente a sua empresa, você pode descer? Preciso falar com você.

Franzi o cenho, e o respondi, enquanto guardava a planilha dentro de uma das gavetas da minha mesa:

— Aconteceu alguma coisa? Está me deixando preocupado, Paul.

— Aconteceu algo sim, mas não é nada grave. Só preciso conversar.

Peguei o meu paletó, minha pasta e as chaves do meu carro, saindo da minha sala. Ativei o código de segurança, trancando a porta e fui em direção aos elevadores:

— Tudo bem, já estou descendo. Me espere.

Desliguei e entrei no elevador, apertando o botão para me levar ao térreo. Tentei pensar em um assunto tão importante para que Paul me ligasse àquela hora da noite, pedindo para conversar. Com

certeza ele tinha levado um pé na bunda de alguma mulher e só queria desabafar. Pensar naquilo me fez relaxar automaticamente e o elevador chegou a seu destino. Tudo na empresa estava vazio, o expediente havia se encerrado, mas eu sempre era uns dos primeiros a entrar e o último a sair.

Cumprimentei Wayne, o segurança noturno e encontrei Paul encostado ao seu carro. Mark, Roy e John estavam ao lado dele e não sabia se ficava mais aliviado ou apreensivo, afinal, o que diabos estava acontecendo ali?

— E ele finalmente desceu da torre de aço! — Paul disse, sorridente, bem diferente do seu tom preocupado e melancólico ao telefone.

Em menos de meio segundo eu já sabia o que estava acontecendo. Não haveria conversa alguma.

— O que estão aprontando? — Perguntei, arqueando o queixo.

— Cara, não é nada demais, fica calmo. — Roy disse, rindo para mim. — Só vamos levar você para tomar uma bebida. Você só vive preso nesse escritório, trabalha mais do que eu, Mark e John juntos. Precisa relaxar um pouco, ou seu cérebro entrará em curto-circuito de tanta carga de trabalho.

— Tomar uma bebida? Cara, eu não planejei isso para hoje...

— E quais eram seus planos para hoje, senhor "eu-sigo-a-porra-de-uma-agenda"? — Paul perguntou, cruzando os braços.

— Sair daqui e ir para casa.

— Você faz isso todos os dias, Matt. Se não vai para sua casa, vai para casa de Therese ou dorme na casa dos seus pais... Precisa viver um pouco, cara. — John disse, tentando me convencer.

— Não, John. Eu preciso descansar e...

— Relaxar! Sabe o que é isso, Matt? Relaxar, sair, espairecer, tomar um uma bebida com seus amigos. Há quanto tempo não temos isso? — Mark indagou.

— Mas hoje ainda é quarta-feira e temos que trabalhar amanhã cedo...

— Foda-se, cara, só vamos sair para beber um pouco e fim. E você irá conosco, sem discussão. — Paul abriu a porta traseira do seu carro e apontou para mim. — Entra e me dê as chaves do seu carro. Vou pedir para um dos seguranças levá-lo ao seu prédio.

Olhei para eles, analisando minhas opções. Odiava fazer algo que não estivesse planejado, que eu já não tivesse pensado antes. Me tirava da minha zona de conforto e isso não era algo bom. Mas, por fim, decidi ir, até porque, eu tinha certeza que eles não me dariam chance de escapatória.

Dei minha chave para Paul e entrei no carro, Mark se acomodou no banco de trás também, junto com John, ao meu lado e Roy foi na frente. Segundos depois, Paul assumiu a direção e colocou uma música alta para tocar, começando a dirigir pelas ruas movimentadas de Nova York.

Consegui relaxar um pouco, afinal, aqueles caras eram meus melhores amigos e mesmo que Paul trabalhasse como fotógrafo — algo bem diferente do que fazíamos — ele era um cara legal, que sempre estava por dentro de todos os assuntos da nossa vida. Conversamos bastante até ele parar em frente a uma famosa boate, que sempre ouvi falar, mas nunca tinha ido e nem tinha vontade de ir.

“Pleasure House”* um lugar que todos falavam que era a terra da luxúria, do prazer, com mulheres excepcionais, que estavam dispostas a fazer o que nós, homens, quiséssemos, por um bom preço. Pensei em reclamar, falar que não entraria, mas algo me empurrava cada vez mais para dentro daquele lugar, acompanhando os passos dos meus amigos.

Pensei em Therese e no que ela falaria se soubesse que eu tinha ido a um lugar como aquele. Certamente me mataria e com razão, mas cheguei à conclusão de que ela não precisava saber que eu tinha ido ali. Ela nunca saberia, eu entraria, tomaria um drink ou dois com meus amigos, fingiria um relaxamento que estava longe de sentir, pegaria um táxi e voltaria para casa.

Fim de papo, sem drama, sem discussão.

Decidido, entrei na boate escura, onde tons de vermelho e dourado se mesclavam à música alta e, por incrível que pareça, de bom gosto. Sou um apreciador de música, sou eclético e a música sim, estava começando a me deixar um pouco mais relaxado. Fomos em direção a uma mesa perto do palco, que estava vazio e nos sentamos. Uma mulher praticamente seminua, vestindo um top brilhoso e saia de estudante do ensino médio que deixava sua bunda quase toda de fora, veio até nós com um pequeno aparelho eletrônico em mãos.

— Posso anotar o pedido dos senhores? — Perguntou, sorridente, seus olhos castanhos focando cada um de nós, enquanto jogava seus cabelos vermelhos berrantes para trás.

Estava longe de ser sexy, pelo menos para mim.

— Queremos uma rodada de tequila, por favor.

Olhei para Paul, assustado.

— O que? Nada disso, eu vou querer uma taça de vinho branco.

Ela assentiu, começando a clicar no aparelho, mas levantou a cabeça em direção a Paul, que havia soltado um longo suspiro:

— Bebê, não o escute. Queremos uma rodada de tequila, sem discussão.

— Paul, você não pode mandar no que quero beber, pelo amor de Deus! — Falei, exasperado, ignorando a expressão confusa da garçonete.

— Cara, estamos aqui para relaxar e ninguém, em sã consciência, relaxa com uma taça de vinho branco. Vai ser tequila e ponto final!

Revirei os olhos, cansado demais para ganhar aquela maldita discussão. Voltei a olhar ao redor da boate e pude escutar a garçonete falar que seu nome era... Lexy? Beth? Não sei e se retirar. Michael Bublé cantava Felling Good, as dançarinas dançavam, seminuas, indo de mesa em mesa, fazendo um show particular para os homens que estavam sentados. Uma ou duas dançaram na nossa frente, deixando Mark, Paul, Roy e John com uma expressão de cachorro babão. Eu não me interessei, pois sabia que mulher nenhuma iria me atrair naquele lugar, não quando eu tinha Therese ao meu lado.

Quase cinco minutos depois, a garçonete voltou com uma rodada de tequila, sal e limão em uma bandeja. Deixou tudo na mesa e só saiu depois de piscar para Paul e tê-lo sorrindo feito um idiota

para ela. Brindamos, bebemos, a bebida desceu rasgando minha garganta, me deixando quente e logo depois, chupei o limão que estava ali, me sentindo ainda mais quente por dentro.

— Porra, porra, é disso que estou falando! — Paul gritou, chacoalhando a cabeça. Chamou a garçonne de cabelo vermelho que estava na mesa ao lado e disse: — Mais uma rodada, bebê.

Eu quis protestar, mas a quentura dentro de mim era bem-vinda. Já estava na terceira dose, sentindo-me um pouco alegre demais, quando a música cessou por completo. Minha atenção — e a de todos os homens — fora atraída para o palco, onde uma mulher loira, linda, segurando dois cilindros que expeliam fogo, começou a andar e vir para frente.

Vestia uma calcinha e sutiã de couro preto, o sutiã era ligado a uma coleira também de couro, que estava amarrado ao pescoço dela. Um pequeno robe vermelho cobria seus braços e ela parecia uma extensão daquele lugar. Uma extensão *fodidamente* quente e sexy daquele lugar. Duas dançarinas pegaram os cilindros da mão dela e ela se aproximou do poste de pole dance e então, seu show começou.

Ela rebojava, se esfregava, se pendurava, olhando a todos de forma sexy, até que seus olhos pararam em mim. Toda linda, gostosa, *fodidamente* apetitosa com aquele olhar de "*venha me comer*", que fez meu pau se retorcer dentro das malditas calças.

Eu não conseguia entender que porra era aquela, como ela conseguia aquilo, mas também não estava disposto a achar respostas, não quando ela dançava daquela forma e eu só pensava em trepar com ela. Nunca fui um depravado, mas naquele momento, todos os tipos de putaria passaram pela minha cabeça, enquanto ela se jogava no chão e passava as mãos pelo corpo.

Soube naquele exato momento que eu não estava daquela forma por conta da bebida. E também não me sentia culpado por estar desejando-a com todas as minhas forças, com uma ereção do tamanho do mundo querendo arrebentar o fecho da minha calça. Ela era linda, loira, maravilhosa, e eu...

Eu estava fodido e completamente enlaçado por ela.

*Pleasure House – Casa do Prazer.

Capítulo 2 - Matthew

Meu quarto estava girando, minha cabeça estava a ponto de explodir e um gosto amargo tomava conta de toda a minha boca. Que merda eu havia feito? Por que diabos fui beber tanto na noite passada? Não me lembrava de quase nada, nem sabia como havia chegado em casa, assim como agora, me sentia perdido, sem nem saber que horas eram.

Obriguei meu corpo a trabalhar e me sentei na cama, olhando meu quarto, sem conseguir focar em nada. Minha cabeça doía, mas começava a trabalhar freneticamente, tentando achar algum resquício de lembrança da noite anterior. Até que me lembrei.

Me lembrei exatamente dela. Linda, loira, gostosa e meu pau pareceu acordar em tempo recorde, em uma ereção monstruosa, muito mais potente do que uma simples ereção matinal. Não demorou muito para que toda a cena se repetisse em minha cabeça.

"A música cessou, a loira gostosa terminou sua dança sexy em uma pose ainda mais sexy, e logo depois, reverenciou o público masculino que estava em polvorosa por causa dela. Um sorriso sedutor se abriu em seus lábios e ela saiu do palco, logo sumindo em meio à multidão.

E eu fiquei lá, com cara de babaca, assim como meus amigos anteriormente, um verdadeiro cachorro babão com uma ereção gigantesca no meio das pernas. Que porra era aquela? Que poder ridículo era aquele que aquela mulher exerceu sobre minha mente e meu corpo? Aquilo era totalmente absurdo.

Raivoso, peguei mais um copo de tequila e virei de uma só vez, logo depois, virei mais outro e outro, sentindo cada vez mais a adrenalina em meu sangue, ao invés do relaxamento que estava precisando.

— *Senhores.*

Levantei minha cabeça assim que a voz sexy invadiu meus ouvidos. Era ela. A bandida que me dominou se esfregando na porra do pole dance. Ainda vestia a mesma roupa, pude ver o batom vermelho vivo em seus lábios, os olhos azuis, quase verdes. Minha respiração ficou escassa, e, de repente, eu não conseguia mais tirar meus olhos dela.

— *Gostaria de me apresentar, sou Claire Benson e, como os senhores já devem saber, sempre realizamos um sorteio e a mesa sorteada, tem como companhia, a principal dançarina da noite. Hoje a mesa sorteada foi a de vocês e estou aqui para servi-los da maneira que os senhores escolherem. — Ela sorriu, olhando para cada um de nós, até seus olhos pousarem em mim. — Estou totalmente a disposição.*

Ouvi meus amigos falarem alguma coisa, mas eu não conseguia formular uma palavra sequer. Nunca fui assim! Eu sempre exerci o controle sobre meu cérebro, as coisas só aconteciam se eu permitia e eu só tinha uma ereção quando era estimulado a ter, não só de olhar para porra de uma mulher seminua. Meu corpo estava ainda mais quente e eu sabia que não era por causa da bebida, era por causa dela e eu só queria entender o porquê.

— E eu poderia saber o seu nome? — Ela perguntou para mim, chamando minha atenção.

— O que?

— Seu nome. Todos já se apresentaram, menos o senhor. — Arqueou uma sobrancelha, olhando-me.

Respirei fundo e busquei pelo resquício de controle que com certeza tinha se enterrado em algum lugar sensato do meu cérebro. Porra, eu era um homem de vinte e oito anos, não um adolescente de dezesseis, que só sabe pensar com a cabeça de baixo!

— Matthew Peterson. — Falei, apertando a mão que ela estendia para mim.

Suas unhas estavam pintadas de vermelho, combinando perfeitamente com ela. Puta merda, o que era aquilo? Controle, preciso de controle, preciso ir embora e seguir o que planejei antes de colocar meus pés nesse maldito lugar!

— É um prazer conhecê-lo, senhor Peterson. Assim como seus amigos, é um homem muito bonito.

Travei meu maxilar, e forcei um sorriso educado. Ela estava recebendo para ser gentil e falar aquilo, ponto final. E eu iria embora, antes que tivesse um caso sério de bolas roxas por uma completa estranha.

— Obrigado, mas já estou de saída e...

— Não mesmo. O senhor vai ficar aqui e tomar uma bebida conosco. Não pode fazer uma desfeita dessas comigo, por favor. — Ela sorriu, quase docemente, seus olhos cravados em mim.

— Qual é, cara, não vai deixar a moça desapontada. — Paul disse.

Claire assentiu, puxando a garçonete de cabelo vermelho pelo braço.

— Traga uma rodada de Martini para todos, por favor, Lexy.

A garçonete assentiu e se afastou, enquanto Claire puxava uma cadeira e sentava-se ao meu lado. Na porra do meu lado, apenas para me tentar ainda mais, entretanto, agora eu estava mais composto. Poderia estar um pouco bêbado, mas era um cara adulto, centrado, confiante, iria apenas tomar aquela bebida e ir embora.

— Como você consegue aquilo, Claire? — Roy perguntou, debruçando-se sobre a mesa como um cachorrinho.

— Aquilo o quê?

— Aquilo, dançar daquele jeito, se pendurar naquele ferro... É incrível.

Ela sorriu, cruzando as pernas, fazendo meus olhos seguirem cada um de seus movimentos.

— É fácil, quer dizer, são anos de prática. — Ela murmurou, dando de ombros. — E eu gosto do que faço, tenho confiança no meu corpo. E posso surpreender ainda mais a cada um de vocês.

— Então, você é uma prostituta? — Me ouvi perguntar em alto e bom som, olhando dentro dos olhos.

Ela não se abalou, pelo contrário, continuou sorrindo e se virou para mim com uma sobrancelha arqueada:

- Acompanhante de luxo. Sou capaz de proporcionar prazer em diversos tipos de situação, ou apenas ser sua acompanhante em uma festa, uma pessoa com quem você pode desabafar.

— Como se alguém fosse te procurar para conversar. — Falei, revirando os olhos.

— Acredite, há muitos senhores que querem apenas conversar um pouco e eu estou disposta a ouvir e fazer tudo o que quiserem, por um bom preço, claro.

Ela voltou sua atenção para John, que perguntou alguma coisa que não eu tive interesse em ouvir. Acompanhante de luxo... Certo, já havia ouvido falar sobre aquilo, mas nunca me interessei.

Veja bem, eu sou filho de um casal que é sócio de uma grande produtora de filmes pornô. Mesmo sem ter a mínima vontade de seguir a carreira do meu pai, eu sempre tive aos meus pés qualquer mulher que eu quisesse. Todas aquelas atrizes da produtora do meu pai, já deram mole para mim e... Tudo bem, seria hipócrita se falasse que nunca comi algumas delas, já transei com algumas, mas desde o dia em que conheci Therese em uma festa, eu nunca mais tive olhos para outra.

Eu tinha certeza de que amava aquela ruiva bonita, que às vezes me deixava com ciúmes por ser uma modelo famosa, ela era linda, gostosa e maravilhosa na cama. A mulher da minha vida e depois dela, nenhuma outra me interessava.

Então, por que diabos aquela mulher, que recebia para transar com vários homens, estava me deixando de pau extremamente duro? Não tinha explicação, aquilo era absurdo!

Respirei fundo e me controlei, obrigando meu pau a descer — mesmo sabendo que ele não iria me obedecer.

— Matt? Acorda, cara, estamos falando com você! — Paul disse, erguendo uma taça com Martini para mim. — Lexy acabou de trazer, vamos fazer um brinde.

Peguei a taça e olhei ao redor, perguntando-me pela milésima vez o que diabos eu estava fazendo ali.

— Brindar a quê, exatamente?

— A todos nós. A nossa vida, a mudanças... Vai que essa noite possa mudar nossa vida de alguma forma? — Ele deu de ombros e eu engoli em seco, olhando rapidamente para Claire, que tinha os olhos focados em Paul. — Não custa nada, não é?

Meus amigos assentiram e ergueram a taça, assim como eu. Brindamos e bebemos, menos

Claire, que tirou a cereja espetada dentro da taça e a levou a boca, chupando-a com os lábios vermelhos se fechando sobre a fruta.

Meu pau se contorceu dentro da calça, minha garganta ficou seca, mesmo com o líquido doce e forte tendo acabado de molha-la. Era definitivo: eu precisava sair daquele lugar, de uma vez por todas!

— Pessoal, foi ótimo passar essa noite com vocês, mas preciso ir. — Falei, levantando-me, dando graças a Deus pelo ambiente escuro esconder minha ereção gigantesca.

— Já? - Claire perguntou, colocando sua taça em cima da mesa. — Está tão cedo ainda, fique um pouco mais, Matthew.

— Obrigado pela proposta, mas tenho que ir. Minha noiva já deve estar preocupada com o meu sumiço, tenho certeza que ela já me ligou e eu não tive a oportunidade de atender, por conta do som alto. — Falei, querendo deixar claro que era mais do que compromissado.

Apesar de ter a certeza de que não aconteceria nada entre ela e eu. Seu sorriso se ampliou e ela se levantou, pegando a taça da minha mão e colocando-a do lado da sua.

— Já que é assim, me permita que te acompanhe até lá fora. Como eu disse, estou aqui para servi-los da melhor forma possível.

— Não é necessário, fique e faça companhia a meus amigos. — Falei, virando-me para meus companheiros, que acompanhavam a tudo, calados. — Pessoal, estou indo. Nos vemos na empresa amanhã e, Paul, espero que possamos nos ver logo também.

Eles acenaram e eu estava prestes a sair, quando Claire se colocou a minha frente, impedindo-me.

— Eu faço questão de acompanhá-lo, Matthew.

Segurei um suspiro e comecei a andar pela boate lotada, tendo-a em meu encalço. Seu cheiro especialmente doce estava me embriagando, seu charme e sedução natural me deixando um pouco fora de foco. Mas, com toda a certeza, aquilo era culpa da bebida. Planejei que ia tomar poucos drinks e acabei exagerando, bebendo mais do que deveria, por isso minha mente estava confusa e meu corpo correspondia tanto ao seu.

Quando chegamos do lado de fora da boate, abotoei meu terno, tentando cobrir meu pau endurecido que estufava a minha calça. Por sorte, havia um ponto de táxi ali perto e agradei a Paul mentalmente por ter me impedido de vir com meu carro. Com toda a certeza, eu não estava em condições de dirigir.

— Bem, obrigado por me acompanhar, Claire. Foi um prazer conhecer você. — Falei, lutando para olhar apenas para seus olhos.

Ela olhou em volta, procurando algo.

— Onde está seu carro?

— Vim de carona com Paul, irei embora de táxi.

— Ótimo, você bebeu, não seria prudente ir embora dirigindo. — Me fitou com a porra daquele sorriso sexy nos lábios. — Sua noiva tem sorte, Matthew. É um homem muito bonito.

— Pode ter certeza que sou eu que tenho sorte por tê-la ao meu lado. Sou apaixonado por minha noiva. — Afirmei com convicção, vendo que seu sorriso e seu charme não cediam nem por um segundo.

— Tenho certeza que é, não diria o contrário em hipótese alguma. Mas, mesmo assim, quero que fique com isso.

Ela puxou um cartão de dentro do bojo do seu sutiã e foi impossível não seguir cada um de seus movimentos com os olhos. Colocou-o na minha mão e contive um gemido quando sua pele quente e macia tocou os meus dedos.

— O que é isso? — Perguntei, sem desviar meus olhos dos dela.

— Meu cartão. Se quiser me encontrar, é só ligar para o número que está impresso aí. — Lentamente, se aproximou de mim e plantou um beijo casto no canto dos meus lábios. Senti sua boca viajar até o meu ouvido, onde sussurrou: — Vá em segurança, Matthew. Espero ansiosamente a sua ligação.

E então, como em um passe de mágica, ela já tinha entrado na boate novamente. Eu estava sozinho, confuso, com o corpo rígido tomado pela surpresa e pelo tesão cortante que atravessou cada célula do meu corpo. Aquilo não era normal, era apenas um efeito da bebida e fim.

Com aquele pensamento, guardei seu cartão em meu bolso, e me dirigi ao ponto do táxi

Mas não era culpa da bebida. Me dei conta disso quando um arrepio perpassou minha coluna e o sangue bombeou meu pau com mais força, fazendo a glândula ficar molhada com o líquido de pré-sêmen. E, principalmente, quando me lembrei que assim que cheguei ao meu apartamento, eu fiquei meia hora olhando para aquele maldito cartão, antes de me levantar e tomar um banho frio, recusando-me a me masturbar pensando nela.

Eu sou homem, sempre fui conquistador. Até os meus vinte e cinco anos, eu sempre saí com várias mulheres, gozei bastante sendo um galinha nato. Não vou negar que sou bonito, cuido do meu corpo, pratico algumas lutas e sempre fui paquerador, acho que puxei essa aura sexual do meu pai, que desde quando eu era um adolescente — com idade o bastante para saber o que era sexo —, me ensinou a ser um cara que sabia "meter o pau em uma boceta" — palavras dele, não minhas.

Mas tudo isso mudou quando conheci Therese e me apaixonei. Pensar nela me fez sentir culpado, mas nem isso fez com que minha ereção diminuísse, nem que ao menos fracasse um pouco. A maldita Claire tinha fodido com a minha mente e eu não sabia mais o que fazer.

Ou melhor, eu sabia.

Me levantei e fui em direção ao chuveiro. Deixei a água gelada cair sobre meu pau teso, me fazendo gemer como se fosse pedras de gelo caindo sobre meu membro quente, mas me mantive firme. Minutos depois, saí do banheiro, mais calmo e controlado. Iria seguir com a minha vida como

se nunca tivesse visto aquela mulher, em pouco tempo ela nem faria mais parte da minha memória.

Peguei um de meus ternos e me vesti, passei as mãos pelo meu cabelo curto, deixando-o jogado e rebelde do jeito que gostava e descii, indo direto para cozinha. Enquanto colocava a cápsula de cappuccino na máquina, sentei-me no banco perto do balcão, olhando para meu celular pela primeira vez desde que Paul havia me ligado na noite anterior.

Haviam sete ligações e três mensagens de Therese, duas da minha mãe e uma do meu pai. Senti meu coração pesar ao ler as mensagens da minha noiva, primeiro perguntando como foi meu dia, depois onde eu estava e, por último, dizendo que estava preocupada e que era para ligar para ela, não importasse o horário. Olhei para o relógio e vi que eram pouco mais de sete da manhã. Estava indeciso se ligava ou não para ela, quando meu celular começou a tremer, seu nome aparecendo na tela.

Respirei fundo e atendi:

— Oi, querida.

— Amor, estava preocupada. Está tudo bem?

A culpa me assolou e me xinguei mentalmente. Que porra eu estava fazendo? Desejei durante toda a noite uma mulher, uma prostituta, quando tinha ao meu lado, a pessoa mais doce, amorosa e sincera que já tinha conhecido em toda a minha vida. Eu era um bastardo!

— Sim, amor, está tudo bem. — Me obriguei a responder, olhando para um ponto fixo na minha bancada de mármore negro. — E você, como está? Por que está acordada a essa hora?

— Eu estou bem, mas como não me liguei ontem, acordei cedo para poder falar com você agora. Nunca deixou de me ligar, nem que fosse antes de dormir, por isso fiquei preocupada. O que aconteceu de tão importante para que você deixasse sua noiva de lado? — Ela perguntou em um tom divertido, o que me deixou ainda mais culpado.

Era ingênua, jamais pensaria mal de mim.

— Os caras me arrastaram para um barzinho perto da empresa e eu bebi um pouco além da conta. Meu celular estava no silencioso, por isso não ouvi suas chamadas, e quando cheguei em casa, eu capotei, cansado. Desculpa, amor, sei que fui um idiota.

"Na verdade, me desculpe por estar sendo um idiota agora e estar mentindo para você." Pensei em dizer, mas me segurei. Se ela não soubesse de tudo, seria melhor, eu iria esquecer aquela mulher e a vida iria seguir naturalmente, como sempre foi.

— Ah, querido, foi só isso? Não precisa se desculpar por ter saído um pouco com seus amigos, você sabe que eu não ligo e até o incentivo. Você fica preso naquele escritório. Se eu soubesse, não teria ligado tantas vezes. — Ela riu de leve. — Mas agora eu vou parar de importunar você, sei que deve estar atrasado para o trabalho. Eu te amo muito, ouviu?

Respirei fundo, fechando meus olhos ao ouvir aquilo. Que Deus pudesse me perdoar por ter sido um idiota na noite passada. Aquilo não iria se repetir, nunca mais!

— Você nunca me importuna, sabe disso. Eu te amo mais, querida. Estou morrendo de saudades,

quero te ver hoje à noite.

— Estarei aqui em casa te esperando, vou pedir comida naquele restaurante japonês que você gosta. Talvez eu te espere nua... — Ela sorriu, maliciosa.

Aquilo me fez sorrir também. Lembrar do seu corpo sempre despertava meu desejo e, daquela vez, não foi diferente. Querendo ou não, senti um alívio por isso, era como uma prova de que aquela mulher não tinha me afetado tanto assim.

— Talvez, não. Você vai me esperar nua, Therese. — Falei, incisivo, ficando excitado. Percebi que precisava transar com urgência. — Mal posso esperar pelo nosso jantar.

— Nem eu. Beijos, meu amor.

— Beijos, querida.

Desliguei, me sentindo mais leve, tendo a certeza de que aquela mulher tinha acabado de entrar para o meu passado e nada iria trazê-la de volta.

Capítulo 3 - Matthew

Olhei para Therese adormecida ao meu lado, linda, seus cabelos ruivos espalhados no travesseiro, totalmente nua depois de fazermos amor. Eu não conseguia dormir, pensamentos tomavam conta da minha mente, deixando-me sufocado. Fechar os olhos era um grande tormento, por isso, ficar acordado me pareceu bem mais atrativo.

Eu não conseguia entender, muito menos aceitar! Toda aquela situação era ridícula, algo fora do comum. Eu me sentia um louco pervertido e depravado, falso e traidor, por estar deitado ao lado da mulher que me amava incondicionalmente, enquanto pensava em outra.

Uma prostituta. Uma prostituta linda, sexy, gostosa, insuportavelmente cheirosa, que estava desafiando a minha mente. Aquilo era loucura, algo sem cabimento, mas era um desejo tão palpável que, pela primeira vez, eu não me vi satisfeito ao fazer amor com a minha futura esposa.

Como meu corpo poderia reagir de uma maneira tão descontrolada por uma mulher que eu vi apenas uma vez? Tudo bem, não foi uma primeira vez convencional, foi algo marcante, ela estava sexy como o inferno, dançando daquela maneira sensual, mas um homem em sã consciência jamais ficaria assim. Então, por que aquilo estava acontecendo comigo? Por que diabos toda vez que eu fechava os olhos, era ela quem eu via? Era seu olhar penetrante, seu sorriso safado, sua sensualidade esmagadora que estava pressionando minha mente ou seria a lasciva desenfreada que meu corpo se negava a não experimentar?

Pela primeira vez em toda a minha vida adulta, eu me vi de mãos atadas. Entretanto, eu não seria um fraco. Não agiria como a porra de um adolescente virgem, que só pensava com a cabeça de baixo. Eu seguiria em frente, pisaria naquele desejo ridículo e ponto final.

Com aquilo em mente, puxei Therese para meus braços e beijei sua cabeça, pedindo desculpas pela milésima vez naquele dia. Ela não merecia aquilo, não merecia uma traição, mesmo que fosse em pensamentos. Cheirei seus cabelos, procurando conforto e fechei meus olhos, cansado de lutar contra aquela mulher que estava me massacrando por todos os lados.

A semana correu tranquilamente e eu me senti mais forte, no controle de tudo novamente. Comandei algumas reuniões, conversei particularmente com alguns investidores, tomei decisões junto com meus amigos e sócios e Claire passou a ser algo insignificante para mim, junto com sua dança sedutora.

Agora, eu olhava com admiração para minha noiva, que terminava de pentear seus lindos cabelos

avermelhados. Olhou para mim pelo espelho e sorriu abertamente, seus olhos azuis brilhando.

— O que foi? — Indagou, colocando a escova em cima da cômoda.

— Você está linda. — Falei, verdadeiro, observando como aquele vestido preto caía bem em seu corpo, destacando sua pele branca.

Ela se virou para mim, um pouco encolhida e tímida. Sempre era assim quando recebia elogios, mesmo sendo uma modelo de sucesso, tendo estampado várias capas de revistas famosas. Me levantei e fui ao seu encontro, abraçando-a pela cintura.

— Eu sou um filho da puta muito sortudo por ter uma noiva como você, Therese.

— Hei, não xinga a minha sogra! — Ela riu, passando os braços pelo meu pescoço. — Eu que sou muito sortuda, meu amor. Não sei o que faria se não tivesse você na minha vida.

Seus olhos brilharam com algumas lágrimas contidas, me fazendo perceber que eu tinha uma mulher linda, mas muito frágil ao meu lado. Os pais de Therese tinham morrido quando ela ainda era uma criança, e foi criada por uma tia que sempre morou em Nova York. Sua tia morreu quando ela tinha dezoito anos e, com toda garra e coragem que sempre carregou consigo, começou a fazer bicos como modelo, até que uma grife famosa a chamou para desfilas. Desde então, sua carreira estourou, mas ela era sozinha, só tinha a mim e minha família, sua única amiga era minha irmã, Chloe.

Por isso eu me sentia na obrigação de cuidar dela, de amá-la com tudo o que eu tinha, porque ela me amava também, demonstrava isso em cada toque, cada olhar, cada gemido quando eu estava dentro do seu corpo. Era naturalmente doce e romântica e isso sempre me encantou. Não era agora que iria mudar.

— Eu sempre estarei na sua vida, ficaremos juntos até ficarmos velhinhos. — Murmurei, dando um beijo doce em seus lábios.

— Eu sei disso, mas enquanto essa idade não chega para gente, vamos aproveitar a nossa juventude e sair para jantar com nossos amigos. — Ela piscou para mim, se afastando. — Estou faminta!

Pegou sua bolsa e agarrou minha mão. Logo estávamos no meu carro, conversando sobre banalidades, enquanto eu dirigia para um restaurante badalado no centro de Nova York. Entreguei a chave para o manobrista, observando como ele olhava para o meu Fisker Karma prateado, meu brinquedinho predileto. Com um sorriso bobo no rosto, ele entrou no carro e Therese e eu fomos acompanhados pelo maitre até a mesa onde John, Roy, Mark e Paul estavam sentados. Ao lado de Paul, uma mulher de cabelos vermelhos estava ao seu lado, sorrindo alegremente para ele, e eu me espantei ao chegar mais perto e perceber que era a garçonete da Pleasure House.

Olhei em volta discretamente, um sentimento amedrontador de que Claire pudesse estar ali, me golpeou em cheio. Mas fiquei aliviado ao perceber que não havia nem sinal dela. Cumprimentamos a todos e nos sentamos, e eu comecei a rezar para que Paul não mencionasse que eu já conhecia aquela mulher, principalmente em que lugar eu a conheci.

— Deixa eu apresentar minha garota para vocês. — Ele disse, sorrindo abertamente. — Therese, Matt, essa aqui é Lexy, minha garota. — Olhou para ela, que sorriu languidamente para ele. —

Querida, esses são Therese e Matt, meus amigos e irmãos de coração.

— É um prazer. — Ela disse, voltando seu olhar para nós dois.

Paul me olhou e balançou a cabeça discretamente, deixando claro que nãoalaria nada sobre nossa visita àquela boate, uma visita que eu me arrependia muito de ter feito. E então, a noite seguiu leve e perfeita para uma sexta-feira.

Bebemos um pouco, comemos, rimos, brincamos. Roy, Mark, John e eu zoávamos Paul que não parava de babar sobre a tal Lexy, Therese e ela começaram a conversar, coisas de mulheres que eu não quis me meter muito. Tudo estava perfeito, como tinha que ser.

Até que eu a vi.

Usava um vestido azul claro até a altura dos joelhos, seus cabelos loiros estavam soltos, suas pernas longas e torneadas, um sapato preto de solado vermelho a deixando sexy. Sua maquiagem era leve, destacando aqueles olhos que estavam em um tom mais esverdeado naquela noite e ela sorriu abertamente para um homem que deveria ter o dobro da idade dela, porém, era alto, imponente e... Pintoso.

O maitre os levou a uma mesa a frente da nossa e o cara arrastou a cadeira para que Claire se sentasse, deixando-a de frente para mim e se sentou na frente dela, deixando-me ver somente suas costas no terno preto. Me obriguei a voltar a respirar, tomando um gole do meu vinho, enquanto observava Claire sorrir para ele, pousando a mão sobre a sua, como se fosse uma namorada perfeita.

Mas eu sabia que ela não era. Sabia muito bem o que ela estava fazendo com aquele homem no restaurante e o que iria fazer depois, quando saíssem dali. Assim como eu sabia que não tinha o direito de ficar encarando-os, que estava com a minha noiva e meus amigos e que ela não iria me desestabilizar de novo.

Voltei meu olhar para todos na minha mesa e fingi interesse na conversa, ouvindo parcamente o que diziam, lutando para manter meu olhar longe da mesa mais à frente. Senti os dedos de Therese acariciando meus cabelos, enquanto ela prestava atenção no que Lexy falava e tentei relaxar sob seu carinho, sentindo-me novamente um traidor por me importar com aquela mulher que mexia tanto com os meus sentidos.

— Hei, o que foi, amor? — Ela perguntou baixinho ao meu ouvido, olhando-me com atenção.

— Nada. — Murmurei, pegando seu rosto entre minhas mãos, beijando seus lábios com carinho. — Estava pensando em você. Pensando que quero ficar sozinho com você... Que tal irmos embora?

Aquilo estava longe do que eu iria dizer, tinha prometido que não iria me abalar com a presença de Claire ali, mas me ouvi perguntar aquilo antes mesmo de pensar. Therese me olhou e sorriu abertamente.

— Seu tarado! Não podemos sair assim, amor, vamos esperar mais um pouco... Prometo recompensar cada minuto.

Me obriguei a sorrir e beijei seus lábios de novo, decidido a voltar a aproveitar minha noite. Therese aprofundou um pouco mais o beijo, sua língua acariciando a minha em um movimento suave

e eu retribui com carinho, mas parei abruptamente ao ouvir sua voz:

— Lexy! Querida, como vai?

Therese e eu nos afastamos e foi impossível não olhar para Claire, quando ela tinha tomado a atenção de todos. Lexy se levantou, sorrindo e abraçou a amiga.

— Estou bem, querida e você? — Perguntou.

— Ótima! Como sou mal-educada, me perdoem. — Ela disse, olhando para todos nós rapidamente. — Boa noite.

Respondemos quase em uníssono e seu olhar pousou sobre Therese e eu, nossas mãos entrelaçadas sobre a mesa. Um sorriso se abriu em seus lábios e ela deu dois beijos no rosto de Lexy:

— Só vim aqui para cumprimentar você, Lexy, precisamos colocar o assunto em dia.

— Sim, eu te ligo.

— Ótimo. — Nos encarou novamente, sexy como o inferno. — Tenham um bom jantar, pessoal.

E então, saiu, sua bunda redonda bem acomodada naquele vestido, suas pernas torneadas, fazendo-me remexer desconfortável na cadeira, um início de ereção querendo me pegar. De repente, me senti claustrofóbico ali e segui Claire com o olhar, vendo-a ir em direção ao corredor onde ficavam os banheiros. Sem conseguir pensar direito no que estava fazendo, pedi licença e disse que precisava ir ao toalete. Quando me dei conta, estava no corredor estreito, iluminado parcamente. Claire estava prestes a abrir a porta do banheiro feminino, quando tomei a frente dela e abri a porta, empurrando-a para dentro.

Ela não disse nada, como se esperasse aquela reação da minha parte. Rapidamente, conferi todas as cabines, vendo que o banheiro estava totalmente vazio, para minha sorte. Fui até a porta e a tranquei, enquanto ela me observava com um sorriso malditamente sexy no rosto.

— Que porra você acha que está fazendo? — Me ouvi perguntar em um tom rouco, praticamente rugindo, baixo.

— Oi para você também, Matthew.

— Eu não sei o que tem na sua mente, mas eu quero que pare com essa ideia, agora! Qual é a sua? Como sabia que eu estaria aqui?

— Eu não sabia, não tinha como saber, Matthew. Não perco meu tempo correndo atrás de homem, na verdade, são eles quem correm atrás de mim. — Ela sorriu, olhando-me de cima a baixo. — Assim como você fez agora.

Engoli em seco, sentindo como se tivesse sido atingindo no estômago. Estava perdendo o controle sobre minhas ações e pensamentos, nada coerente e correto vinha na minha cabeça quando via aquela mulher, e não precisei de mais que dois encontros com ela para saber disso.

— O que Lexy está fazendo aqui? Por um acaso é algo armado para você conseguir me encontrar? — Perguntei em um tom mais baixo daquela vez, tentando entender.

Aquilo não poderia ser uma simples coincidência! Não podia ser destino, simplesmente não podia.

— Pelo visto, Lexy está saindo com aquele seu amigo, Paul. — Ela disse, dando de ombros. — Eu sei tanto quanto você, foi uma surpresa para mim vê-la aqui, com ele.

— Não me venha com essa, garota! Para de mentir para mim!

— Para que eu mentiria para você, Matthew? — Perguntou, andando em minha direção, aquele maldito sorriso brincando em seus lábios. — Por um acaso você acha mesmo que eu perderia meu tempo correndo atrás de você, quando, na verdade, é você que está totalmente afetado por mim? Você não é o centro do universo, apesar de ser muito lindo e gostoso. — Seus olhos saíram de mim e foram em direção a porta. — Agora que você já sabe que eu não estou por trás de nenhum plano maligno para te conquistar, será que poderia sair da frente da porta? Richard está me esperando e seria muito deselegante se eu demorasse mais do que o necessário no banheiro.

Olhei para ela, vendo que continuava naquela pose altiva, nariz e queixo empinados para mim, um sorriso brincando no canto dos seus lábios. Puta merda, por que ela tinha que ser tão *fodidamente* linda? Qualquer homem lamperia os pés dela, faria o que ela quisesse, correria atrás dela, como eu tinha acabado de fazer.

— Você vai dormir com ele? — Me ouvi perguntar, me arrependendo logo depois.

A porra do filtro que ficava entre meu cérebro e minha boca estavam desligados, só poderia ser.

— Sim. — Ela disse, abrindo a boca em um “O” perfeito logo em seguida. — Merda, havia esquecido o que ele tinha me mandado fazer! Está vendo, Matthew, você está atrapalhando o meu trabalho.

E então, como se eu não estivesse ali, ela levou as mãos para dentro do vestido e sua calcinha caiu ao chão, entre suas pernas. Meu pau se retorceu miseravelmente nas calças, acordando em toda a sua fúria. Ela deu um passo para trás, saindo de sua calcinha e se abaixou, pegando-a. Colocou o pedaço de pano rendado dentro da bolsa e voltou seu olhar para mim.

— E então, pode sair da frente da porta ou eu vou ter que gritar por socorro? — Se aproximou a passos lentos, até parar na minha frente. — E acho melhor você se resolver antes de sair assim — Olhou para minha ereção que estufava a calça —, ou sua noivinha vai ficar alarmada ao ver o noivo de pau duro, logo depois de sair do banheiro. Pior ainda, já pensou se alguém te ver saindo do banheiro feminino, logo depois de mim? Aí sim o caso seria bem trágico e...

Não a ouvi mais, substituindo o som da sua voz pelo baque surdo do seu corpo contra a parede e seu suspiro engolido pela minha boca, que a atacou com fome. Uma fome que eu queria muito saciar, e depois nunca mais sentir novamente. Quando minha língua tocou a sua em uma dança excitante, um mundo de prazer e tesão tomou conta de cada célula do meu corpo, me fazendo pressionar meu pau duro em seu ventre, minhas mãos percorreram seu corpo magro e delicioso, em uma carícia intensa.

Ela gemeu, enfiando as mãos em meus cabelos, puxando-me para si, toda sedenta. Eu tinha certeza absoluta que ela estava com a bocetinha toda melada, pronta para mim, para que eu satisfizesse todo aquele desejo insano que insistia tomar conta do meu corpo. Eu não sabia mais onde estava ou quem

eu era, existia apenas eu, Claire e toda aquela fome desenfreada que tomava conta da minha mente.

Esfreguei meu pau por seu ventre, descendo os quadris até colocá-lo no meio das suas pernas, sua bocetinha quente roçando meu pau, aqueles malditos panos nos separando. Queria penetrá-la, comê-la até a exaustão, chupar seu clitóris como estava chupando sua língua, sentir aquela boquinha quente em volta do meu pau. Queria tudo o que ela poderia me dar, até poder olhá-la e não sentir mais aquele desejo.

Seu gemido se tornou mais alto e eu larguei sua boca, descendo meus lábios pelo seu pescoço, deixando minha mão apertar seu seio, moldando o mamilo duro entre meus dedos. Porra, ela estava sem calcinha e sem sutiã, eu precisava apenas livrá-la daquele vestido e a teria nua para mim, pronta para que eu a comesse de forma suja e depravada naquele banheiro.

Mas, então, uma parte sensata e minúscula do meu cérebro, me lembrou exatamente de onde eu estava. No banheiro de um restaurante, onde minha noiva linda e inocente me esperava na mesa com meus amigos, sem nem imaginar que eu a estava traindo ali, praticamente do seu lado. Foi essa parte sensata e pequena que fez com que eu me afastasse de supetão, olhando para uma Claire ofegante e vermelha a minha frente, que me encarava com os olhos arregalados, de longe parecendo aquela Claire sedutora e confiante que conheci naquela semana.

Então, ela mordeu o lábio e sorriu, seus olhos azuis-esverdeados me encarando de modo sexy.

— Nossa, Matthew... Estou sem palavras. — Falou, quase ronronando, fazendo meu pau se contorcer ainda mais.

Tesão puro tomava conta do meu corpo, mas respirei fundo e me controlei.

— Esqueça o que aconteceu aqui. — Falei, tentando parecer o mais convicto possível. — Entendeu, Claire?

— Entendi, mas esquecer... Não sei se será possível, Matthew. — Ela sorriu, indo em direção a porta. — Sua noiva é uma mulher de sorte, mas confesso que tudo o que mais quero agora é ajudá-lo a colocar um belo par de chifres na cabeça dela. — Destrancou a porta ainda olhando para mim e piscou. — Se você precisar de mim, já tem o meu cartão. Sabe como me encontrar.

E, novamente, ela me deixou sozinho, confuso, quente e de pau duro. Não saberia nem por onde começar, se sentia raiva ou desejo por aquela prostituta linda e maligna, que sabia exatamente onde mexer comigo.

Capítulo 4 - Matthew

O resto do jantar fora uma tremenda tortura. Todos se divertiam, conversavam, comiam e minha mente não saía da cena do banheiro, o gosto de Claire não saía da minha boca e nem seu cheiro deixava minha narina.

Felizmente, ela não demorou muito no restaurante e saiu meia hora depois do nosso episódio quase fatídico no toalete feminino. Em nenhum momento ela dirigiu seu olhar para mim, sempre sorrindo e tocando aquele velho filho da puta, que parecia encantado por ela, apesar de sua postura imponente. Lembrar que ele havia mandado que ela tirasse a calcinha fez meu sangue ferver. Primeiro de raiva, depois de tesão. Ver sua calcinha escorrendo pela pele macia de suas pernas seria algo que eu dificilmente esqueceria.

Achei que ao vê-la sair do restaurante eu conseguiria voltar à normalidade e pensar com mais clareza, mas percebi que ela já havia fodido demais com a minha mente, para que eu pudesse simplesmente voltar ao clima que estava antes. Nem mesmo a culpa de ter traído minha noiva, que estava sentada ao meu lado, participando ativamente da conversa à mesa, tirava aquela maldita da minha mente. Estava me sentindo sufocado pelos meus próprios pensamentos, principalmente quando comecei a pensar em seu corpo nu, com aquele homem em cima dela.

Fechei meus punhos, obrigando-me a relaxar. Eu não tinha nada a ver com a vida dela, nunca mais iria vê-la. Me casaria com Therese, que era uma mulher digna e de verdade para mim e nunca mais pensaria em Claire e em seu corpo malditamente delicioso. Ponto final.

— Não é, amor? — Ouvi Therese me chamar, apertando minha mão.

Voltei meu olhar para ela e vi seu cenho levemente franzido, como se estivesse se perguntando o porquê de eu estar tão estranho. Forcei um leve sorriso e levei sua mão aos meus lábios, me sentindo um traidor de marca maior.

— Desculpe, querida, estava pensativo... Sobre o que estavam falando?

— Sobre viagens. Falei que adoraria passar a lua de mel na Toscana, acho que é uma cidade tão linda e romântica. Você sabe que eu amo a Itália, não é?

— Sim, eu sei. Já disse que pode escolher qualquer lugar e iremos, baby. Quero realizar todos os seus sonhos.

Ela sorriu lindamente e se virou para Lexy, que comentava algo sobre nunca ter saído dos Estados Unidos. Olhei para Therese, sentindo meu coração se encher de pesar e, infelizmente, de dúvidas. Eu a amava, e, segundo meu pai, o amor entre um homem e uma mulher é tão forte, que faz com que os corpos se tornem um só. Em suas palavras, o pau não sobe para outra mulher e a boceta não se molha para outro homem.

Meu pai poderia ser um desbocado sexualmente, mas era um homem vivido, experiente e me orgulhava muito dele, do valor moral que sempre pregou, pelo amor, carinho e segurança que sempre deu a minha irmã e eu. E, secretamente, tudo o que sempre almejei na minha vida foi ter um amor como o dele e da minha mãe. Era algo tão bonito e forte, que chegava a ser palpável. Estavam casados há trinta anos e a paixão e o amor nunca cederam, pelo contrário, se tornava mais forte a cada dia que passava.

Pensei que com Therese o meu relacionamento seria assim. Realmente estava acreditando nisso, até Claire aparecer e abalar todas as minhas estruturas. Talvez eu estivesse metendo os pés pelas mãos, a conhecia a pouco mais de dois dias e ela já estava virando meu mundo de cabeça para baixo, me cobrindo de dúvidas e desespero. Mas nem Therese havia mexido tanto comigo, tão rápido, quanto aquela mulher.

Eu poderia estar louco. Poderia estar obcecado, mas estava prestes a tomar uma decisão que poderia, realmente, revirar todo o mundo bem construído e planejado que criei para mim. Entretanto, antes de qualquer coisa, eu precisava de conselhos do homem que eu mais amava no mundo.

Com isso em mente, voltei um pouco ao mundo real, conversando brevemente com todos. Um cansaço terrível me assolava e, por fim, todos resolvemos ir embora. Paul ainda sugeriu uma esticada a algum barzinho ou boate, mas estava traumatizado e cansado demais para aceitar qualquer uma das duas coisas. Peguei na mão de Therese, fechamos a conta, nos despedimos de todos e saímos.

— Você ficou tão longe durante o jantar, Matt. Aconteceu alguma coisa? Tenho certeza que tem algo preocupando você. — Therese disse, pousando a mão na minha perna, enquanto eu dirigia.

— Somente alguns problemas na empresa, Therese. Nada com que você deva se preocupar. — Murmurei, focalizando minha atenção na estrada a minha frente.

— Mas você estava tão bem e, de repente, ficou todo calado e recluso. Era como se não estivesse ali. Você sabe que pode contar comigo sempre, desabafar, falar o que quiser... Sou sua noiva e te amo, estou aqui para ser sua amiga e confidente também, querido.

Um sentimento egoísta me assolou por dentro, me fazendo perguntar o porquê de ela ser tão boazinha assim. Se ela pisasse na bola, aparentasse algum defeito, seria muito mais fácil ser um canalha estúpido com ela, mas não, Therese era a mulher perfeita, compreensiva, sexy, amorosa, tranquilizadora, o que me fez apertar o volante com mais força, a culpa me assolando completamente.

— Matt? — Chamou, apertando minha coxa levemente. De repente, sua mão subiu até tocar meu membro coberto pela calça e o apalpou brevemente. Um sorriso sexy se abriu em seu rosto, quando dei uma olhada rápida para ela. — Eu sei do que você precisa, amor. Talvez eu possa fazer você relaxar, enquanto dirige.

Sua mão abriu o botão da minha calça jeans e engoli em seco, percebendo que meu corpo estava longe de reagir. Me xinguei mentalmente, me obrigando a ter uma ereção, mas nada acontecia. Todo o meu tesão estava na canalizado em uma prostituta que deveria estar transando com um cara que deveria ter o dobro, senão o triplo, da sua idade e nada tinha restado para minha noiva, pelo menos não naquela noite.

Quando Therese tentou escorregar sua mão para dentro da minha cueca, eu a segurei, impedindo. Ela me olhou, surpresa, pois nunca em todos aqueles três anos de relacionamento, eu a havia impedido de tocar o meu corpo, seja da maneira que fosse. Muito menos havia recusado sexo.

— Matthew... O que está acontecendo? — Perguntou em tom baixo, deixando a mão no lugar, como se esperasse que eu dissesse que estava apenas brincando e que ela poderia seguir em frente.

Mas eu apenas a olhei rapidamente e levei sua mão a minha boca, dando alguns beijos, agradecendo por ter que me ocupar com a direção e não olhar em seus olhos.

— Eu estou muito cansado, amor, totalmente esgotado, morrendo de dor de cabeça. Me perdoe, mas não sou uma boa companhia hoje à noite.

— Está me dispensando? — Indagou, chocada.

— Não é isso, eu... Estou apenas atribulado com o trabalho e não quero te perturbar com isso. Preciso apenas tomar um remédio e cair na cama. — Olhei para ela, que me analisava atentamente. Parei no sinal vermelho e entrelacei minha mão a sua, apertando levemente. — Prometo de compensar amanhã, querida.

— Mas amanhã eu tenho uma sessão de fotos e uma festa para anuncio de campanha, Matt. Nem iremos nos ver.

Uma onda de alívio invadiu meu corpo antes que eu pudesse impedir, ou raciocinar sobre aquilo. Logo depois, a culpa me tomou também, mas nem isso impediu o alívio que senti por saber que não precisaria vê-la amanhã. Isso significava que eu não precisaria ficar mentindo e fugindo de seu toque. Ela continuou:

— E no domingo eu vou ter que viajar para Paris, tenho alguns desfiles durante a semana que vem. Esqueceu?

Sim, eu tinha esquecido, mesmo tendo tudo aquilo anotado em uma agenda em casa, no escritório, em meu celular e na minha mente.

— Sim, eu esqueci. Está vendo como estou sufocado de trabalho, amor? Por isso que queria descansar hoje. — Falei, voltando a colocar o carro em movimento.

Ela suspirou e se sentou direito no banco, olhando-me um pouco ressentida.

— Tudo bem, Matt, pode me levar para casa.

Não falei mais nada e segui para seu prédio. O carro estava inundado em um silêncio mortal, algo que nunca aconteceu com Therese e eu, pois sempre tínhamos algo para falar ou comentar. Quando parei em frente ao seu prédio, ela tirou o cinto de segurança e eu saí do carro, abrindo a porta para ela.

Sua expressão estava triste e me senti péssimo por estar fazendo aquilo com ela, mas não poderia ser diferente. Não quando meu corpo e minha mente estavam inertes para o resto do mundo, focalizados em Claire. A puxei para um abraço e beijei sua testa, sentindo seus braços ao redor da minha cintura.

— Não fica chateada, amor, por favor... Pense bem, você está se livrando de um chato hoje à noite. — Murmurei, tentando aliviar o clima.

Ela deu um sorrisinho abafado e se afastou, me olhando. Sua expressão de tristeza diminuindo aos poucos.

— Mesmo estando chato, calado, eu preferia ficar com você. Mas vou respeitar a sua decisão. — Me deu um beijo e se afastou totalmente. — Eu te amo, Matt.

— Eu também te amo, Therese.

Um sorriso lindo se abriu no rosto dela e então, ela se foi. Entrou em seu prédio sem olhar para trás. Respirei fundo e voltei para o meu carro, pegando meu celular e indo na agenda. O telefone chamou apenas duas vezes:

— Pai?

— Matt, aconteceu alguma coisa?

Olhei para relógio e vi que passavam um pouco das onze da noite, não era tão tarde, mas nunca ligava para meus pais àquela hora. Mas, daquela vez, era algo sério demais para que eu pudesse esperar.

— Aconteceu, mas não é nada grave... Preciso conversar um pouco com o senhor.

— Está me deixando preocupado, Matt. Onde encontro você?

— No meu apartamento e não precisa ficar assim, já disse que não é nada grave. Preciso apenas de alguns conselhos e sei você é o melhor nisso.

Ouvi sua risada baixinha do outro lado e abri um pequeno sorriso, sabendo que meu pai era um tanto convencido.

- Você tem razão. - Ele disse. - Bem, estarei em seu apartamento em quarenta minutos.

- Certo, espero por você.

Desliguei e coloquei o carro em movimento, chegando rapidamente ao meu apartamento. Tirei os sapatos, arregacei as mangas da minha camisa e abri um vinho antes de me jogar no sofá e passar as mãos pelos meus cabelos. Tudo aquilo estava se revirando em minha cabeça, me deixando louco, esperava apenas que meu pai tivesse algum conselho sábio para me dar.

Em poucos minutos ouvi a campainha tocar e fui em direção a porta. Michael Peterson, praticamente da mesma altura que eu, entrou em meu apartamento, relaxado como sempre. Nos abraçamos e ele foi em direção ao sofá, enchendo a taça vazia de vinho para ele. Parecia que os anos não tinham se passado para o meu pai. Continuava jovem, cuidando do corpo, apenas alguns fios grisalhos despontando em seu cabelo e eu parecia muito com ele, o que me deixava ainda mais orgulhoso. Meu pai era um exemplo para mim.

— Pode falar, Matthew. — Ele se recostou mais ao meu sofá e cruzou as pernas daquele jeito despojado que só ele tinha. Tomou um gole de seu vinho e me analisou atentamente. — Quem é ela?

Foi impossível não sentir uma onda de choque passar por meu corpo. Mas, então, eu me lembrei que o homem sentado à minha frente era o meu pai, o cara que me conhecia por inteiro. Todos poderiam tirar conclusões de mim, mas apenas meu pai as acertava. E minha mãe também, mas eu sabia que ela era sentimental demais para ser envolvida naquela história.

— O nome dela é Claire. — Falei, em suspiro.

Ele continuou me olhando e eu peguei minha taça, dando um bom gole em meu vinho, tentando ganhar tempo e ao mesmo tempo, querendo achar uma explicação para tudo aquilo, mesmo sabendo que ela não existia.

— Na quarta-feira os rapazes me arrastaram para a Pleasure House. — Murmurei, olhando para ele e vendo-o arquear uma sobrancelha. — Eu não estava afim de ir, mas estava em falta com eles e fui. Mas nada no mundo inteiro, me preparou para ver aquela mulher dançando no pole dance, pai. Foi como se eu tivesse sido transportado para outro mundo e só existisse ela, sua luxúria, sensualidade e eu, igual um idiota com o pau duro, pensando apenas com a porra da cabeça de baixo. E sabe o que é o pior?

— O quê?

— Eu estou nesse mundo paralelo até agora. E não sei o que fazer para voltar a vida real e seguir em frente.

Ele continuou em silêncio, tomando o vinho e me observando, como se eu tivesse acabado de relatar um fato corriqueiro do dia a dia. Meu pai tinha aquele poder de ser calmo, raramente perdia o controle e se exaltava, sempre bem-humorado.

— Já transou com ela?

— Não! Porra, pai, eu tenho uma noiva. E ela merece respeito.

— Você deixou de respeitá-la a partir do momento em que desejou outra mulher, Matt. — Ele disse, sem tirar os olhos de mim. — Só viu essa mulher na boate?

— Não. — Murmurei, sabendo que ele estava mais do que certo. — Hoje Therese e eu fomos jantar com os rapazes e a maldita apareceu no mesmo restaurante em que estávamos. Uma amiga dela estava acompanhando Paul e ela foi lá cumprimentá-la, logo depois saiu e foi ao banheiro e eu fui atrás. Eu perdi o controle, pai. A ataquei... Por muito pouco, não transei com ela naquele momento.

Bebi mais um pouco do vinho, sentindo meu corpo tremer levemente com aquela lembrança. Logo depois, continuei:

— O que achei estranho foi a coincidência. Tudo parecia casado demais, sabe? Ela aparecer no mesmo restaurante em que eu estava, a amiga dela acompanhando Paul... Será que as duas não armaram isso?

— Armação ou não, Matthew, o seu corpo corresponder ao dela não é algo que ela possa ter controle. Você lembra do que eu disse, sobre amor verdadeiro? — Ele perguntou e eu assenti. — Desde sempre eu soube que o seu relacionamento com Therese, apesar de ser bonito e sólido, não era algo que fosse durar para sempre, como sua mãe e eu. Um amor de verdade disturba nossa mente,

nos deixa em apuros, nos leva a emoções extremas, Matt, e sua relação com Therese é... Morna demais.

— Onde quer chegar, pai?

— Quero chegar a algo bem simples: se você sentiu desejo por essa garota, é porque não ama Therese de verdade. Pode gostar dela, respeitá-la, mas não é uma coisa que o impeça de sentir algo por outra pessoa.

Olhei para ele, sabendo que estava certo mais uma vez.

— E então... O que eu faço?

Um sorriso malicioso contornou seus lábios e ele terminou seu vinho. Segurou a taça com firmeza e voltou a me olhar.

— Foda essa garota.

— Como?

— Você entendeu, Matt. Vá atrás dela, transe com ela, e se mesmo assim o seu desejo por ela continuar... Saiba que tudo isso pode ser mais sério do que uma simples foda.

— Não, pai, não vou fazer isso. Sou noivo, Therese não merece algo assim! E ela é uma prostituta, agora mesmo deve estar fodendo com o velho que estava com ela o restaurante, ela mesmo me disse que ele era um cliente.

— Não procure desculpas, Matthew. Ou é isso, ou vai viver com esse desejo dentro de você, que vai o impedir de ser livre e conhecer algo verdadeiro. — Ele se ajeitou no sofá e apoiou os cotovelos na perna, me encarando. — Eu só soube o que era loucura de verdade, quando conheci e me relacionei com a sua mãe. É como um ímã, o nosso corpo atrai aquela pessoa, mesmo quando queremos fugir. Não estou dizendo que essa garota é a mulher da sua vida, mas tenho certeza de que Therese não é essa mulher. Se fosse, seu pai não subiria para dançarina.

Ele fez uma pausa e continuou:

— Você conhece Therese há oito anos. Mas estão realmente juntos há três anos, sei que é difícil, que até ontem você achava que ela era a mulher da sua vida, mas... Talvez ela não seja.

O fitei, comedido, repassando cada palavra sua na minha mente. Meu pai tinha razão, mas nem tudo era fácil assim. Eu me sentiria miseravelmente culpado por trair Therese, mas sabia que não podia terminar um relacionamento de anos, apenas porque queria trepar com Claire. Talvez eu precisasse apenas disso: uma transa, uma única noite e ela seria esquecida.

— Você tem razão. Eu vou transar com ela, pai, mas será uma única vez e então, vou seguir em frente e me casarei com Therese, que é a mulher que me ama e sempre esteve ao meu lado.

Nos levantamos e meu pai veio até mim, passando o braço pelo meu ombro.

— Ela te ama, mas você não a ama, mantenha isso em mente, Matt. É difícil magoar alguém, mas é melhor fazer isso do que passar o resto da vida sendo infeliz em um relacionamento que não te completa. Você sabe que torço muito por você, meu filho, quem sabe essa tal garota não revire ainda

mais a sua vida tão planejada e certinha. — Ele disse em um tom zombeteiro, mas sabia que estava falando sério também.

Fomos em direção a porta e eu a abri, dando um último abraço no meu pai.

— Obrigado, pai. — Falei, vendo-o sair. — Dê um beijo em minha mãe.

— Não agradeça, sabe que pode contar comigo para o que precisar. E, com toda a certeza, vou dar um beijo na sua mãe... E fazer algumas coisas a mais.

Rimos juntos e então, ele se foi. Repassei nossa conversa em minha mente, suas palavras servindo para abrir caminhos novos, me dar uma outra visão de tudo aquilo. Ele estava certo. Eu iria transar com Claire, matar aquele desejo, mas seria do meu jeito e logo depois, voltaria inteiro para minha vida.

Capítulo 5 - Matthew

Olhei para luz vermelha a minha frente, sabendo que poderia estar prestes a cometer o maior erro da minha vida, algo que, dificilmente, eu conseguiria esquecer. Mas, pela primeira vez, resolvi fazer algo que estava totalmente fora do planejado, algo que eu não poderia lutar contra, mas que poderia controlar. Seria uma vez. Uma única vez e iria me esquecer totalmente de Claire.

Sai do carro e dei a chave ao manobrista, entrando na Pleasure House pela segunda vez. Foi impossível não rir de mim mesmo, quando, assim que esse lugar havia sido aberto, falei para todos que jamais pisaria em um local como esse, simplesmente porque era um homem sério, que respeitava o relacionamento firmado com Therese Line. Agora, eu estava entrando não só pela segunda vez, como estava indo atrás de uma mulher que tinha dado um nó fodido na minha cabeça.

Fui em direção ao bar e pedi uma dose dupla de uísque com duas pedras de gelo. Tomei um gole da bebida que causou a queimação que eu tanto gostava e olhei para o palco escuro e vazio no momento. Pensar que logo mais Claire estaria ali, dançando com toda a sua sensualidade, fez com que um arrepio passasse por meu corpo. Mal podia esperar.

— Matthew?

Virei para trás ao ouvir a voz feminina. Lexy me olhava com um sorriso grande no rosto, segurando uma bandeja vazia. Se vestia com uma roupa parecida com a de quarta-feira, só que com mais brilho.

— Oi, Lexy. — Cumprimentei, bebendo mais um pouco.

— Paul está com você? — Ela olhou ao redor. — Ele não me disse que viria aqui hoje.

— Não, estou sozinho.

Ela franziu um pouco o cenho, como se tentasse entender o que eu estaria fazendo ali, sozinho. Logo depois, um sorriso malicioso se abriu em seu rosto.

— Veio atrás de Claire, não é?

Lexy não era o tipo de pessoa que eu confiaria para contar que estava atrás de uma mulher, por isso, deixei a pergunta em suspense, apenas dando de ombros. Acho que meu silêncio fez com que confirmasse sua suspeita, pois logo falou:

— Bem, você fez uma viagem à toa, Matthew. Claire não se apresenta aqui hoje.

— Não?

Ela balançou a cabeça, negando.

— Hoje ela fica livre. Você sabe, Claire é uma acompanhante de luxo. Sendo assim, ela tem alguns clientes fixos, que gostam de sair com ela aos sábados. Não sei se ela tem algum encontro

hoje, mas você pode ligar para ela e perguntar. Quer o número dela?

Não sabia o que responder. Quer dizer, como não pensei nisso antes? Aquele era o trabalho dela, era óbvio que o dia de sábado era o dia que mais... Ganhava. Terminei meu uísque e me levantei, sem saber o que fazer.

— Hei, Matthew. O que houve? — Lexy perguntou, franzindo o cenho. — Não quer o número dela, é isso? Olha, não fica chateado, é que...

— Eu tenho o número dela, Lexy. Mas... Obrigado, de qualquer forma. — Falei, passando por ela e indo em direção a saída.

Peguei meu carro novamente e comecei a dirigir, vagando pelas ruas movimentadas de Nova York. Não sabia o que fazer. Poderia entrar em algum bar e encher a cara, poderia ir para casa dos meus pais, jantar com eles. Poderia ir para o meu apartamento e ficar sentado, zapeando os canais de TV, ou poderia apenas pegar o meu celular e ligar para Claire.

Se ela estivesse com algum cliente, em alguma festa, ou qualquer porra do tipo, pelo menos não poderia falar que não tinha tentado embarcar naquela loucura toda. Estacionei o carro perto do meu prédio e puxei meu celular e o cartão dela, que tinha colocado em meu bolso naquela noite. Disquei os números e começou a chamar. A cada toque, sentia meu coração acelerar mais um pouco, imagens dela transando com algum velho idiota que precisava de Viagra para ficar com o pau duro, começou a invadir minha mente, uma certa raiva e inveja tomando conta de mim.

Já estava prestes a desistir, quando ouvi sua voz do outro lado da linha:

— Alô?

— Claire? — Perguntei, limpando minha garganta que havia ficado seca de repente. — Sou eu, Matthew Peterson.

Ela ficou em silêncio por alguns minutos, apenas sua respiração calma do outro da linha. Certamente estava sorrindo, como se soubesse que eu não iria resistir e ligaria para ela a qualquer momento.

Maldita!

— Matthew... A que devo a honra da sua ligação?

— Vou direto ao ponto, Claire. Você está com algum cliente no momento?

— Por que o interesse?

— Porque eu quero comer você e quero saber se tem alguém me impedindo.

Sua risada sexy explodiu do outro lado da linha e não pude impedir que um meio sorriso se abrisse em meus lábios.

— Bem, acho que está com sorte hoje, senhor Peterson. Estou livre. Onde quer me encontrar?

— Pode ser no hotel Four Seasons. Eu tenho um quarto em meu nome lá, vou deixar seu nome na recepção e pode ir direto ao quarto.

— Perfeito. Que horas?

— Agora, se possível.

— Que apressado. — Ela disse, podia jurar que tinha um sorriso presunçoso nos lábios. — Te encontro em uma hora.

Desligamos. Não sei quantos minutos haviam se passado, mas acho que divaguei até me dar conta de que eu estava prestes a ir para cama com uma mulher que não era minha noiva. Aliás, com uma mulher que estava muito longe de ser minha noiva, mas a culpa não me engolfou, como nas outras vezes. Apenas um tesão incrível, algo fora do comum, tomou conta de cada célula dentro do meu corpo.

Cheguei ao hotel em vinte minutos e depois de pegar a chave e deixar o nome de Claire na recepção, subi e conectei meu celular ao sistema de som do quarto, uma música sexy e explosiva ecoando pelas caixas de som que ficavam dispostas em lugares estratégicos. Alguns minutos depois, a camareira bateu a porta, e a deixei entrar com um carrinho. Um balde de gelo, duas garrafas de champanhe e duas taças foram colocadas na mesa de centro e logo eu estava sozinho de novo, tomando um gole do champanhe que desceu refrescante por minha garganta.

Somente naquele momento eu consegui prestar atenção na música que tocava. Era uma música relativamente velha, de 2014, do Bruno Mars. Ele era um cantor excepcional, mas nunca uma música sua se encaixou tanto na minha vida, como aquela. Peguei meu celular e sem ao menos pensar no que estava fazendo, enviei uma mensagem a Claire:

Matthew:

Gosta de música?

Sua mensagem não demorou a chegar, meu celular logo vibrando em minha mão:

Claire:

Sim. Por que?

Matthew:

Ouçá essa: Gorilla, Bruno Mars.

Claire:

Sim, senhor.

Sorri para sua resposta final e tomei mais um gole do meu champanhe. Sua resposta chegou em poucos minutos:

Claire:

Look what you doing, look what you've done

(Olha o que você está fazendo, olha o que você fez)

But in this jungle you can't run

(Mas nessa selva, você não pode fugir)

Cause what I got for you

(Porque o que eu tenho para você)

I promise is a killer, you'll be banging on my chest

(Eu prometo, é matador, você vai explodir em meu peito)

Bang bang, gorilla

(Banguê, banguê, gorila)

You and me baby making love like gorillas

(Você e eu, baby, fazendo amor como gorilas.)

You and me baby making love like gorillas

(Você e eu, baby, fazendo amor como gorilas.)

Fazendo amor como gorilas? Está tentando ser um romântico de língua suja, senhor Peterson?

Matthew:

Já viu um acasalamento de gorilas? É tudo, menos romântico, senhorita Benson.

Claire:

Graças a Deus, nunca vi, mas será interessante se o senhor quiser reproduzir isso comigo.

Matthew:

Será melhor, pode apostar.

Claire:

Estou louca para experimentar.

Matthew:

É só ser mais rápida e chegar logo.

Claire:

Então, abra a porta.

Olhei em direção a porta fechada e larguei meu celular em cima do sofá, me levantando. Gorilla ainda tocava fervorosamente no modo *repeat*, quando abri a porta e a vi. Claire passou por mim e entrou no quarto, vestia um vestido preto, colado ao corpo com um decote que terminava acima da sua bunda. Usava um sapato preto de solado vermelho, semelhante ao da noite passada, mas tinha uns brilhos no salto que a deixava ainda mais linda.

A filha da puta era muito sexy. Deveria ser crime alguém ser tão gostosa assim, pois todos os homens corriam riscos de ter sua sanidade corrompida se apenas olhasse para ela. Fechei a porta e ela se virou para mim, aquele sorriso sacana em seu rosto.

— Boa noite, Matthew.

— Boa noite, Claire. — Respondi, indo a mesa de centro. — Champanhe?

— Por favor.

Servi a taça vazia e dei para ela, observando o modo como seus olhos azuis-esverdeados brilhavam ao me olhar. Peguei em minha taça e não consegui impedir que meu olhar a avaliasse de cima a baixo, o tesão tomando meu corpo com força total.

— Um brinde? — Perguntei.

— E iremos brindar ao que?

— A essa noite. Que, aliás, será uma noite única, Claire. Só hoje e então, nunca mais iremos nos ver. Será como se isso nunca tivesse acontecido.

Ela não se abalou, na verdade, parecia que eu tinha falado algo corriqueiro, seu sorriso não tremeu, seus olhos continuaram com o mesmo brilho intenso. Isso me deu uma certa confiança. Talvez fosse bom a Claire ser uma prostituta, pois sabia muito bem qual era a sua função. Entrar, transar e sair. Fim de papo, sem maiores emoções.

— Eu não estava esperando nada diferente, Matthew. — Ela disse, tocando sua taça na minha. — A esta noite e a nossa foda como gorilas.

— A esta noite e a nossa foda como gorilas.

Capítulo 6 - Matthew

— Eu quero você nua, Claire. — Murmurei, sentando-me no sofá, tomando mais um gole de champanhe.

Ela me deu um olhar penetrante e tomou todo o champanhe de uma vez, colocando a taça em cima da mesa de centro. Seus saltos fizeram barulho em meio a música alta, mas seu andar sexy não deixou muito espaço para que eu pensasse em outra coisa que não fosse vê-la totalmente nua, na minha frente.

Sem uma palavra, ela parou na minha frente e levou as mãos a lateral do vestido, descendo o zíper lentamente. Desejei que o champanhe a minha mão se transformasse em uísque, desejei que aquele momento nunca acabasse, enquanto ela terminava de descer o zíper e tirava os braços da manga do vestido. Seu sutiã preto rendado fez meu pau pulsar dentro da calça, assim como sua barriga chapada e começo de um pedaço de pano de renda preta, que ela certamente chamava de calcinha.

Seu vestido foi ao chão, e somente quatro peças ficaram no seu corpo. O sutiã, a calcinha, um par de meias pretas de seda que ia até o meio de sua coxa e o par de sapatos. Com as mãos nas costas, soltou o fecho do sutiã, que caiu entre o seu corpo e parou no chão, logo sua calcinha teve o mesmo destino.

Linda era pouco, sexy e gostosa também. Claire era tão *fodidamente* linda que não tinha adjetivos para descrever. Seus seios eram fartos e firmes, um tom rosado nos mamilos que me deixou fora de série. Sua bocetinha era pequena e depilada, linda e minha boca salivou para chupá-la.

— Não tire as meias e nem os sapatos. — Falei, minha voz saindo rouca pelo tesão. — Sente-se na poltrona e abra as pernas.

Sem hesitar, Claire obedeceu. Afastou-se de mim e se sentou, apoiando as pernas nos braços da poltrona. Sua bocetinha se abriu para mim linda, suavemente rosada, totalmente livre de pelos. Terminei o champanhe em um único gole e me levantei, tirando minha camisa e meus sapatos, enquanto andava até ela. Quando parei a sua frente, usando apenas minha calça jeans, ela arfou baixinho.

— Você é muito gostoso, Matt. — Murmurou, olhando-me de cima a baixo.

Um sorriso convencido se abriu em meu rosto.

— Sim, eu sou. E pode apostar que sou muito melhor do que aqueles velhos que comem você. — Falei, apoiando-me nos braços da poltrona, me abaixando até ficar com o rosto colado ao seu. — Me beija.

Rapidamente senti suas mãos em volta do meu pescoço e sua boca colada a minha. A beijei com

força, enfiando minha língua na sua boca, começando a comê-la por ali, mas louco para enfiar minha língua em todos os buracos do seu corpo, fazê-la desmaiar de tanto gozar. Era uma questão de princípio, eu nunca saía da cama antes de fazer a mulher se desmanchar em orgasmos e eu era bom naquilo.

Ela gemeu em minha boca, correndo as unhas pelas minhas costas, deixando meu pau ainda mais duro com a sua urgência. Desci meus lábios pelo seu pescoço, chupando sua pele clara até vê-la vermelha e toda marcada, a urgência querendo me vencer, mas a vontade de prová-la e ter seu gosto na minha língua sendo mais forte que tudo.

Levei uma mão ao seu seio e brinquei com um mamilo, apertando, puxando e girando levemente, deixando-a curtir o prazer e a leve dor que se espalhava por seu corpo e se concentrava mais embaixo. Com água na boca, descí minha língua por sua pele até chegar ao mamilo duro que meus dedos haviam brincado. Comecei a manipular o outro, enquanto girava a língua pelo bico sensível e durinho, até que o chupei, forte e bruto.

— Oh, Matt! — Ela gritou, suas costas se arqueando na poltrona, sua mão enfiada em meu cabelo.

Não parei. A necessidade crescente de dar prazer a ela, de chupar sua pele, de ter seu peito durinho sendo sugado pela minha boca, tomava conta da minha mente, me impedindo de pensar em qualquer outra coisa que não fosse ela, seu corpo e seu prazer. Puxei o bico durinho entre meus dentes, estimulando-o, sabendo que o sangue começaria a correr mais rápido naquela região e ela gemeu mais, arfante e desejosa abaixo de mim.

Quando toquei seu outro seio com a língua, Claire tremeu. Parecia uma iniciante na arte do prazer, o que me surpreendeu de imediato. Pensei que ela fosse confiante e um tanto sóbria, mas não, ela agia como se fosse a primeira vez que estivesse experimentando aquilo, o que me deixou ainda mais excitado. Suguei o mamilo rígido para dentro dos meus lábios, manipulando-o do jeito que eu queria, até que ficou tão vermelho e molhado quanto outro. Sem pausa, descí os lábios pela sua barriga até me ajoelhar ao chão e ficar cara a cara com sua intimidade, que exalava o cheiro da sua excitação.

Olhei para ela, que estava com a face corada e a boca aberta em busca de ar e, sem desviar meu olhar, enfiei um dedo na sua boceta. As paredes macias e molhadas acolheram meu dedo em um aperto delicioso, que fez com que a cabeça do pau começasse a babar.

— Isso é gostoso, Claire? — Perguntei, tirando e enfiando meu dedo, tomando cuidado para não tocar em seu ponto G.

Tomaria conta dele com o meu pau e a faria ver estrelas.

— Sim... Muito. — Gemeu, olhando para meu dedo que aparecia e sumia dentro da sua boceta.

— Olha para mim! — Ordenei e obedeceu rapidamente, enchendo-me de tesão. — Pode falar, você nunca ficou tão molhada para outro homem, não é? — Perguntei, enfiando dois dedos dentro dela e tirando rapidamente. Sua excitação descendo até o seu cuzinho. — Olha isso, você ensopou meu dedo, Claire. Quer ensopar meu pau também, não é?

Ela apenas mordeu o lábio e assentiu, mas logo depois, um sorriso presunçoso se abriu em seus lábios.

— Também quero sentir sua língua em mim, Matt. — ela disse, levando suas mãos até a bocetinha e abrindo os grandes lábios, me dando uma visão completa do seu sexo. — Me chupa.

Percebi que naquele jogo era tão excitante mandar nela, como obedecer seu pedido. Por isso, sem pensar duas vezes, cai de boca na sua boceta e um gemido alto escapou de nossas gargantas ao mesmo tempo. Rodeei seu clitóris inchado com a língua, sentindo seu gosto inundar minhas papilas gustativas e o chupei rapidamente para dentro da minha boca, fazendo questão de dar uma atenção mais do que especial àquele nervo que deixava as mulheres enlouquecidas.

— Oh meu Deus, Matt, assim, chupa assim... — ela gritava, ensandecida, o que me enchia ainda mais de tesão.

Deixei meu polegar masturbando seu clitóris inchado e molhado e desci minha língua até a abertura da sua bocetinha, que se contraía toda em excitação. Sem cuidado, penetrei minha língua ali e fui o mais profundo que pude, começando a meter e tirar rapidamente, sua lubrificação natural molhando minha boca e meu queixo. Ela tremeu fortemente abaixo de mim e suas paredes me sugaram para dentro da sua boceta, enquanto eu continuava a tocar seu clitóris tão rápido quanto minha língua entrava e saía de sua intimidade.

Como se fosse possível, ela abriu ainda mais as pernas e puxou meus cabelos, começando a movimentar os quadris e esfregar a bocetinha na minha cara. Grunhi excitado, sentindo meu pau crescer ainda mais na cueca, o pano da calça jeans fazendo pressão na glândula, me deixando louco de tesão. Senti seu corpo convulsionar, sua bocetinha piscar freneticamente e então, ela estourou em um gozo esplendido, inundando minha boca com seu líquido gostoso, algo que eu nunca havia provado até então. Fiquei louco com aquele gosto e chupei ainda mais, ávido, gemendo furiosamente enquanto voltava a seu clitóris e o sugava rapidamente para dentro da minha boca, fazendo seu gozo se multiplicar.

— Matt, meu Deus, pare, ah... — Ela gritava, rouca, enquanto seu corpo tremia violentamente.

Por fim, fiquei apenas passando minha língua de cima a baixo em sua boceta, recolhendo o líquido que havia liberado para mim, e sentindo os tremores do seu corpo quando tocava seu clitóris vermelhinho. Quando me afastei, ela se sentou direito na poltrona e passou a ponta dos dedos pelos meus lábios.

— Eu quero chupar você. — Ela disse, descendo as mãos pelos meus braços. — Fique em pé na minha frente.

Não tive muito o que pensar. Me levantei e suas mãos vieram para o fecho da minha calça jeans, abrindo e descendo junto com a cueca. Meu pau pulou, teso, grosso e cheio de veias, a cabeça brilhando com o líquido do pré-gozo. Sei muito bem que sou bem maior do que a maioria dos caras e isso é algo que me orgulho, principalmente porque sei usar o que tenho no meio das pernas.

Claire lambeu os lábios, me olhando com os olhos bem abertos e me tocou, as mãos subindo e descendo pelo meu pau. Olhou dentro dos meus olhos e colocou a língua para fora até dar uma lambida lenta e generosa na glândula, recolhendo minha excitação. Gemi, rouco e firmei mais os meus pés no chão, tocando sua cabeça levemente.

Não precisei ordenar nada, até porque, ela sabia muito bem o que estava fazendo. Sem uma

palavra, Claire me colocou em sua boca, levou minha cabeça até sua garganta e mais além dela, até que meu pau havia sumido na sua boca.

— Puta que pariu, Claire! — Gritei, pulsando lá dentro da sua garganta, que se dilatava para me acomodar.

Aquela safada fazia garganta profunda! Puta merda, sem poder me conter, segurei sua cabeça e comecei a meter freneticamente, saindo e entrando por sua garganta e ela não engasgava, pelo contrário, ela gemia me incitando a continuar e eu continuei jogando a cabeça para trás e metendo por minutos, até sair de dentro da boca dela, para que ela respirasse.

Meu pau brilhava com sua saliva e ela estava de boca aberta, respirando fundo, sua saliva deixando seus lábios molhados avermelhados. Sem poder me conter, me abaixei e a beijei com fúria, passeando minha língua pela dela, como se agradecesse por ter um dom daqueles.

— Sua safada! — Gemi em sua boca e ela sorriu, me empurrando e pegando meu pau de novo, levando-o até o fundo da sua garganta. — Porra, Claire, que boquinha... Eu vou gozar muito, muito, sua safada, chupa tudo!

Ela obedecia, me sugando, chupando da base até a glândula. Um arrepio fulminante se apossou do meu corpo e meu pau cresceu em sua boca. Minhas bolas se contraíram e ela não parou, levando-o até o fundo de novo, me mantendo lá enquanto apalpava minhas bolas, ávida pelo meu orgasmo. E dei o que ela queria. Tirei a cabeça de dentro da sua garganta e gozei, jatos furiosos escapavam da cabeça do meu pau e enchiam sua boca e ela engoliu tudo, gemendo junto comigo, gostando de me dar prazer.

Quando acabei, minhas pernas tremiam e ela limpou todo o meu pau, deixando-o sair da sua boca novinho em folha, ainda duro, como se eu nem tivesse gozado. Respirei fundo, observando-a limpar os cantos da boca e chupar a ponta dos dedos, como se meu gozo fosse uma iguaria da qual não podia desperdiçar nenhuma gota.

Aquilo me deixou cego de tesão novamente e me afastei, ordenando:

— Vá para o quarto, suba na cama e fique de quatro, esperando por mim.

Sem dizer uma única palavra, ela obedeceu e saiu da sala, indo em direção ao quarto. Peguei a garrafa de champanhe e tomei alguns goles, sedento, deixando o sangue fluir novamente pelo meu corpo. A única coisa que consegui com toda aquela espera foi ficar ainda mais duro, como se não tivesse acabado de gozar na boca dela.

Larguei o champanhe em cima da mesa e fui em direção ao quarto. A encontrei como pedi, linda, de quatro, com a bunda empenhada para mim e a bocetinha brilhando de tesão. Sem falar nada, fui até a mesa de cabeceira e peguei um preservativo, vestindo meu pau na frente dela. Observei pela minha visão periférica ela morder o lábio e meu pau pulsou incontrolável na minha mão. Quando terminei, me encaminhei para trás dela e passei meu dedo pela sua coluna, observando seu corpo ondular de leve, mas logo um gemido escapou por sua garganta quando agarrei seu quadril e a puxei para trás, até seu corpo ficar na beirada da cama, enquanto eu ficava em pé, atrás dela.

Passei as mãos pela sua bunda, sentindo os globos macios na minha palma, a pele lisinha e quente

e, sem que pudesse me controlar, dei dois tapas secos em cada uma das nádegas, a pele clara ficando vermelha rapidamente. Claire gemeu e tremeu, um arrepio deixando seus pelos todos eriçados.

— Você gosta disso, Claire? Ficar de quatro, toda gostosa desse jeito para mim?

— Sim... — ela ofegou, chegando mais para trás, encostando a bocetinha no meu pau. — Me come, Matthew, por favor.

Dei mais um tapa em sua bunda, sentindo minha mão formigar com o contato com a sua pele e a puxei com força pelo quadril, metendo forte dentro dela. Apertada, quente e gostosa, era isso que ela era, aquela bocetinha perfeita comendo meu pau avidamente, sem deixar espaço para que eu pudesse pensar em alguma coisa que não fosse meter nela.

— Puta merda, Claire... — Gemi, começando a me movimentar rapidamente, deixando meu pau massagear aquele ponto que ficava bem no fundo da bocetinha, perto do osso púbico, fazendo-a gemer alto. — Gostosa, porra, você é *fodidamente* gostosa!

Um gemido agudo escapou por sua garganta e ela começou a se movimentar de encontro ao meu pau, me fazendo ir ainda mais fundo, amassando seu ponto G com a glândula. Sua bocetinha pulsou ao redor do meu membro, que pareceu crescer sem controle dentro dela, meu orgasmo vindo rápido demais, me deixando tonto de tesão.

— Meu Deus, Matt, eu vou gozar, vou gozar... — Ela gemeu, alucinada e eu levei meu dedo a seu clitóris, mexendo em seu nervo enquanto continuava a meter. — Não Matt, por favor, por favor!

— Você não gozar, baby... Você vai ejacular bem gostoso pra mim... — Avisei, rebolando no fundo da sua boceta, fazendo círculos perfeitos no seu ponto G.

Claire tremeu abaixo de mim, sua boceta piscou e quando eu meti fundo, sem dó, ela gritou mil e uma palavras desconexas e sua bocetinha me apertou, começando a espirrar um líquido incolor, ejaculando fortemente. Seu corpo cedeu na cama e eu segurei seus quadris, metendo até começar a gozar, enchendo a camisinha enquanto ela molhava a cama e gemia, sem controle.

— Para, Matthew, por favor, não se mova, por favor... — ela pediu, desgastada e eu parei, saindo lentamente de dentro dela, observando seu orgasmo sair, se misturando a ejaculação.

Tirei minha camisinha cheia e amarrei a ponta, jogando-a no chão. Tirei os seus sapatos de salto e subi na cama, puxando Claire até os travesseiros. Lágrimas grossas saíam de seus olhos, mostrando que seu corpo protestou àquele orgasmo intenso de diversas maneiras e não pude conter uma ponta de orgulho.

— O que você fez comigo? — Ela perguntou baixinho e eu sorri, a música do Bruno Mars ainda tocando alto por todo o quarto.

— Te dei uma ejaculação. — Murmurei, passando a ponta dos meus dedos pela sua barriga. Ela tremeu de leve. — Ainda não acabei com você, Claire. Abra as pernas.

— O que? Mas eu não...

— As pernas. Abre-as para mim.

Ela mordeu o lábio, sem saber se obedecia ou não e, por fim, resolveu fazer o que pedi. Me ajoelhei no meio das suas pernas e vesti uma nova camisinha no meu membro já ereto. Beijeí sua boca de leve e toquei em seus seios, prendendo seus mamilos na ponta dos meus dedos, devagar. Ela gemeu na minha boca e arranhou minhas costas de leve, aumentando a pressão quando toquei sua boceta com a cabeça do meu pau, acariciando seu clitóris de leve.

Sem deixar sua boca, penetrei sua boceta levemente, apenas a cabeça e fiquei brincando de entrar e sair, sem me aprofundar, buscando sua excitação novamente. Ela suspirou e abriu mais pernas, movendo o quadril de leve.

— Mete tudo... — pediu entre meus lábios e obedeci, indo até o fundo lentamente, quase acariciando suas paredes sensíveis com meu pau.

Continuei assim, devagar, até o desejo tomar conta do nosso corpo e meus movimentos começarem a aumentar gradativamente. Comecei a meter rapidamente, meu corpo se chocando com o seu, nossos gemidos sendo engolidos por nossa boca, até que seu corpo ondulou sob o meu.

Um arrepio tomou conta da minha coluna, minhas bolas encolheram novamente quando ela apertou meu pau com sua bocetinha sedenta. Gemi alto e a beijei com sede, fome, sentindo seu gozo no meu pau, mesmo coberto pela camisinha. Poucos minutos depois eu gozei também, violentamente, ainda mais gostoso do que antes. Era como um vício, cada dose era melhor do que a outra.

Ainda estava sentindo os resquícios do orgasmo quando olhei para ela, seus olhos azuis-esverdeados brilhando para mim, um sorriso satisfeito brincando em seu lábio. O mundo voltou a girar e eu sorri também, beijando-a, ouvindo a música acabar pela milésima vez, e recomeçar, assim como nós dois.

Oh you with me baby making love like gorillas

(Oh, você comigo, baby, fazendo amor como gorilas)

You and me baby we'll be fucking like gorillas

(Você e eu, baby, fodendo como gorilas)

You and me baby making love like gorillas

(Você e eu, baby, fazendo amor como gorilas)

Capítulo 7 - Claire

Olhei para Matthew adormecido e senti algo estranho dentro de mim. Era um sentimento que não sabia denominar, até porque, até ontem eu sentia apenas uma coisa por ele e não era um sentimento bom.

Eu sabia que ele era lindo. Já havia visto inúmeras fotos dele, mas nada no mundo tinha me preparado para toda aquela beleza, nem pelo seu cheiro ou sua voz puramente masculina. Eu já havia estado com muitos homens, alguns bem experientes em sexo, outros que achavam que eram experientes, outros que só me usavam como se eu fosse de plástico, até porque, eu era uma prostituta e não estava ali para o meu prazer e sim para o prazer deles.

Mas Matthew era diferente. Talvez ele tenha puxado isso do seu pai, que havia sido um grande ator pornô, ou talvez ele fosse intenso por natureza, aquele tipo de homem que nasceu para saber usar o corpo de uma mulher e recompensá-la com muitos, muitos orgasmos.

Mas, honestamente, isso não importava.

Matthew poderia ser o homem mais bonito do universo, o que sabia foder uma mulher como nenhum outro, mas ele não ia tirar o meu foco. Ninguém tirava o meu foco ou a minha concentração.

Olhei para ele mais uma vez e sorri de leve, antes de me virar e sair do quarto. Ainda era de madrugada, o corredor do hotel estava vazio e quando cheguei ao elevador peguei meu celular discando um número conhecido.

— E então?

— Transei com ele. — Respondi, me lembrando do lindo sorriso de Matthew, da forma como gemia meu nome com a voz rouca.

Foco, Claire! Foco!

— Boa garota. — Sua risada feminina invadiu meu ouvido, me fazendo revirar os olhos. — Não dou dois dias para que ele te procure novamente. Me mantenha informada.

— Certo. — Murmurei, antes de desligar.

As portas do elevador se abriram e eu sai, percebendo que tinha muito mais pessoas chegando ao hotel do que saindo. Quando pisei na calçada e o manobrista trouxe meu carro, olhei para o céu que começava a clarear lentamente.

Mas, por dentro, eu ainda vivia presa a minha eterna escuridão.

Matthew

Senti um cheiro feminino invadir minhas narinas e sorri de leve. Se tinha uma coisa que eu adorava, era cheiro de mulher, me enlouquecia totalmente, mas aquele cheiro já tinha sido gravado na minha memória. Não era qualquer cheiro, era o cheiro dela.

Cenas minha e de Claire juntos na sala, no quarto, no banheiro e em cima da mesa invadiram minha mente, me deixando automaticamente de pau duro. Meu sorriso se alargou e me virei para o lado, passando a mão no travesseiro onde ela deveria estar, mas não estava.

Levantei em um pulo, abrindo os olhos rapidamente. Praguejei pela claridade que fez meus olhos doerem, mas assim que me acostumei olhei ao redor, vendo que o quarto estava vazio e as roupas dela não estavam espalhadas no chão, a única coisa de diferente era o pedaço de papel que estava repousado sobre o travesseiro onde ela tinha passado a noite. Ou uma parte dela. Peguei o papel e observei a letra bonita, começando a ler o recado:

"Matthew, essa noite foi maravilhosa. Pode ficar contente, pois nunca tinha gozado tanto com um cliente. Você sabe como tratar uma mulher e é exatamente por isso que estou indo embora agora, sem cobrar nada de você, até porque, a noite foi proveitosa para ambos.

Nunca vou esquecer de gorilas na minha vida, pode ter certeza.

Espero que tenha gostado da noite tanto quanto eu, estou saindo da sua vida, pois sei que vai voltar para sua noiva sortuda e espero que seja feliz.

Ah, estou levando sua cueca de recordação... Você não se importa, não é? Espero que não.

Bem... É isso.

Beijos, Claire."

Li e reli o bilhete por inúmeras vezes, tentando entender se ali estava realmente escrito aquilo. Não sei o que aconteceu, mas primeiro eu me senti todo orgulhoso por saber que tinha sido a melhor foda da vida dela. Logo depois, eu ri porque a filha da mãe tinha roubado a minha cueca. E então, veio o choque.

Ela tinha me dispensado.

Dispensado.

E mulher alguma nesse mundo dispensa Matthew Peterson!

Furioso, me levantei e fui em direção ao banheiro. Olhar para banheira me fez lembrar da nossa foda depravada ali, onde chupei com gosto aquela bocetinha viciante e isso fez com que minha ereção pulsasse, protestando por sexo, como se eu não tivesse transado praticamente a noite toda.

Maldita hora em que fui dormir! Eu poderia muito bem ter metido o resto da noite, não? Então eu teria mandado ela ir embora, pois já estaria totalmente satisfeito. Mas não, ela resolveu

simplesmente ir embora, levando a minha cueca junto!

Não sabia se chorava, se ria ou se xingava. Resolvi xingar, principalmente quando a água gelada bateu com tudo em cima do meu pau duro. Tomei um banho rápido, o cheiro dela impregnado em meu corpo e em todo o ambiente dentro daquela suíte. Me vesti rapidamente e passei a mão pelo cabelo, pegando minhas coisas e saindo do quarto.

Constatei que passavam das onze da manhã e praguejei novamente por ter dormido tanto. Havia perdido parte da manhã de domingo e no meu celular tinham algumas mensagens e ligações de Therese. Não tive tempo de sentir culpa pelo o que tinha feito, simplesmente porque não me culpava de ter tido a melhor foda da minha vida.

Isso era muito ruim? Não sentir culpa por ter transado com uma mulher que não era sua noiva?

Não sei, mas reveria meus conceitos depois de ir atrás de Claire. Liguei para o celular dela, mas o mesmo só dava caixa postal. Tentei por todo caminho pelo hall do hotel até meu carro e nada. Raivoso, disquei o número de Paul sem nem pensar muito no que eu estava fazendo.

Sua voz de sono soou do outro lado da linha:

— Alô?

— Paul, sou eu, Matthew. Você tem o número do celular da Lexy?

— O que? Por que? — Perguntou, parecendo mais desperto.

— Porque eu preciso falar com ela. Não se preocupe, não quero comer sua garota. — Murmurei, impaciente.

— Claro que não quer, você tem a gostosa da Therese para comer. — Ele disse, rindo malicioso do outro lado da linha.

Ele sempre brincava com aquilo, achava superdivertido quando chamava Therese ou minha irmã de gostosa e eu o xingava, mas aquela não era uma boa hora. Eu estava com pressa e odiava esperar.

— Tem ou não, Paul?

— Calma, cara, que bicho te mordeu? Te mando o número dela por mensagem.

— Certo, seja rápido. — Respondi, desligando.

Coloquei o carro em movimento e minutos depois ele me mandou o número de Lexy por mensagem. Apressado, liguei para ela e sua voz de sono também invadiu a linha, me fazendo revirar os olhos:

— Alô?

— Lexy. Sou eu, Matthew.

— Matthew?

— Sim, amigo de Paul.

— Ah sim... O que deseja?

— Me desculpe te acordar, mas preciso de um grande favor seu.

— E o que seria? — Perguntou, parecendo ansiosa.

— Preciso do endereço de Claire.

— O que?

— O endereço da Claire. Sei que você sabe onde ela mora e preciso muito falar com ela.

— E por que não liga para ela?

— Porque o telefone dela está desligado. — Respondi, apertando o volante com uma mão, cansado de toda aquela conversa.

— Ah sim, é que domingo ela realmente deixa o telefone desligado. Bem, eu sei onde ela mora, mas ela não gosta de receber clientes em casa. Na verdade, ela odeia. Eu posso te dar o endereço e encontrar você lá, peço para o porteiro avisar a ela que sou eu que estou subindo. Você sobe comigo, porque eu tenho certeza que ela não te deixará subir.

Eu já não tinha tanta certeza assim. Ou melhor, tinha. Ela havia me dispensado na cara dura... Não custava nada fazer de novo, não é? Concordei com Lexy e ela me deu o endereço, falando que estaria em frente ao prédio de Claire em quarenta minutos.

Rodei por Nova York, comprei um enorme copo de café na Starbucks e o relógio não andava. A hora parecia se arrastar, enquanto eu estacionava o carro em frente ao prédio de Claire. Ela morava próximo a minha casa, em um bairro caro de Nova York e pensar nisso me levou a crer que ela ganhava bastante sendo prostituta de luxo.

Lembrar disso me fez suspirar. Olha onde eu estava agora. Eu já tinha trepado com ela, não é mesmo? Tinha prometido que seria apenas uma noite e nada mais e aqui estou eu, em frente ao prédio dela, tendo que ter ajuda de sua amiga para ir ao seu apartamento. Nunca precisei correr atrás de mulher, nem mesmo Therese me deu trabalho para ser conquistada e, veja a ironia, estou correndo atrás de uma prostituta.

E não estou arrependido disso.

Vi Lexy sair de um táxi e terminei meu café, pulando do meu carro logo em seguida. Ela vestia uma calça jeans e blusa vermelha, bem mais comportada do que na Pleasure House. Usava óculos escuros e deu um sorriso amigável ao me ver.

— Bom dia, Matthew.

— Bom dia. Me desculpe por te importunar. — Falei, acompanhando-a até a entrada do prédio.

— Não precisa se desculpar, eu gosto de ser útil. — Falou, chegando perto do porteiro que abriu um enorme sorriso para ela. — Bom dia, Clark. Você pode avisar para Claire e dizer que estou subindo?

— Claro, em um minuto. — Ele disse, todo solícito, o que me fez ter vontade de revirar os olhos. Ele interfonou para Claire e disse que Lexy que estava ali para visitá-la. Segundos depois, se voltou para nós dois. — Ela disse para você subir.

— Certo, obrigada, Clark.

Fomos juntos até o elevador e ela apertou o botão do vigésimo andar. Estava ansioso demais para falar alguma coisa e ela percebeu isso, mantendo-se calada. Quando o elevador parou, ela continuou no mesmo lugar e eu sai:

— Obrigado, Lexy.

— De nada, Matthew. Dê um olá para Paul. — Ela disse, sorrindo.

Assenti e vi as portas do elevador se fechar. Ansioso, fui até a porta do apartamento dela e apertei a campainha. Claire abriu a porta em segundos, usando apenas um top preto e minha cueca box branca, seus cabelos estavam presos em um coque e ela estava malditamente sexy que, por um momento, eu havia esquecido até mesmo o meu nome.

— Matthew? — Perguntou, surpresa.

Acordei da letargia e passei por ela, entrando em seu apartamento. Não olhei ao redor e dei tempo apenas para que ela fechasse a porta, antes de ir até ela e pressioná-la contra a madeira pintada de branco:

— Se tem uma coisa que eu odeio, Claire, é ser dispensado. Você sabia disso?

Ela mordeu o lábio, negando com a cabeça.

— E o que foi que você fez mais cedo, com aquele bilhetinho ridículo?

— Eu dispensei você. — Respondeu em um sussurro, enquanto eu pressionava minha ereção furiosa em sua barriga.

Assenti, olhando para os seus lábios vermelhos, louco para prova-los mais uma vez.

— Sim. E eu vou te mostrar o que faço com quem me dispensa.

Ela suspirou e eu ataquei em um beijo furioso, mostrando a ela que seu castigo estava apenas começando.

Capítulo 8 - Matthew

Era difícil manter o controle, eu tinha que admitir. Perto de Claire eu perdia toda a minha razão, todo o meu lado racional se esvaia e um lado possessivo, cheio de tesão, tomava conta do meu cérebro.

Com minha língua dentro da boca dela, suas mãos em meus cabelos e minhas mãos passeando livremente pelo seu corpo, a única coisa que eu conseguia pensar era que eu tinha que estar dentro dela, o mais rápido possível. Mas também queria torturá-la, mostrar a ela que um homem como eu não era colocado de lado tão facilmente.

— Vire-se. — mandei, afastando-me um pouco.

Ela piscou um pouco surpresa, mas obedeceu, virando-se de frente para a porta, ficando de costas para mim. Me aproximei, sorrindo de leve ao tocar na minha cueca que vestia seu corpo e a deixava ainda mais sexy. Ela era uma verdadeira diaba loira, pronta para perturbar minha mente e estava conseguindo. E o pior, é que eu estava adorando.

Rapidamente abaixei o pedaço de pano branco que caiu aos seus pés. Sua bunda gostosa ficou totalmente exposta para mim, toda empinadinha. Sem pensar muito, me liberei das minhas roupas rapidamente, ouvindo sua respiração ofegante. Tinha certeza que Claire estava doida para dar para mim e eu estava louco para comê-la. Coloquei um preservativo em cima da mesinha que ficava ao lado da porta e me encostei ao corpo dela, deixando meu pau duro tocar sua bunda.

— Quando eu quiser, eu dispenso você, Claire. — Rugi no seu ouvido, dando um tapa seco na sua bunda. Seu gemido ecoou pelo apartamento e meu pau babou na pele quente da sua nádega. — Enquanto isso eu vou te comer a toda hora e em todo o lugar que eu quiser. Fui claro?

— Sim... — Ela gemeu, empinando a bunda para mim.

Dei um outro tapa, sentindo sua pele quente e descí o dedo médio até sua boceta meladinha. Penetrei-a levemente, riscando círculos perfeitos entre as paredes quente da sua bocetinha, que começava a me apertar levemente.

— Você é uma safadinha, não é, Claire? — Murmurei em seu ouvido, puxando seu cabelo para trás até ter sua boca próxima a minha. — Bastou uma noite e já está viciada no meu pau. Diz para mim que você quer ser comida, diz!

— Eu quero! Por favor, Matt, eu quero... — Ela choramingou, se movendo contra o meu dedo.

Meu pau pulsou esfomeado com a sua ânsia em me ter. Era incrível o modo como aquela mulher conseguia dominar o meu corpo apenas com suas ações ou pequenas palavras. Eu estava fodido e louco para fodê-la.

Sem poder esperar mais, tirei meu dedo de dentro dela e puxei o preservativo, abrindo-o e

colocando-o no meu pau rapidamente. Quando encostei a glândula em sua abertura, Claire soltou um gemido baixo, implorando para que eu a fodesse logo.

— Eu vou te comer tão gostoso, Claire, que me dispensar novamente vai ser algo que nem sequer passará por sua cabeça. E se passar, você vai se lembrar da sensação do meu pau dentro de você e logo colocará essa ideia para escanteio. — Sussurrei em seu ouvido, levando minha mão ao seu top e abaixando-o até ter seu mamilo durinho entre meus dedos.

— Sim, Matt... — Ela murmurou totalmente entregue e eu entrei nela em uma única estocada.

Sua bocetinha quente e apertada me recebeu de bom grado, acolhendo-me todo, me deixando louco por estar tão meladinha e fácil de meter. Com um rugido que nem mesmo parecia meu, comecei a me movimentar dentro dela, puxando seu cabelo e beijando sua boca com desejo.

Queria estar em todos os lugares ao mesmo tempo e beijá-la em meio àquela foda intensa me pareceu tão correto e tentador, que não tive forças para me afastar. Engolia seus gemidos e apelos enquanto metia com força em seu interior e apertava seu mamilo duro, louco para gozar e começar de novo.

Deixei seu seio e levei minha mão ao meio das suas pernas, tocando seu clitóris molhado e inchado de tesão. Ela gritou em minha boca e sugou minha língua, movendo-se junto comigo. Sua bocetinha moía meu pau, parecia que eu estava dentro de uma fornalha de tão quente e abaixei mais meu quadril, levando minha mão ao seu pescoço e metendo ainda mais fundo, deixando meu pau massagear todos os nervos que a fazia gozar loucamente.

— Matthew... — ela gemeu, largando minha boca e apoiando a cabeça contra a porta. Segurei em seu quadril e meti mais forte, sentindo-a começar a gozar para mim. — Isso, Matt...

Seu corpo tremeu e ela se apoiou na porta, ainda gozando. Sem conseguir me segurar mais, mordei seu ombro e explodi em um gozo que me deixou brevemente fora de órbita, enchendo a camisinha como se eu não tivesse gozado durante toda a noite.

Quando terminei, passei a língua de leve pela marca vermelha que deixei no ombro dela e Claire desencostou a cabeça da porta, olhando-me com um sorriso no rosto.

— Acho que vou te dispensar mais vezes... — Murmurou languidamente.

Abri um sorriso e saí de dentro dela, virando-a de frente para mim. Ela passou os braços pelo meu pescoço e acariciou meus cabelos, um brilho diferente tomando conta dos seus olhos.

— Na verdade, você não vai querer me dispensar nunca mais, Claire. — Respondi, levando meus lábios aos dela.

Nos beijamos calmamente pela primeira vez desde que nos conhecemos e, por incrível que pareça, foi o toque mais íntimo que já havíamos compartilhado. Sua língua movia-se sobre a minha devagar e com delicadeza e eu retribuía, me sentindo estranhamente em paz. Quando me afastei, ela sorriu de leve para mim e olhou para baixo.

— Acho que você precisa jogar alguma coisa fora. — Ela disse, apontando para a camisinha cheia que ainda estava no meu pau semiereto. — O banheiro fica no corredor próximo a escada. Eu

estou fazendo o almoço, você... Quer almoçar comigo?

— Sim. — Respon-di antes de pensar.

— Tudo bem. — Ela disse, se afastando. Se abaixou rapidamente e vestiu minha cueca de novo, andando em direção a cozinha. — Aliás, você não se importou de eu ter roubado sua cueca, não é?

— Na verdade, essa foi a melhor parte daquele bilheteinho que você me deixou... Depois de ter confirmado que eu fui a sua melhor foda. — Falei, tirando a camisinha e amarrando na ponta.

A risada dela ecoou pelo apartamento e foi o som mais lindo que eu já tinha ouvido. Fiquei observando seu sorriso espontâneo, sentindo que tudo aquilo estava acontecendo rápido demais, mas não sentia a mínima vontade de parar.

Ela saiu e foi para cozinha e eu acordei do meu estado de letargia, começando a catar minhas roupas do chão. Andei pelo apartamento, observando a decoração feminina e de bom gosto, mas quando cheguei ao corredor onde ficava o banheiro, uma coleção infinita de pinturas e desenhos me fizeram parar.

Não sou um leigo em artes, aprecio pinturas, desenhos e músicas e tudo aquilo era de um bom gosto tão grande, que nem mesmo o fato de eu estar nu com minhas roupas em uma mão e a camisinha usada na outra, me impediu de continuar a observar. A paixão em cada traço, cada pincelada ou até mesmo em desenhos crus em carbono, era quase palpável. Eram desenhos realistas, que pareciam fotos, alguns eram de paisagens, outros eram em um ambiente escuro e o cinza predominava quase todos os quadros.

Curioso, entrei no banheiro rapidamente e me limpei, colocando apenas a calça jeans. Quando sai, deixei minha camisa em cima do sofá e fui em direção a cozinha, que era separada da sala por uma bancada de mármore marrom. Claire mexia em uma panela e o cheiro delicioso de comida pairava no ar. Quando me viu, ela sorriu.

— Eu abri uma garrafa de vinho. Pode se servir, se quiser. — Disse, voltando a atenção para o que estava fazendo.

Coloquei um pouco de vinho na taça e tomei um gole, observando que ela gostava e sabia o que estava fazendo.

— Gosta de cozinhar?

— Gosto. — Respondeu, dando uma rápida olhada no forno. — Sou muito curiosa, sabe? Então, quando tenho tempo, gosto de fazer vários tipos de comida, mesmo morando sozinha.

— E os seus pais? Onde estão? — Perguntei, curioso sobre sua vida. Queria recolher o máximo de informação que eu conseguisse daquela mulher tão linda, mas igualmente misteriosa.

Ela me deu uma olhada rápida e voltou a panela.

— Moram em outro Estado. — Falou, simplesmente.

— Que Estado?

— Mississippi.

— E... Eles sabem que você é...

— Que sou prostituta? Eles não ligam. Eles nunca ligaram para mim realmente. — Ela disse, dando de ombros. — E os seus pais? Como é ser filho de um astro pornô?

— É normal... Quer dizer, eu só vim saber sobre a profissão do meu pai quando era um adolescente, mas isso não mudou em nada a minha relação com ele. Ele é o melhor pai do mundo e a minha mãe também é a melhor mãe do mundo. Eles e minha irmã são tudo para mim. — Falei, observando que ela me olhava atentamente. — E você, Claire, por que virou uma prostituta?

Ela ficou em silêncio por um tempo e desviou os olhos de mim, apagando a fumaça do forno. Quando me olhou novamente, já tinha uma resposta na ponta da língua:

— Cada pessoa nasce para ser uma coisa na vida, Matthew. Eu não tive oportunidade de estudar muito, como eu disse, meus pais não se importavam comigo e quando resolvi sair de casa, eu não tinha nada além da minha beleza. — Ela disse, franzindo o cenho. — Então, quando cheguei a Nova York com o pouco dinheiro que eu tinha juntado, um cara perguntou quanto eu cobrava para transar com ele. No começo, eu não quis. Mas depois eu pensei: "o que eu vou perder com isso?", então eu aceitei. E hoje eu tenho esse apartamento, tenho um carro, porque fui esperta e comecei a me relacionar com homens ricos.

— E você não tem vontade de sair dessa vida?

— Às vezes, sim. Por exemplo, às vezes me dá vontade de largar tudo, entrar em uma faculdade. Eu tenho vinte e sete anos, não estou tão velha assim, acho que posso conseguir alguma coisa, mas aí eu paro e vejo que talvez eu nasci para ser quem sou hoje. E desisto.

Fiquei olhando para ela. Claire parecia estar sendo sincera e por que não seria? Ela não tinha o porquê de esconder algo de mim, e também não devia nada a ninguém, poderia ser quem ela quisesse. Senti vontade de perguntar mais alguma coisa sobre sua vida, mas resolvi parar por enquanto. Nos conhecíamos há pouco tempo, em breve ela poderia se abrir mais.

Pensar a longo prazo fez com que um arrepio passasse por meu corpo. Estar ali, com ela, observá-la cozinhar enquanto conversávamos e bebíamos um vinho me pareceu tão aconchegante, que me esqueci de quem eu realmente era e do compromisso que tinha. Eu era noivo, tinha uma mulher para respeitar, uma mulher que me amava, mas estava na casa de outra, havia transado com ela a noite toda e por boa parte da manhã.

Era errado, sabia disso. Mas não consegui parar.

Ajudei Claire a pôr a mesa e nos sentamos. Ela tinha feito carne assada ao molho madeira e estava divino, combinava perfeitamente com o vinho tinto que tomávamos e a conversa fácil que fluía a mesa. Quando terminamos, a ajudei a lavar a louça e enquanto secávamos, me lembrei das pinturas no corredor.

— Aqueles quadros no corredor do banheiro... São de que artistas?

Ela parou de secar o prato por um momento e me olhou, como se não soubesse o que dizer. Estava quase perguntando a ela se eu tinha falado alguma coisa errada, mas rapidamente voltou ao normal, dando de ombros.

— São de artistas desconhecidos. Tem vários pintores que colocam seus quadros para vender no Central Park e quando vou até lá, sempre trago alguns. Por que? Você gostou?

— Eles são maravilhosos, Claire. Não deveriam estar sendo expostos no Central Park e sim em uma galeria de arte. São incríveis.

Ela sorriu e guardou os pratos no armário.

— Pode levar um para sua casa se quiser. — Ela disse, virando-se para mim. Olhou-me de cima a baixo e lambeu o lábio lentamente. — Matthew... Quer conhecer meu quarto?

Meu pau estremeceu dentro da cueca, acordando em tempo recorde. Em um momento estávamos falando sobre quadros e no outro eu já estava de pau duro? Como era possível?

Efeito Claire. Meu subconsciente gritou.

Me aproximei dela e um sorriso safado se abriu em seus lábios. Sem falar nada, a puxei pela cintura e a impulsionei para cima, fazendo suas pernas contornarem minha cintura.

— Seria um prazer, Claire. Entrar no seu quarto, conhecer o seu quarto, te *foder* no seu quarto.

Ela contornou meu lábio com a língua e quando terminou disse:

— Segundo andar, última porta do corredor.

Não precisei pensar muito, aliás, eu só pensava em uma coisa: estar dentro dela mais uma vez.

Capítulo 9 - Claire

Já era noite e eu não conseguia tirar aquele sorrisinho irritante do meu rosto. Eu nunca fui de sorrir muito, na verdade, eu só sorria quando precisava cativar algum cliente, mas nunca foi verdadeiro.

Veja bem, sempre fui muito solitária. E com a minha profissão, tudo se tornou ainda pior. Até Matthew aparecer. Era tudo tão simples, eu tinha que o seduzir. Mas acabei sendo seduzida por um homem que não só sabe foder como ninguém, mas que sabe conversar e cativar aos poucos. Agora, ele estava adormecido na minha cama depois de uma tarde regada a conversa e sexo e eu estava mais do que acordada, totalmente desperta e alerta.

Me levantei da cama lentamente e peguei meu celular, saindo do quarto. Fui em direção a sala e disquei o número dela, sabendo que não iria acreditar que eu estava com ele de novo. Ficaria exultante e pensar nisso me fez revirar os olhos.

— Claire?

— Sim, sou eu.

— O que é? — Perguntou, arrogante como sempre. Mas aquilo não me magoava mais.

— Matthew está dormindo no meu quarto, neste momento.

Ela ficou em silêncio por alguns segundos e eu esperei, ficando impaciente.

— Está brincando?

— Não, mãe, não estou brincando.

— Meu Deus! Isso está me saindo melhor do que imaginávamos! Claire, que notícia maravilhosa.

— Ela disse com uma pitada de sorriso na sua voz.

— Pensei que gostaria de saber.

— Claro que eu gostaria de saber, garota! — Ela disse e deu um gritinho de felicidade. — Em breve poderemos dar seguimento ao plano. Por enquanto, continue a seduzi-lo, nunca pensei que seria tão rápido...

— Certo, te mantenho avisada. — Falei, desligando.

Falar com minha mãe era como falar com um louco. Ela poderia passar da felicidade extrema à maldade em questão de segundos. Como também nunca havia me tratado bem, sempre arrogante e ignorante.

Desliguei meu celular e o deixei sobre o sofá, querendo esquecê-la. Quando voltei ao quarto, Matthew continuava a dormir em sono profundo, o que me deu a chance de visualizá-lo bem. Sem poder me conter, fui ao meu closet e peguei um papel tamanho A3 de fibra de algodão meu lápis

Staedtler Lumograph Mars e voltei para o quarto, sentando-me em uma poltrona próxima a cama.

Olhei para o rosto sereno de Matthew, mas seu semblante sério e possessivo na boate não saía da minha cabeça. Por isso, comecei a desenhá-lo. Pintar e desenhar são as minhas maiores paixões.

Lembro-me que quando eu era uma adolescente e as coisas ficavam difíceis demais para serem suportadas, eu extravasava tudo em meus desenhos. Nunca tive amigas, sempre fui sozinha e era duro aguentar a tudo o que eu sofria estando calada. Meus desenhos me ajudavam muito e hoje em dia, eu ainda retrato parte do meu espírito no papel, ou nas telas.

Não senti o tempo passar. Conforme o desenho ia criando formas realistas e eu ia acertando um detalhe aqui e outro ali, me sentia cada vez mais satisfeita, era como se eu pudesse retratar Matthew em uma de suas melhores formas, totalmente concentrado e compenetrado. Quando vi sua foto pela primeira vez, eu me senti tentada a desenhá-lo. Ele era um homem lindo, se quisesse seguir a carreira de modelo, ganharia milhões, tinha certeza.

Mas eu estava satisfeita por estar com ele em minha cama agora, tendo-o como meu *muso* inspirador, deixando-me observar cada detalhe de seu rosto, seus traços mais firmes e bonitos.

— O que está fazendo?

Ergui meus olhos rapidamente ao ouvi-lo. Matthew estava sentado na cama, olhando com curiosidade o papel me meu colo. Meus dedos estavam sujos pelo grafite forte do lápis e minha postura não era uma das mais bonitas, praticamente curvada sobre o papel.

— Claire... — Ele se aproximou de mim e tomou o papel das minhas mãos. Não o impedi, não teria como esconder aquilo. — Isso é...

— Um desenho. — Falei, timidamente.

Odiava ficar tímida e inibida, mas nunca me senti confortável em relação aos meus desenhos. Não que eu os achasse feios, mas eram coisas particulares, que eu queria que ninguém tivesse a capacidade de entender. Ou descobririam tudo sobre mim.

— É incrível. — Ele murmurou olhando fixamente para o papel, logo depois seus olhos voltaram para mim. — Então aqueles desenhos e quadros na parede...

— São meus. — Completei.

— E por que mentiu?

— Porque eu achei que você não iria acreditar. E também porque são coisas particulares. Tem uma parte minha em cada um daqueles quadros.

— Eu sei, eu senti. — Ele disse, sentando-se na cama, perto de mim. — Claire, eu sei que não temos muita intimidade ainda, nos conhecemos a pouco tempo, apesar de já termos transado milhares de vezes nas últimas vinte e quatro horas. — Ele sorriu de leve. — Mas você me parece tão triste as vezes. Aqueles desenhos, tão escuros... Eles são tristes. Você quer falar sobre isso?

Eu aprendi a odiá-lo. Minha mãe sempre me falou tão mal da família Peterson e eu simplesmente acreditei. Ela me disse que eles só pensavam em si, eram ignorantes e passavam por cima de tudo e

todos. Mas o que eu via aqui era muito diferente. Matthew estava preocupado comigo, mesmo eu sendo uma prostituta, uma mulher que desde o início, se mostrou disposta a ir para cama com ele, que era um homem prestes a se casar.

Ele não tinha porquê se preocupar comigo. E estava o fazendo agora. Estar perto de Matthew durante todo o dia de hoje me fez perceber que ele era um cara legal, inteligente e bem-humorado, apaixonado por sua família, apaixonado pela vida. E o que eu era? Alguém que tinha entrado na vida dele a mando de outra pessoa.

Não era justo, simplesmente não era.

— Não. — Respondi. — Matthew, preste atenção: você está noivo. Me disse que gosta da sua noiva e agora está aqui, no meu apartamento... Por um acaso você se esqueceu dela?

Ele ficou em silêncio por alguns segundos e eu fiquei o observando. Parecia estar imerso em uma luta, sem saber o que responder. Por fim, falou:

— Eu não me esqueci dela, claro que não! — Respondeu, voltando a me olhar. — Ela é a minha noiva, eu a amo e vou me casar com ela.

— Então por que você está aqui?

— Qual é o seu problema, Claire? Foi você mesmo que disse que estava louca para ir para cama comigo e... "Colocar um belo par de chifres na cabeça da minha noiva". Foi exatamente isso que você falou, esqueceu? — Ele perguntou, levantando-se.

Me levantei também, querendo olhá-lo nos olhos.

— Sim, eu me lembro. Como também me recordo que você disse que seria apenas uma noite. Eu fui embora de madrugada para facilitar a sua vida, Matthew! E nem cobreí pela noite que passamos juntos.

Ele riu sem humor e largou a folha em cima da minha cama. Começou a se vestir rapidamente, colocando a calça em tempo recorde, quando terminou, ele tirou a carteira do bolso e a abriu, pegando várias notas de cem dólares e tacando em cima da minha cama.

— Bem, se é sobre isso que está falando, aí está o dinheiro. Acho que é o suficiente, mas se estiver faltando algo, me liga. — Falou, aproximando-se da porta. — Quero deixar claro, Claire, que eu não vou te procurar mais. Sabe, você tem razão. Eu sou noivo, tenho alguém para respeitar e vir aqui, atrás de você, foi ir longe demais. Contra todos os meus princípios. Esquece que você me conheceu e eu vou fazer o mesmo.

Sem olhar para trás ele saiu do meu quarto batendo a porta com força atrás de si. Eu continuei parada, sem saber muito sobre o que fazer. Onde eu estava com a cabeça? Por que falei tudo aquilo?

Se eu não tivesse aberto a minha maldita boca, ele ainda estaria aqui, teria se esquecido da noiva e eu levaria o plano adiante! Nunca me senti atraída por ninguém, nunca agi sem pensar e agora, por um descuido meu, ele havia ido embora com a promessa de nunca mais me procurar.

Olhei para seu desenho em cima da minha cama submerso por todas aquelas notas de dólares. Seu rosto ainda era visível para mim e eu sorri de lado, sabendo que deveria voltar a ser Claire de antes.

Eu iria atrás dele e iria seduzi-lo.

E todo o plano voltaria a seguir normalmente.

Capítulo 10 - Matthew

Aquela semana estava sendo infernal!

Aliás, não havia definição melhor do que essa. Primeiramente, toda uma linha de motores para carros elétricos havia sido cancelada, porque a marca de carros com a qual fechamos o negócio, resolveu rescindir o contrato.

Segundo, Therese resolveu dar a louca e começou a falar que não estou dando uma real atenção para o nosso casamento. Mesmo estando do outro lado do oceano, em uma viagem a trabalho, ela faz questão de me ligar para dar ataques de loucura. Therese sempre foi controlada, quase não brigávamos, pois, nossa relação sempre foi baseada em confiança, conversa e companheirismo.

Mas, quem pode julgá-la? Estou agindo como um verdadeiro canalha, idiota e bastardo com ela durante a última semana, deixando-a totalmente de lado para correr atrás de outra mulher.

Aliás, esse era o meu segundo — e maior — problema.

Claire.

Uma mulher linda, sensual e perigosa, que sabia me excitar e irritar ao extremo. Suas palavras na última noite de domingo não saiam de minha mente. A semana já estava se encerrando, mas não conseguia parar de pensar no final de semana intenso que havíamos passado.

Seu olhar, seu sorriso, sua voz, seu corpo sexy e aqueles desenhos extremamente talentosos não me deixavam concentrar em nada, nem em meu trabalho, ou em minha noiva.

Bufei, largando a planilha que estava analisando em cima da mesa, cansado de toda aquela semana que se arrastava. Minha vida totalmente controlada e organizada havia sido virada de cabeça para baixo em apenas uma semana!

Desde o dia em que conheci Claire, naquela maldita quarta-feira em que fui arrastado para a Pleasure House, minha rotina e meu modo de pensar mudaram totalmente. E, agora, eu não sabia o que fazer para voltar ao normal.

O toque do meu celular me despertou de todos os pensamentos. O nome de Therese brilhava no visor e eu ponderei atender ou não, mas então eu me lembrei que o único culpado naquela história era eu e ela não merecia ser ignorada porque eu estava de saco cheio da vida.

— Oi, querida. — Respondi, tentando ser amável, mesmo me sentindo péssimo por estar mentindo.

— Oi, Matthew. — Ela respondeu, seca. Pelo visto, o humor dela não tinha melhorado muito desde a nossa última ligação ontem à noite. — Por um acaso você ligou para a cerimonialista para marcarmos uma reunião para semana que vem?

Merda. Eu tinha me esquecido. Pensei em mentir e falar que sim, mas como iria inventar uma

reunião com uma mulher que eu nem sequer conhecia? Optei pela verdade, prevendo um novo escândalo da parte dela.

— Therese, eu me esqueci totalmente... Me desculpe, mas tudo está um caos por aqui, uma empresa rescindiu contrato e...

— De novo, Matthew? Ontem você me deu a mesma desculpa, ou você se esqueceu disso também?

— Não é uma desculpa, Therese...

— É sim! E os seus amigos que se dizem sócios? Eles não podem tomar rédea das coisas enquanto você faz um telefonema? — Ela esbravejou.

— Therese, fica calma. O mundo não vai acabar porque eu me esqueci de ligar para tal mulher! Ainda faltam meses para o nosso casamento, mais tarde eu ligo pra cerimonialista e...

— Mais tarde não, você vai ligar agora! Poxa, Matthew, eu sempre estou ao seu lado, sempre sou compreensiva, até mesmo naquela noite no sábado passado, quando você me dispensou, eu compreendi. Custa fazer o que eu pedi ao menos uma vez? Eu estou tão feliz pelo nosso casamento, e nesses dias você tem estado tão distante, Matt. Eu estou morrendo de saudades de você, amor. — Ela murmurou no final, me enchendo de culpa.

Ela estava certa. Eu parecia tudo, menos um noivo que estava prestes a se casar.

— Eu sei, amor, me desculpe. E sim, eu estou morrendo de saudades de você. Sinto muito, baby, eu vou ligar para a cerimonialista agora, tudo bem?

— Sim! Não esqueça de me ligar depois, certo? Eu te amo, amor.

— Também te amo, querida.

Desligamos e eu soltei um suspiro, sem saber ao certo o que fazer. Decidi que se deixasse para ligar depois, iria me esquecer de novo, então, falar agora com a tal mulher era a melhor opção. Estava procurando o número que Therese me mandou por mensagem quando o telefone do escritório tocou alto. Não tinha nenhuma visita marcada para aquela hora e Marie, minha secretária, não era de me interromper quando estava analisando algum projeto. Estranhando, atendi:

— Sim?

— Desculpe-me interromper, senhor Peterson, mas tem uma pessoa que está insistindo muito para falar com o senhor.

— E quem é essa pessoa, Marie?

Antes mesmo que Marie respondesse, eu ouvi a voz dela:

— *Claire. Diga a ele que é Claire Benson.*

— Claire Benson, senhor Peterson. Eu disse que o senhor não queria ser incomodado, mas ela insiste em falar com o senhor. Posso manda-la entrar?

Sabia que tinha que dar alguma resposta a Marie, mas meu cérebro resolveu parar de funcionar. O

que Claire estava fazendo aqui? Depois de toda a nossa discussão em seu apartamento, pensei que tinha ficado claro para nós dois que não nos envolveríamos mais.

Entretanto, a curiosidade me venceu e, movido por ela e pelo estranho desejo de revê-la, respondi:

— Sim, Marie, você pode manda-la entrar.

Os segundos se arrastaram enquanto eu desliguei o telefone e esperei a porta do meu escritório se abrir. Quando isso aconteceu, Marie deu espaço para Claire entrar e perguntou:

— Você aceita água ou café?

— Não, obrigada. — Claire respondeu, olhando fixamente para mim.

— Senhor Peterson?

— Não, Marie, você pode se retirar.

Ela assentiu e saiu, fechando a porta atrás de si. Analisei Claire, vendo-a confiante, vestida com um sobretudo preto, suas pernas vestidas em uma meia de seda também preta e sapatos escuros nos pés. Linda, como sempre e eu tentei me controlar.

— Que surpresa, Claire. Está frio lá fora? — Perguntei, pois aquele sobretudo de inverno não era tão apropriado para o início da primavera.

Ela sorriu de leve e se aproximou da minha mesa.

— Não muito, mas veja bem... Eu não poderia vir apenas assim e estragar a surpresa que quero fazer pra você. — Ela levou a mão ao laço do casaco na frente do corpo e olhou inocentemente para mim. — Você se importa se eu trancar a porta?

Olhei para ela, tentando entender o que era tudo aquilo. Apenas balancei a cabeça, negando e ela foi até a porta, passando a chave. Quando voltou para perto da minha mesa, voltou a mão para o laço e o desfez, deixando o sobretudo cair ao chão.

Eu poderia estar preparado para tudo, menos aquilo. Claire estava totalmente nua, com exceção da pequena calcinha de renda negra que cobria parcialmente a sua boceta. Tão sexy como o inferno, ela desfilou e deu a volta na minha mesa, parando a minha frente, seus seios empinados acima do meu rosto.

— Sabe, Matthew, eu cheguei à conclusão de que estar com você é algo mais importante do que todos os princípios éticos e morais impostos pela nossa sociedade hipócrita. Você fode muito bem, eu também sei usar muito bem o meu corpo e juntos, podemos fazer um estrago na cama... Ou na parede... Ou aqui, na mesa do seu escritório. — Ela disse, passando a ponta dos dedos pelo tampo de vidro da minha mesa.

Meu pau já estava mais do que duro, o tesão querendo explodir a minha mente. Eu até pensei em lutar contra, mas tudo ficou nublado quando ela se ajoelhou a minha frente e tocou a minha ereção coberta pela calça, desfazendo o fecho.

Com destreza, ela enfiou a mão na minha cueca e puxou meu pau duro, fazendo-o pular em riste

próximo ao seu rosto. Um sorriso safado marcado pelo seu batom vermelho se abriu em seus lábios, enquanto ela começava a manipular habilmente a minha ereção, deixando-me rapidamente fora de órbita.

Que porra era aquela? Antes de ela entrar eu estava decidido que nunca mais iria vê-la e agora ela estava aqui, de joelhos a minha frente, totalmente nua, me masturbando com toda a sua habilidade e experiência. Pensei em afastá-la, empurra-la para bem longe de mim, mas essa possibilidade se afastou da minha mente quando ela colocou meu pau em sua boca, chupando apenas a glândula que já começava a liberar o líquido de pré-sêmen.

Sem poder me conter, levei minha mão a sua cabeça e acariciei seus cabelos loiros, empurrando-a para sugar todo o meu pau e ela obedeceu, levando-me até o fundo da sua garganta, me fazendo perder a cabeça.

— Isso, Claire, isso! — Rugi, começando a meter furiosamente dentro da sua boca, um prazer que só conheci com ela tomando cada parte do meu corpo. — Chupa bem gostoso, eu sei que você adora o meu pau, baby, cuida bem dele... Assim...

Ela me olhou e deixou-me mais um pouco no fundo da sua garganta antes de voltar a glândula, deixando um rastro do seu batom vermelho por todo o meu pau. Sua língua contornou minha pequena abertura e eu puxei meu pau para cima, levantando meus quadris:

— Tira a minha calça e chupa as minhas bolas. — Ordenei, ensandecido.

Sem ao menos pestanejar, ela obedeceu, puxando minha calça e minha cueca com destreza. Levantei mais meu pau e abri minhas pernas, deixando minhas bolas à mostra e ela passou a língua pelos lábios, antes de sugar uma bola para dentro de sua boca. Senti meu mundo desabar em um prazer que jamais iria esquecer. Minha bola dentro da sua boca e sua mão em meu pau, subindo e descendo, era uma cena que jamais sairia da minha cabeça.

Ela chupou a outra rapidamente e levou a língua ao meu períneo, um lugar onde nunca fui tocado. Meu corpo tremeu e meu pau babou forte na ponta, quase gozando. Puxei seus cabelos e ela forçou um pouco mais a língua ali, antes de voltar e abocanhar meu pau com tudo.

— Porra, Claire, isso... Vou gozar bem gostoso pra você. — Gemi, puxando seus cabelos e metendo rapidamente.

Um esboço de sorriso pintou em seus lábios cheios pelo meu pau e aquilo me deixou louco. Eu já podia sentir o famoso arrepio que sempre me tomava quando gozava, estava prestes a esporrar forte em sua boca, quando ela simplesmente se afastou e se levantou.

Foi tudo tão malditamente rápido que ao menos tive a chance de puxá-la novamente pelos cabelos. Ela havia me pegado totalmente de surpresa, deixando-me justamente na hora do orgasmo. Ainda estava atônito, vendo-a se vestir rapidamente, passando a mão pelos lábios borrados de vermelho, seus cabelos bagunçados pela minha mão.

— Claire... — Murmurei, sentindo meu pau doer pela vontade absurda de gozar.

— Ah, Matt, eu sei... Sei que você quer gozar, mas a minha intenção era fazer uma visita rápida. — Ela disse, sorrindo. — Bem, se você quiser continuar, estarei na Pleasure House hoje.

Se virou de costas e foi em direção a porta, destrancando-a. Antes de sair, virou-se para me olhar e disse:

— Espero por você lá. Não me desaponte, por favor.

E saiu.

Simplesmente saiu, me deixando duro e nu no meio da porra do meu escritório, com um sério caso de bolas roxas e um cérebro fodido. Ela queria me provocar e tinha conseguido.

Raivoso, me vesti rapidamente contendo um gemido pela dor em meu pau duro. Me ajeitei o máximo que consegui e fiz um telefonema rápido, um grande plano sendo montado rapidamente em minha cabeça.

Claire iria conhecer um Matthew que nenhuma mulher havia conhecido antes.

Capítulo 11 - Matthew

A boate Pleasure House estava lotada. Em plena noite de quinta-feira, praticamente final de semana, a boate estava bombando e algumas mulheres dançavam seminuas no palco. O andar de baixo era predominado pelo público mais jovem, que estavam ali apenas para dançar e se divertir.

O andar de cima, para onde eu estava me dirigindo, era o local onde ficavam os empresários e executivos que pagavam um preço alto para ter tratamento e espaço VIP. Pelo menos, foi isso que o diretor da casa me informou quando liguei para ele assim que Claire deixou meu escritório, me deixando puto da vida e com uma enorme ereção.

Lembrar disso avivava ainda mais a minha raiva e o famoso descontrole que tomava conta do meu corpo quando o assunto era ela. A forma como saiu da sala não saía da minha mente, Claire havia me provocado de uma maneira que mulher nenhuma teve a ousadia de fazer. Na verdade, ela vem testando todos os meus limites desde quando me conheceu e, hoje, eu iria testar os dela também.

Cheguei ao segundo andar e olhei em volta, procurando-a. Hoje as dançarinas mais requisitadas da casa estavam no andar de cima e ela, como uma das mais bonitas e talentosas e escolhida a dedo pelos empresários que frequentavam o lugar, estava ali. Pensar naquilo me fez travar o maxilar. Lembrar que ela era uma prostituta não era algo que me agradava, saber que outros caras a tocavam do mesmo jeito que eu tocava estava começando a me deixar enfurecido e eu não gostei nada daquele sentimento. Ela não era nada minha, nada!

E lembrar aquilo me deixou ainda mais furioso.

Fui até o bar e pedi uma dose dupla de uísque com duas pedras de gelo. Quando o barman me entregou a bebida, dei um grande gole, aproveitando a queimação para tentar ter algum tipo de controle sobre meus sentimentos. Olhei novamente ao redor e avistei Lexy servindo uma mesa onde apenas homens estavam sentados, todos em ternos caros, mas não foi isso que me atraiu. O que realmente me chamou atenção foi ver Claire sentada no colo de um deles, sorrindo abertamente quando o cara falou algo em seu ouvido, a mão passeando pela coxa nua dela.

Apertei o copo de uísque com força na minha mão, observando a forma como ela estava vestida. Primeiramente, ao menos podia chamar aquilo de roupa. Claire usava um sutiã vermelho, todo rendado, e uma saia pequena com amarras do lado. Apenas um puxão e ela estaria apenas de calcinha e sutiã no meio daqueles velhos filhos da puta! Sem conseguir me conter, tomei o resto do uísque em um grande gole e me levantei, decidido, indo até a mesa onde ela estava.

Antes mesmo de aproximar totalmente, ela me viu. O sorriso em seus lábios ficou ainda maior, demonstrando o quanto ela estava satisfeita em me ver, mas nem aquilo fez com que a fúria e a porra daquele ciúme descontrolado, cessassem. Cheguei próximo a mesa e olhei apenas para ela, o velho que estava com ela no colo observando minha expressão nada amigável.

— Claire. — Falei, uma conotação obsessiva tomando conta da minha voz.

— Olá, Matthew. — Ela disse, sem se mover do colo do homem.

— Preciso falar com você.

— Ela está ocupada, rapaz... Não está vendo? — O velho disse, segurando a coxa dela com mais força.

Tire suas patas malditas de cima dela, seu velho filho da puta!

Respirei fundo, tentando me conter. Se eu arrumasse uma briga ali dentro o máximo que iria conseguir era ser expulso e todo o meu plano iria por água abaixo. Voltei meu olhar para Claire e disse:

— Preciso apenas falar um pouco com você. Não tomarei mais do que cinco minutos do seu tempo. — Menti, percebendo que aquela era a melhor opção.

Ela assentiu e se virou para o velho, tocando a mão dele que estava em cima da sua perna.

— Prometo que volto logo, querido e serei toda sua. — Ela disse sorrindo para ele.

O velho olhou para mim e depois para ela, como se ponderasse soltá-la ou não. Por fim, assentiu à contragosto e a liberou. Claire se levantou e passou por mim, começando a andar a minha frente, mas eu acelerei o passo e rapidamente a alcancei, agarrando seu braço e a fazendo andar conforme o meu ritmo.

— Você será toda minha, ouviu bem? Minha, apenas minha! — Rugi no ouvido dela, indo em direção as escadas que nos levaria para o terceiro andar.

Ela me olhou rapidamente, o sorriso havia deixado o seu rosto, mas um brilho sensual tomava conta dos seus olhos.

— Você sabe para onde está indo? — Perguntou, quando começamos a subir os degraus.

— Sei. — Falei, sem soltar seu braço, olhando para frente.

— Como sabe sobre o terceiro andar? Já veio aqui? Aliás, como tem permissão para subir aqui?

— Ela perguntou quando o segurança que estava ao topo da escada me deixou passar.

— Muitas perguntas, Claire. Depois do que você fez hoje, acho melhor ficar quieta.

— Você está bravo. — Ela concluiu, enquanto atravessávamos o imenso corredor.

— Eu não estou bravo, eu estou puto. Muito puto, Claire!

Ela ficou em silêncio e virei em um outro corredor, dando de cara com uma porta pintada de marrom. Sem hesitar, enfiei um dos cartões-chaves que tinha comigo, na porta e a abri. Quando voltei a andar, ela ficou parada no lugar, me impedindo de continuar.

— Matthew... Por um acaso você sabe o que esse corredor significa? — Ela perguntou, olhando para mim. Aquele brilho sensual deixando seus olhos.

— Sei exatamente o que significa, Claire. — Falei, puxando-a pelo braço. — Vamos.

Parecendo incerta, ela voltou a acompanhar meus passos até o final do extenso corredor pintado

com cores fortes, alternados entre o marrom e o dourado. Quando parei na última porta, peguei o outro cartão-chave e a abri, entrando junto com ela.

As luzes se ascenderam automaticamente e olhei ao redor, gostando do que estava vendo. Era exatamente como tinha visto nas fotos que o diretor me mandou naquela tarde, e valia cada centavo que eu tinha pagado.

Uma enorme cama dossel estava no centro do quarto. Ao seu lado, tinha uma enorme grade de ferro com tipos variados de chicotes, chibatas, palmatórias, varas e pás. No teto, um suporte para suspensão e do outro lado do quarto, uma outra grade de ferro pintada de dourado com vários tipos de cordas, amarras e restrições. Um grande móvel de madeira ficava na parede a minha frente, onde eu sabia que poderia encontrar vendas, plugs, grampos para mamilos, variados tipos de óleos e lubrificantes, algemas, coleiras e mordanças.

Com sua confiança renovada, Claire olhou para mim, sua voz saiu em um tom duro:

— Você é dominador?

Comecei a andar pelo quarto, observando a pintura crua intercalada entre o marrom e o dourado, me sentindo confortável ali. Ao olhar para ela, Claire continuava no mesmo lugar, sua postura rígida próxima a porta.

— Não sou dominador, entretanto, a prática sadomasoquista é algo que sempre carreguei comigo.
— Falei, sem tirar os olhos dela. — Vem aqui.

— Você sabe que eu não sou obrigada a fazer nada que eu não queira, não é?

— E você sabe que eu não gosto de ser dispensado ou deixado de lado e você fez isso pela segunda vez, hoje, ao invadir meu escritório e me deixar de pau duro.

— Então isso tudo é por vingança? Vai me bater por vingança, Matthew?

Voltei a andar pelo quarto, indo até a grade próxima a cama. Toquei nas correias do chicote, sentindo o couro macio na minha mão. Havia muitos anos que eu não brincava de ser dominador. Me lembro da primeira vez que frequentei um clube BDSM quando tinha dezoito anos e lá, aprendi tudo sobre esse mundo que sempre me excitou. Não me considero dominador, porque o sadomasoquismo não é algo que predomina o meu lado sexual.

Quando conheci Therese, aos vinte anos, deixei o clube de lado, mas retornei aos vinte e um anos quando nos separamos. Quando reatamos eu tinha vinte e cinco anos e deixei totalmente esse meu lado e me dediquei apenas a ela. Mas agora, estando ao lado de Claire e sentindo esse meu lado obsessivo mais do que aflorado, a ideia de tê-la amarrada em algumas cordas, totalmente minha, não saía da minha mente.

— Já foi submissa, Claire?

— Você não respondeu a minha pergunta! Aliás, não respondeu a nada do que eu te perguntei desde o momento em que me tirou do colo de Joseph.

— Aquele velho? Me poupe, Claire. Nós dois sabemos que eu sou muito melhor do que ele. — Falei, me virando para ela. — Então? Já foi submissa?

— Não. E nem penso em ser, Matthew. Pode tirando essa ideia absurda da cabeça.

Voltei a me aproximar dela e parei a sua frente, tocando seu rosto de leve. Senti seu corpo tremer e soube que poderia fazê-la sentir tesão com aquilo. Na verdade, o corpo de Claire sempre respondia ao meu e sempre era da melhor forma possível. Daquela vez, não seria diferente.

— Você vai gozar tanto, Claire... Tanto. Ou talvez eu seja tão ruim quanto você e não a deixe gozar. São inúmeras possibilidades...

— Eu não quero.

— Confie em mim, Claire. Eu jamais faria algo que fosse além dos seus limites.

— E como você sabe até onde vai os meus limites? Acho que você ao menos sabe como se usa um troço daqueles! — Ela disse, apontando para a grade de punição.

Sorri de leve e voltei a grade, passando a mão em um chicote de tiras macias de couro. Claire me olhava atentamente, quase sem respirar, podia sentir sua tensão e desconfiança tomando todo o quarto.

— Esse chicote serve apenas para ativar a circulação sanguínea. Não machuca, não deixa marcas, apenas causará um pequeno choque na sua pele, espalhando um calor e uma excitação que você nunca sentiu antes. — Falei, deixando-o de lado e tocando em um outro chicote, onde as pontas eram entrelaçadas no final, fazendo um pequeno nó nas cerdas. — Esse tem a mesma função do outro, entretanto, causa um choque um pouco maior.

Ela prestava bastante atenção e gostei de saber que estava absorvendo tudo aquilo. Toquei em um outro chicote que tinha apenas uma tira grossa, grande, que ia afinando aos poucos até o final.

— Esse é um chicote de 190cm, que deixa a pele avermelhada e causa uma dor maior. Temos também palmatórias de plástico e madeira. A de madeira pode deixar marcas na pele, que duram alguns dias. As pás é algo que eu jamais usaria com você. — Falei, observando-a. — É algo apenas para submissas que realmente gostam de dor, que sabem o que isso pode causar. Você tem que entender, Claire, que a necessidade de dor varia de pessoa para pessoa. Eu pratiquei o sadomasoquismo por seis anos, já estive com submissas que não se importavam de ficar com marcas que duram uma semana, ou a vida toda.

— Mas... Você já machucou alguém? — Ela perguntou, sua respiração um tanto irregular, os olhos arregalados.

— Não. Eu sempre fui muito controlado, geralmente, quando frequentava clubes de sado, eu pegava tipos variados de submissas. Nunca fui além do limite delas e jamais iria além do seu limite. Eu te trouxe aqui porque estou puto com o que fez mais cedo, Claire e um sexo convencional, o famoso “baunilha”, não serviria para castigar você.

— Eu não pensei que ficaria tão bravo, Matt. — Ela murmurou, aproximando-se de mim. — Eu já estive com muitos clientes, mas nunca me submeti a isso, nunca quis. Eu tenho pavor de dor, é algo que eu não posso suportar. Você não tem ideia do que a dor significa para mim.

— Alguém já machucou você? — Perguntei, confuso, sem entender tudo aquilo.

Ela me olhou, parecendo incerta sobre responder ou não. Por fim, apenas assentiu, desviando o olhar de mim. Não sabia o que pensar, na verdade, não sabia o que falar. Claire era uma incógnita para mim, uma pessoa que era difícil de se abrir e que quanto mais se abria, mais feridas saíam de dentro dela. De repente, eu não estava mais com raiva dela e sim de quem fez aquilo com ela, de quem teve coragem de machucá-la.

— Quem foi? — Perguntei, minha voz saindo rouca por conta da raiva.

Quando Claire voltou a olhar para mim, seus olhos estavam arregalados e medrosos.

— Não importa...

— Quem foi, Claire? Foi algum cliente? Por que não denunciou o filho da puta?

— Eu já disse que não importa, Matt! — Ela disse, se afastando de mim e indo até a grade.

Tocou no primeiro chicote, parecendo curiosa, mas a ideia de tê-la ali já não era mais tão atrativa para mim. Decidido, toquei em sua mão e ela se virou, um tanto surpresa.

— Vamos embora. — Murmurei, começando a andar em direção a porta.

— O quê? Por que?

— Porque sim. — Respondi, mas ela parou de andar, me obrigando a parar também. Impaciente, olhei para ela. — O que foi?

— Eu não quero ir.

— Não?

Ela negou, balançando a cabeça de um lado para o outro. Seus olhos não refletiam mais medo, insegurança ou qualquer sentimento contraditório. Eles estavam quentes e sensuais, como sempre estiveram para mim.

— Eu confio em você, Matthew. E quero me domine hoje. — Ela disse, soltando minha mão e ajoelhando-se a minha frente. Pousou a mão sobre as coxas e abaixou um pouco a cabeça, deixando apenas seu olhar dentro do meu. — Por favor, senhor.

Senti meu pau endurecer rapidamente, observando-a ali, ajoelhada aos meus pés, totalmente submissa. Quando entrei naquele quarto eu era um homem enfurecido, disposto a mostrar ela uma parte minha que nenhuma mulher havia visto. Agora, eu era um homem louco pelo tesão e que ainda estava disposto a mostrar a ela uma parte minha que nenhuma mulher conhecia.

Uma parte onde eu me daria por inteiro, me entregaria sem reservas e a faria desmaiar de tanto gozar.

Me aproximei dela e me curvei, tocando seu queixo, fazendo-a olhar totalmente para mim.

— Eu prometo que não vai se arrepender, Claire. — Murmurei, olhando dentro de seus olhos, sentindo meu coração acelerado com todo o sentimento que, estranhamente, nos envolvia naquele quarto repleto de objetos de tortura. — Se você se sentir desconfortável com qualquer coisa, é só dizer a palavra "pare", entendeu?

— Sim. — Ela disse e sorriu de leve ao me ver arquear a sobrancelha, entendendo o que eu queria dizer silenciosamente. — Sim, senhor.

Assenti, satisfeito e me afastei:

— Fique de pé. — Ela prontamente me obedeceu, olhando para mim. — Fique nua para mim, Claire.

Lentamente, ela levou as mãos as costas e desabotoou o sutiã, deixando-o cair na frente do seu corpo. Seus seios e mamilos durinhos me deixou ainda mais louco de tesão, uma vontade absurda e colocá-los na boca, mas me controlei, observando-a desamarrar o pedaço de pano que ela chamava de saia. Sua calcinha também vermelha apareceu, um pequeno triângulo rendado que cobria sua boceta. Cego de excitação e ciúmes, me aproximei dela e rasguei a calcinha brutaemente, abrindo os grandes lábios e tocando seu clitóris durinho, começando a ficar molhado de excitação.

— Era com esse pedaço de pano que você estava sentada em cima daquele velho filho da puta, Claire? — Perguntei, circundando o nervo com o dedo médio, sentindo-o pulsar para mim. Claire gemeu e assentiu, colocando as mãos em meus ombros para se apoiar. — Mas é só para mim que você fica toda molhadinha desse jeito, não é? — Enfiei o dedo dentro da sua bocetinha quente e olhei em seus olhos excitados.

— Ah, sim... — Ela gemeu, abrindo mais as pernas. Parei de movimentar o dedo em seu interior, esperando-a completar a resposta de forma correta. — Sim, senhor! — Gritou, exasperada rebolando em meu dedo.

Deixei que se mexesse, deliciando-me com seu estado tão puro de excitação e entrega, observando o quão intensa ela era. Nossa conexão tinha ultrapassado o nível carnal, eu conhecia seu corpo como o meu próprio, sabia onde tocar para deixá-la doida e sabia exatamente o que fazer para tê-la só para mim, sob meu domínio.

Agarrei seu cabelo com a outra mão e fiz com que olhasse em meus olhos, enquanto voltava a estocar meu dedo dentro dela, sentindo-a pulsar ao meu redor, sugando meu dedo toda sedenta.

— Essa bocetinha é minha, ouviu, Claire? — Rugi, metendo furiosamente, ouvindo seus gemidos. — Eu não suporto a ideia de ter outro homem tocando seu corpo, desejando o que é meu. Fiquei louco quando vi aquele filho da puta tocando em você e não quero que isso aconteça mais. Ouviu?

— Sim...

— Sim o quê? — Perguntei, puxando seu cabelo próximo a nuca.

— Sim, senhor! — Respondeu, toda entregue, prestes a gozar.

Continuei a meter até sentir que estava no limite, sobre a corda bamba para gozar e parei, tirando meu dedo e largando-a abruptamente, em afastando. Claire cambaleou, tonta, mas ficou quieta, esperando minha próxima ordem:

— Tire minha roupa.

Sem pestanejar, ela começou a desabotoar minha camisa social branca, talvez só agora se dando conta de que eu tinha vindo direto do escritório. Desfez todos os botões e a tirou de dentro da calça.

Tirou cada uma das minhas abotoaduras e só então, passou a mão pelos meus ombros, despindo-me da camisa.

Ajoelhou-se aos meus pés e tirou meus sapatos sociais de couro italiano e as meias. Deixou tudo de lado e levou a mão ao cós da minha calça, desabotoando-a e tirando-a junto com a cueca. Sai de dentro da calça e toquei meu pau que estava mais do que duro, totalmente pronto para ela. Claire lambeu os lábios, me olhando, cheia de vontade de me chupar.

— Você teve a oportunidade de fazer isso hoje à tarde, mas me deixou prestes a gozar, Claire. Você acha que essa foi uma atitude de uma boa menina? — Perguntei, tocando-me lentamente de cima a baixo.

— Não, senhor.

— Então você não é uma boa menina, Claire?

— Não sou, senhor... — Ela lamentou, olhando para suas mãos entrelaçadas no colo, entrando totalmente na cena.

Putá merda! Senti meu pau tremer e começar a babar na ponta, ainda mais excitado com toda essa encenação. Respirei fundo e tentei encontrar meu controle, recuperando-me um pouco.

— E o que meninas como você merecem, depois de ter sido tão má?

— Um castigo, senhor.

— Olhe para mim. — Ordenei. Quando seus olhos azuis esverdeados encontraram os meus, vívidos, calmos e cheios de tesão, senti meu peito oscilar. Ela era perfeita, feita sob medida para mim. — Você quer ser castigada, Claire?

— Sim... Me castigue, senhor. Faça o que quiser. — Pediu, ansiosa, passando a língua sobre os lábios.

Parei de me tocar e me afastei, indo para trás dela, começando a mexer dentro da gaveta da grande cômoda.

— Fique de pé e não se vire. — Mandeí, virando-me apenas para me certificar de que ela tinha obedecido.

Ao ver que sim, comecei a separar algumas coisas que iria usar com ela. Próximo a cama, peguei uma pequena mesa com rodinhas embaixo e coloquei tudo ali em cima, arrastando a mesa para perto da grade de punição, pegando um objeto. Logo depois, fui até a grade de cordas e peguei uma, certificando-me de que Claire continuava de costas, sem olhar o que eu estava fazendo.

Voltei para perto dela e coloquei a mesa ao meu lado. Puxei-a para mim, encostando suas costas em meu peito, minha ereção na sua bunda, o líquido de pré-goço molhando sua pele. Ela conteve um suspiro e eu peguei uma venda preta, colocando-a sobre a palma da minha mão e levando-a para frente, para que ela pudesse ver.

— Vou vender você. Se sente confortável com isso? — Perguntei, cheirando seu ombro até chegar a curvatura do pescoço.

— Sim, senhor. — Ela respondeu em um suspiro, toda excitada.

Deixei a venda sobre a mesa e peguei a corda, o único objeto que a permitiria ver antes vendá-la. Coloquei a corda a sua frente e peguei sua mão, colocando-a sobre a minha para sentir a corda.

— Sinta. Não machuca e nem deixará marcas em você, certo? Nada do que usarei vai te machucar, entendeu, Claire? Tudo será para o nosso prazer.

— Sim, senhor.

Com tudo esclarecido, rocei de leve meu pau na bunda dela e beijei seu pescoço, colocando a corda sobre a mesa e pegando a venda novamente. Coloquei sobre seus olhos e ela suspirou quando ficou no escuro, seu corpo todo ficando alerta pela falta da visão.

— Estique os braços e fique assim até eu mandar abaixa-los. — Mandeí e ela obedeceu.

Fui para frente dela e arrastei a mesa comigo. Seus seios estavam ainda mais empinados e uma vontade absurda de chupa-los cegou a minha mente. Louco de desejo, fui até ela e suguei o mamilo durinho, ouvindo seu gemido alto ecoar por todo o quarto. Fui até o outro seio e o chupei com força, sentindo minha boca salivar com seu gosto. Ela gemeu mais alto e tocou meus cabelos com as mãos, o que me fez acordar do transe de repente. Rapidamente me afastei e ela tremeu de susto, sem saber o que fazer.

— Eu mandei você abaixar os braços? — Perguntei, rouco, parecendo maldoso, mas era o desejo pelo corpo dela que me deixava louco e não a punição, pela primeira vez em todos os seis anos que havia praticado o sadomasoquismo.

— Não, senhor. — Ela respondeu, parecendo assustada, sem perceber que era o tesão falando por mim.

— Então, levante-os e não me desobedeça mais, fui claro?

— Sim, senhor... Me desculpe. — Murmurou e ergueu os braços novamente.

Com um pouco mais de controle, peguei a corda grossa e passei pela sua nuca, unindo as pontas na frente do seu corpo. Fiz um nó rápido abaixo do pescoço, deixando espaço suficiente para que não a enforcasse e cruzei as cordas no meio dos seus seios, até atravessa-los abaixo de cada mama. Fui para trás do seu corpo, unindo as duas pontas ali atrás, dando um nó preciso no meio das suas costas. Voltei para frente e peguei o resto da corda, cruzando-a no meio de sua barriga até chegar ao osso púbico, onde dei outro nó.

— Abaixе os braços e cruze as mãos atrás das costas.

Ela obedeceu e eu fui para trás do seu corpo novamente, pegando o que restava da corda e amarrando suas mãos acima de sua bunda, dando um nó forte.

— Está machucando? — Perguntei, mesmo sabendo que não estava.

— Não, senhor.

Voltei a sua frente e a observei, vendo-a toda linda com a corda enfeitando seu corpo. Ela suspirou, cheia de desejo e ansiosa pelo meu próximo passo. Senti meu pau pulsar, exigindo atenção

e toquei os braços dela, levando-a para perto da cama.

— Apoie um joelho no colchão e depois o outro, ficando de joelhos. — Mandeí, ajudando-a a subir. Ficou ajoelhada na beirada da cama, e toque suas costas, fazendo-a se curvar. — Fique assim, com o rosto encostado na cama.

Voltei ao meio do quarto e peguei a mesa, arrastando-a para perto de mim. Peguei o vibrador mediano ali em cima e dei a volta na cama, subindo até ficar perto do rosto de Claire.

— Abra a boca. — Ordenei e ela obedeceu. Coloquei o vibrador na boca dela e o girei na sua língua. — Chupe.

Ansiosa, Claire sugou o vibrador, me deixando louco de tesão. Era como se ela estivesse com a boca no pau, os lábios cheios pelo vibrador que não chegava a metade da minha grossura, mas que ela chupava toda cheia de desejo. Observando-a, liguei o vibrador e ela gemeu quando começou a sentir a vibração na língua. Conhecendo seu corpo como ninguém, poderia jura que ela estava ainda mais excitada, a vibração tomando seu corpo, chegando ao seu clitóris.

Ela soltou mais um gemido e eu puxei o vibrador, saindo da cama rapidamente. Quando cheguei perto do seu corpo, vi sua bocetinha brilhando de tesão e enfiei o vibrador em sua abertura apertadinha. Claire gemeu alto, tentando se mexer em direção ao vibrador mais sendo impedida pelas amarras em seu corpo e a falta de apoio. Meti o vibrador algumas vezes e depois o puxei um pouco, deixando-o dentro dela, ligado, mas sem encostar seu ponto G.

— Por favor, Matt...

Ela parou na hora, sem conseguir completar meu nome, quando minha mão estalou em cheio em sua bunda.

— Por favor, o quê? — Perguntei, virando-me para a mesa e pegando um outro objeto de lá de cima.

— Senhor! — Ela gritou. — Por favor...

— O que você quer, Claire?

— Gozar... Eu preciso, por favor, senhor...

— Eu também precisava gozar, mas você me deixou de pau duro durante todo o maldito dia. — Murmurei, passando a ponta do chicote por toda as suas costas até chegar a sua bunda. — Já conversamos sobre isso. Você foi uma menina má e precisa de um castigo, Claire.

Ela tentou se remexer, a vibração em sua boceta a deixando em suspense entre o prazer, a dor e o orgasmo que batia na porta, mas não explodia.

— Esse é aquele chicote com nó nas pontas. Eu vou te bater com ele dez vezes e você vai contar comigo, entendeu?

— Sim, senhor. — Gemeu, ensandecida de ansiedade e excitação.

Olhei para sua bunda que estava levemente vermelha pelo meu tapa e senti o sangue ferver em minhas veias ao pensar naquela pele toda vermelhinha e quente para mim. Sem consegui me conter,

estalei o chicote em sua bunda, causando muito mais barulho do que dor. Claire soltou um gemido alto de prazer e choramingou quando o sangue começou a fluir mais rápido.

— Não estou ouvindo você contar, Claire.

— Um! — Gritou e a golpeei de novo, na nádega esquerda, sentindo-a oscilar e sua bocetinha brilhar cada vez mais. — Dois!

— Isso, baby... Conte.

Estalei de novo e de novo e ela gritou os números três e quatro rapidamente, sua pele ficando vermelha, me deixando louco de tesão, louco para meter nela e gozar até o dia seguinte, não parar mais.

Estalei o chicote mais embaixo, no interior de suas pernas ela tremeu, contando. Subi novamente para a bunda e a chicoteei mais duas vezes, antes de voltar para suas pernas e a chicotear de novo, uma vez em cada perna.

— Nove! — Ela gritou, quando o chicote estalou na perna esquerda.

Cego pelo tesão, subi o chicote e o passei no meio da sua bunda, desde o ânus até o clitóris. Mirei e atingi seu nervo na décima chicotada e Claire gemeu, gritou e se debateu, sem nem ao menos gritar o último número. Não liguei e puxei o vibrador rapidamente, substituindo-o pelo meu pau, metendo nela até o fundo. Sem conseguir se conter, Claire me apertou e eu continuei a bombear dentro dela, atingindo seu ponto G em uma massagem incessante. Meu nome escapou pela sua boca e Claire começou a gozar, pequenos jatos molhando nossas pernas e o lençol de seda da cama, parecendo que nunca iria parar.

Não consegui parar de meter, mesmo em meio aos seus apelos e continuei. Sentindo minhas bolas se encherem e encolherem, me fazendo gozar como nunca dentro dela, aquela bocetinha viciante que parecia uma fornalha, que me comia e sugava, que me fazia ser apenas dela.

Ainda estava sentindo os resquícios do orgasmo, quando comecei a desamar suas mãos. Quando se viu livre do nó, Claire colocou os braços para frente, e eu sai de dentro dela rapidamente, virando-a de frente para mim, deixando-a deitada na beirada da cama. Olhei sua bocetinha toda molhada, que colocava meu esperma e seu orgasmo para fora e não me contive, me abaixando para chupa-la e sugar tudo para mim.

Nosso gosto junto era incrível, viciante e ela gemeu, remexendo-se toda na cama, toda sensível depois de um orgasmo tão intenso. Meu pau, que não havia perdido a ereção completamente, vibrou de excitação e me levantei, indo beija-la. Claire agarrou meu pescoço e enfiou a língua na minha boca, toda sedenta e cheia de vontade de mim, esfregando a bocetinha molhada na cabeça do pau.

Sem nem precisar usar as mãos, entrei nela devagar, apreciando cada centímetro da sua boceta, sentindo-a toda sem camisinha nos separando. Era maravilhoso, indescritível e eu comecei a meter, minha língua dentro da boca dela, a corda ainda sobre sua barriga e meu pau comendo-a loucamente.

Engoli seus gemidos e ela engoliu os meus, abraçando minha cintura com suas pernas, movendo-se junto comigo. Comecei a rebolar lá dentro, riscando círculos perfeitos em sua boceta, meu púbis tocando seu clitóris e ela gritou meu nome, ensandecida de prazer, entregando-se em um orgasmo que

quebrou a nós dois e nos fez gozar ao mesmo tempo, livres de amarras, pensamentos, decisões ou qualquer outra coisa que pudesse nos separar.

Naquele momento, eu entendi perfeitamente o que estava acontecendo comigo. Uma loucura sem tamanho, que se revelou em minha mente e coração no meio de um dos orgasmos mais intensos da minha vida, em uma foda que foi muito além de qualquer uma que eu já havia tido.

Eu estava me apaixonando por Claire Benson e nem mesmo isso me fez me afastar ou romper aquele momento, em que éramos um só e ela me olhava maravilhada, praticamente espelhando meu sentimento.

A beijei, todo melado e embalado dentro dela, sentindo seu carinho e crendo que eu havia chegado a um ponto com Claire. Um ponto, onde não poderia mais voltar atrás.

Capítulo 12 - Claire

Observei os olhos atentos e carinhosos sobre mim, em meio aquele quarto enorme, encoberto por objetos de tortura, sentindo meu peito se apertar.

Quando entrei ali, pensei que ele iria me espancar. Meu medo foi tão real que sentia minhas pernas tremerem e até agora eu não sabia como havia tido forças para ficar de pé.

"Anos de prática, querida." Meu subconsciente gritou para mim, deixando-me envergonhada de quem eu era.

Aliás, quem eu era? Aquela pergunta sempre rondou minha mente e nunca havia encontrado uma resposta. Meus pais sempre deixaram claro que eu era fruto de uma gravidez indesejada, que por pouco não tinha sido abortada.

Cresci ouvindo que eu era uma putinha imprestável, que se arrependiam de ter me deixado nascer. E então, sempre acompanhada dessas palavras, vinha a violência. Tapas, socos, chutes... Uma infinidade de coisas.

Só que quando atingi a adolescência, eles começaram a me falar o porquê de eu sempre ser tratada daquele jeito. Por culpa da família Peterson, que havia os deixados na linha da amargura, com uma vida incerta.

E eu comecei a ter ódio. Ódio daquela tal família. Minha mãe me mostrava fotos deles, sempre sorridentes e felizes, os filhos lindos e bem cuidados e eu sempre com uma marca roxa pelo corpo, lágrimas nos olhos e uma alma corrompida.

Aprendi que deveria me aproximar e me vingar. E quando Matthew me arrastou para aquele quarto, eu realmente o odiei. Pensei que me maltrataria, que mostraria a sua verdadeira face, aquela personalidade cruel que meus pais sempre falaram que todos eles tinham, mas isso não aconteceu.

Ele foi dominador, mas gentil. Em nenhum momento me amedrontou, mostrou-me o que iria usar e que não iria me machucar e eu confiei nele, ao ponto de permitir que me vendasse e amarrasse, deixando que fizesse o que quisesse comigo.

E eu nunca confiei em ninguém.

Sempre tive em mim um instinto que me deixava sempre em alerta, onde eu conseguia prever cada reação das pessoas. Começou com meus pais, eu sabia sempre a hora em que iriam me violentar. Depois foi com os clientes, sempre estive alerta com eles, desde quando meus pais me obrigaram a me tornar uma prostituta.

Mas com Matthew era diferente e perceber isso fez com que meu coração doesse. Eu nunca amei e nunca fui amada, nunca gostei de ninguém, nem mesmo dos meus pais, pois eles sempre deixaram claro o ódio que sentiam de mim.

Quando aceitei participar daquela vingança, foi única e exclusivamente porque eu queria acabar com aquela família, da qual eu acreditava que era a culpada pelo ódio que meus pais sentiam de mim, mas agora, estando ali com Matthew, eu percebi que ele era diferente.

Ele não era um ser odioso, ele era amoroso, calmo, muito bom de cama e compreensível. A tarde que passamos juntos em meu apartamento só me provou que ele era um cara incrível, fácil de se conversar e conquistar.

Eu só não sabia que a conquistada ali, era eu. Me dei conta de que estava me esgueirando por um caminho sem volta, me apegando a Matthew e a seu jeito genuinamente carinhoso e um tanto possessivo.

Ele me emocionava com pequenos gestos, quando como me dava um beijo doce em meio ao sexo intenso, ou como agora, que acariciava meu rosto de leve, deitado ao meu lado sobre os lençóis de seda vermelho, depois de ter me dado a noite mais intensa e prazerosa da minha vida.

Todo aquele sentimento me assustou. Eu não estava acostumada com aquilo, com aquele carinho que ele me dava, com seu olhar intenso e, principalmente, com o modo como mexia comigo e me envolvia em sua teia sedutora.

— Você está muito calada. — Ele disse, quebrando o silêncio.

Continuei a observa-lo e a sentir seu carinho, pensando que poderia facilmente me acostumar com aquilo.

— Estou pensando...

— Em quê?

— Em como você tem invadido minha vida. — Murmurei, observando que ele não se alterou, pelo contrário, se aproximou ainda mais de mim, deitando a cabeça em meu travesseiro.

— Acho que foi você quem invadiu a minha. — Ele disse com um sorriso torto nos lábios, que foi morrendo aos poucos. — E o pior é que eu não quero que você vá embora.

Aquilo me assustou. Seu olhar sincero e sua confissão me pegaram de surpresa, me fazendo virar para ele e colocar a mão de leve sobre seu rosto.

— Matthew, se eu te pedir uma coisa, você promete que vai cumprir?

— Como assim? — Ele perguntou, sem entender.

Respirei fundo, me sentindo mais abalada e dividida do que já me senti um dia.

— Por favor, não se apaixone por mim.

Um silêncio sepulcral tomou conta de todo o quarto, enquanto nossos olhares continuavam fixos um no outro. Sua mão ainda estava sobre meu rosto e a minha sobre o rosto dele, gostando a sensação da sua pele em minha mão, me perguntando em que momento eu me deixei ficar tão envolvida por ele. Aquilo era errado, aquele não era o plano, sentimentos não poderiam existir.

— Por que? — Ele rompeu o silêncio com a voz grave, me olhando sério, sem o divertimento de

antes.

— Porque eu não sou mulher para você. — Falei, sabendo que aquela era a mais pura verdade.

Continuei a observa-lo, enquanto ele virava e me deitava de bruços sobre a cama. Seu olhar atento não deixou o meu, mas me surpreendeu ao se levantar rápido e se deitar por cima de mim, seu pau semiereto pressionando minhas costas.

— E se eu já estiver me apaixonando por você, Claire? — Ele sussurrou em meu ouvido, todo sensual, começando a morder de leve as minhas costas. — O que vai fazer?

— Matthew... — Murmurei, quase rendida a seu carinho, suas mordidas que viravam lambidas mornas, me fazendo ofegar.

— Conhecer você me fez perceber que tem certas coisas que não podemos controlar, Claire. — Ele disse, intercalando a frase com pequenos beijos. — Eu posso estar prestes a cometer uma loucura, mas essa noite me provou que estar com você é muito mais do que um desejo, é uma quase necessidade, tudo está acontecendo rápido demais e eu não consigo impedir... Não quero impedir.

Me retesei abaixo dele, me sentindo ainda mais alerta. Acho que não percebeu, pois continuou a me acariciar e passar a mão de leve pela lateral do meu corpo.

— Eu não suporto pensar na ideia de que outro homem a toque, que outro homem veja seu corpo ou veja seu sorriso. Nem consigo me imaginar longe de você, essa semana foi uma verdadeira loucura e cada hora que passava, eu me perguntava como você poderia estar ou o que estaria fazendo. Se estaria sentindo a mesma saudade que eu.

Sem que eu esperasse, Matthew se levantou rapidamente e me virou para frente, colocando-se em cima de mim, seus olhos dentro dos meus. Eles brilhavam em admiração. Uma admiração que eu não merecia, de jeito algum, que ele sentisse por mim.

A culpa me engolfou de forma arrasadora, sugando minhas forças, deixando-me momentaneamente sem ação. Senti meu coração pulsar forte, algo em mim se quebrando por estar mentindo para ele, por estar enganando-o tão descaradamente. Eu era realmente uma puta imprestável! Que tinha nascido para atrapalhar a vida de todo mundo, como minha mãe me dizia, *"tudo o que eu tocava ruía, se quebrava"*.

E eu não queria quebra-lo, seria demais para mim que eu o magoasse.

Com uma força que eu não sabia de onde tinha tirado, o empurrei e o fiz sair de cima de mim. Um pouco assustado, Matthew se afastou e eu me sentei, saindo da cama.

— Claire... O que houve? — Ele perguntou, observando que eu começava a me vestir rapidamente.

Ignorei a leve dor na minha bunda e amarrei a pequena saia na lateral do meu corpo, começando a colocar o sutiã logo depois. Precisava sair dali, precisava ir à casa da minha mãe e dizer que estava fora de tudo aquilo. Que não aguentava mais.

— Eu preciso ir. — Falei, abotoando meu sutiã nas costas.

Matthew se levantou, totalmente nu e parou a minha frente, com os olhos ligeiramente arregalados.

— Por que? Foi por causa do que eu disse? Por favor, Claire, eu quero conversar com você, eu... Porra! Você sabia que eu tinha que marcar uma reunião com a cerimonialista do meu casamento e larguei tudo para vir ficar com você, de novo? Sabia que eu não aguento mais tudo isso? Me sinto culpado por estar traindo minha noiva, mas estar ao seu lado me parece tão certo que... Eu estou, realmente, pensando em desistir de tudo.

Arregalei os olhos, assustada com o rumo que tudo aquilo estava levando. Não! Ele não poderia desistir de casar por minha causa, não mesmo. Aquilo era absurdo, em que momento eu perdi o controle? Como ele foi capaz de se apaixonar por mim? Uma mulher fria, que não tinha escrúpulos, que correu atrás dele mesmo sabendo que estava prestes a se casar? Não sabia quem era o mais louco naquela situação, ele ou eu.

Fingindo uma frieza que estava longe de sentir, me aproximei dele e toquei seu rosto de leve, sorrindo de lado, me sentindo realmente a pior das mulheres por estar sempre mentindo e enganando, magoando as pessoas.

— Não tenho culpa se você se apaixonou por mim, Matthew. Sinto muito, mas terá que arcar com isso. — Dei de ombros, me afastando. — Não desista da sua vida por minha causa, querido, siga em frente e finja que não me conheceu.

Comecei a me afastar, decidida a ir embora, mas ele puxou meu braço e me fez ficar olhando em meus olhos. Mantive o olhar, mesmo com medo de entregar que eu estava tão mexida quanto ele, mas sabendo que mascarar meus sentimentos não era algo tão difícil.

— Você só pode estar brincando. Não é possível que não sinta nada por mim, Claire! — Rugiu, ficando enfurecido. — Eu não acredito em você.

— Por que não acredita em mim?

— Porque se você realmente não sentisse nada por mim, não iria até o meu escritório, decidida a me ver e me ter de novo. E não diga que é apenas sexo, porque não é! Tudo ficou muito claro essa noite, a sua entrega, o modo como confiou em mim... Não iria fazer isso se eu fosse apenas mais um. Me recuso a acreditar que seja tão fria a esse ponto. — Falou, puxando-me mais para ele. — Me diga o porquê. É apenas isso que eu quero saber, o porquê de não querer ficar comigo.

— Eu não quero que você perca a sua vida por minha causa. — Murmurei, praticamente falando a verdade. — Olha o que eu sou, Matthew. Uma prostituta, sem nenhuma perspectiva de vida e você é um homem sério, rico e está noivo. Não fui feita para você e nem você para mim. Como você mesmo disse, tudo isso aconteceu rápido demais, não nos conhecemos nem há um mês e você já está dizendo que está se apaixonando... Isso não existe. — Menti.

Menti porque eu sabia que existia sim, até porque, eu também estava me apaixonando por ele. Mesmo sem conhecer aquele sentimento, eu sabia nomeá-lo muito bem.

— Se não existe, por que estremece toda vez que eu olho para você? Por que me olha toda desejosa? Não pense que não percebo, Claire. — Ele me largou, afastando-se. — Quer saber, isso não importa. O que sei é que vou me separar de Therese, não só por sua causa, mas porque ela não

merece uma traição assim. E não merece ter um marido pela metade.

— O que? Não seja maluco, Matthew! — Falei, olhando-o. — Não pode se separar por minha causa e...

— Eu posso fazer o que eu quiser. — Falou, começando a se vestir rapidamente. — Como você disse, sou um homem responsável e tenho muita consciência dos meus atos. Não sou um santo, eu errei muito ao trair Therese com você, ela não merecia, mas serei honesto e terminarei com ela assim que voltar de viagem.

Fiquei quieta, sem saber o que dizer. Ele terminou de se vestir e veio até a mim, tocando em meu queixo de leve.

— E então, eu poderei ter você da maneira que eu quiser, sempre que eu quiser, livre de amarras. E você não vai se negar para mim, Claire, não vai inventar desculpas.

Não se despediu. Apenas encostou os lábios nos meus em um beijo casto e saiu do quarto, me deixando sozinha, chocada e sem saber o que fazer.

— O quê? — Victoria gritou, ensandecida, andando de um lado para o outro.

Estava mais magra do que a última vez que a vi, seus cabelos, um dia longos e avermelhados, não existiam mais. O câncer de mama estava a devastando rapidamente e não consegui sentir nada a não ser pena.

Pena por ter sido uma mulher tão bonita e ao mesmo tempo sempre tão fria, distante, amarga e calculista. Totalmente cruel. E agora, estava colhendo como resultado uma doença que não tinha cura, que a comia por dentro, junto com sua sede de vingança, uma sede que até pouco tempo atrás, também era minha.

Ainda me perguntava o que havia mudado dentro de mim. Não era possível! Eu tive pouquíssimos encontros com Matthew, mas todos eles foram intensos e íntimos demais. Talvez fosse porque nunca recebi carinho e o encontrei ali, da maneira mais improvável, em seus braços. Mas ele sempre teve tudo. Amor, carinho, paixão, companheirismo e mesmo assim parecia tão arrebatado quanto eu.

Suspirei, empurrando aquela confusão para o fundo da mente e olhando para minha mãe, que ainda andava de um lado a outro e só parou para me olhar com a fúria de sempre.

— Você só pode está ficando louca! Sua merdinha, quem você está achando que é para pensar em desistir de tudo assim, sem mais nem menos? — Ela riu, sem humor, cega de raiva. — Eu não vou deixar, você entendeu? Eu estou morrendo! Sabe o que é isso? Morrendo! A única coisa que quero é ver aquela família pagar pelo o que me fez! Pelo que fez a todos nós, antes de morrer! Como pode ser tão ingrata?

— Eu não sou ingrata! Eu estou farta disso tudo, é sempre essa vingança, essa sede que todos

vocês têm de querer acabar com a família Peterson!

— Eles acabaram com a gente, Claire! — Ela se virou e me analisou, balançando a cabeça com desgosto. — Eu não acredito... Não posso acreditar...

— Em quê?

— Você. Está apaixonada por aquele filho da puta do Matthew Peterson! Realmente... Você só traz desgosto pra todos nós, uma fraca, idiota!

Abaixei os olhos, sabendo que não poderia mentir. Queria mentir, queria fugir e talvez morrer, cansada daquela vida, de tudo o que todos eles me fizeram passar durante todos aqueles anos e que ainda me faziam passar.

— Olha para mim! — Ela ordenou e eu obedeci, cansada demais para contraria-la. — Você vai continuar com o nosso plano, Claire. Está me ouvindo? Não precisávamos de você, estava tudo dando mais do que certo, mas não esperávamos um golpe tão forte como o que eles nos deram. Você é nosso plano B, nossa carta na manga e só sai desse jogo quando a gente quiser. — Me olhou, ácida.

E então suspirou, parecendo cansada. Quis me levantar para ajudar, talvez uma filha que amasse a mãe faria isso, mas eu não a amava mais. Amei quando era criança e não entendia o porquê de tanto desprezo, mas hoje... Hoje tudo era diferente.

— Saia daqui, vá embora, preciso descansar. Só volte quando tiver notícias decentes.

A olhei uma última vez, sentindo-me devastada por dentro, precisando desesperadamente de um carinho, de um afago, uma enorme vontade de chorar tomando conta do meu peito. Engoli o nó na garganta e me levantei, saindo daquele lugar, daquela casa só me trazia dor e más lembranças.

Entrei em meu carro e encostei a cabeça no volante, cansada. Me sentia sozinha, como sempre fui, mas agora que experimentara um sentimento diferente do ódio e da dor, aquilo se tornara ainda mais intenso. Estranhamente, as lágrimas desceram pelos meus olhos, não me importando de estar chorando como a fraca que eu sempre fui e percebendo que, se eu quisesse realmente carinho, teria que ir para os braços de Matthew.

O homem que até pouco tempo, era o inimigo. E que agora, havia se tornado a única pessoa que parecia ter um pouco de sentimento por mim e também a única pessoa que eu realmente gostava e começava a me apaixonar.

Capítulo 13 - Matthew

Assim que pisei em meu apartamento e me sentei no sofá, senti minha vida passar como um flash em minha cabeça. Para um homem como eu, que sempre quis ter o controle sobre tudo, sempre planejou cada passo que iria dar na vida, era difícil se ver em uma situação tão conturbada quanto aquela.

Ao sair da Pleasure House eu estava decidido. Era com Claire que eu queria ficar, mas agora, já não me sentia tão certo assim. Sempre tive em mente que se arriscar era bom, mas não ter nenhum tipo de certeza sobre o que queria, era burrice. Eu poderia me arriscar ao ficar com Claire, mas não tinha certeza se aquilo daria certo, ou se ao menos era o que ela queria.

Ela seria capaz de mudar de vida por minha causa? Deixar de ser uma prostituta para ficar apenas comigo? Ou jamais deixaria aquele mundo? Eram muitas perguntas e ficar sem resposta era algo que me deixava irritado.

Ao mesmo tempo, eu me lembrava de seu medo e sua entrega naquele quarto. Por um momento, eu pensei que ela iria correr para bem longe, mas, surpreendentemente, ela confiou em mim. Colocou o medo de lado e se entregou sem reservas. Todo aquele receio que ela tinha não saía da minha cabeça, não conseguia entender... Se ela já havia sido machucada, por que diabos continuava a viver daquele jeito?

Ela tinha um talento incrível, não tinha necessidade de continuar sendo uma acompanhante de luxo, por mais que fosse uma vida onde ela tenha conforto e ganhe dinheiro de uma forma mais fácil.

Cansado, soltei um grande suspiro e me encostei ao sofá, sentindo seu cheiro impregnado em minha pele e minhas roupas. Lembrei-me de Therese e de toda a nossa história. Como pude mudar tanto em tão pouco tempo? Há apenas algumas semanas eu tinha certeza de que amava minha noiva, de que era com ela que eu queria passar o resto da minha vida e ter filhos. Eu havia feito planos para criar uma vida saudável para gente, com todo o conforto que mereceríamos.

Agora eu não tinha mais certeza de nada. Ou melhor, eu apenas sabia que não podia mais ficar enganando Therese. Não era justo. Quando decidi que iria transar com Claire, eu tinha colocado na minha cabeça que seria apenas uma noite, mas tudo virou uma grande bola de neve, que só fazia crescer e crescer e me engolir junto. Therese nunca mereceu uma traição e não seria agora que iria merecer.

Não queria magoa-la. Ela sempre foi a minha maior companheira, com quem dividi todos os meus pensamentos e anseios, ela me entendia e amava, mas eu não me sentia mais assim. Eu não a amava mais. A única coisa que pesava contra essa decisão era o fato de eu estar praticamente trocando o certo pelo extremamente duvidoso.

Não era certo trocar Therese por Claire. Ao menos sabia se Claire ficaria apenas comigo, se largaria toda aquela vida para viver ao meu lado. E se ela não o fizesse? Eu perderia Therese e, de

quebra, ficaria que nem um idiota apaixonado, sem ela ao meu lado.

Dúvidas e mais dúvidas pairavam sobre a minha mente, que ficou ainda mais cansada. Decidi deixar toda aquela discussão interna para outro momento e tomei um banho, meu corpo pedindo cama depois de tantas emoções para um único dia. Quando me deitei, vi algumas ligações e mensagens de Therese, mas estava sem paciência para responde-las. Apenas ignorei e estava prestes a desligar o celular, quando o número de Chloe apareceu na tela.

Um grande sorriso se abriu em meu rosto, enquanto meu coração pulou de saudades ao atendê-la:

— Chloe!

— Matt! Meu Deus, até que enfim consegui falar com você. Estou morrendo de saudades, irmão.

— Ela choramingou, me fazendo rir.

— Eu sei que está, você não vive sem mim. — Falei, ouvindo sua risada do outro lado da linha.

— Me conta, como foi a lua de mel?

— Ah, Matt, foi perfeita. — Ela suspirou. — A Itália é tão linda, estou tão apaixonada! Não queria voltar, mas a saudade que senti de vocês foi grande.

— Fico feliz que tenha gostado, querida. Do jeito que Calton é apaixonado por você, não duvido nada que ele não a leve a Itália de novo.

— Eu disse a ele que quero voltar e ele disse que iremos assim que ele entrar de férias novamente no hospital. Você sabe, ele sendo o cirurgião chefe não pode se afastar por muito tempo e eu também fiquei morrendo de saudades das minhas crianças na escola de balé.

— E por falar em crianças... Quando vai me dar sobrinhos?

Pude ouvir sua risada do outro lado da linha.

— Você é muito apressado, eu mal acabei de me casar e você já quer sobrinhos. Vamos com calma, garotão. Você que tem que ter filhos logo, senão, vai ficar velho e nem vai conseguir brincar com eles. Falando nisso, como está Therese?

— Bem. — Murmurei, meu sorrindo morrendo aos poucos ao me lembrar dela e da culpa que me assolava. — Ela está em Paris e volta no domingo.

— Ah, que pena. Então ela nem vai poder ir à exposição da Lily, né?

— Exposição da Lily?

— Não acredito que você esqueceu, Matt! A exposição de quadros da Lily é amanhã, na Galeria de Artes em Chelsea. A tia Joanna e tia Kate já vieram para cá e tudo, estão hospedadas na casa do papai junto com a Lily.

— Nossa, eu tinha me esquecido totalmente... — Me levantei, procurando o convite dentro da gaveta, perto da minha agenda.

— Que milagre, você esquece de nada! — Ela disse, debochando de mim. — Leva algum amigo seu, já que a Therese não poderá ir. Você ganhou dois convites, não é?

— Sim. — Murmurei, vendo os dois convites individuais. De repente, sorri, sabendo exatamente quem eu iria levar. — Vou levar uma amiga minha, ela também faz quadros, creio que gostará de me acompanhar.

— Que bom, será maravilhoso! — Ela disse, animada como sempre. — Irmão, tenho que desligar. Nos vemos amanhã.

— Tudo bem, querida. Beijos.

Desligamos e voltei a me deitar com o mesmo sorriso idiota no rosto. Sair com Claire em um local tão público e ainda ao lado dos meus pais seria um desafio, mas um desafio que eu adoraria cumprir.

O dia passou rápido e atribulado. Sexta-feira normalmente é um dia de calma na empresa, mas aquela resolveu se encher de compromissos e reuniões que tomaram todo o meu tempo. Pela segunda vez naquela semana fui um dos primeiros a sair do escritório e, querendo ou não, era basicamente pelo mesmo motivo: Claire.

Assim que entrei em meu carro, peguei meu celular e disquei o número dela. No painel estava marcando sete horas da noite e apenas naquele momento eu tive um tempo para ligar para ela e convida-la a ir comigo. Eu simplesmente não aceitava um "não" como resposta.

— Matthew. — Ela saudou do outro lado, pude sentir o sorriso na sua voz.

— Claire... Está ocupada?

— Não, ainda. Por que?

— Porque quero convida-la para sair comigo.

— Sair com você? — Ela sorriu e eu sorri também, igual um idiota. — Para onde, posso saber?

— Não. É surpresa, mas posso adiantar que você amará.

— Ah, Matthew, eu adoraria ir. Mas eu tenho um encontro marcado com um cliente. Me desculpe.

Uma raiva, misturada a ciúmes e decepção, me assolaram. Apertei o celular com força na minha mão, minha mente fazendo questão de reproduzir imagens dela com outro homem, esfregando na minha cara a profissão dela.

— Pois desmarque. Você vai comigo, Claire. — Falei, convicto, demonstrando uma calma que estava longe de sentir.

— O quê? Matthew, eu não posso sair desmarcando com meus clientes só porque você quer. Onde já se viu isso? — Ela riu, debochada. — Me desculpe, mas não da. Fica para outro dia.

— Quanto ele pagou? — Perguntei, irritado com sua negação.

— O quê?

— Quanto esse cara pagou para comer você hoje à noite, Claire? Eu pago o dobro ou o triplo, dinheiro não é um problema para mim e não vai ser isso que vai me impedir de sair com você hoje.

— Eu não vou me fazer de ofendida porque seria muita cara de pau da minha parte. A questão aqui não é o dinheiro, Matthew e sim a credibilidade que tenho com cada cliente. Sei que você não vai entender, quase ninguém entende, mas em uma profissão como a minha, tudo se resume em base na confiança. Esse cliente confia em mim e solicitou meu serviço hoje à noite, para um evento de gala em uma empresa onde ele é sócio. Estou quase arrumada e ele pagou tudo, não posso desmarcar assim.

— Eu deposito na sua conta cada centavo que ele gastou com você. Claire, será que você não entende? Eu quero a sua companhia hoje à noite, pensei que eu fosse ao menos um pouco mais importante do que os seus outros clientes, principalmente depois da conversa que tivemos ontem!

— Uma conversa na qual eu disse que você deveria seguir com a sua vida e não deveria terminar com a sua noiva por minha causa. Matthew, essa é a minha vida, é o que eu faço, eu não posso mudar tudo isso só porque você quer me comer hoje à noite!

— Eu não quero só te comer hoje à noite, Claire! Porra! — Xinguei, raivoso, quase quebrando o celular de tanto que estava o apertando.

— E quer o que? Sair comigo para um jantar romântico e depois me comer? Me poupe!

— Eu quero te levar a um evento comigo, um lugar que eu sei que você gostará muito, porque diferente de todos os seus clientes, eu sei do que você gosta, eu me preocupo com você, quero te agradar e não ser agradado! Em nenhum momento eu quis que você largasse o seu compromisso por causa de um capricho meu, ou porque eu estou cego para te foder. Eu quero sim foder com você, mas será depois e não agora! Mas tudo bem, já que você não pode deixar o seu cliente para passar uma noite comigo, fazendo algo que eu tenho certeza que você vai gostar, espero que faça bom proveito do seu evento! — Falei, desligando o telefone sem esperar por sua resposta.

Com raiva, soquei o volante e coloquei o carro em movimento, cansado de tudo aquilo, de todos aqueles sentimentos controversos que sempre me atacavam quando eu falava com Claire. Comecei aquela ligação com todo o bom humor do mundo e terminei irado, com um ciúme fodido de uma mulher que eu nem podia chamar de minha.

Cheguei a meu apartamento com vontade de jogar tudo para o alto e beber até acalmar aquela fúria, mas não ia parar a minha vida porque Claire resolveu ficar com o cliente dela e não comigo. Iria ao evento de Lily, que era uma garota que considerava como minha irmã mais velha e iria esquecer de Claire.

Tomei um banho rápido e fui até o closet. Escolhi um terno preto, e deixei os dois primeiros botões da camisa social branca, abertos. Odiava gravatas, era algo que eu não suportava e nem na empresa usava, a não ser em ocasiões totalmente especiais, como no casamento da minha irmã onde além de ter usado gravata, ela ainda era rosa-bebê. Porra de rosa-bebê, ainda não tinha me recuperado de tanto rosa.

Estava quase terminando quando ouvi meu celular tocar em cima da cômoda. Quase ignorei, mas pensei que poderia ser minha mãe ou Therese, já que não consegui falar com nenhuma delas e estava em falta com as duas. Já estava preparado para "mãe" ou "querida", quando vi o nome de Claire brilhando na tela.

Quis me conter, mas meu coração deu um pulo de alegria e esperança. Meu subconsciente me chamou de idiota e eu engoli todos os sentimentos, atendendo em uma voz sóbria e sem emoção:

— Oi, Claire.

— Matthew, eu... Eu pensei e, bem... Eu vou ao evento com você, se ainda quiser, é claro. — Ela murmurou, parecendo sem graça pela primeira vez.

— E o seu cliente?

— Eu liguei para ele e disse que não estava me sentindo muito bem. Mandeí uma conhecida minha no meu lugar e vou devolver o dinheiro dele amanhã.

— E por que mudou de ideia, Claire? — Perguntei, curioso, enquanto espirrava um pouco de perfume em meu pescoço.

— Porque você é muito mais importante para mim do que qualquer um deles. — Ela murmurou, suspirando no final. — E porque eu estou morrendo de saudades de você, mesmo tendo te visto ontem e também porque eu quero, estou lutando, mas não consigo me manter longe, Matt. E por você se preocupar comigo, coisa que ninguém nunca fez.

Respirei fundo, esperando qualquer resposta, menos aquela. Claire poderia parecer forte e fatal com aquele sorriso sensual e olhar debochado, mas eu sabia que por dentro ela era muito mais frágil do que aparentava. Poderia esconder seus sentimentos de qualquer pessoa, mas ao meu lado, eu a sentia se desabrochando e iria lutar para que ela me mostrasse quem ela era de verdade.

— Matthew?

— Oi. — Murmurei, saindo dos meus pensamentos. — Também quero me manter longe e não consigo, Claire. Apesar de já ter desistido de lutar.

— Eu ainda não desisti...

— Mas deveria. — Murmurei, vendo que já eram oito da noite e chegaria atrasado no evento, se demorasse mais ao telefone. — Vou te buscar daqui a meia hora.

— Tudo bem, mas eu não sei o que vestir. Que tipo de evento é?

— Traje fino, mas não precisa ser de gala. Não se preocupe, sei que você tem bom gosto. Pelo menos para lingerie você sempre acerta. — Murmurei, sorrindo no final.

— Você é tão safado, Matthew Peterson. — Ela riu. — Não estou entendendo o porquê de tanto mistério.

— Só estou fazendo isso porque sei que vai amar a surpresa. — Falei, imaginando como ela ficaria em meio a todas as obras fascinantes de Lily. — Vou desligar para que possa se arrumar. Beijos.

— Beijos, Matt.

Desligamos e, daquela vez, eu sorri, imaginando a loucura que seria ter minha amante e meus pais no mesmo ambiente, mas tendo a sensação de que não poderia dar mais um passo sem que ela estivesse ao meu lado.

Capítulo 14 - Claire

Quando o porteiro interfonou avisando que Matthew estava me esperando lá embaixo, senti meu coração dar um pulo no peito. Primeiro de ansiedade, depois de um sentimento estranho que me fazia muito bem. Logo depois pela dúvida, de não saber se aquilo era o certo a se fazer.

Enquanto descia no elevador, comecei a pesar as consequências dos meus atos. Contar ou não contar a ele? Eu escondia tantas coisas, tantas discórdias, mas o meu maior sonho no momento era acabar com tudo aquilo. Com toda aquela vingança que corroía a minha família, com todos os segredos e mentiras.

Mas, e se Matthew nunca mais quisesse olhar na minha cara? Em tão pouco tempo ele havia se tornado a pessoa mais importante para mim. Ele me enxergava como nenhuma outra, se preocupava, estava se apaixonando por mim, uma mulher não tinha qualidade alguma, que não tinha nada a oferecer, a não ser mágoa e tristeza.

Durante todo o dia de hoje, enquanto era bem cuidada em um SPA de renome em Nova York, eu fiquei me perguntando o que faria se Matthew me expulsasse da vida dele. Eu queria me afastar, precisava me afastar dele, mas só o pensamento de nunca mais vê-lo fazia meu coração se despedaçar. Era um sentimento de tristeza tão grande que me sentia sufocada, muito maior do que tudo que já senti na vida.

Havia colocado na cabeça que tinha apenas me encantado por ele, porque nunca recebi carinho, nunca fui bem tratada, sempre me jogaram de um lado para outro, seja na parede com raiva, ou na cama de homens mais velhos que eu nunca tinha visto na vida. Mas, a quem eu estava querendo enganar?

Eu não estava encantada, eu estava apaixonada. Perdidamente apaixonada por Matthew Peterson, o homem que até ontem era meu maior inimigo, e agora era o cara que me fazia pensar em um futuro diferente para mim. Eu me apaixonei porque ele era um homem diferente, existia uma magia dentro dele que me deixava fascinada, fazia com que eu me sentisse diferente e importante, coisa que nunca me senti.

Ele estava mudando tudo dentro de mim. Estava fazendo com que uma Claire cheia de esperanças, aquela que eu enterrei quando aconteceu o dia mais triste da minha vida, renascesse das cinzas depois de anos abafada no esquecimento.

O barulho do elevador me despertou e eu sai, dando tchau ao porteiro e encontrando Matthew em frente ao meu prédio, parado em seu carro prata luxuoso. Ele sorriu para mim e o mundo de dúvidas que me cobria ficou para trás, passando do cinza para o multicolorido em questão de milésimos.

— Claire... Você está linda. — Ele disse, me olhando de cima a baixo, me fazendo rir.

Talvez aquela tenha sido a primeira vez que ele me via vestida comportadamente, usando um

vestido tomara que caia na cor creme, que ia até a altura dos joelhos.

— Linda e comportada. — Falei, divertida e ele sorriu. — Você também está lindo, Matthew.

— Qualquer coisa que eu vista me deixa lindo, cara senhorita Benson. — Murmurou, sorrindo de lado ao se aproximar e beijar minha mão.

— A modéstia te mandou um beijo, caro senhor Peterson.

— Eu prefiro beijar você.

Mordi o lábio, tentada demais a puxá-lo para mim e beijar sua boca, mas achei perigoso e apenas apontei para o carro com a sobrancelha, sorrindo de leve.

— Talvez eu te dê um beijo quando entrarmos no seu carro...

Ele rapidamente se afastou e abriu a porta do carro:

— Então, por favor, acomode-se.

Sem consegui parar de sorrir, entrei em seu carro e o observei dar a volta para se acomodar do lado do motorista. Percebi que seu carro era todo em vidro fumê e constatar aquilo me deixou excitada e aliviada. Poderia beijá-lo mil vezes, sem problema algum.

Assim que fechou a porta do carro, ele se virou para mim e me pegou pela nuca, beijando-me. Suspirei audivelmente na sua boca quando sua língua sedosa tocou a minha, sem me preocupar se eu estava sendo uma idiota apaixonada, sem me preocupar com minhas dúvidas, apenas curtindo aquele momento, o beijo carinhoso que Matthew me dava, como se fizesse anos que não nos víamos.

— Estava louco de saudades... — Ele murmurou entre meus lábios, começando a acariciar meu rosto.

Sorri de leve e acariciei seu pescoço, abrindo meus olhos para encontrar os dele que estavam como os meus, dopados de paixão.

— Eu também estava. Você está mexendo demais comigo, Matthew.

— Eu posso dizer o mesmo sobre você. — Falou, sorrindo. — E o pior é que eu não me importo mais com isso. Quero apenas aproveitar cada segundo ao seu lado.

Meu coração deu um salto e eu pensei que iria sair voando pelo meu peito a qualquer momento. Lutei contra a emoção que queria me pegar e o beijei de novo, sentindo meu mundo repleto de amor e admiração pelo homem ao meu lado, coisa nunca julguei ser possível.

Quando sentimos que a saudade se abrandou, ele se afastou e começou a colocar o carro em movimento e nem sob tortura me falou para onde iríamos. Estava curiosa, mas curti a viagem ao lado dele, enquanto conversávamos sobre bobagens. Nunca falei tanto em toda a minha vida, em geral eu era quieta e gostava mais de observar. Na verdade, eu sempre tive medo de falar demais e todas as minhas palavras serem usadas contra mim, porque, quando morava com meus pais, qualquer suspiro que eu desse era motivo para que eles descontassem a raiva e a frustração em cima de mim.

Expulsei aquelas lembranças e vi quando ele parou o carro em frente um lugar movimentado e

iluminado. Primeiro eu pensei que era uma boate, mas quando li o nome no letreiro luminoso, senti meu coração começar a bater rapidamente. Era a Galeria de Artes em Chelsea, uma galeria de renome em Nova York e um lugar que sempre quis ir, mas nunca tive oportunidade. Quando me virei para Matthew, ele sorria para mim, como se soubesse exatamente o que eu estava pensando.

— Matthew...

— Não diga nada ainda. Vamos entrar e eu te explico tudo. — Falou, passando o polegar sobre minha bochecha. — Adoro ver esse brilho nos seus olhos, deveria aparecer mais.

— É felicidade. — Murmurei, apenas, pegando sua mão para mim e beijando sua palma. — Obrigada.

Com um sorriso, ele puxou meu rosto para o dele e me beijou lentamente, quase como uma carícia e eu me deixei levar, aproveitando cada segundo do seu lado.

— Então eu vou fazer qualquer coisa para te deixar feliz, Claire. — Ele disse, olhando fixamente para mim. — Eu posso ver nos seus olhos o quanto você é triste, posso ver que sempre tem algo te incomodando e te deixando pra baixo. Me deixa mudar isso, por favor.

Senti meus olhos se encherem de lágrimas, uma emoção tão grande tomando conta de mim que foi impossível ficar imparcial ou fingir. Deus, se ele fosse menos perfeito, talvez eu conseguisse seguir em frente. Mas como magoaria um homem como aquele? Não conseguia entender como ele estava sendo enganado por todos os lados, sendo tão bom daquele jeito e aquilo fez meu coração doer.

— Hei, não chora. — Murmurou, secando uma lágrima que caiu sem que eu pudesse impedir. — Não quero que fique triste, Claire.

— Não estou triste, estou emocionada. — Falei, passando a mão de leve pelos seus cabelos. — Você é a primeira pessoa que se importa comigo, Matt. Ninguém nunca ligou para mim, mas você... Você é diferente.

— Eu enxergo quem você é de verdade.

— E quem eu sou de verdade?

— Uma mulher que sofreu muito, que tem medo e que ainda é uma menina assustada. Eu vejo sua fragilidade acima de tudo, Claire. E quero muito mudar isso, quero muito te ver feliz. Eu ainda não sei o que te deixa tão triste, mas prometo que vou fazer de tudo para que você esqueça toda essa tristeza.

— Ah, Matthew... — Suspirei, sentindo mais algumas lágrimas descerem. Como ele podia me entender tanto? — Você é um homem tão bom, muito obrigada.

— Não precisa agradecer. — Ele disse e começou a sorrir, limpando minhas lágrimas de novo. — Agora para de chorar, porque eu quero te ver alegre nessa noite.

Empurrei a emoção para o lado e respirei fundo quando ele saiu do carro, dando a volta para abrir a minha porta. Sai e peguei na sua mão, vendo-o dar a chave para o manobrista que ficou todo bobo ao ver o carro que iria dirigir. Quase revirei os olhos, pensando que homem ficava todo alegre por qualquer brinquedinho caro.

Passamos pelo hall logo depois de Matthew ter entregue os dois convites individuais e um fotógrafo nos parou para tirar uma foto, tendo um belo quadro ao fundo, que deveria ser do artista que estava expondo. Quase cheguei para o lado, mas Matthew segurou firme em minha cintura e me manteve ali, não pude fazer outra coisa a não ser sorrir junto com ele.

— Matthew... Sua noiva sabe que você trouxe outra pessoa para exposição? — Perguntei, assim que passamos pelo fotógrafo.

— Não. Mas para todos os efeitos, somos amigos. — Falou, tirando a mão da minha cintura, mas ainda ficando ao meu lado. — É com você que eu quero estar aqui e não com ela. Por isso vou terminar tudo, Claire. Quero andar com você de mãos dadas e te beijar na frente de todo mundo, mas ainda não posso. Grave isso, eu *ainda* não posso, mas logo poderei.

Quis conter um sorriso, mas foi inútil e logo ele sorria para mim também. Olhei ao redor, observando todos os quadros belíssimos, rostos coloridos eram o que predominavam, e percebi que, se um dia eu expusesse meus quadros, as pinturas tristes eram o que iria predominar.

Coloquei a tristeza de lado mais uma vez e senti a mão de Matthew nas minhas costas, me conduzindo pela grande galeria.

— Essa exposição é de Lily, filha das minhas madrinhas Joanna e Kate... — Ele me olhou e sorriu. — Sim, elas são lésbicas. Você não se importa, não é?

— Não. — Falei, sorrindo de leve para ele.

Mal sabia ele que eu sabia muito bem quem elas eram, até porque, para minha mãe e meu pai eu tinha de gravar muito bem quem era a família Peterson e todas as pessoas que os rondavam. Mas saber que a filha delas era uma pintora me deixou surpresa.

— Então, ela é como uma irmã mais velha para mim, muito especial. Os quadros são lindos, não é?

— Sim. Ela tem um talento magnífico.

— Assim como você. — Ele disse e eu sorri de leve, mas fiquei rígida rapidamente, ao perceber para onde estávamos indo. — O que foi?

— Nada. — Murmurei, forçando um sorriso.

Logo mais à frente eu consegui ver Michael, Emma, Chloe e o marido dela, Calton. Joanna e Kate estavam ali também e todos conversavam animadamente. Nos aproximamos e Emma sorriu toda alegre para o filho, assim como Chloe. Joanna e Kate também ficaram felizes e Michael deu um sorriso sacana, olhando de Matthew para mim rapidamente, como se soubesse o que nós dois éramos. Não sabia o que pensar daquela reação, mas fiquei atenta, observando a todos discretamente.

— Filho, pensei que não viria mais! — Emma disse, indo até ele para abraçá-lo e lhe dar um beijo. Cheguei um pouco para o lado para dar privacidade a eles, mas logo ela o soltou e se virou para mim, seu sorriso não diminuiu nem por um centímetro. — Essa é a amiga que sua irmã disse que viria com você?

— Sim, mãe. — Matthew disse, colocando a mão nas minhas costas. — Essa é Claire Benson,

uma grande amiga minha.

Emma se aproximou de mim e me deu um abraço de leve, beijando meu rosto dos dois lados. Era para eu ter me sentido estranha, abraços não era muito o meu forte e eu sempre os vi como inimigos, mas, estranhamente, me senti acolhida. Percebi que todos naquela família causavam reações em mim que eu sempre julguei impossível.

— É um prazer, querida. — Ela disse.

— O prazer é meu, senhora Peterson.

— Nada disse, nada de senhora. Me sinto uma velha!

— Você nunca será uma velha, baby. — Michael disse, puxando-a pela cintura possessivamente.

— Sempre será a minha garota.

— Ah meu Deus, que melação! — Chloe disse, revirando os olhos e se aproximando de mim. — Oi, meu nome é Chloe.

Assim como a mãe, ela se aproximou e me deu dois beijos no rosto, sorrindo. Era impressionante como ela era a cópia da mãe, com os cabelos negros e os olhos azuis e Matthew era idêntico ao pai, moreno claro com os olhos negros intensos.

— É um prazer, Chloe.

Ela sorriu para mim e foi abraçar o irmão, o amor entre os dois era palpável e quase invejei, lembrando da minha relação em casa.

— Amiga do Matthew, não é? — Michael disse, se aproximando de mim junto com Emma, que parecia alheia à provocação do marido. Sorrindo, ele esticou a mão para mim. — Michael Peterson.

— Claire Benson. — Me apresentei, apertando a mão dele.

— Benson? — Ele perguntou e franziu o cenho. Engoli em seco, sem tirar meu olhar dele, mas então ele balançou a cabeça e riu. — Não, aquele cara de virgem jamais faria uma filha tão bonita.

— Michael! — Emma o repreendeu, mas logo sorriu. — Pelo amor de Deus, vai constranger a menina. Não ligue para ele, Claire. Michael é louco.

— Louco não, baby. Veja bem, ela tinha um ex-noivo que tinha o mesmo sobrenome que o seu. Apenas me lembrei, mas ele era insosso demais, não ia fazer uma filha tão bonita quanto você. E, baby, não fique com ciúmes, por favor. — Ele disse, sorrindo e piscando para ela.

— Não estou com ciúmes, você tem razão, Claire é muito bonita. E existem muitas pessoas com o mesmo sobrenome por aí e Benson é um sobrenome muito comum, não é, Claire? — Ela perguntou, sorrindo para mim.

— Isso é verdade. — Murmurei, sorrindo, sem saber o que falar.

Me sentia nervosa, como se estivesse na corda bamba e qualquer passo em falso eu poderia cair e não teria chances para voltar. Ao mesmo tempo, me encantava com a forma deles serem simpáticos e acolhedores, coisa que jamais pensei. Na minha cabeça, eles eram frios e calculistas, fechados. Mas

era o contrário.

Fui apresentada Joanna e Kate que também foram bem simpáticas e logo a anfitriã apareceu. Lily era uma mulher bonita. Com seus trinta e quatro anos, era casada com um pintor e estava grávida de seis meses. Pude ver como ela e Michael eram próximos, quase como pai e filha.

— E você, Claire. Trabalha com o que? — Emma perguntou.

Olhei nervosamente para Matthew que sorriu para mim, como se já tivesse cada desculpa dentro da mente.

— Ela pinta também, mãe. Os quadros dela são belíssimos.

— Que maravilha! E pensa em expor também?

— É um sonho... Quem sabe um dia, não é? — Respondi, sendo sincera.

Depois de muita conversa, na qual participei, mas ainda me sentia estranha, Matthew e eu fomos andar pela galeria. Os quadros eram muito bonitos e não pude deixar de imaginar se fosse a minha exposição. Seria um dos dias mais felizes da minha vida, com toda a certeza.

Bebemos e comemos alguns dos canapés servidos e voltamos a nos aproximar da família dele. Estava quieta, prestando atenção na conversa deles, quando senti uma mão pousada no meu ombro.

— Hei, me fala mais sobre você. — Chloe disse, bebendo um gole de vinho.

Olhei para ela e vi um sorriso nascendo em seu rosto, tão simpática quanto todos ali. Pelo visto, a simpatia era a marca maior da família Peterson e eu estava cada vez mais surpreendida.

— Ah, eu não tenho muito o que falar... — Murmurei, sem graça, mas ela continuou me olhando.

— Bem, eu tenho vinte e sete anos, me arrisco como pintora e desenhista. E você?

— Eu sou bailarina! Tenho uma escola de balé para crianças, jovens e adultos, mas sou professora da ala infantil. Amo minhas crianças. — Ela disse, apaixonada. — Me casei há pouco tempo. Poxa, se eu já te conhecesse, te convidaria. Foi tudo tão lindo!

— Eu imagino que tenha sido sim, é um dia muito importante, não é?

— Nem me fale, sem contar que eu sou apaixonada pelo meu marido, o Calton. — Ela olhou para ele, que conversava com Michael e Matthew e suspirou. — Ele é lindo, não é?

— Sim. — Murmurei, voltando a olhar para ela. — E pelo visto ele te faz muito feliz.

— Você não imagina o quanto! E você, tem namorado?

— Não.

— Hm, mas pelo visto está apaixonada! — Ela falou e eu não pude deixar de sorrir com sua espontaneidade. — Está sim, ele é bonito? Como ele é?

Ele é lindo, gentil, amoroso, perfeito... E é seu irmão.

— Ele é maravilhoso. Um cara incrível, que me surpreende mais a cada dia. Às vezes eu acho que estou maluca, porque a cada vez que penso nele, me sinto ainda mais apaixonada. — Falei, sendo

sincera e me espantando com a facilidade com a qual eu me abria com ela.

— É mesmo? Nossa, esse cara deve ser incrível. — Matthew disse, parando ao meu lado.

Pela primeira vez na vida eu me senti envergonhada ao ponto de ficar vermelha. Minha face estava quente e desviei meus olhos do seu sorriso, bebendo um grande gole de vinho.

— Ah, Matthew, não estraga! Deixou a Claire sem graça. — Chloe disse e pegou em minha mão, olhando-me. — Não liga, Claire, homem é muito sem noção às vezes!

— Sem noção? Olha que eu sou o seu irmão mais velho, posso te colocar de castigo, garota! — Matthew disse, rindo.

— Nossa, estou morrendo de medo. Você é muito bravo, Matt.

— Você não imagina o quanto. — Ele disse, voltando seu olhar intenso para mim.

Soube na hora no que ele estava pensando. Minha memória me levou a noite de ontem, onde vi o quão maravilhoso ele poderia ser sendo dominador. Foi tão intenso que quase senti o choque do chicote contra a minha pele, me arrepiando.

— Matthew! — Ouvi uma voz masculina e sai do transe, vendo Paul parar ao lado de Matthew. Eles apertaram as mãos e se abraçaram, mas o cenho de Paul ficou franzido ao olhar para mim. — Claire? O que faz aqui?

— Ela veio comigo. — Matthew disse, parando ao meu lado. Pude sentir sua tensão, mas o olhar que ele deu a Paul deixou claro que era para ele manter a boca fechada.

— Ah sim, claro. Como vai?

— Bem e você? — Murmurei, rígida e Matthew tocou as minhas costas, como se soubesse o motivo da minha tensão.

Mas ele não sabia.

— Ótimo. — Ele se virou pra Chloe e sorriu, todo galante. — E você, Chloe? Continua linda.

— E você continua um galanteador sem noção. — Ela riu e revirou os olhos, divertida. — Claire, adorei conhecer você, temos que marcar para nos ver mais. Agora eu vou ficar ao lado do meu marido, eu fico com saudades muito rápido.

— Eu acho que você quer esfregar na minha cara que é casada, benzinho. — Paul disse, divertido.

— Mas eu sou, Paul. — Ela riu e me deu dois beijos no rosto. — Depois nos falamos mais, Claire.

Ela se afastou e Paul me olhou fixamente e depois olhou pra Matthew. O clima ficou estranho, bem diferente da harmonia que estava antes dele chegar. De repente, eu estava me sentindo sufocada demais, louca para sair dali.

— Eu vou ao banheiro e já volto. — Murmurei, deixando minha taça com Matthew e escapando para o corredor do toalete.

Por sorte, o banheiro estava vazio. Me encarei no espelho, me sentindo confusa e enjoada. Por um momento, quis ser uma outra pessoa, não ter todo aquele peso nas minhas costas, quis aproveitar o momento e ser realmente querida por aquela família, e não ter os sentimentos confusos, de não saber no que realmente acreditar e confiar. Havia adorado Chloe, Michael e Emma. Haviam me tratado muito bem e eu sempre tive sentimentos negativos quanto a todos eles.

E agora, o que eu iria fazer? Sabia que não podia mais ficar naquela vingança, mas como ia me sentir bem em meio àquela família que sempre odiei? Não conseguia ser falsa o bastante para não me importar.

Cansada, fui ao banheiro e lavei as mãos e quando sai quase gritei ao ver a figura de Paul encostada do lado de fora. Ele me encarou e sorriu para mim, maldoso como sempre.

— Ora, ora, Claire... Foi realmente uma surpresa te encontrar aqui. — Ele disse, se desencostando e chegando perto de mim. — Você é uma putinha muito esperta, sabia?

Olhei para os lados, com medo de que Matthew ou alguém da família dele aparecesse, mas Paul continuou tranquilo e falando:

— Não era esse o nosso combinado. Pelo o que eu saiba, não fazia parte do plano se aproximar da família de Matthew. Era para você ficar escondida, sua vadiazinha e não ficar se mostrando para todo mundo ver. O que você quer? Ganhar a confiança de todo mundo e se fingir de boazinha? Eu soube que você quis deixar o plano, está mesmo apaixonada por aquele imbecil?

— Isso não é da sua conta! — Falei, querendo passar, mas ele se colocou na minha frente. — Me dá licença?

— É da minha conta sim! É da conta de todos nós que estamos envolvidos. O que você acha? Que pode sair do plano assim, sem mais nem menos, só porque ficou encantada por aquele idiota? Não é assim que banda toca, Claire. Você está enrolada nesse plano até o pescoço, não pode sair imune. Lembre-se que não é só você ou eu que está nesse plano e está ao lado de Matthew. Existe mais pessoas e podemos acabar com ele a qualquer momento, apesar dele nos valer mais vivo do que morto.

— O que? Você não pode estar falando sério! Se você encostar um dedo no Matthew, eu...

— Vai fazer o que? Me matar? — Ele riu, jogando a cabeça para trás. — Nesse jogo nós sabemos quem realmente é o mais perigoso, Claire. E não é você. Se você sair desse plano, eu acabo com a raça daquele filho da puta, está me ouvindo?

Senti meu coração retumbar forte no peito, o desespero me cercando por todos os lados.

— Você não pode... Esse nunca foi o combinado e...

— Eu posso fazer o que eu quiser. Tenho certeza que seu pai vai amar saber que a putinha da filha dele está se apaixonando pelo inimigo. — Ele riu. — Sua mãe escondeu isso dele, mas eu posso abrir a boca a qualquer momento. Frederick adorará saber como a filha dele é fraca e idiota. Mantenha isso em mente.

Ele disse e saiu, me deixando sozinha naquele corredor imenso e silencioso, fazendo sua voz se

multiplicar na minha mente.

Respirei fundo e me encostei a parede, sentindo meu mundo se afundar cada vez mais. Como uma pessoa podia passar da felicidade extrema para o desespero em tão pouco tempo? Engoli em seco e me recuperei saindo dali com o coração ainda pesado.

Encontrei com Matthew no meio do caminho e ele sorriu para mim, fazendo meu mundo colorido mais uma vez, mas sem conseguir tirar o peso das minhas costas.

— Hei... O que houve? — Ele perguntou, tocando meu rosto de leve.

— Nada. — Murmurei, querendo sentir seu abraço, mas me segurando para não o agarrar — Eu só queria ficar sozinha com você.

— Eu também quero ficar sozinho com você. Vamos embora?

Assenti e ele segurou minha mão. Nos despedimos da família dele e me senti enojada vendo a forma amistosa como Paul o tratava. Ele era um falso e me vi agradecendo a Deus por Matthew ter mais três amigos, que eram verdadeiros com ele. Chloe me fez prometer que iríamos sair juntas e Emma disse que iria conosco, o que me fez ver que sim, eles não eram nada do que meus pais sempre me disseram.

Quando saímos da galeria, respirei fundo e me concentrei em Matthew, tão lindo ao meu lado. Que Deus me perdoasse por ter participado daquela vingança e o protegesse ainda mais porque eu estava tão, mais tão apaixonada que sairia daquele plano custe o que custasse.

Nem que tivesse que morrer no lugar dele.

Capítulo 15 - Matthew

Era incrível como aquela noite tinha sido maravilhosa. Estranhamente maravilhosa. Ter Claire ali, ao lado da minha família me pareceu tão certo, que, mais uma vez, me vi pensando em como seria um futuro ao lado dela.

E o pensamento me fez sorrir.

Sabia que corria um risco ao levava ali. Obviamente, meu pai percebeu na hora quem ela era e suas piadinhas entre uma frase e outra me deixou apreensivo e tudo ficou ainda pior quando Paul apareceu de surpresa. Havia me esquecido totalmente que ele e Lily se davam bem e que ela tinha mandado um convite a ele. Sua cara de espanto quase estragou tudo e, por sorte, Chloe não havia percebido.

Anotei mentalmente que deveria chama-lo para esclarecer tudo aquilo, afinal, ele era meu melhor amigo e era uma das pessoas que eu mais confiava. Sabia que poderia contar com ele e que me apoiaria em qualquer decisão que eu tomasse.

Com isso programado, voltei meu olhar para Claire. Ela era tão linda, tão malditamente perfeita, que eu não conseguia entender como ninguém percebia meu olhar de cachorro babão para cima dela. Estava tão claro como água que eu estava apaixonado e que não era por minha noiva e sim pela mulher que esteve ao meu lado durante toda aquela noite, que me deixou louco por não poder tocá-la da forma como eu queria, por não poder beijá-la e mostrar a todos os homens que a olhavam, que ela era minha.

Mas Claire parecia estar alheia a tudo aquilo. Percebi que aquela deveria ter sido a primeira noite que ela saía sem ser em um encontro pago, onde tinha que ser a dama perfeita. Ela estava tímida, mas havia se soltado e uma felicidade enorme tomou conta do meu coração quando a vi conversando animadamente com minha irmã. Isso me deu esperanças para o futuro, quem sabe se elas fossem amigas, todos poderiam aceitá-la mais rápido.

Balancei a cabeça, sorrindo de leve com o pensamento e tirei meus olhos da direção de novo. Claire estava com o olhar perdido da estrada, mais calada do que o normal, séria como nunca havia visto antes.

— O que você tem? — Perguntei, tocando em sua coxa de leve. — Está séria desde que voltou do banheiro... Aconteceu alguma coisa?

Ela me olhou e mordeu o lábio, como se estivesse lutando para me falar alguma coisa. Voltei meu olhar para estrada e parei em um sinal vermelho, olhando de novo para ela.

— Você e Paul são muito amigos, não é?

Franzi o cenho, sem entender a pergunta, muito menos onde ela queria chegar com aquilo.

— Sim, por quê?

— Você confia nele?

— Nós somos amigos de infância, praticamente, Claire. Nos conhecemos no Ensino Médio. É óbvio que confio nele. — Falei, voltando a colocar o carro em movimento. — Onde quer chegar?

— Eu só acho que deveria prestar mais atenção nele. Eu não... Não consigo confiar nele.

— Acho que você não o conhece o bastante para julga-lo assim. — Murmurei, dando um olhar rápido para ela. — Ou conhece?

Ela desviou o olhar e ficou em silêncio. Quase pude entender tudo, imagens dela e de Paul na mesma cama, transando, invadiram minha mente, me fazendo apertar o volante com força.

— Ele já foi seu cliente? — Perguntei, amargurado, querendo saber da sua boca.

— O quê? Não! — Ela respondeu, surpresa, fazendo uma cara enjoada. — Nunca!

Olhei para ela, quase me esquecendo que estava no controle de um carro, querendo saber se estava mesmo falando a verdade. Mas sua expressão desgostosa ao falar de Paul me mostrou que ela não poderia estar mentindo.

— Por que não confia nele? — Perguntei, chegando ao bairro onde morávamos.

— Eu não... Não sei, Matthew, apenas não gosto dele. Ele tem um semblante falso.

— Como eu disse, Claire, você não o conhece realmente. Paul é um cara muito animado, muitas vezes fala o que quer sem pensar nas consequências. Eu confio muito no meu amigo, ele nunca me deu razão para fazer o contrário.

— Eu já acho que ele pensa muito antes de falar...

— Tudo bem, Claire! Vamos lá. — Falei, parando com o carro em frente ao seu prédio, voltando meu olhar para ela. — Me diga o que você sabe sobre Paul, para desconfiar tanto assim dele.

— E por que eu saberia algo sobre ele? — Ela perguntou, apertando as mãos sobre o colo.

Parecia nervosa e aquilo me pegou de surpresa. Nunca vi Claire nervosa. Sempre parecia tão segura de si e de seus ideais... Aquilo me deixou ainda mais confuso.

— Essa é a única explicação para uma desconfiança tão repentina, Claire. — Murmurei, soltando meu cinto de segurança e me aproximando dela. Peguei seu rosto em minhas mãos e ela estremeceu, seus olhos se enchendo de lágrimas. — Claire... Você está me assustando. O que está acontecendo?

— Eu estou tão apaixonada por você, Matthew. — Ela murmurou, colocando a mão por cima das minhas. — Isso não era para acontecer, mas eu não pude evitar.

Suas lágrimas molharam os meus dedos, mas não me importei. Ela falava tudo aquilo com tanto pesar que cheguei a me sentir mal. Era como se eu fosse o pior tipo de pessoa e que ninguém pudesse se apaixonar por mim. Mas o seu sofrimento foi o que realmente me chamou atenção.

— Nós não mandamos no coração, Claire. Não precisa ficar assim, não é o fim do mundo estar

apaixonada por mim, ou eu sou um ser tão desprezível assim?

— O que? Não! Por favor, Matt, não pense isso. — Ela disse, tocando meu rosto. — É o contrário. Você é a melhor pessoa que eu já conheci e eu não sou nada, só cheguei para atrapalhar a sua vida e mesmo assim, você se apaixonou por mim. Isso é tão errado, eu não mereço um sentimento assim vindo de você.

— Não diga bobagens, Claire. É claro que você merece. — Falei, limpando suas lágrimas com carinho. — Acho que essa noite foi diferente demais para nós dois, por isso você deve estar com os nervos à flor da pele. Vou subir com você e te colocar na cama, tudo bem?

— E vai fazer amor comigo? — Ela murmurou, um sorriso nascendo em seu rosto, seu pequeno nariz vermelho pelo choro.

Era tão linda que chegava a doer e um sorriso enorme se abriu em minha cara de idiota ao ouvir "fazer amor" sair da boca dela. Quase revirei os olhos para mim mesmo.

— Vou fazer amor com você e cuidar de você.

— E dormir comigo?

— É isso que você quer?

— Sim.

— Então, eu vou dormir com você.

Felizmente, seu sorriso se ampliou e percebi que foi diferente de todos os sorrisos que ela já havia me dado. Era um sorriso de menina, toda linda e delicada e não aquele sorriso sedutor de mulher fatal. Coloquei o carro em movimento e entrei em seu prédio, estacionando na segunda vaga que ela mantinha.

No elevador, não conseguimos manter as mãos longe um do outro e fiz o que tive vontade ficar fazendo durante toda a noite: a beijei. Simplesmente a coloquei contra a parede e saqueei sua boca com carinho, passando as mãos pelo seu corpo trêmulo e, sentindo seu cheiro que me deixava louco. Incrivelmente, senti toda a culpa e todos os sentimentos ruins para trás assim que pisei novamente em seu apartamento, lembrando-me vagamente de que jurei a mim mesmo que nunca mais pisaria ali.

E, ao contrário de tudo o que eu pensava, foi ali que me senti bem e que me esqueci de que ficar com Claire era um erro. Tudo parecia tão certo que me perguntei como pude me enganar durante todos aqueles anos, enquanto achava que Therese era a mulher da minha vida. Agora eu entendia exatamente tudo o que meu pai sempre me dizia sobre paixão.

Era realmente uma loucura. Eu já não pensava direito, tudo o que eu fazia era em função de Claire, meu coração batia mais rápido ao pensar nela e eu já não sentia desejo por nenhuma outra mulher. Pensar em Claire me deixava de pau duro na hora, enquanto pensar em qualquer outra mulher, até mesmo Therese, já não mexia mais comigo.

Nessa hora que eu percebi que não estava apenas apaixonado. Eu a amava. Amava Claire com todo o meu coração.

— Vem. — Ela me puxou, me tirando dos meus pensamentos.

Segurando minha mão, ela foi em direção as escadas e subimos. Percebi que estávamos indo para o quarto dela e senti o desejo me engolfar, quase podia sentir seu gosto em minha boca e a textura da sua pele em minhas mãos.

Entramos em seu quarto e seu cheiro tomou conta das minhas narinas, meu cérebro já reconhecendo cada detalhe dela. Ela se virou para mim e largou a bolsa em cima da poltrona, seu sorriso de menina ainda estampando seu rosto.

— Toma banho comigo?

Me aproximei dela e toquei em sua cintura, subindo as mãos pelas suas costas, encontrando o zíper e o abaixando. Puxei seu vestido para baixo e senti meu pau pulsar dentro da cueca ao observar seus mamilos nus e a calcinha de cor da pele cobrindo parcialmente sua bocetinha. Era a primeira vez que eu a via vestida em uma roupa clara, era como se fosse uma outra Claire, e o pior era que as duas me enlouqueciam da mesma forma.

De qualquer maneira, Claire me encantava e me fazia ficar ainda mais louco por ela.

Me abaixei e ela saiu do vestido, se apoiando em meus ombros enquanto eu tirava seus sapatos de salto. Passei as mãos levemente por suas pernas, subindo até chegar as laterais de sua calcinha. Quando ela ficou nua para mim, beijei o alto de suas coxas e me levantei, começando a desabotoar meu terno.

— Isso é um sim? — Perguntou, sorrindo marota.

— Eu acho que sim... — Murmurei, tirando meu paletó, seguindo para minha camisa branca. Mas ela me impediu, se aproximando e começando a desabotoar minha camisa.

Me despiu lentamente, tal como eu fiz com ela. Quando fiquei nu, ela tocou meu pau duro de leve e sorriu, me deixando e seguindo para o banheiro. A segui e ela ligou o chuveiro, me puxando pela mão. A água quente nos envolveu e eu a puxei para os meus braços, beijando-a lentamente, acariciando seu corpo, mas nunca ficaria imune a Claire.

Mesmo calmo, o tesão foi mais forte e empurrei seu corpo para a parede, sua mão tocando meu pau de cima a baixo, enquanto a beijava com mais fervor, minha língua acariciando a sua. Ela gemeu baixinho e desci a boca pelo seu queixo e pescoço, passando a língua pela pele sedosa até chegar aos mamilos durinhos. Seu grito reverberou pelo banheiro e ela tremeu quando enfiei meu dedo em sua bocetinha molhada, cheia de tesão.

— Vire de costas, quero lamber você. — Ordenei com a voz rouca, louco para meter nela, mas me segurando ao máximo.

Sem pestanejar, Claire obedeceu e se virou, apoiando as mãos nos azulejos e empinando aquela bunda gostosa para mim. Esfreguei meu pau na pele dela, a cabeça melada se enfiando no meio das suas pernas. Enrolei seu cabelo em minha mão e lambi sua nuca, sentindo o gosto levemente doce de sua pele em minha língua. Claire gemeu e arranhou o azulejo, estremecendo, toda excitada para mim.

Coloquei apenas a cabeça dentro dela e ela estremeceu, abrindo as pernas para mim. Ainda com

um pingo de juízo na mente, levei a boca ao ouvido dela e perguntei:

— Você usa anticoncepcional?

— Sim... Eu tomo injeção. — Ela suspirou. — E sou totalmente limpa, Matt.

— Eu também. — Afirmei, metendo meu pau nela até o fundo. — Porra, Claire... Sou tão louco por você!

— E eu por você. — Ela conseguiu responder em um gemido fino que me encheu de tesão.

Comecei a meter nela, passando minha língua pelas suas costas e nuca, mordendo seu ombro, deixando-o vermelho com a marca dos meus dentes. Claire rebojava sobre meu pau e eu metia cada vez mais, enquanto levava a outra mão até seu clitóris e mexia ali, rodeando-o e prendendo-o entre meus dedos.

Já podia sentir um longo arrepio perpassar meu corpo e se concentrar em minhas bolas, fazendo-as pesadas, cheio de gozo acumulado. Comecei a meter mais rápido, sentindo sua bocetinha me comer, tão quente como uma fornalha. Claire começou a gemer mais alto, seu corpo tremendo e sua bocetinha pulsando, fechando-se como um punho apertado sobre meu pau teso e cheio de tesão.

Um rugido escapou por minha garganta e Claire gritou junto comigo, seu orgasmo começando a banhar todo o meu pau, me deixando ensandecido e me levando ao gozo também. Continuei a meter alucinando, meus dentes cravados em sua nuca, meu dedo mexendo furiosamente em seu clitóris e tirando o máximo dela.

Segurei-a com força entre meus braços e ela cedeu, sua cabeça caindo sobre meu ombro, enquanto nossos corpos tremiam e a água caía ao nosso lado. Lambi levemente a sua pele e ela voltou a se apoiar na parede, enquanto eu saía de dentro dela lentamente, meu pau ainda teso e sua bocetinha toda melada. Um sorriso se abriu em seus lábios e logo me vi sorrindo também, passando a mão por suas costas e chegando a sua bunda. A excitação me tomou em cheio e apalpei suas nádegas, deixando meu dedo médio escorregar entre as bandas da bunda e tocar seu orifício pequeno e quente.

Senti o corpo de Claire ficar tenso e aquilo me fez sorrir ainda mais, imaginando que ela já previa todo o prazer que poderia dar a ela quando meu pau estivesse lá no fundo do seu cuzinho.

— Eu quero estar aqui também, Claire. — Murmurei em seu ouvido, apalpando seu orifício lentamente. — Quero tudo de você.

— Eu não faço anal, Matthew. — Ela falou tão rápido e tão séria que eu quase me afastei.

De repente, eu percebi. Ela não estava tensa pelo tesão. Claire estava rígida, totalmente paralisada, suas costas eretas e suas mãos abertas contra a parede. Acho que ela nem mesmo respirava e eu tirei meu dedo de onde estava, virando um pouco o rosto para vê-la. Seus olhos estavam fechados com força e uma expressão de dor tomava conta de todo o seu rosto bonito.

Só então ela pareceu voltar a respirar e seus ombros caíram. Seu corpo tremeu violentamente ela se afastou de mim, entrando embaixo do chuveiro e tomando seu banho rapidamente, sem sequer me dar um olhar.

— Claire...

Ela terminou de tirar o sabão e passou por mim, saindo do box e puxando um roupão, cobrindo-se rapidamente.

— Claire, eu...

— Eu vou lá embaixo preparar alguma coisa para gente comer. — Falou rapidamente, dando um nó no roupão. — Me espere aqui no quarto, eu já volto.

E saiu, batendo a porta do banheiro atrás de si. Fiquei tão chocado que só sai do lugar quando ouvi a porta do quarto ser fechada também, me perguntando o que porra havia acontecido ali. Sem saber o que deveria fazer, terminei meu banho rapidamente e fechei o chuveiro, saindo do box. Me sequei com uma toalha limpa que estava sobre o aparador e sai do banheiro, encontrando o quarto vazio.

Coloquei apenas a minha cueca e já estava pronto para ir atrás dela quando ouvi meu celular tocar dentro do bolso da minha calça. Quase ignorei, mas pelo toque eu soube que era uma mensagem e resolvi ler, mesmo tendo que ignorar depois. Caminhei até minha calça que estava no chão e meu coração pulou forte ao ver o nome de Claire na tela.

Quase sai correndo para verificar se ela ainda estava no apartamento, mas seria muito ridículo da minha parte sair correndo por cada canto. Sem contar que a casa era dela, ela não iria fugir do próprio apartamento... Ou iria?

Sem saber o que pensar, abri a mensagem e li:

Claire:

Estou fazendo sanduíches. Continue no quarto e escute a música Warrior, da Demi Lovato. Não saia daí, já estou subindo.

Sem entender nada, entrei no YouTube pelo celular e pesquisei a música, sentando-me na cama para começar a ouvir. A voz sofrida de Demi Lovato foi a primeira coisa que me mostrou que aquela não era uma música alegre.

This is a story that I've never told

(Essa é uma história que eu nunca contei)

I gotta get this off my chest to let it go

(Eu tenho que tirar isso do meu peito e deixá-la ir embora)

I need to take back the light inside you stole

(Preciso ter de volta a luz de dentro que você roubou)

You're a criminal
(Você é um criminoso)
And you steal like you're a pro
(E rouba como um profissional)

All the pain and the truth I wear like a battle wound
(Toda a dor e verdade, eu uso como se fosse uma ferida de batalha)
So ashamed so confused
(Tão envergonhada, tão confusa)
I was broken and bruised
(Eu estava quebrada e ferida)

A cada estrofe eu sentia meu coração pesar no peito, ao mesmo tempo que minha mente começava a trabalhar fervorosamente para tentar entender o que era tudo aquilo. O que era aquela música e o que significava para Claire? Uma parte em especial foi a que mais me chamou atenção e eu voltei aquela estrofe por duas vezes, tentando achar uma explicação para aquele desabafo:

There's a part of me I can't get back
(Há uma parte de mim que eu não posso ter de volta)
A little girl grew up too fast
(A garotinha cresceu rápido demais)
All it took was once, I'll never be the same
(Bastou uma vez e eu nunca mais fui a mesma)
Now I'm taking back my life today
(Agora eu estou pegando a minha vida de volta)
Nothing left that you can say
(E não há nada que você possa dizer)
'cause you were never gonna take the blame anyway
(Porque você nunca vai se culpar de qualquer maneira)

Deixei a música rolar e quando acabou, Claire entrou no quarto. Seus cabelos molhados estavam presos e ela ainda vestia o roupão, trazendo uma bandeja com sanduíches e sucos. Seu nariz estava vermelho novamente e ela tinha lágrimas nos olhos, enquanto colocava a bandeja sobre a mesinha perto da cama.

— Claire... Por favor, o que está acontecendo? Me diz! — Murmurei, indo até ela e segurando suas mãos.

Ela assentiu e se sentou ao meu lado, mas eu queria mais do que aquilo e a puxei para mim, deitando-me na cama com ela. Coloquei-a de costas para mim e abracei sua cintura, puxando-a para mim.

— Eu tinha nove anos quando meu pai me estuprou pela primeira vez. — Ela soltou com a voz embargada.

Acho que meu coração parou de bater e meu cérebro parou de raciocinar, funcionando apenas para repetir aquela frase milhares de vezes. Estava preparado para qualquer coisa, qualquer maldita coisa, menos aquilo.

— O que? — Me ouvi perguntar, virando-a para mim rapidamente. Seu rosto estava banhado em lágrimas. — O que você disse?

— Você ouviu. — Murmurou, desviando o olhar para mim. — Eu tenho tanta vergonha de falar sobre isso... Me desculpa, Matt, você não merecia saber. Eu sei que você deve estar morrendo de nojo de mim agora... — Ela disse e tampou o rosto com as mãos, seus soluços interrompendo o silêncio do quarto.

Eu estava paralisado. A imagem de uma Claire pequena e magrinha, com os olhos azuis assustados e os cabelos loiros sendo violentada por um homem não saía da minha cabeça. Uma fúria tão grande se apossou de mim que eu não pude me controlar, quando vi, já estava pulando da cama e indo em direção a minhas roupas.

— Quem é ele? — Rugi, vestindo minha calça rapidamente.

Claire deu um pulo na cama e se sentou, me olhando assustada.

— Ele quem?

— Seu pai. — Falei, caçando minha blusa pelo quarto. — Eu vou matar esse filho da puta com as minhas próprias mãos, Claire, eu juro!

— O quê? Não! — Ela saiu da cama e veio até mim, minha vontade era de passar por cima dela, por cima de qualquer um, mas seus olhos cheios de dor e de pânico me pararam. — Por favor, nem pense em uma loucura dessas, Matt! Você não é assim, não é um assassino!

— Ele te estuprou, porra! — Gritei, fora de mim, louco de raiva. — Você era apenas uma criança e ele fez isso com você! Como não quer que eu não mate um filho da puta desses, Claire?

— Eu sei que da raiva, eu sei! Mas não vale a pena se sujar com ele, Matthew. Por favor, olha para mim. — Ela disse, pegando meu rosto em suas mãos. — Já passou, eu estou bem e...

— Não, você não está bem! Porra! — Xinguei, só agora me dando conta do quão frágil ela estava. De repente, pega-la em meu colo e fazê-la esquecer era tudo o que eu mais queria. — Vem aqui... Me perdoe, eu sou um escroto insensível. — Murmurei, puxando-a para os meus braços.

Ela me abraçou forte e escondeu o rosto em meu peito, chorando baixinho. Tive vontade de pegá-la no colo e escondê-la de todo mundo, tirar aquela dor enorme de dentro dela, mas me sentindo um incapaz de não poder cumprir isso.

— Você não é nada disso. — Ela murmurou, seu corpo tremendo em meus braços. — Você é o melhor homem do mundo e eu amo você.

— O que? — Perguntei, sentindo meu coração bater mais forte.

Ela olhou para mim e, mesmo com o rosto sofrido e os olhos cheios de dor, murmurou:

— Eu amo você mais do que tudo no mundo inteiro.

Peguei seu rosto entre minhas mãos e encostei minha testa na dela. Meu coração batia descompassado, lutando entre a raiva, a pena e a emoção.

— Eu também te amo, Claire. Te amo muito.

— Não deveria amar...

— Não diga bobagens! — Briguei, puxando-a ainda mais para mim e levando-a até a cama. Me deitei com ela e acariciei seu rosto. — Eu queria tanto te fazer esquecer tudo isso.

— Você me faz esquecer, Matt.

— Mas hoje, no banheiro... Você me impediu por causa disso, não é?

— Sim, eu fiquei nervosa. — Ela murmurou, me olhando. Ainda chorava, mas conseguia falar sem soluçar. — Doía muito quando ele fazia isso em mim, doía em todos os lugares, mas sexo anal... Não é algo que eu possa aceitar tão facilmente. Mas eu juro, juro que vou me esforçar para fazer e agradar você.

— Não! Claire, para com isso. — Falei, puxando-a para se deitar em meu peito. — Estou me sentindo um estúpido por ter falado sobre isso. Você não tem que fazer nada para me agradar. Eu ainda quero matar aquele filho da puta por ter feito isso com você.

Ela acariciou meu peito e o beijou, fugando.

— Eu pensei que ele tinha me estragado para todos os outros homens. — Ela falou e virou o rosto para mim. — Mas aí veio você me fez sentir o maior prazer do mundo. Eu tenho que te agradecer por tantas coisas, Matt. Eu nunca soube o que era ser amada, ou ao menos cuidada. Minha mãe só me xingava o tempo todo, meu pai me estuprava e os dois, por qualquer motivo, batiam em mim. Eu me sentia a pior pessoa do mundo, ainda me sinto, e me pergunto o que eu fiz para merecer alguém como você na minha vida. Acho que eu só nasci para te encontrar e descobrir o que era uma vida com você. Se um dia eu te perder... Eu vou perder tudo. Não posso mais me imaginar sem você.

Olhei em seus olhos e acariciei seu rosto, sabendo que meu amor por ela só aumentava a cada segundo. Pela primeira vez eu entendi que aquele amor não era errado. Deus não colocaria um

sentimento tão grande em nosso coração se fosse algo prejudicial.

— Você nunca vai me perder, ouviu? Nunca, pare com isso. Eu sempre estarei aqui para você e prometo te fazer a mulher mais feliz do mundo.

— Você já me faz feliz em todo o sentido da palavra.

— Mas eu quero fazer mais. Você vai ficar enjoada de tanta felicidade. — Murmurei, sorrindo para ela. — Eu te amo, Claire.

— Eu te amo mais, Matthew.

Sem conseguir me conter, a puxei ainda mais para mim e a beijei com todo o meu amor, sabendo que por ela eu passaria por qualquer tipo de situação, apenas para tê-la para sempre ao meu lado.

Capítulo 16 - Claire

Nunca me senti confiante para tomar uma decisão. Lembro de ter lido em uma revista que uma mulher sedutora tem que ser confiante em si mesma e no que quer fazer, eu poderia me sentir confiante para correr atrás de um homem e fazê-lo ficar de quatro por mim, mas não para tomar uma decisão. Morria de medo, realmente me apavorava quando eu tinha nas mãos o poder de mudar alguma coisa, ou a vida de uma pessoa.

E agora, eu me via exatamente nesse dilema. Tinha nas minhas mãos o poder de mudar para sempre a vida de Matthew, seja para o bem ou para o mal. Ou, talvez, nem tivesse o lado bom nessa história. Quer dizer, eu não conseguia enxergar o lado bom. Se eu contasse a verdade, ele ia saber que sua vida, durante tantos anos, fora feita de mentiras. Mas, se eu não contasse, ele continuaria vivendo aquela mentira, ou descobriria tudo de uma maneira muito pior.

E, caso descobrisse de qualquer maneira, ele iria me odiar. Iria me odiar para sempre e nunca mais querer me ver. E eu iria perder não só a ele, mas o rumo que encontrei na minha vida ao me apaixonar por ele. Era um grande dilema e eu nem sabia por onde deveria começar para resolver tudo aquilo.

Cansada de pensar, olhei para ele mais uma vez. A luz da manhã iluminava seu maxilar firme, sua expressão calma em um sono profundo. Sua mão segurava possessivamente minha cintura e foi impossível não me emocionar ao me lembrar da forma como ele me tratou na noite passada, como secou cada uma das minhas lágrimas e depois fez amor comigo, olhando em meus olhos, murmurando o quanto me amava e me prometendo que sempre estaria ao meu lado.

Eu sabia que ele não cumpriria aquela promessa, mas mesmo assim, mesmo sabendo de toda verdade que nos separaria na primeira oportunidade, eu olhei em seus olhos e me entreguei sem reservas. Havia me aberto com ele de uma forma que nunca fiz com outra pessoa. Todos que moravam na minha casa sabia o que meu pai fazia comigo e ninguém nunca se opôs e nunca tive ninguém que realmente se importasse comigo ao ponto de eu me sentir confiante e colocar todo aquele peso para fora.

Foram anos e anos de abuso, de sofrimento e humilhação, até que tive a oportunidade de sair de casa. Pensei que longe de Frederick e Victória eu poderia realmente ser livre, e fui durante algum tempo, até eles me envolverem naquela vingança, porque o primeiro plano dera errado. Eu sempre me mantive longe de qualquer plano deles, mas o medo terrível que sentia de meu pai, me fez recuar e aceitar.

Agora eu estava apaixonada pelo homem que sempre odiei. Na verdade, eu percebi que não odiava Matthew e sim a pessoa que meus pais descreveram. Não precisei de muito para saber que não só Matthew, mas toda a sua família, não eram nada daquilo que meus pais colocaram na minha cabeça. Só não conseguia entender porque eu fui a única enxergar a verdade, enquanto as outras pessoas que participavam daquele plano sórdido, continuavam cegas.

Ou se fingiam de cegas.

Passei a mão pelo rosto de Matthew, pedindo perdão em silêncio e beijei seus lábios suavemente, antes de me desvencilhar dele e me levantar. Fiz minha higiene e peguei a cueca que havia roubado dele na nossa primeira noite e a vesti, colocando uma regata branca. Desci e fui até a cozinha. Uma das coisas que mais amava fazer, depois de pintar e ficar na companhia de Matt — que sim, tinha entrado para minha lista recentemente — era cozinhar. Em casa, minha mãe não tinha paciência alguma para fazer comida e, quando fazia, era horrível. Por isso, curiosa, comecei a me arriscar no fogão e talvez esses momentos na cozinha sejam as minhas únicas boas lembranças da minha adolescência.

E também o único momento em que alguém se dirigia a mim para fazer um agrado, porque eu me lembro de ficar toda feliz quando faziam aqueles barulhos de que estavam comendo algo realmente gostoso.

Peguei alguns ingredientes para fazer panquecas, ovos mexidos e bacon. Deixei os ovos e os bacons prontos primeiro e fiz a massa da panqueca, deixando reservada enquanto começava a fazer a massa de um pão que sempre gostei de fazer, desde pequena. Me lembro que achei aquela receita em uma revista velha que tinha em casa e, desde então, sempre o fazia. Ou melhor, o fazia quando era uma ocasião especial e essa era, até porque, Matthew estava dormindo no meu quarto e tínhamos passado uma noite emocionante juntos.

Coloquei o pão no forno, fiz as panquecas, café e suco. Quando o pão ficou pronto, comecei a colocar a mesa, pensando que deveria acordar Matthew para comer, pois era coisa demais para colocar em uma bandeja e levar para o andar de cima. Quando tudo estava pronto, sorri para mim, satisfeita. Havia muito, muito tempo que não arrumava uma mesa assim. Morar sozinha era tão solitário, que as vezes comer na mesa fazia tudo parecer ainda mais mórbido. Mas agora, com Matthew ali, até minha casa sempre quieta e apática, havia ganhado cor.

— O cheiro está delicioso.

Me virei e o vi parado na porta da sala de jantar. Usava apenas a cueca e estava de braços cruzados, os cabelos molhados mostrando que havia acabado de tomar banho. Não consegui fingir indiferença e nem estava disposta a fingir, apenas sorri e fui até ele, abraçando-o pelo pescoço e sentindo seus braços envolverem a minha cintura.

— Bom dia! — Murmurei, beijando seus lábios.

— Bom dia. — Ele sorriu, desviando os olhos de mim para espiar a mesa. — Isso tudo é por que você está feliz com a minha presença aqui? — Perguntou e eu apenas assenti, sorrindo feito uma boba. — Se eu vier morar aqui vai ser sempre assim? Um banquete no café da manhã, almoço e jantar?

— Sim e ainda terá o lanche da tarde e as sobremesas...

— Então eu acho que tenho que me mudar rapidamente. — Ele ponderou, fingindo seriedade.

— Nossa... E eu pensando que seu interesse em mim era para comer outra coisa.

— Sua boceta?

Assenti, mordendo o lábio para não rir. Matthew apertou minha cintura e sua mão desceu pela minha bunda, contornando as nádegas até parar no meio das minhas pernas e apalpar minha entrada levemente. Estremeci, sentindo um raio de desejo perpassar meu corpo.

— Você vai direto ao ponto. — Murmurei, beijando seu pescoço.

— Baby, enrolar não é muito a minha praia. — Ele riu e tirou a mão do meio das minhas, levando-a ao meu queixo, puxando-o para cima, para me observar. — Não fica desapontada, eu adoro comer você e também adoro comer tudo o que você faz. Exatamente por isso eu vou me sentar ali e comer o café da manhã que você tão gentilmente preparou. Tudo bem?

— Eu ficaria desapontada se você não comesse! — Falei, me afastando e pegando em sua mão, levando-o até a mesa. — Espero que goste.

— Eu sei que eu vou gostar.

Ele se sentou junto comigo e começamos a nos servir, falando sobre banalidades. Provou cada uma das coisas que fiz, mas quando chegou ao pão, quase se derreteu. Me delicieei com sua expressão de quem estava comendo algo realmente gostoso. Era algo maravilhoso de se ver, sua expressão máscula se deliciando em meio a comida que eu havia feito e, de repente, me peguei pensando em como seria dividir uma casa com ele, observá-lo fazer essa mesma expressão com as minhas outras comidas, acordar e dormir com ele ao meu lado. Algo tão simples para algumas pessoas, mas que para mim, já me faria a mulher mais feliz do mundo.

— Eu não aguento mais comer, mas não consigo parar. — Ele murmurou, rindo, colocando o último pedaço de pão na boca. — Meu Deus, Claire, onde aprendeu a cozinhar tão bem?

— Sozinha. Minha mãe não era uma grande cozinheira e odiava ficar horas cozinhando e, cansada de comer comida ruim, comecei a me arriscar.

— Você pinta, desenha, cozinha, fode bem... O que mais sabe fazer, senhorita Benson?

— Amar você. — Respondi, sorrindo de leve.

Matthew piscou, parecendo surpreso, mas logo depois sorriu comigo.

— Eu também sei amar você. — Falou, me puxando. Me levantei da cadeira e fui para o seu colo, sorrindo ao sentir sua mão grande sobre o meu rosto. — Eu quero te levar a um lugar.

— Que lugar?

— Já foi a um parque, Claire?

— Ao Central Park? Claro! Quem nunca foi lá? — Respondi, achando sua pergunta engraçada.

Mas ele balançou a cabeça e riu.

— Não. Não o Central Park, eu digo parque de diversões, aqueles com montanha-russa e roda gigante... Já foi?

— Eu... Não. Por que?

— Porque eu quero te levar a um parque de diversões, hoje. — Respondeu. — Eu sei que sua

infância foi triste e difícil, mas nunca estamos velhos o suficiente para sermos crianças. E quero muito que você sinta como pode ser divertido fazer algo tão simples.

— Ah, Matt... — Senti meu coração pular, uma emoção boba tomando conta de mim. Ainda me perguntava porque ele precisava ser tão perfeito em tudo. — Eu nem sei o que dizer.

— Mas eu sei o que dizer. — Ele sorriu e me deu um tapa na bunda, me fazendo levantar em um pulo do seu colo. — Vá tomar banho e não coloque saltos alto.

— Sim, senhor! — Gritei, saindo correndo em direção as escadas, realmente animada como uma criança.

Pude ouvir a sua risada ao fundo e me peguei rindo também.

Fomos de carro até o apartamento de Matthew para que ele colocasse uma roupa mais confortável e depois fomos a pé até o metrô, até porque, tentar sair de Mahanttam de carro em um sábado à tarde era praticamente impossível.

Pela primeira vez, agi como eu mesma, sem amarras e andei de mãos dadas com ele pelas ruas, rindo de suas palhaçadas e caretas, conversando alegremente. Fomos livres e algumas pessoas riam para gente, principalmente senhoras de idade, por conta da nossa felicidade exagerada. Pegamos o metrô e fomos até o Brooklyn, onde paramos na estação de Coney Island, que era um lugar inusitado.

Em frente à praia, havia um belo calçadão de madeira e então, vinha um parque gigante. Era tudo lindo, realmente belo e me peguei rindo como uma criança.

— Esse parque já foi considerado o maior parque do mundo, sabia? — Ele perguntou, enquanto pagava os ingressos.

— Jura?

— Sim, em 1920. Mas as coisas mudam e hoje o maior parque do mundo é Magic Kingdom, da Disney. Fica em Orlando e um dia eu te levo lá. — Ele disse, me olhando. — Se você quiser viajar comigo, é claro.

— Eu quero fazer tudo com você, Matt! — Falei, abraçando-o pela cintura. — Muito obrigada por me trazer aqui.

— Nós não fizemos nada e você já está me agradecendo? — Ele riu, passando as mãos pelos meus cabelos.

— Sim, estou agradecendo porque sei que será um dia incrível.

E eu não estava enganada.

Começamos pelos famosos carrinhos de bate-bate e foi uma verdadeira guerra, onde Matthew e eu lutávamos para ver quem batia mais no outro. Quase morri de tanto rir enquanto era sacolejada

dentro daquele negócio de metal, tentando fugir de Matthew quando ele acelerava para cima de mim. Ele era um verdadeiro louco, passava pelas crianças e jogava o carro para cima do meu, me fazendo soltar gritinhos histéricos.

Depois fomos a roda gigante, observando o sol começar a se pôr na praia. Nesse momento, tive a oportunidade de agarrá-lo e beijá-lo, me sentindo mais emocionada e feliz do que um dia pude imaginar me sentir. Matthew riu, parecendo entender tudo o que eu estava passando para ele naquele momento e retribuiu, me abraçando com força e beijando minha boca, todo o meu rosto e pescoço.

Quando descemos, Matthew me arrastou a barca, um brinquedo enorme que ia de um lado para o outro. Me dava frio na barriga só de olhar, e ele disse que aquele era um preparativo para a enorme montanha-russa. Sem poder falar nada que o impedisse, entramos na barca e eu fechei os olhos, sentindo-a começar a subir e descer, um enorme frio tomando conta de mim, mas fiquei firme no lugar, apertando a mão de Matthew e ouvindo-o rir da minha cara.

— Você é muito medrosa! — Ele riu, quando descemos. Minhas pernas estavam bambas.

— Não sou nada, eu fui e nem reclamei.

— Quase arrancou a minha mão.

— Para de graça, é mentira!

— É verdade... — Ele riu e me puxou para os seus braços, me abraçando. — Mas é a medrosa mais linda que eu já vi.

Me derreti e fiquei na ponta dos pés para beijá-lo, me sentindo a mulher mais amada do mundo todo. Logo depois fomos ao tiro ao alvo e com a minha mira nada perfeita, consegui acertar apenas dois patinhos, enquanto Matthew acertou todos e pegou um enorme urso de pelúcia para mim. Fomos também ao Luna, uma torre que balançava de um lado a outro, que me deixou cheia de medo, mas nada foi pior do que ser arrastada ao último brinquedo, o tal Cyclone, a temerosa montanha-russa.

— Está com medo? — Matthew perguntou, enquanto avançávamos na fila.

Sim, as pessoas faziam fila para ir naquele negócio enorme que ficava de cabeça para baixo.

— Morrendo. — Admiti, apertando a mão dele.

— Não precisa ficar. Não é porque essa estrutura está aqui desde 1920, que ele não é seguro.

— O quê? — Perguntei, chocada, quase correndo para fora do parque.

Matthew riu alto, colocando a mão na frente da boca. Fiquei mais aliviada ao saber que ele estava brincando, mas então ele balançou a cabeça e me olhou.

— Estou falando sério. Mas não fica desesperada, é óbvio que esse brinquedo é seguro e passa por revisões periódicas.

— Matthew, estamos no ano de 2044! Esse negócio tem mais de cem anos!

— Eu sei. E ninguém morreu nele por causa disso. — Falou, me ajudando a passar pela catraca e me sentar na cadeira. — Eu estou aqui, qualquer coisa eu te protejo.

— Ah sim, esqueci que você tem peito de aço! — Murmurei, vendo o moço apertar o cinto em minha cintura e descer alavanca que protegia o resto corpo. — Que Deus nos proteja!

Matthew riu, mas assentiu e apertou minha mão. Demorou alguns minutos, mas logo o brinquedo começou a funcionar, andando pelos trilhos lentamente, subindo e subindo, até que chegou ao topo e desceu. Desceu em uma velocidade alarmante e senti minha garganta ficar arranhada pelo grito enorme que eu soltei. Apertei a mão de Matthew e aquele negócio não parava, subia, descia, ia para um lado e outro, até que veio a pior sensação.

Ficou de cabeça pra baixo. Senti tudo dentro de mim se revirar e logo depois voltou a ficar de cabeça para cima. Nessa hora eu acho que chorava, gritava, mas também ria, porque era uma das melhores sensações do mundo, tudo se agitava, a adrenalina gotejava em cada poro do meu corpo e então, de repente, parou. Abri meus olhos e olhei ao redor, percebendo que foi tão rápido, mas tão bom, que eu quase gritei e pedi para o homem colocar de novo.

Matthew me olhou e sorriu para mim, ou de mim, não sei ao certo. Me ajudou a levantar e eu quase caí sentada, minhas pernas tremendo tanto que ele teve que abraçar minha cintura e me ajudar a sair.

— E então, o que achou?

— O que achei? — Perguntei, pegando o urso que o homem da montanha-russa guardou para mim. — Eu amei! Meu Deus, Matt... É incrível! Eu nem sei o que dizer.

— Eu sei o que dizer.

— Então diga, senhor sabe tudo. — Reclamei, rindo.

— Eu estou surdo. Você berrou tanto no meu ouvido, que o lado esquerdo já está inutilizável. — Falou, rindo da minha cara, me puxando para fora do parque.

Olhei para ele de boca aberta e me afastei, segurando meu urso com força. Ele continuou a rir e eu não me segurei, rindo também, me sentindo tão feliz que era como se nada no mundo pudesse me abalar.

— Você é tão idiota. — Falei, balançando a cabeça, rindo alto.

— E você é uma medrosa! — Falou, se aproximando de mim. — E mesmo assim eu te amo.

— Eu também te amo. — Falei, ficando na ponta dos pés para beijá-lo.

Ele retribuiu e me abraçou pela cintura, rodeando-me com o urso e tudo. Quando se afastou, seus olhos brilhavam de felicidade para mim, uma felicidade que eu também sentia.

— Vamos comer e sentar na praia? — Perguntou, olhando-me nos olhos.

— Sim. Já disse que vou com você a qualquer lugar.

Ele sorriu e pegou em minha mão. Compramos cachorro-quente e refrigerante e andamos até a praia, de mãos dadas. Nos sentamos na areia rasa, sob o céu escuro, começando a comer. A praia estava iluminada e agitada ainda, apesar de não ter banhistas. Olhei ao redor, me sentindo parcialmente livre.

Parcialmente porque, para realmente ser livre, realmente me sentir feliz, eu precisava me livrar daquela culpa, daquela mentira que fazia minhas costas pesarem como se tivesse mil toneladas. Sabia que podia estragar tudo, estragar um dia maravilhoso, mas também sabia que não podia levar tudo aquilo adiante. Precisava ser forte, encarar meus erros de frente e lutar para acertar e ter o perdão de Matthew.

Por isso, decidida, me virei para ele e o olhei, vendo seu olhar em cima de mim.

— O que foi? — Perguntou, terminando seu cachorro-quente.

— Eu... Eu tenho algo pra te contar, Matt.

Ele continuou a me olhar e esperou que eu falasse. Respirei fundo e perguntei:

— Você já ouviu falar sobre Frederick Benson?

— Sim. Ele é o ex-noivo da minha mãe... Por que? — Perguntou, olhando-me.

— Ele é meu pai.

Ele franziu o cenho, como se estivesse tentando entender o que eu tinha falado. Então, piscou duas vezes e me olhou, sério.

— O quê? Claire eu não estou entendendo, você...

— Eu sou Claire Benson, filha de Frederick Benson. Minha mãe, Victória Medson, é uma ex-namorada do seu pai. E, bem... Eu me aproximei de você com o intuito de te seduzir, mandada por eles.

Seu olhar mudou. Passou da confusão a seriedade e depois a raiva. E eu senti meu mundo desabar ali, sabendo que ele jamais me perdoaria.

Capítulo 17 - Matthew

"Eu sou filha de Frederick Benson e Victoria Medson", aquela frase se repetia em minha mente a cada maldito segundo, me deixando louco, praticamente cego.

"Eu me aproximei de você com o intuito de te seduzir, mandada por eles". O que aquela maldita havia acabado de dizer? Sem ao menos pensar, me levantei da areia e a encarei, vendo-a se levantar também, parecendo assustada, toda desajeitada.

— Matthew...

— Cala a boca! Porra! — Gritei, me afastando sem olhar para trás, pouco me importando se as pessoas olhavam para gente ou viam o meu escândalo.

— Matthew, por favor, espera! Me deixa explicar, eu...

Quase tampei os ouvidos, pouco suportando ouvir sua voz, mas percebi que aquela seria uma reação muito infantil da minha parte. Sua revelação, falando que se aproximou de mim com o intuito de me seduzir, que era filha do ex-noivo da minha mãe, não saía da minha mente. Não conseguia pensar em outra coisa, tentando entender o porquê, mas sem querer ouvir seus motivos ou qualquer explicação.

— Por favor, Matt! — Ela gritou, me alcançando e tocando em minha mão.

Foi como levar um choque e me afastei rápido de seu toque, olhando em seus olhos. Ela estava ofegante por correr atrás de mim, mas parecia assustada e magoada, quase arrependida. Era uma miríade de sentimentos e falsidade foi a única coisa que não encontrei, apesar das circunstâncias.

Entretanto, o sentimento de ter sido enganado, de que tudo o que passamos até ali tinha sido uma mentira, não saía de dentro de mim. Era uma mágoa enorme, misturada a uma raiva que eu nunca senti na vida.

— Por que?

— Matthew...

— Só me dê um motivo! — Gritei, me aproximando dela, meus pés afundando na areia. — Me dê um maldito motivo para tudo isso, Claire!

— Eu vou contar tudo, mas por favor, Matthew... Fique calmo.

— Ficar calmo? Porra, eu acabei de descobrir que você é uma maldita falsa e você me pede calma?

Ela pareceu engolir em seco, realmente assustada e eu fiquei louco, vendo o quão falsa ela poderia ser. Talvez tudo aquilo fizesse parte do joguinho maldito de sedução, contar a verdade para parecer ser a santa da história, mas aquilo não ia colar comigo, não mesmo!

— Abra a porra do jogo, Claire! — Gritei, dando dois passos para ficar cara a cara com ela.

— Os meus pais... Eles têm uma obsessão pela sua família. — Ela murmurou, sem desviar os olhos dos meus. — Eu cresci ouvindo que tudo o que passávamos era por culpa de vocês. Meu pai era advogado e depois do fracasso que foi a cerimônia de casamento com a sua mãe, ele perdeu tudo. E minha mãe, ela foi a primeira namorada do seu pai, mas ele a largou para virar um ator pornô. Eu não sei muito bem como eles se conheceram, mas sei que alimentam um ódio grande por vocês e me fizeram odiar vocês também... Mas agora eu sei quem você é de verdade, Matt e sua família também. Sei que não são ruins como meus pais falavam para mim.

Ela se calou, seus se enchendo de lágrimas.

— Continua. — Mandeí, seco, mas sentindo meu coração se quebrar no peito.

— Eu só tinha que me aproximar de você e te seduzir... Para sua noiva descobrir e terminar tudo com você.

— Com que intuito?

— Para você ficar frágil e sua família também... Depois... Eu não sei o que eles iriam fazer. — Ela murmurou, olhando para as mãos e depois olhando para mim. — Mas eu te amo, Matthew! Por favor, eu te imploro, acredita em mim! Eu te amo mais do que tudo, foi com você que eu descobri o porquê de eu ter nascido e vivido até agora... Foi só pra amar você.

Ela chorava, seu rosto molhado e sua expressão sofrida, mas nada daquilo me atingia. Enquanto meu peito doía, minha mente trabalhava, tentando encontrar uma outra explicação. Tudo aquilo só podia ser mentira!

Eu não conseguia acreditar. Havíamos passado um dia maravilhoso, talvez um dos dias mais divertidos e importantes da minha vida, e agora ela vinha e me atirava aquela bomba, como se fosse a informação mais banal do mundo.

Estava angustiado, olhava para ela, mas não a via realmente, só conseguia pensar e sentir que todo o amor que direcionei a ela, não foi recebido realmente. E perceber que eu também não fui amado, que era só uma peça no meio daquela história ridícula, quase me deixou em frangalhos. Podia sentir meu peito se apertar com a apunhalada forte e minha garganta se embargar em protesto, mas me recusava a chorar, não na frente dela.

Era difícil, era foddidamente difícil estar naquela situação, enquanto minha mente tinha clarões e mais clarões, enxergando o quão fácil tinha sido me enganar. Desde o começo.

— Aquela noite na boate... Como você sabia que eu ia para lá?

Ela me olhou, os olhos repletos de lágrimas ficando apreensivos de repente.

— Matt...

— Conta tudo! — Gritei, cansado de ser enganado, querendo apenas saber de tudo, por mais que me machucasse.

— Paul o levou até mim.

— Paul? — Quase arqueejei ao falar, sentindo minha mente rodar. — O que Paul tem a ver com isso?

— Ele é amigo do meu pai e também faz parte do plano.

— O quê? — Gritei, me sentindo golpeado de todos os lados. Afinal, em quem eu podia confiar no meio de tudo aquilo?

Quase corri, querendo fugir daquilo tudo, parar de ouvir, mas ao mesmo tempo, querendo entender até onde tudo aquilo poderia ir.

— Tudo foi armado então? Me levar a boate, você aparecer no restaurante àquela noite... Tudo?

— Sim. — Ela murmurou, parecendo derrotada.

— Eu não posso acreditar! Como você pôde? Aliás, como todos vocês puderam fazer isso comigo?

Me sentia traído, totalmente atingido, sem poder ouvir mais daquela história grotesca.

— Matthew, preste atenção, por favor... — Ela pediu, se aproximando e tocando em minhas mãos. — Eu estou te contando tudo isso porque eu te amo...

— Ah, por favor! Não conte piada no meio de toda essa porra, Claire!

— Eu estou falando a verdade! — Ela gritou, desesperada, segurando forte em minha mão. — Pense bem, para quê eu te contaria tudo isso? Se eu não te amasse, se não sentisse nada por você, seguiria com o plano. Mas eu te amo, eu juro que amo! Você precisa acreditar em mim, ficar ao meu lado e...

— Ficar ao seu lado? Você realmente acha que eu vou querer olhar na sua cara depois de tudo o que me falou? — Quase ri, me afastando dela e passando as mãos pelo cabelo, me sentindo um inútil, um tolo por ter sido enganado tão facilmente. — Eu quero distância de você, Claire!

Ela ofegou, dando dois passos para trás. De repente, ataca-la, fazer com que sentisse ao menos um pouco da dor que eu estava sentindo, era tudo o que eu queria. Em um passo largo eu já estava na frente dela e ela quase se distanciou novamente, mas agarrei seu braço, deixando a raiva tomar conta de mim.

— Você é a porra de uma mentirosa! Uma puta que se aproximou de mim, mentiu, inventou um monte de história triste para me comover e me fazer comer na sua mão. Como pôde ser tão fria, fingir tão bem? — Gritei, balançando-a, tão possesso e cego que não ouvia e nem via nada a minha volta.

— Não, Matt, eu nunca inventei história nenhuma, eu...

— Cala a boca, porra! — Rugi, puxando-a para mim e agarrando o cabelo próximo a sua nuca. Seus olhos se arregalaram e eu puxei seu cabelo para trás, fazendo sua cabeça quase deitar em minha mão. — Sabe o que você merece? Uma surra! Uma surra bem dada por ser tão falsa!

— Não... Por favor, Matthew, está me machucando, para...

— Estou te machucando? Isso não é nada! — Rugi em seu rosto, louco de vontade de acabar com

a raça daquela vadia. — "Eu fui estuprada, meus pais me batiam e me tratavam mal...", inventou tudo isso porque sabia que o idiota aqui ia cair feito um patinho, não é? Eu pude até cair nessa sua historinha fajuta, Claire, mas eu sou homem o suficiente para acabar com a raça de mulheres mentirosas como você!

— Para! Você não é assim! — Ela gritou, chorando e soluçando, parecendo tão apavorada e ao mesmo tempo tão confiante em mim, que eu quase acreditei. — Por favor, Matt, me solta, não se suje por minha causa, não deixa a raiva dominar você, por favor... Eu te amo, me perdoa, meu amor.

Olhei para ela, sabendo que era só puxar mais um pouco seus cabelos e daria um belo jeito em seu pescoço, poderia quebra-lo facilmente, mas suas palavras e o pingo de consciência que me restavam, me fez recuar e afrouxar o puxão em seu cabelo.

— Solta a moça, senhor.

Um homem vestido em um terno preto tocou em meu ombro e o olhei de cima a baixo, o reconhecendo como o segurança do parque. Ao olhar ao redor, percebi que algumas pessoas nos olhavam e quase mandei todo mundo tomar no cu e ir cuidar da sua vida, mas percebi que se eu estivesse de fora, faria o mesmo.

Respirei fundo e soltei Claire totalmente, me afastando. A olhei de cima a baixo, como se fosse um inseto e ela se encolheu, sabendo exatamente o que eu estava pensando dela.

— Pode deixar, não vou me sujar tocando nessa mulher. — Falei, dando uma última olhada para o segurança e virando-me para sair dali.

— Matt, me espera, eu...

Me virei, quase batendo de frente com ela.

— Se você vier atrás de mim, eu juro por Deus que te jogo na frente do primeiro metrô que passar! — Murmurei para que apenas ela ouvisse.

Claire ofegou e arregalou os olhos, como se não me conhecesse. Nem eu me conhecia mais, apesar de saber que jamais faria aquilo com ela, nem se fosse a pior pessoa do mundo.

— Mas eu não sei ir embora sozinha e...

— Você não é uma puta vendida? Então, chupa o pau de algum cara e pede para ele te levar em casa.

Seu queixo tremeu e ela soluçou, tirando as mãos dos meus braços. Me senti mal por ter falado aquilo, ela parecia uma menininha perdida e acuada, perfeita por fora, mas toda machucada por dentro. Quase a peguei no colo e pedi desculpas, mas me lembrei de tudo o que me disse, da forma suja como me enganou e me reergui, saindo dali sem olhar para mais ninguém.

Mas sentindo o peso da traição, das suas mentiras e da preocupação por deixá-la ali, sozinha, pesar em minhas costas e no meu coração estilhaçado no peito.

Capítulo 18 - Claire

Vi o dia amanhecer, entardecer e a noite chegar, sozinha em meu apartamento, ligando para Matthew a cada meia hora, sendo ignorada em todas elas. Meu domingo foi mais solitário do que o normal, me sentia mais sozinha do que um dia já havia me sentido, uma dor massacrando meu coração e alma, a culpa me espezinhando.

Por diversas vezes, enquanto pedia informação para ir embora do parque, enquanto estava sentada no metrô, ou enquanto estava sentada no meu sofá, vendo o tempo passar, eu me perguntava como aquele dia teria terminado, se eu não tivesse falado nada. Se eu tivesse apenas ficado quieta, aproveitando o resto daquela noite maravilhosa ao lado dele, com toda certeza, terminaria aquele dia em seus braços, em meio aos lençóis.

Mas não conseguia me arrepender. Me sentia quebrada por dentro e ao mesmo tempo, me sentia aliviada por ter tirado aquele peso terrível das minhas costas. Nunca pensei que doeria na minha alma enganar uma pessoa. Mas me doía terrivelmente enganar Matthew, fazê-lo de bobo e deixar que todos o enganassem também.

Agora, em plena segunda-feira de manhã, estava sentada na minha cama e olhando tudo ao redor, ainda sentindo o cheiro de Matthew em meu travesseiro e lençóis. Funguei e limpei meus olhos cheios de lágrimas. Ao olhar no relógio, vi que passavam das onze da manhã e fui em direção ao banho. Fiz tudo no automático, coloquei uma roupa qualquer e sai de casa, sabendo muito bem onde eu deveria ir e também sabendo que começar meu dia daquele jeito, seria como me enfiar ainda mais em meio a um buraco de dor.

Peguei meu carro e dirigi no ritmo do trânsito de Nova York até a casa da minha mãe. Quando parei em frente à casa de pintura caramelo, senti meu estômago se apertar, mas impedi que o choro viesse, apenas sai do carro e fui até lá, apertando a campainha. A enfermeira que cuidava dela naquele dia abriu a porta e sorriu para mim, falando que ela estava deitada no quarto.

Assim que entrei, pude perceber o quão frágil ela estava e senti pena. Me doía vê-la daquela forma, fraca e debilitada, magra demais e bem diferente da mulher que já foi um dia.

— O que está fazendo aqui, Claire? — Ela perguntou com a voz arrastando e eu quase sai dali, perdendo a coragem de contar tudo. Ela me olhou, impaciente. — Fala logo! — Quis gritar, mas não conseguiu.

— Eu vou ser rápida, mãe.

— Ah sim, pelo menos uma vez na vida. — Falou, virando o rosto para me encarar. — Que cara é essa, Claire? Desse jeito você vai perder os clientes ricos que arrumou.

— Eu contei tudo ao Matthew.

— O quê? — Dessa vez ela gritou e uma crise de tosse a tomou.

Quis correr até ela e a ajudá-la, mas a enfermeira foi mais rápida e entrou no quarto, parando ao lado dela e tocando suas costas, até ela se acalmar.

— Repete o que você falou, garota. — Ela mandou, quase sem voz.

— Você ouviu. Eu contei tudo ao Matthew, falei que eu era filha de vocês, que me mandaram seduzi-lo... Falei tudo, mas teve uma parte que não falei e só vou deixar um aviso. — Falei, me aproximando da cama. — Manda aqueles dois sair de perto do Matthew. Eu não contei isso a ele porque sabia que seria um golpe muito grande e ele não merece saber sobre toda essa loucura, mas se vocês não pararem de uma vez, eu vou contar tudo, ouviu? Eu vou colocar a boca no mundo!

— Você não foi capaz de fazer isso. — Ela me olhou, incrédula, mas suas feições mudaram ao ver que eu não recuei. — Como você pôde fazer isso? Sua louca, sua puta desgraçada! Seu pai vai te matar, Claire, você ouviu? Ele vai acabar com você!

— Mande-o fazer o que quiser. — Falei, demonstrando que não sentia medo, mas estava apavorada por dentro. — Mas ouça bem: Matthew sabe o que vocês fizeram comigo durante todos esses anos. Se eu aparecer morta, vocês serão os principais suspeitos.

— O que nós fizemos com você? O que fizemos foi pouco, eu deveria ter te matado quando ainda estava na minha barriga, assim, não colocaria no mundo uma inútil como você! — Ela rugiu e a enfermeira a olhou assustada, mas sem falar nada. — Saia daqui, anda. Saia daqui!

A olhei mais uma vez e me afastei, saindo daquele lugar. Quando o sol bateu em mim eu respirei novamente e senti as lágrimas grossas descerem, me perguntando porque eu ainda me importava com todos os insultos que eles proferiam para mim.

Cansada de estar ali, entrei no carro e comecei a dirigir. Soluçava por conta do choro, mas me forcei a ser forte e parei em frente a empresa imponente de Matthew, sabendo que estava sendo tola ao ir ali, mas sem conseguir me impedir. Passei por todos sem ver ninguém e entrei no elevador, indo até o último andar.

A sua secretária estava lá e limpei meus olhos discretamente, parando em frente a sua mesa. Ela sorriu, educada e disse:

— Posso ajuda-la?

— Eu gostaria de falar com o senhor Peterson.

— Tem hora marcada?

— Não. — Falei, olhando ao redor, torcendo para que ele saísse da sala. — Mas é muito importante, por favor. Diga ele que Claire Benson deseja vê-lo.

— Eu posso tentar, mas hoje ele está com um péssimo humor... — Ela parou de falar, percebendo que estava sendo antiética. Pegou o telefone e discou. Meu coração acelerou quando ela falou o nome dele. — Senhor Peterson? Claire Benson está aqui e... Ah, tudo bem. — Ela desligou e me deu um sorriso sem graça. — Ele disse que não vai recebê-la. Falou que se a senhorita insistir, é para chamar os seguranças. Sinto muito.

Olhei para ela novamente, sentindo meu coração se apertar. Apenas assenti, sabendo o quão inútil

seria se eu insistisse em falar com ele. Fui embora dali, sentindo o mundo desmoronar ao meu redor, enquanto eu estava de mãos atadas e apenas assistia.

Mais uma vez, o dia se arrastou em meu apartamento e a noite chegou mais sombria do que o normal. Estava na sala, tudo silencioso ao meu redor, meu peito doendo e meus olhos inchados de tanto chorar. Não conseguia entender como tudo havia mudado tão rápido.

Até ontem eu era uma mulher sem um pinga de sentimento. Hoje eu tinha um amor tão forte em meu peito, que apenas a menção de perdê-lo, me deixava sem chão. E agora, sem ele, eu não era mais ninguém.

Solucei e parei de respirar quando a campainha tocou. Apenas uma pessoa podia subir sem ser anunciada e quase sorri ao pensar em Matthew. Pulei do sofá e fui até a porta, mas quase desmaiei ao dar de cara com Frederick e sua expressão mal-encarada.

— Olá, filha. — Falou, passando por mim.

Seus olhos verdes pareciam duas bolas de fogo de tanta raiva e eu me encolhi, sentindo o medo atroz apenas em olhar para ele. Deu uma volta pelo hall e depois foi até a sala, olhando tudo ao redor, como se estivesse avaliando o ambiente, até porque, aquela era a primeira vez que pisava ali.

— Como conseguiu subir sem ser anunciado? — Perguntei tão baixo, que pensei que ele não tivesse escutado.

— Apenas um soco bem dado e deixei o porteiro desacordado. Você sabe que não sou homem de desistir do que quero por qualquer coisinha boba que esteja no meu caminho. — Falou, virando-se para mim com um sorriso frio. — Desde a hora em que sua mãe me ligou eu senti vontade de bater em alguém, Claire. — Com os olhos em mim ele levou as mãos ao cinto, desabotoando-o. Senti meu corpo estremecer. — Comecei pelo seu porteiro e vim aqui fazer você tomar uma decisão.

Observei-o ao tirar o cinto e unir as pontas, segurando-o como uma correia e, a mão livre, ele levou a cintura e puxou uma arma. Senti meu coração bater mais rápido de puro pavor, sabendo muito bem que sua calma só indicava o quão raivoso ele estava.

— Pai...

— Quieta. — Ordenou, engatilhando a arma. — Sabe, Claire, desde o começo desse plano eu soube que poderia contar com todo mundo, menos com você. Sempre foi a mais emotiva, a mais idiota, a que sonhava com carinho e afeto... Sempre foi uma fraca, mas nunca pensei que daria para trás tão rápido. Você só precisava ser objetiva, entrar e sair de cena rapidamente, mas bastou aquele imbecil falar manso e você se apaixonou feito a tola que é. — Falou, sem tirar os olhos de mim. — Agora, eu quero muito te castigar pelo o que você fez. Mas para isso, você vai ter que escolher.

— Escolher... O quê? — Murmurei, engolindo em seco, sem conseguir tirar os olhos da arma que ele empunhava.

— O que você prefere? Que eu use esse cinto em você, ou... Que eu use essa arma contra aquele projeto de ator pornô?

— Como?

— Você é surda? — Ele rugiu, avançando para cima de mim, parando quando faltava centímetros para me tocar. — Vou ser mais claro. O que você prefere? Que eu surre você ou que eu mate aquele imbecil do Matthew?

Olhei para ele e para o cinto, depois para a arma, sentindo meu mundo ruir. Cada célula do meu corpo tremia, sentia um medo atroz do meu pai, algo tão profundo que me sentia tonta e enjoada apenas de olhar para ele. Mas, ao mesmo tempo, eu sabia que não podia tomar outra decisão a não ser apanhar mais uma vez. Depois de quase quatro anos longe, sem sentir seu toque asqueroso na minha pele, lá estava eu na mira nele novamente.

O medo de perder Matthew para sempre, vê-lo morrer por minha causa, superava o medo que sentia do meu pai ou do que ele poderia fazer comigo. Por isso, respondi em um sussurro, de cabeça baixa:

— Bata em mim.

Ele se aproximou de vez e sorriu, tacando a arma em cima do meu sofá.

— Repete.

— Bata em mim.

— Implore!

— Por favor. — Sussurrei, me sentindo devastada e humilhada, o medo me dando vontade de vomitar.

Ele riu alto e agarrou minha blusa, rasgando-a ao meio e me dando um empurrão. Cai ao chão com força, quase batendo a cabeça contra o piso e ele chutou meu quadril, fazendo uma dor explodir do meu lado direito.

— Fique de bruços. — Ordenou e eu quase me rastejei para longe, mas obedeci.

Ele puxou meu short e minha calcinha, me deixando nua e se levantou, erguendo o pé próximo ao meu rosto. Fechei os olhos com força, já sentindo a dor explodir em minha têmpora com sua pisada, mas ele abaixou o pé em minha nuca, me imobilizando no chão, seu sapato sujo contra a minha pele.

— Me peça de novo, Claire! Implore para que eu bata em você!

— Não...

— Implore! — Gritou, pisando com força em minha nuca.

— Por favor, bata em mim, por favor!

Foi rápido. Uma lambida de couro em minhas costas, o som explodindo em meu apartamento silencioso e a dor se espalhando como fogo em minha pele. Depois veio mais outra e outra, me deixando tonta de tanta dor, nas costas, na bunda, nas pernas, sucessivamente.

— É isso que você merece, sua putinha miserável, safada! Não serve para nada, nada! — Ele gritou, ainda me batendo.

Tentei gritar, mas não consegui. Me sentia quebrada, cansada de lutar, apenas recebendo seus

golpes fortes, que pareciam rasgar minhas costas ao meio. Parei de contar na décima vez que fui atingida e sentia minhas lágrimas molhando o piso. Fechei meus olhos e esperei os próximos golpes, mas não vieram. Senti o baque do cinto ao lado da minha cabeça e ele tirou o pé da minha nuca, sabendo que eu não tinha forças para fugir.

Abri os olhos ele andou ao meu redor, até sumir das minhas vistas. O silêncio era tanto que eu consegui ouvir nitidamente o zíper sendo aberto. Quase parei de respirar, na verdade, acho que parei, sem conseguir me mover. Queria fugir, mas meu corpo dormente não obedecia e ele se ajoelhou nas minhas pernas, abrindo minha bunda com violência.

— Ele pode até ter usufruído do seu corpo, Claire... Mas essa parte aqui... — Ele tocou em meu ânus contraído. — É só minha, porque só eu sei o quanto dói me ter aí dentro. E toda dor para você, é pouco.

Foi rápido e doloroso. Totalmente violento, ele enfiou o pênis em meu ânus, sem respeitar meu corpo, minha dor, meus gritos em protesto. Apenas se enfiou lá e gemeu, começando a meter, enquanto me sentia ser rasgada ao meio, quebrada novamente pelo mesmo homem, pelo homem que deveria ser meu pai, que deveria cuidar de mim e me amar.

Mas ninguém me amava, ninguém! E eu amava tanto... Eu amava tanto meu pai quando criança e amava tanto minha mãe... E eles nunca ligaram pra mim, nunca! E agora eu amava tanto Matthew, com todo o meu coração e ele também não estava ali para mim. Ninguém se importava comigo, ninguém...

— É isso que você merece, sua vadiazinha. Aquele imbecil não está apaixonado por você. E aí? Onde ele está agora? Bem longe, te odiando. Eu também estou te odiando, mas estou bem perto, bem enterrado em você. Nunca mais vai esquecer de mim, Claire, ou do que acontece quando sou contrariado, sua putinha...

Ele gemeu, acho que falou mais alguma coisa, até que parou e saiu de dentro mim. Senti o momento em que se afastou e se levantou e então, parou a minha frente, mostrando uma camisinha cheia.

— Sim, eu usei preservativo, por dois motivos: o primeiro é porque não quero me sujar com você. Segundo, porque se você tentar alguma gracinha, se der uma de rebelde sem causa e tentar ir me denunciar... Não terá um vestígio meu no seu corpo. Apenas tente dar uma espertinha, Claire. E eu acabo com você.

E então, ele saiu, deixando o barulho da porta preencher o silêncio do meu apartamento. Eu fiquei apenas deitada, jogada ao chão, toda machucada e quebrada, mas magoada e abalada do que já estive um dia. Soube naquele momento que poderia morrer ali, até desejei aquilo, mas apenas continuei lá, sentindo a dor me consumir aos poucos, cansada de lutar contra tudo e todos.

Cansada de ser Claire e desejando ser outra pessoa, qualquer pessoa, menos aquela só tinha nascido para sofrer.

Capítulo 19 - Matthew

Li cada uma das mensagens enviadas por Claire com o peso da traição em meu peito. Minha raiva havia sido ceifada, mas a mágoa e a dor de ser tão brutalmente enganado ainda persistia, o que me fazia capitular toda a vez que sentia pena dela. Cada mensagem era mais desesperada do que a outra, algumas apenas com meu nome escrito, como se gritasse por mim, outras enormes, onde ela escrevia o seu amor e o quão importante eu era para ela, pedindo perdão.

E agora, depois de ter recusado sua entrada em meu escritório, estava sentado em um dos bancos do aeroporto, esperando o avião de Therese pousar. Não tinha cabeça alguma para conversar com ela, meus pensamentos e sentimentos estavam totalmente ligados em Claire, mas sentia que não podia mais adiar aquele assunto. Por isso, quando Therese chegou a mim toda sorridente e com um carrinho com malas, eu recusei seu beijo e não fiz questão forçar um sorriso.

— O que houve, Matt? — Ela perguntou, seu sorriso diminuindo gradativamente. - Aconteceu alguma coisa? Foi com a sua família? Me diz!

Olhei para ela profundamente, dentro de seus olhos, no meio do aeroporto movimentando, me perguntando onde estava o amor que sempre julguei sentir por ela. Por que não conseguia ama-la da mesma forma que amava Claire? Por que diabos meu coração tinha trocado uma mulher maravilhosa como Therese para amar aquela traidora? Quase rugi de raiva, mas me segurei, começando a andar ao lado dela.

— Matt, eu estou falando com você. — Tocou em meu braço, olhando fixamente para mim. — Está me deixando nervosa. O que houve?

— Iremos conversar quando chegarmos ao carro, Therese.

— Ah, meu Deus... Não estou gostando desse tom de voz. — Ela murmurou, me acompanhando em passadas rápidas.

Passamos pelas pessoas rapidamente e caminhamos em direção ao estacionamento. Ela sorriu de leve ao ver meu Ranger Rover preto estacionado ali e eu pensei que, se fosse em outras circunstâncias, eu riria com ela também, porque sabia o quanto ela era apaixonada por carros altos e grandes, mas não senti vontade.

Abri o porta-malas, coloquei sua bagagem lá dentro e dei a volta para abrir a porta do carro para ela. Therese me olhava fixamente, como se tentasse desvendar o porquê da minha expressão séria, mas não disse nada, apenas entrou no carro e me aguardou até que eu ocupasse o lugar do motorista. Quando coloquei o carro em movimento, ela se virou e olhou para mim:

— E então... Vai dizer que está acontecendo?

— Você sabe que odeio enrolar, Therese, então, vou dizer apenas uma vez. — Murmurei, olhando para ela com pesar. Apesar de tudo, não queria que ela se machucasse no meio daquela história. —

Eu quero me separar de você.

Voltei meu olhar para a direção, mas ela continuou em silêncio, apenas me encarado. Logo depois ela riu, sem humor:

— O quê?

— Você ouviu.

— Como assim, Matthew? Como quer se separar de mim sem mais nem menos? Está maluco?

— Eu sinto muito, Therese... Sei que nosso relacionamento é longo, sei que não deveria jogar essa bomba enorme no seu colo, mas acho que é melhor assim, antes que você saia machucada demais.

— Machucada demais? E você acha que não está me machucando fazendo isso? — Ela quase gritou, toda agitada. — Eu quero um motivo, Matthew. Me dê um motivo, porque eu tenho certeza que você não se separaria de mim por causa de uma bobagem.

Olhei para ela e vi seus olhos marejados. Pude sentir seu desespero, até porque, ela realmente gostava de mim e eu estava sendo um canalha insensível, mas não conseguia ser diferente. Não tinha como ser diferente, não em meio àquela situação.

— Eu não te amo mais. — Falei, olhando em seus olhos, querendo que ela visse a verdade ali e me entendesse.

— O quê? Como assim você não... Me ama mais? — Murmurou, parecendo estar perdida. — Isso é mentira, Matthew! Foi por que eu demorei uma semana a mais para voltar? Eu te expliquei, amor, eu disse que teria que ficar mais uns dias, mas isso não é motivo para você desistir de mim assim, eu sei que ando viajando demais, mas eu prometi que quando nos casarmos será diferente, eu vou desfazer alguns contratos e...

— Não é isso, Therese.

— Então é por que? Pelo amor de Deus, Matthew, me dê uma luz! Você está terminando comigo, um relacionamento de anos, estamos noivos e vamos nos casar daqui há alguns meses! Por favor, me explica!

— Eu já expliquei, Therese. Eu não te amo mais! — Exclamei, me sentindo cansado, mas lutando para não jogar minhas frustrações em cima dela. Ela não merecia.

Ela ia falar mais alguma coisa, mas parou no meio do caminho. Ficou quieta, chorando, mas me analisando ao mesmo tempo, como se tentasse entender o motivo de tudo aquilo.

— Quem é ela?

— O quê?

— Quem é ela, Matthew? Porque eu tenho certeza que tem mulher nesse meio! Você simplesmente não pararia de me amar do nada, porque deu vontade. Tem dedo de piranha nessa história e, se você for homem, vai me dizer a verdade!

— Não tem mulher nenhuma...

— Tem sim! Qual é o nome dessa vagabunda?! — Ela gritou, me encarando.

— Porra, eu estou falando que não tem mulher alguma! — Gritei também, apertando o volante com força.

Até porque, realmente não havia mulher no meio daquela história. Claire não era mais nada minha e nem iria ser. E isso só fez com que a minha raiva aumentasse mais.

— Eu não posso acreditar... — Ela murmurou, chorosa. — Matthew, pelo amor de Deus... Eu te amo tanto, eu faço qualquer coisa, mas por favor, não termina comigo. Eu aceito tudo, quer dizer, eu já aceitei tudo, aceitei até mesmo o contrato pré-nupcial que seu pai impôs... É por isso? Você acha que sou uma interessa?

— Não é nada disso, Therese. Por favor... Eu só não quero mais. Você não merece se casar com um homem que não te ama de verdade, eu tenho certeza que logo aparecerá um cara legal, que te fará feliz...

— Eu não quero um cara legal, eu quero você!

Olhei para ela, sem saber o que fazer, me sentindo mãos atadas. Sentia pena dela, sentia seu amor por mim e sua tristeza, mas sabia que eu não podia fazer nada. Não levaria nossa relação adiante, mesmo estando sem Claire. Não iria suportar ficar ao lado dela ou de qualquer outra mulher, não enquanto amasse tanto aquela traidora. Ela estava sob a minha pele e meu coração fodido. E, infelizmente, eu não podia fazer nada para mudar aquilo.

— Eu sinto muito, Therese. Mas eu não quero mais.

— Mas, Matt....

— Não há nada que você possa fazer. — Falei, olhando para ela. — Acabou.

O carro entrou em silêncio mórbido, rompido as vezes pelos soluços de Therese. Me sentia um infeliz, um desgraçado por estar fazendo aquilo com ela, mas não podia ser de outra maneira. Estava me sentindo sufocado, sempre tive tudo o que queria, na hora em que queria, sempre fui controlador e controlado, nunca me arriscava demais, odiava perder o controle ou que algo não saísse como eu havia planejado.

E, naquele momento, era isso que estava acontecendo. Minha vida tinha virado de cabeça pra baixo, não conseguia mais controlar a mim ou as coisas a minha volta. Desde o dia em que conheci Claire, tudo tomou outra rota e o pior é que eu havia deixado. Agora eu estava fodido, amando uma mulher que mentiu para mim e sem poder fazer nada melhorar aquela situação.

Ao parar em frente ao prédio de Therese, saí do carro e abri a porta para ela, antes de dar a volta e pegar suas malas. Seu olhar doloroso estava sobre mim e senti a culpa me assolar por ser o único causador daquilo.

— Eu vou te dar um tempo, Matt. — Ela murmurou, olhando para mim. — Eu sei que você deve estar confuso, mas saiba que estarei aqui quando você quiser conversar e esclarecer as coisas. Eu te amo e sempre vou esperar por você.

— Não espere, Therese. Não há mais volta. — Falei, me aproximando. Dei um beijo em sua testa, um gesto mudo onde eu pedia seu perdão. — Acabou.

Sem conseguir olhar para ela, me distanciei e entrei em meu carro novamente, me sentindo infeliz. Comecei a dirigir sem rumo, percebendo que a noite já caía, sabendo que precisava colocar todo aquele sentimento para fora.

Ainda não tinha tido coragem de encarar Paul, até porque, eu sabia que no momento em que colocasse meus olhos sobre ele, eu me descontrolaria e acabaria com sua raça. Por isso, fiquei na minha e ele também não havia me procurado, já deveria estar sabendo que o plano não tinha dado certo, que Claire havia dito tudo para mim.

Também não queria encarar Roy, Mark e John. Ao menos sabia se poderia confiar neles também, me sentia como se estivesse em um campo minado e, qualquer passo em falso, eu poderia ser derrotado. Não podia confiar em ninguém, apenas em uma pessoa, mas sentia receio. Sabia que poderia contar com meu pai em todas as horas, para qualquer coisa, mas tinha medo da sua reação ao saber sobre tudo.

Mas também sabia que, se o que Claire havia me contado era verdade, aquele ex-noivo da minha mãe estava à espreita e poderia atacar a qualquer momento. Deveria deixar ao menos o meu pai em alerta e foi isso que me impulsionou a desviar o caminho e ir para casa dos meus pais. A reação do meu pai poderia não ser uma das melhores, mas pelo menos eu ficaria mais tranquilo por saber que ele já sabia de tudo e estava atento.

Peguei um trânsito terrível, mas cheguei a casa dos meus pais antes das oito. Passei pelos portões de ferro e estacionei próximo aos jardins, olhando rapidamente para as roseiras que minha mãe plantava com tanto carinho. Era incrível como ela tinha uma delicadeza só dela, um amor por coisas pequenas e eu adorava isso. A amava com todo o meu coração.

Entreí em casa e Marie veio correndo me abraçar. A senhora baixinha e gordinha, governanta da casa desde quando nasci, me agarrou e me deu um beijo estalado no rosto.

— Meu filho, você estava sumido! Fiquei com saudades.

— Também estava com saudades, Marie. — Falei, sorrindo de verdade pela primeira vez naquele dia.

Ela sorriu e passou a mão pelo meu rosto, olhando-me atentamente.

— Você está tão abatido. Está muito magro, tenho certeza que só anda comendo besteira, morando sozinho, só deve comer aquelas porcarias congeladas. — Ela reclamou, balançando a cabeça. — Fique para o jantar, estou preparando aquela torta de frango que você adora e tem legumes cozidos ao vapor também. Você tem que ter ferro nesse sangue para ficar forte, menino!

— Mas é incrível como o tempo passa e você continua se preocupando com esse burro velho como se ele ainda fosse uma criança, Marie. — A voz risonha do meu pai invadiu a sala. Ele estava vestido como sempre, usando apenas calças jeans e os pés descalços. O tempo passava, mas ele ainda continuava o mesmo.

— Mas ele é uma criança, para mim, ele e Chloe sempre serão duas crianças, Michael. — Ela riu

e se afastou, olhando em seu relógio de pulso. — Por falar em comida, tenho que dar uma olhada na torta. Não esqueça de ficar para o jantar! — Ela disse, saindo apressada da sala.

Meu pai se aproximou de mim e me abraçou com força, batendo em minhas costas. Quase desmoronei ali, me sentindo fraco em meio a toda aquela tempestade, mas sabendo que eu tinha que ser homem o suficiente para encarar tudo aquilo de frente.

— Cadê minha mãe?

— Acabou de entrar no banho...— Ele disse e se afastou de mim, sorrindo maroto. — Dei uma canseira nela.

Forcei um sorriso, sem conseguir achar graça das safadezas do meu pai como sentia diariamente e ele me olhou, analisando-me. Por fim, soltou um suspiro e disse:

— Já sei, vamos ao meu escritório.

Era sempre assim, não precisávamos de palavras para reconhecer quando o outro precisava desabafar. O acompanhei e ele fechou a porta, indo até o bar.

— Uísque?

— Por favor.

Ele preparou duas doses dupla e com duas pedras de gelo e veio até a mim, me dando um copo. Tomei um gole, sentindo a bebida queimar em minha garganta, me trazendo um alívio momentâneo. Ele se sentou à minha frente e me olhou, esperando que eu comesse a falar.

— Me separei de Therese. — Comecei, tomando coragem para chegar a parte ruim.

Ele ergueu uma sobrancelha e tomou um gole de uísque, me analisando.

— Por causa da Claire?

— Também.

— Eu sabia que isso ia acontecer. — Falou, tranquilo e bem-humorado como sempre. — Eu vi o modo como olhava para ela na exposição da Lily, Matthew. Assim como vi o modo como ela olhava para você. Estava na cara que vocês estavam se amando e, sinceramente, Therese nunca foi mulher para você.

— Você sempre implicou com ela, pai. Qualquer mulher é melhor que Therese, na sua opinião.

— Não qualquer mulher, mas não conseguia enxergar todo o amor que ela dizia sentir por você, Matthew. Respeitei a sua decisão de ficar com ela e de se casar com ela, mas nunca gostei dela. — Ele disse, sorrindo de lado. — Sou muito mais a Claire e olha que nem a conheço direito.

— Mas eu a conheci muito bem no sábado. — Falei, amargurado, olhando para o copo em minha mão.

— Como assim?

— Quem é Victória Medson, pai? — Perguntei, voltando meu olhar para ele.

Pude ver seu cenho se contrair pela primeira vez, como se ele ainda não tivesse entendido a pergunta.

— Ela é uma ex-namorada minha... Por que?

— Ela foi importante?

— Mais ou menos. Ela morava comigo na House of Happy Children, tivemos um namoro curto e conturbado. Ela era muito ciumenta e eu comecei a me envolver no ramo pornográfico... Quis me separar dela, mas ela disse que queria ser atriz pornô também e tentei ajudá-la, mas ela não tinha potencial e estava me sufocando. Terminei com ela, me lembro que ela fez um escândalo por causa disso, mas me afastei definitivamente depois que fui morar sozinho. Acho que tentou fazer filmes depois, mas não conseguiu. Nunca mais soube dela. — Ele deu de ombros. — Por que?

O encarei, sabendo que tinha chegado a hora de jogar aquela bomba em seu colo. Me sentia culpado por fazê-lo reviver o passado, mas como não tinha jeito, falei de uma vez:

— Claire é filha dela com Frederick Benson, o ex-noivo da minha mãe.

Ele parou com o copo perto da boca e em encarou, paralisado. Sustentei seu olhar para que ele soubesse que eu não estava brincando, mas mesmo assim ele riu sem humor e balançou a cabeça:

— O quê?

— Você ouviu. — Falei, colocando meu copo vazio sobre a mesinha de centro. — Claire me contou isso no sábado à noite. Ela é filha de Frederick Benson e Victória Medson e eles planejaram para que ela me conhecesse e me seduzisse. E como se não bastasse, Paul também está envolvido nesse plano absurdo.

— Ela é filha da Victória?

— Sim.

— Com aquele cara de virgem?

— Sim.

— Impossível!

— Ela me contou, pai. Não iria inventar uma história dessas e...

— Não! Impossível é ele ter feito uma filha tão bonita! — Ele falou, parecendo chocado, colocando o copo sobre a mesa. — Eu até comentei sobre isso na exposição de Lily. Estou chocado.

— Pai, sou eu que estou chocado. Será que você não enxerga a gravidade disso tudo? — Falei, encarando-o. — Claire se aproximou de mim com o intuito de me seduzir! Ela e os pais dela têm um plano de acabar com a nossa família!

— Mas, para ela te contar tudo isso, pelo visto ela não puxou ao pai e nem a mãe. Ela não abriria o jogo dessa forma se fosse louca como eles. — Falou. — E para você gostar tanto dela assim, é porque, com certeza, ela tem algo de especial.

— Ela é uma mentirosa, pai. Eu amei a Claire indefesa, a menina que ela criou para mim. Uma

mulher que sofreu na infância porque os pais batiam nela e a rejeitavam, amei a criança que foi estuprada pelo pai aos nove anos de idade e não essa mulher fria e cega por vingança!

— Espera, Matthew. — Ele falou, ficando sério de repente. Acho que nunca o vi tão sério em toda a minha vida. — Estuprada aos nove anos? Eles batiam nela?

— Foi o que ela disse para mim e, o pior de tudo, é que o idiota aqui acreditou. — Falei, tentando controlar minha raiva.

— Você acha que ela mentiu sobre isso?

— Ela mentiu sobre tudo, pai! Não se pode confiar em uma palavra que aquela mulher diz.

— Calma, Matthew. Isso é muito grave. — Ele ficou em silêncio por alguns segundos e depois me olhou, atento. — Victória sempre foi uma mulher fria, Matthew. Ela batia nas crianças menores que moravam no orfanato, ela gostava de humilhar e xingar. Eu só descobri isso quando já estava me separando dela e isso pesou muito na minha decisão. Ela era louca, totalmente, e esse ex-noivo da sua mãe também é um cara sem escrúpulos. E eu soube que ele piorou depois que perdeu todo o prestígio que tinha como advogado em Los Angeles. E sabe o que é pior? Eu não consigo imaginá-lo sendo pai e nem Victória sendo mãe. Juntando os dois então? Isso piora tudo, Matthew. Piora muito.

Pesei suas palavras, desviando o olhar ao pensar, novamente, em Claire sendo apenas uma menina indefesa no meio de pais macabros. Apenas pensar nisso já me deixava arrepiado, sem conseguir entender realmente como duas pessoas conseguiam ser ruins ao ponto de maltratar uma criança.

— Então... Você acha que ela pode estar falando a verdade? — Perguntei, voltando a encará-lo.

— É bem provável. Na verdade, eu tenho quase certeza. Veja bem, Matthew, uma pessoa não consegue fingir um trauma tão bem. Sempre há falhas, eu percebi isso convivendo com as crianças do orfanato, depois de adulto, claro. Crianças com traumas sentem medo, choram com lembranças ruins ou quando falam do passado. Também convivi com adolescentes que faziam muita burrada e colocavam culpa em um drama que não existia. Eles deixam falhas, não conseguem mentir sobre algo que nunca sentiram. Se você ficou tocado quando ela te contou tudo isso é porque ao menos um pingo de verdade você sentiu nas palavras dela.

— Quando ela me contou que ele a estuprava... Ela parecia tão quebrada, pai. — Murmurei, lembrando-me daquela noite de sexta-feira. — Eu fiquei com tanta raiva quando ela contou a verdade, falei tantas coisas, eu me esqueci completamente do modo como ela ficou ao me contar sobre isso. Ela parecia outra pessoa, parecia uma menininha indefesa que só precisava de carinho e cuidado. Me lembro de ter ficado com vontade matar o filho da puta do pai dela, eu não consigo entender como existem pessoas assim.

— Não podem ser classificadas como pessoas, Matthew. — Meu pai falou, tão raivoso quanto eu fiquei ao saber. — É incrível. Ele era um fraco, Matthew, um homem que odiava perder. Não consigo acreditar que tenha chegado a esse ponto, estuprar a própria filha... Realmente dá vontade de matá-lo.

Assenti, encarando-o.

— Ela me disse que cresceu ouvindo-os falar que tudo de ruim que eles passavam, era por nossa causa. Disse que sentia mesmo ódio da gente quando se aproximou de mim, mas enxergou que eu não era nada do que os pais falavam, e que se apaixonou. Eu não sei o que pensar, pai, não sei no que acreditar! Me sinto traído por ela, por Paul que está no meio desse plano e que armou para que eu a conhecesse, não sei mais em quem confiar.

— É normal que você fique assim, Matthew. Como é normal que ela tenha sentido ódio da gente, ela era apenas uma criança e passava por tudo aquilo, ouvia tudo o que eles falavam sobre nós. Sei que você ficou com raiva e não conseguiu enxergar direito, mas eu consigo entendê-la. Com certeza ela não deve ter recebido nem um pinga de carinho daqueles loucos que ela chama de pais e com você foi diferente. Você a amou, cuidou dela e, filho, eu sei muito bem o quanto isso é importante para alguém que nunca teve nada.

Ele sorriu de leve e balançou a cabeça, preso em suas lembranças.

— Por que você acha que eu amava tanto Mary? Ela foi a primeira pessoa que me tratou com amor, sempre me senti sozinho, meus pais me largaram naquele orfanato e eu me sentia injustiçado, me sentia um nada porque nem minha mãe me quis. Mas Mary me quis, ela me acolheu, me amou. Quando ela morreu, foi como se eu perdesse meu chão. Quando conhecemos alguém que se importa conosco, Matthew, essa pessoa se torna o centro do nosso mundo. O amor é algo tão importante, tão real, que sem ele não tem sentido viver, filho, e essa garota só deve ter conhecido o amor por causa de você.

— Você acha, pai?

— Eu tenho certeza.

— Mas eu falei tanta coisa... — Falei, sentindo-me culpado por tudo. — Eu fiz tanta coisa, eu estava com tanta raiva que quase perdi o controle e bati nela.

— Mas você não o fez porque é um homem de verdade. — Falou, me encarando. — Sabe, Matthew, quando sua mãe me deixou por aquele cara de virgem filho de uma puta, eu fiquei ensandecido de raiva, cego. Quando ela se arrependeu e veio atrás de mim me pedir perdão, eu falei muita coisa, fiz muita coisa, eu a via, mas não conseguia enxergar sua tristeza e arrependimento. Ela corria atrás de mim e eu ignorava tudo, fingindo não me importar, até que eu resolvi comemorar meu aniversário em grande estilo, fiz uma festa enorme, convidei um monte de gente, meu apartamento virou um antro de orgia.

Ele fez uma pausa, querendo saber se tinha minha total atenção. Então, continuou:

— A sua mãe apareceu lá, toda molhada porque estava uma chuva desgraçada e eu quase a escorracei do meu apartamento. Ela tinha feito uma carta para mim, leu em voz alta, não me lembro bem das suas palavras, mas enfim, eu estava cego. A raiva, misturada a mágoa, tinha me enlouquecido. Eu a expulsei, ela foi embora e, no dia seguinte, quando ela não me procurou, eu vi que tinha ido longe demais. Alguns dias depois a sua tia Kate bateu desesperada no meu apartamento e me disse que sua mãe não falava com ninguém, estava trancada em casa e não a respondia. Ela tinha se entupido de remédio e estava quase tendo uma overdose, eu quase a perdi. O médico me disse que se eu demorasse apenas algumas horas, ela não teria sobrevivido.

A voz dele embargou e ele parou de falar, enquanto eu o olhava sem saber o que dizer. Sem vergonha alguma, meu pai me encarou com os olhos cheios de lágrima deu um sorriso triste, sua dor era tão palpável que eu me senti perdido, sem saber o que fazer.

— Eu estou falando tudo isso, Matthew, porque... Se você realmente ama aquela garota, você tem que ir atrás dela e conversar com ela. Não seja um estúpido como eu fui, não estou dizendo que ela pode tentar se matar, mas, veja bem... Olha o quanto ela já sofreu na vida. Ela está arrependida, ela te pediu perdão. Você tem que conversar com ela, porque é apenas na conversa e na convivência, que você vai saber se ela está realmente arrependida ou não. Não deixe que a raiva cegue você, meu filho. Até hoje eu agradeço a Deus por não ter tirado a sua mãe de mim e por ter me feito enxergar tudo. Naquela época eu não tinha ninguém para me aconselhar, mas você tem a mim e, por favor, siga o conselho do seu pai e vá falar com essa garota.

Não tive mais o que falar. Apenas engoli em seco e me levantei junto com o meu pai, indo até ele e abraçando-o forte. Aquele era o homem que havia me criado, me dado amor e me feito ser o que eu era hoje. Era meu alicerce e, de repente, viver em um mundo onde eu não tinha o amor do meu pai, quase me fez ruir.

Ao pensar nisso, pensei em Claire e em sua infância sofrida. Ela não teve pai, não teve mãe e não teve amor. Ela teve o meu amor e eu arranquei dela de forma bruta, fui um idiota. Agora eu iria correr atrás dela e abraça-la, conversar com ela e enxergar seu verdadeiro arrependimento.

— Obrigado, pai. — Murmurei, sabendo que com ele eu não tinha que ser forte o tempo todo.

— Não precisa agradecer, você sabe que pode contar comigo para tudo o que você precisar. — Ele disse e deu um beijo em minha testa, se afastando. — Agora vai lá e fale com ela, tente descobrir tudo sobre onde o cara de virgem está morando. Talvez a gente possa dar uma lição naquele estuprador filho da puta!

— Eu vou descobrir, nem que tenha que arrancar dela. — Falei, ansioso, querendo vê-la. — Dê um beijo na minha mãe.

— Com certeza.

Ele riu e eu sai apressado do escritório, passando como um raio pela sala e pelo hall. Ao entrar no meu carro, agradei a Deus por ter um pai tão maravilhoso e corri, indo em direção ao apartamento da mulher da minha vida.

Capítulo 20 - Matthew

Dirigi feito um louco para o apartamento da Claire, sentindo-me cheio de uma esperança estranha, ansioso para vê-la novamente. Era incrível como apenas uma conversa com meu pai, fez com que eu visse toda aquela história sob um ponto de vista diferente. A minha raiva e minha mágoa haviam me cegado, me deixado louco, mas agora eu percebia que Claire não seria tão falsa ao ponto de inventar toda aquela história.

Como também sabia que ela tinha que ter um sentimento maior por mim para estragar todo o plano dos pais ao me contar tudo. Com esse pensamento em mente, estacionei o carro em frente ao seu prédio e passei pela recepção, vendo o porteiro de cabeça baixa sobre a mesa, dormindo. Chamei o elevador e esperei, ansioso, quase desistindo e indo para as escadas.

Quando o elevador se abriu, um homem alto e loiro, de olhos verdes, saiu e olhou para mim. Acenei com a cabeça, lembrando de ser educado e ele sorriu de lado, me observando.

— Boa noite. — Falou, educado, balançando a cabeça.

— Boa noite. — Respondi, entrando no elevador.

Ele me deu uma última olhada e saiu, vendo a porta do elevador se fechar. Ansioso, apertei o andar de Claire e praticamente contei os segundos até o chegar ao seu andar e a porta do elevador se abrir. Quando isso aconteceu, andei a passos largos até a porta de seu apartamento e apertei a campainha, esperando.

Esperei e esperei, ansioso, apertei de novo, depois mais uma vez e bufei.

Cansado de apertar a campainha e não ser atendido, levei a mão a maçaneta e a girei, torcendo para que a porta estivesse aberta. Empurrei de leve a porta se abriu, revelando o hall iluminado e silencioso.

— Claire? — Chamei, entrando e olhando ao redor, recebendo apenas o silêncio como resposta.

Andei pelo apartamento, passando pelo hall e indo em direção a sala, olhando ao redor. Um soluço abafado me fez parar a caminho da escada e olhei para trás, querendo saber de onde estava vindo aquele barulho. Mais um soluço rompeu o silêncio da sala dei mais um passo, olhando pra baixo.

Primeiramente eu vi apenas as suas pernas atrás da mesinha de centro. Franzi o cenho, sem entender o que ela estava fazendo ali, e andei até ela, parando de supetão com a imagem que tomou conta dos meus olhos. Acho que meu coração parou de bater, enchendo-se com uma dor que nunca senti na vida.

Claire estava jogada ao chão, sua pele clara toda marcada em vergões vermelhos, quase roxo. Seus cabelos estavam bagunçados, seu quadril ao lado direito estava roxo e seu ânus sangrava.

— Claire... — Murmurei, em choque, sem conseguir acreditar no que estava vendo.

E então, ela me olhou. Seus olhos azuis esverdeados cheios de lágrimas, quebrados em dimensões gigantescas, tanta dor que quase me fez ofegar e me tirou do transe em que estava. Desesperado, me ajoelhei ao seu lado e toquei em seu rosto, tentando entender o que tinha acontecido ali, querendo salva-la e tirar toda aquela dor que a atormentava, querendo fazê-la esquecer.

— Você não disse que eu merecia uma surra? — Ela murmurou com a voz baixa, desviando o olhar de mim. — O meu pai já veio aqui e me deu o que eu merecia.

Senti meu mundo parar de girar e olhei mais uma vez para o seu corpo, gravando cada detalhe machucado na minha mente, sentindo meu sangue ferver nas veias e meu coração voltar a bater com força. Um único pensamento invadia minha mente e cerrei os dentes, sabendo exatamente o que eu iria fazer.

Eu iria matar Frederick Benson com as minhas próprias mãos.

A raiva quase explodia pelos meus poros e me levantei, pegando o celular do meu bolso e discando para o meu pai, furiosamente. Quando ele atendeu, praticamente gritei, lutando para não dar um soco na parede:

— Ele a espancou, pai! — Falei, furioso. — A espancou e estuprou!

— O quê? — Ele falou, parecendo agitado.

— Ele fez isso! Ele veio ao apartamento dela, ele a surrou e estuprou, aquele filho da puta! — Gritei, virando-me de costas para não olhar para ela. — Ela está toda machucada e sangrando e eu vou matá-lo!

— Espere, Matthew, acalme-se. Leve-a para um hospital e eu vou te encontrar lá, entendeu? Mas fica calmo, ela não precisa te ver nesse estado.

— Tudo bem, mas vai logo. Eu estou falando, eu vou caça-lo nem que seja no inferno. — Cuspi, me tremendo.

— E eu vou com você.

Desliguei o telefone e me virei para ela. Claire estava de olhos fechados, seu queixo tremia e ela chorava descontroladamente, apesar de não falar ou gritar. Me ajoelhei e toquei no rosto dela, secando suas lágrimas, me sentindo um imbecil por ter duvidado de sua história e por um dia ter também sentido vontade de bater nela. Eu era um estúpido, um covarde.

— Eu vou te levar para o hospital, Claire.

— Não. Não quero...

— Você está toda machucada, está sangrando. Não pode ficar aqui assim, precisa ser consultada, Claire.

— Ele sempre fez isso comigo e me curei sozinha. — Ela soluçou, abrindo os olhos para me olhar. — Não preciso de ajuda agora.

— Mas agora você não está sozinha. — Falei, alisando seu cabelo, tentando ser o mais gentil possível. — Eu estou aqui com você e prometi que nunca mais te deixaria sozinha... Você se lembra? Se lembra, Claire? — Murmurei, me abaixando para beijar seus lábios. — Eu te amo. Te amo mais do que tudo...

— No mundo. — Ela sussurrou, fechando os olhos. — Te amo mais do que tudo no mundo.

Senti meus olhos se encherem d'água e a beijei de novo, colocando minha língua em sua boca, beijando-a com todo meu amor. Quando me afastei, tirei meu paletó e coloquei nela, antes de pegá-la no colo com todo o cuidado que eu poderia ter naquele momento.

Sai de seu apartamento com ela em meu colo e sua bolsa pendurada em um ombro com seus documentos. Ela ainda chorava baixinho e sua dor parecia ser tão insuportável que fez a minha raiva por aquele homem aumentar. Saímos do elevador e ela viu o porteiro adormecido e ofegou, escondendo o rosto em meu ombro. Quando cheguei no carro, a coloquei no banco do carona e a preendi com o cinto, terminando de abotoar meu paletó em seu corpo rapidamente.

Dirigi feito um louco de novo. Intercalava minha atenção entre a direção e ela, me sentindo um incapaz por vê-la sofrer tanto e não poder fazer nada para tirar aquela dor do seu corpo e da sua memória. Nem de longe ela se parecia com a Claire cheia de luz e sagacidade que eu conheci e cerrei o maxilar ao pensar em quantas vezes ela foi abusada e quebrada e teve que se reerguer, de novo e de novo.

Estacionei em frente ao hospital e desci, pegando-a no colo e levando-a para a emergência. Não precisei nem gritar, assim que meu pai me viu ele veio correndo em minha direção com Marie ao seu lado e um médico do outro. Uma equipe de enfermeiros veio com uma maca e eu coloquei Claire lá em cima, dando um beijo em sua boca.

— Não me deixa sozinha, por favor... — Ela murmurou, enquanto os enfermeiros arrastavam a maca e eu a acompanhava.

— Eu não posso entrar com você agora, mas vou te esperar aqui. Mas antes você precisa me dizer onde posso encontrar Frederick, Claire.

— Não, você não vai atrás dele.

— Eu vou sim! E se você não me disser, eu dou o meu jeito e o acho nem que seja no fim do mundo.

— Matthew, por favor... — Ela chorou, fraca, mas por fim, respirou fundo e me olhou. — Você vai encontra-lo no bar Season's, que fica no Brooklyn. Todas as noites ele fica lá para beber.

— Tem certeza?

— Absoluta. — Ela murmurou e colocou a mão em meu rosto, me olhando. — Por favor, por favor, toma cuidado... — Ela olhou para o meu pai e soluçou. — Tome cuidado, senhor Peterson.

— Nós vamos tomar, Claire. Agora você precisa se acalmar, vão cuidar muito bem de você.

Dei mais um beijo nela e me afastei, vendo os enfermeiros sumirem com ela na maca.

— Eu vou ficar aqui com ela até vocês voltarem, Matt. Não precisa se preocupar. — Marie falou, olhando para mim com pesar.

Acenei a cabeça, me sentindo incapaz de falar e olhei para o meu pai. Não precisamos de palavras. Dei a bolsa de Claire para Marie e saímos do hospital, indo até o meu carro, onde comecei a dirigir sentindo toda a fúria dominar o meu corpo.

— Eu trouxe Marie porque não tive tempo de explicar nada a sua mãe. — Meu pai disse, colocando o cinto. — Vá com calma, Matthew, se morrermos em um acidente de carro tudo ficará na mesma.

— Eu só quero matá-lo, só isso.

— Não vamos matá-lo, mas vamos dar uma lição da qual ele não vai esquecer.

Assenti, voltando minha atenção a direção. Não demoramos muito e chegamos ao bar de letreiro sujo antes das dez da noite. Saímos do carro e fomos até o bar de aparência suja, onde o cheiro de cigarro e bebida barata predominavam.

Meu pai olhou ao redor, procurando e me cutucou, apontando para o balcão.

— Ele está ali. — Falou.

Olhei para onde ele apontou e quase paralisei. Era o mesmo homem que saiu do elevador do prédio de Claire e senti minha raiva aumentar ao perceber que estive tão perto dele, que poderia tê-lo matado, mas não o fiz porque não o conhecia. Sem conseguir me controlar, fui até ele e o puxei pelo colarinho da camisa.

Ele me olhou assustado, mas um sorriso escroto se abriu em seus lábios quando ele me reconheceu e viu meu pai atrás de mim.

— Ah... Os Peterson vieram atrás de mim. Que emocionante.

— Eu vou acabar com você! — Gritei em seu rosto asqueroso, sentindo o ódio dominar cada poro do meu corpo.

— Lá fora, Matt. — meu pai disse, tocando em meu ombro.

Sem solta-lo, puxei-o pelo colarinho da camisa até ele sair do banco e fui andando em direção a porta. Todos no bar estavam bêbados demais para se preocupar com que eu estava fazendo e assim que sai daquele pardieiro, o taquei no chão, parando ao seu lado junto com o meu pai.

— Vamos te dar uma lição da qual você nunca mais vai esquecer, seu cara de virgem filho da puta! — Meu pai gritou, dando um chute no meio da sua cara.

Ele gemeu, sabendo que aquilo era apenas o começo.

Capítulo 21 - Matthew

Olhei para cara do desgraçado que se virou para mim e riu. Continuou deitado, sem fazer menção de que iria se levantar, mas colocou a mão no rosto, no lugar onde meu pai chutou.

— Então você sabe bater, Michael? Pensei que só soubesse usar o que tem no meio das pernas...
— Ele provocou, rindo.

— É, eu sei. Ao contrário de você que para gozar, tem que estuprar a filha. — Meu pai rugiu, olhando-o.

— Aquela putinha veio sem ser planejada, se intrometeu na minha vida com Victória, não tinha serventia para nada... Eu tinha que encontrar algo pra fazer com ela ou iria enlouquecer com os miados que ela soltava quando Victória a surrava. — Falou, friamente, mas ainda rindo. — E foi bem gostosinho entrar em cada buraco que ela tem no corpo.

— Seu filho da puta! — Gritei, chutando sua cara, seu nariz explodindo em um rio de sangue.

Sem conseguir me conter, me sentei por cima dele e soquei sua cara, meu punho fechado estilhaçando cada osso da sua face, fazendo-o ficar irreconhecível.

— Vamos, bata em mim! Você é não é homem o suficiente para bater e estuprar sua própria filha? Quero ver agora se é homem de verdade para me encarar, seu merda! — Gritei, dando um último soco em seu nariz, seu sangue sujando minha mão.

Me levantei com a ajuda do meu pai, sentindo meu corpo tremer pela raiva, pelo ódio e pelo nojo que eu sentia daquele homem. Minha vontade era de matá-lo, mas antes ele teria que sofrer, queria que sentisse cada dor que fez Claire sentir.

— Então foi por isso que Claire se apaixonou por você? Por que você a defende do papaizinho maldoso? — Ele falou devagar, virando o rosto para cuspir um pouco de sangue. Quando voltou para mim, deu o esboço de um sorriso com o maxilar inchado. - Sabia que eu a mandei escolher? Dei duas opções a ela, para saber o que ela preferia. E entre surra-la e matar você, ela preferiu apanhar. Ela é emotiva demais, assim como o seu pai, como a Emma e como você. Não serve para nada.

— Você é doente. — Meu pai falou com asco e deu um chute em suas costelas, fazendo-o ofegar.
— Um doente filho da puta!

Claire havia apanhado para me proteger. Saber daquilo fez meu coração pesar e quase sai correndo dali para ir abraça-la e pedir perdão por cada merda que falei para ela na praia. Por ter duvidado do seu amor, de sua palavra, por tê-la feito passar por aquilo mais uma vez. Mas a minha raiva por aquele homem foi maior, algo que nunca senti na vida, um ódio que me cegava e me deixava a ponto de matá-lo.

Por isso, olhei bem para o meio das suas pernas, para aquele pinto mole e inútil, que só servia

para machucar a mulher que eu amava. Com todo o meu ódio, dei o primeiro chute, com força, vendo-o revirar os olhos pela dor.

— Seu filho da puta! — Ele tentou gritar e eu chutei de novo e mais uma vez.

Meu pai se juntou a mim e voltou a chutar sua costela e seu rosto, enquanto continuava a chutar com ódio o seu pênis, sentindo suas bolas ficarem massacradas sob os meus pés. Ele havia parado de gemer e mal conseguia abrir os olhos de tão inchados que estavam, mas percebi quando o vi tentar levar as mãos as costas. Meu pai também percebeu e foi mais rápido, pisando em sua mão com força, fazendo soltar um lamurio débil.

Sem deixar de olha-lo, me ajoelhei ao seu lado e levei a mão abaixo dele, sentindo uma arma para fora do cós da sua calça. A puxei e levantei, vendo a pistola carregada, quase sorrindo por tamanha sorte.

— Era com isso aqui que você ia me matar? — Perguntei, esfregando o cano por sua face ensanguentada, sua boca aberta faltando alguns dentes da frente. — Responde! — Ordenei, batendo com o cano em seu nariz.

— Eu ainda vou te matar... Vou matar a todos vocês. — Ele sussurrou com a língua enrolada.

— Não se você morrer antes. — Falei, me levantando e mirando bem no meio da sua testa.

Ele não se alterou e eu engatilhei a arma, pronto para matá-lo sem nenhum peso na consciência.

— Matthew, não. — Meu pai falou, levantando-se e colocando a mão em meu ombro. — Você não é um assassino, não pode se sujar com isso.

— Um cara como esse não merece viver, pai. Estarei fazendo um favor a humanidade ao matá-lo.

— E você não merece carregar o peso de uma morte nas suas costas.

Pesei suas palavras e olhei para aquele pedaço merda ensanguentado caído no chão, tão machucado que estava praticamente irreconhecível. Lembrei do olhar quebrado de Claire, do modo como me implorou para não me sujar com seu pai, no dia que me contou que ele a estuprava. Lembrei de cada marca daquela cinta nas suas costas, no seu ânus sangrando e soube que um tiro na testa seria muito eficaz, muito rápido e ele merecia sofrer até morrer.

Por isso, mirei em seu joelho, dando um tiro. O osso se estilhaçou e o sangue jorrou, sujando sua calça. Ele gritou e eu mirei no outro joelho, dando um tiro e vendo o mesmo processo, o sangue jorrando e molhando o chão. Poderia cravar o seu corpo de bala, estava pronto para isso, mas meu pai tirou a arma da minha mão e me afastou do corpo daquele inútil.

— Chega. — Falou, segurando em meu ombro.

— Espero que você sangre até morrer e que queime nas profundezas do inferno. — Falei, olhando para ele, que ainda lutava para se manter consciente. — E ainda será muito pouco para o que você merece.

Senti meu pai puxar o meu braço e me deixei levar, indo em direção ao meu carro. Sabendo que eu não tinha a menor condição de dirigir, meu pai assumiu o volante e começou a dirigir em direção

ao hospital, me dando uma olhada rápida.

— Deixe que eu cuido dessa arma, vou sumir com ela do mapa. — Falou, tocando em minha coxa. — Agora você tem que deixar toda essa raiva de lado e se concentrar em Claire, Matthew. Ela precisa muito de você.

— Eu sei. — Murmurei, sentindo a adrenalina ainda no meu sangue, louco para voltar lá e terminar de matá-lo. — Espero que ele morra.

— Eu também espero, é o que eu mais desejo, mas não poderia permitir que você carregasse esse peso pelo resto da vida. Não sou religioso, você sabe disso, mas Deus é justo, Matt. E Ele vai se encarregar de Frederick, pode ter certeza.

Assenti ainda em silêncio, me agarrando as palavras do meu pai. Sabia que ele tinha razão e iria depositar minhas confianças em Deus. Ele dirigiu calmamente para o hospital, acho que me dando tempo para pensar e me acalmar, o que surtiu efeito. Quando pisei na emergência, me sentia bem mais relaxado e ansioso para ver Claire, saber como ela estava.

Meu pai foi se informar no balcão e quando voltou, me disse que ela já estava no quarto em observação e que poderíamos vê-la. Fomos ao elevador e ele passou o braço pelo meu ombro, me olhando:

— Você não sabe o orgulho que sinto de você e do homem que você se tornou. — Falou, olhando em meus olhos. — E não sabe a alegria que sinto em saber que você finalmente encontrou um amor de verdade. Agora você vai entender a loucura que é isso tudo.

— Eu já entendi, pai. — Falei, me virando para abraça-lo. — Obrigado por tudo.

— Já disse que não precisa agradecer. — Falou, batendo de leve nas minhas costas.

Nos afastamos e nos olhamos, dizendo mais em silêncio do que poderíamos dizer em voz alta. Quando o elevador parou e saímos, pude respirar mais aliviado, sabendo que tudo voltaria aos eixos.

Paramos em frente ao quarto onde Claire estava e bati na porta de leve, abrindo-a. A cena que vi assim que entrei me fez parar. Minha mãe estava ao lado de Claire, que estava adormecida, tocando em seus cabelos e chorando baixinho. Olhei para o meu pai e ele também me olhou, quase de boca aberta, sem entender nada. Quando minha mãe nos viu, fungou e secou as lágrimas, voltando a olhar pra Claire.

— Por que vocês não me contaram? — Perguntou, voltando a acariciar os cabelos de Claire. — Acho que eu tinha o direito de saber que meu ex-noivo é um monstro sem escrúpulos.

— Emma...

— Não, eu só quero saber o porquê. — Ela se virou para gente. — Até quando iriam me esconder isso?

— Nós íamos te contar, mãe. — Falei, me aproximando dela. — Como soube?

— Eu segui seu pai quando ele saiu todo apressado de casa, sem me falar o que tinha acontecido. Quando cheguei aqui encontrei Marie e entrei com ela quando Claire veio para o quarto. Dei a

entender que já sabia de tudo e ela me contou, desesperada, que vocês tinham ido atrás do pai dela, o Frederick. Até agora, tudo que sei, é que ela é filha de Frederick e que ele é um monstro que a espancou e estuprou, mas eu quero saber de tudo e aí de vocês se me esconderem mais alguma coisa!

— Fica calma, baby. Eu vou te contar tudo. — Meu pai falou, indo até ela e segurando sua mão.
— Vamos tomar um café aqui na lanchonete do hospital, e eu te falo o que está acontecendo.

— Tudo bem. — Ela falou, se virando para mim. — Se ela acordar você me chama, filho? Tadinha, ela está tão triste, tão magoada... Acho que essa menina nunca teve colo de mãe. Estou tão triste por ela.

Sorri de leve e fui até ela, abraçando-a, sentindo todo o conforto que só ela sabia me da.

— Eu te chamo, mãe, pode deixar.

Ela assentiu e saiu junto com meu pai e Marie. Só então eu pude me virar para Claire e observá-la, seus cabelos loiros sobre o travesseiro, seu corpo descansado sobre a cama e seus olhos fechados, me impedindo de ver a real tristeza que ela carregava neles. Soube naquele momento que, assim como ela era capaz de fazer tudo por mim, eu também era capaz de fazer tudo por ela.

Porque eu a amava mais do que tudo no mundo.

Capítulo 22 - Claire

Senti minha boca levemente seca e meus olhos pesados, mas mesmo assim a vontade de saber onde eu estava foi mais forte e me fez abrir os olhos, só para fecha-los imediatamente. Uma luz branca, fluorescente, pareceu queimar minhas córneas e soltei um gemido, antes de voltar a abrir meus olhos e me obrigar a me adaptar. Percebi que estava em um quarto branco e azul, em um hospital, com uma agulha em meu braço ligada a uma bolsa de soro que estava quase terminando.

Olhei ao redor e me encontrei sozinha, mas consegui me lembrar de tudo o que havia acontecido, o que só me fez ficar nervosa por dois motivos: o primeiro era que Michael e Matthew haviam ido atrás do meu pai o segundo era que Emma havia aparecido ali e por mais que ela tenha ficado comovida com o que me aconteceu, eu tinha receio do que ela poderia pensar de mim quando soubesse de tudo, quando soubesse que eu era a traidora.

Suspirei, sentindo vontade de chorar de desespero e preocupação. Pedi a Deus pela enésima vez que protegesse Matt e Michael e briguei comigo mesma por ter dormido. Agora eu não tinha informação alguma sobre o que tinha acontecido ou se eles ao menos estavam bem.

— Claire?

Me virei tão rápido que senti meu pescoço estalar. Matthew saiu do banheiro e veio até mim rapidamente, sentando-se ao meu lado na cama. Seu rosto estava coberto de preocupação e pesar. Olhei para todo o seu corpo, percebendo que ele não tinha um arranhão.

— Você está bem? — Perguntei, voltando a olhar em seus olhos.

— Acho que era eu que tinha que fazer essa pergunta.

— Foi você quem foi atrás do meu pai, não eu.

— E foi você que passou por tudo aquilo na mão daquele filho da puta. — Xingou, cerrando o maxilar. Mas quando olhou para mim, seu olhar se suavizou. Passou a mão pelo meu rosto, me fazendo fechar os olhos com o seu carinho. — Eu sinto tanto, Claire... Por tudo. Por tudo o que eu falei, por não ter acreditado em você, por você ter passado pelo o que passou ontem... Eu sei que a culpa é minha, sei que seu pai te chantageou, sei de tudo e eu me sinto tão culpado, tão incapaz por não poder tirar mais esse trauma de você.

— A culpa não é sua, Matt. — Murmurei, tocando em sua mão que estava em meu rosto. — O meu pai nunca precisou de desculpas para fazer aquilo comigo, mas ele sabe que agora que estou adulta, que conheço muita gente, posso fazer algo contra ele, por isso me chantageou. E sobre você não ter acreditado em mim, eu entendo perfeitamente, eu fui uma traidora, me aproximei de você com más intenções, eu entendo perfeitamente a sua reação.

— Mas isso não me dava o direito de ter falado tudo o que falei, nem de ter quase perdido a cabeça. Eu quase bati em você, Claire, você tem noção disso? Por pouco, por muito pouco eu não me igualei ao seu pai.

— Você nunca será como o meu pai, Matt. — Falei. — Você é muito, muito diferente dele. Você é bom, é amoroso, é verdadeiro, é justo. Meu pai é desumano, ele não tem um pinga de senso e nem de amor dentro de si. Se você fosse ao menos parecido com ele, eu nunca me apaixonaria por você.

— Mas, Claire...

— Escute. — Pedi, segurando em suas mãos. — Sabe por que eu te amo? Porque você é totalmente diferente de tudo o que eu já conheci. Eu sempre convivi com pessoas frias, sem escrúpulos, que só me machucavam e me usavam, que me xingavam... Você não é assim. Você é maravilhoso, sempre me tratou bem mesmo quando eu me aproximei de você deixando claro que não ligava se você tinha um compromisso ou não. Você me mostrou que realmente existe o que eu sempre almejei na vida. Eu sempre quis ser cuidada, ser tratada bem, sempre quis que alguém demonstrasse ao menos um pouco de carinho por mim e você fez isso. Você cuidou de mim como ninguém nunca tinha feito até então. Você foi feito para mim, Matt. É isso que me faz amar você.

Percebi que seus olhos estavam cheios de lágrimas, assim como os meus, mas um sorriso lindo se abriu em seu rosto, me fazendo sorrir também. Eu não tinha vergonha de demonstrar meus sentimentos, até porque, o amor que eu sentia por Matthew era tão puro e verdadeiro que eu sabia que iria ama-lo para sempre, mesmo que não pudesse tê-lo.

— E eu te amo porque sei muito bem que você é diferente dos seus pais, que você é uma mulher maravilhosa, que consegue me encantar nos mínimos detalhes, que conseguiu me conquistar tão rápido. Você me cativa de todas as formas, Claire e o que eu mais desejo nesse momento é que você fique ao meu lado para sempre, que me permita cuidar de você e te fazer feliz como você nunca foi.

— Eu acho que vou ter que repetir que você já me faz feliz em todo o sentido da palavra. — Murmurei, rindo para ele.

Seu sorriso enorme quase me fez ofegar e ele se aproximou de mim, com os lábios quase colados aos meus.

— E eu vou ter que repetir que quero que você fique enjoada de tanta felicidade. — Sussurrou, começando a passear os lábios sobre os meus. — Me perdoa por tudo, meu amor.

— Não tem o que perdoar. — Respondi, levando minha mão livre do soro aos seus cabelos, acariciando-os. — Eu te amo mais do que tudo no mundo.

— Eu te amo mais do que tudo no mundo.

Olhei ao redor, vendo o extenso jardim com flores coloridas e mais na frente à casa enorme pintada de branco com detalhes dourados. Quase sai correndo pois nunca tinha visto nada tão bonito e tão cativante. Na verdade, quase sai correndo quando, dentro do carro, Matthew me disse que me levaria ali.

Na casa dos pais dele. Certo, eles já sabiam sobre tudo, sabiam de quem eu era filha, sabiam da minha intenção quando conheci o Matt e também sabiam que eu havia mudado. Mas mesmo assim, eu ainda temia que, de repente, eles se revoltassem contra mim e me expulsassem da vida de Matthew.

Eu poderia estar viajando, claro. Me lembro totalmente da reação solidária de Emma ao meu estado, como também me lembro da raiva e do pesar que vi nos olhos de Michael enquanto eu era levada a emergência, mas agora que eles sabiam de tudo, eu não conseguia prever a reação deles. Estava mais do que nervosa, chegava a ficar enjoada de tanta tensão.

— Não precisa ficar assim. — Matt disse, apertando minha mão. — Minha mãe e meu pai estão ansiosos para te ver e para saber se você realmente está bem.

Sorri de leve para ele e assenti, seguindo ao seu lado. Já havia perdido as contas de quantas vezes eu havia agradecido a ele por tudo o que tinha feito por mim. Não só por ter me levado ao hospital ou por ter ido ao meu apartamento buscar minha roupa para ter alta, mas também pelo fato de ele ter ido atrás do meu pai, de ter feito a ele tudo o que fez.

Não me deu detalhes, mas disse que o havia deixado em um estado bem ruim e que só não o matou porque Michael havia o impedido. Apenas em me lembrar daquilo eu já me sentia arrepiada e agradei a Deus por Michael ter ido com ele e tê-lo impedido de ir além.

Entramos na casa e passamos pelo hall de piso branco e paredes creme, indo até a sala enorme e chique, com sofás de couro negro e paredes brancas com detalhes dourados. Percebi que aqueles tons claros demonstravam acolhimento e, estranhamente, me senti mais do que acolhida ali, principalmente quando Michael e Emma entraram juntos na sala, de mãos dadas e sorridentes.

— Vocês demoraram! — Emma disse, se aproximando de Matthew e o abraçando, logo depois vindo até mim. Me deu um abraço forte e passou a mão pelas minhas costas, me fazendo reagir automaticamente e abraça-la também. — Ah, querida, eu estou tão contente em te receber aqui. — Falou, se afastando um pouco de mim, com um sorriso lindo no rosto. — Você está melhor?

— Estou, senhora Peterson. Obrigada pela preocupação.

— Nada de senhora, por favor, apenas Emma.

— E se você me chamar de senhor de novo, vou achar que estou mais velho do que estou aparentando. — Michael disse, divertido, se aproximando de mim depois de ter falado com Matthew. Me abraçou também e quando se afastou, me deu um olhar sorridente. — Fico feliz que esteja melhor, Claire. A partir de hoje Emma e eu queremos que você saiba que você faz parte da nossa família. Sabemos que será difícil, mas queremos que você deixe o passado para trás e se permita nos conhecer de verdade, sem toda a máscara que seu pai e sua mãe colocaram sobre nós.

Quase chorei, mas me segurei e sorri, querendo espantar as lágrimas para bem longe.

— Eu já sei que vocês não são nada do que eles me disseram. — Falei, voltando a segurar a mão

de Matt. — Soube disso no momento que conheci Matthew. Soube que ele não poderia ser o homem que é vindo de uma família como meus pais descreveram.

— Fico feliz que saiba disso, querida. — Emma disse, sorrindo ao olhar para nossas mãos unidas. — E fico feliz também por estar com meu filho. Nunca vi Matthew com um olhar tão apaixonado.

— Mãe!

— O quê? Eu estou falando a verdade. — Ela disse. — Eu gosto muito de Therese, mas eu sei que você é a mulher da vida dele. Mãe sabe dessas coisas.

Meu sorriso se expandiu e Michael concordou com ela, antes de nos levar a sala de jantar. Nos acomodamos e eu olhei discretamente ao redor, vendo um móvel atrás de Michael que estava repleto de porta-retratos. Ver a foto de Therese ali me fez mal, me levando a crer que a falsidade de certas pessoas não tinha limites.

Começamos a comer e a conversa que se estabeleceu a mesa foi agradável. Percebi que Michael era divertido e desbocado, mas totalmente apaixonado pela esposa. Emma às vezes o repreendia por ser tão bobo, mas também se derretia por ele e percebi que Matthew e eu também éramos assim, loucos um pelo o outro, apaixonados e bobos também.

Não consegui conter a risada quando Michael disse, do nada, que ainda não acreditava que eu era filha de Frederick, pois não conseguia crer que ele tinha feito uma filha tão bonita. Matthew gargalhou e Emma balançou a cabeça, como se soubesse que ele realmente não tinha jeito.

Sem querer eu senti falta de Chloe, sabendo que aquela família só estaria completa se ela também estivesse ali, conosco, tão divertida e simpática quanto o pai, mas tão bela e parecida com a mãe. Mesmo assim, estar ali, no seio da família Peterson, foi como estar em casa pela primeira vez na vida.

— Claire, eu queria te fazer um pedido. — Emma disse, enquanto uma empregada tirava a mesa.

— Pode fazer, Emma.

Ela sorriu e segurou a mão de Michael, que sorriu também.

— Eu queria que você passasse alguns dias aqui em casa. Você e Matthew. — Falou, entrelaçando os dedos ao de Michael. — Michael e eu queremos muito ficar ao seu lado nesse momento, você já passou por tanta coisa, acabou de passar por um trauma grande e queríamos muito cuidar de você. Eu sei que você nunca teve uma mãe e... Eu apenas queria ser uma mãe para você.

Daquela vez eu não consegui conter as lágrimas. Veio antes que eu pudesse evitar, um choro de emoção que rompeu em meio a um sorriso, enquanto eu olhava de Michael para Emma e sentia Matthew levar minha mão a sua boca, dando um beijo carinhoso no dorso.

— Eu... Eu não sei o que dizer. — Murmurei, emocionada. — Eu nunca pensei que vocês poderiam se importar tanto comigo, eu acho que nem mereço isso...

— É claro que merece, querida. — Michael disse, sorrindo. — Você foi uma vítima de dois loucos, que usaram e abusaram de você de uma forma imperdoável. Nós queremos apenas cuidar de

você, dá o carinho que eles não lhe deram. Você se aproximou de Matthew com um intuito, mas se arrependeu porque é melhor do que seus pais. E nós reconhecemos isso.

— E queremos que você aceite. — Emma emendou.

Olhei para Matthew e ele sorriu para mim, apertando minha mão, me dando forças. Ele compreendia perfeitamente o quanto aquilo era importante para mim, sabia que eu nunca tive nada daquilo e, de repente, seus pais queriam me acolher como se eu fosse sua filha.

Ainda emocionada, voltei a olhar para eles e sorri.

— Eu aceito e não tenho palavras para agradecer o que estão fazendo por mim.

— Não precisa agradecer, Claire. Nós que ficamos feliz por você ter aceitado. — Emma disse, sorrindo para mim.

Olhei para todos eles, me sentindo tão agradecida, tão feliz, que palavras jamais poderiam descrever meus sentimentos. Ali eu soube que, por mais improvável que pudesse parecer, eu tinha achado a minha família. E nunca estive tão feliz por isso.

Capítulo 23 - Matthew

Uma semana depois

Nunca pensei que me sentiria tão completo na minha vida. Quer dizer, sempre almejei me sentir satisfeito e pleno, ter felicidade e poder seguir uma rotina, mas nunca cheguei a sonhar viver o que estava vivendo.

Passamos uma semana na casa dos meus pais e era prazeroso sair da empresa e saber que iria encontrar Claire sorridente e bem cuidada pelas duas pessoas mais importantes da minha vida. Minha mãe e ela estavam inseparáveis, viviam juntas pela casa, cozinhavam junto a Marie e minha mãe havia até mesmo a ensinado a plantar, enquanto Claire a ensinava a pintar em troca.

Meu pai era outro que estava encantado, principalmente depois de Claire ter feito um lindo quadro com a imagem dele e da minha mãe na praia, uma réplica da foto do casamento deles. Ele realmente gostava e confiava em Claire, que se recuperava rapidamente de todo o trauma que havia passado nas mãos do pai.

E eu... Bem, eu não conseguia me conter de tanta alegria. Tudo aquilo que estava acontecendo me parecia tão certo, que eu não conseguia entender como consegui viver vinte e oito anos da minha vida longe daquela mulher. Apenas um sorriso dela e eu estava desarmado, esquecia minhas responsabilidades e frustrações e me perdia em meio aos seus braços e seus carinhos. Ela cuidava de mim, na mesma proporção em que eu cuidava dela.

E agora, como nunca tinha acontecido em toda a minha vida, eu contava as horas para poder ir embora para vê-la. Era como um vício, e agora que tínhamos saído da casa dos meus pais e eu a tinha feito aceitar a passar um tempo comigo em meu apartamento, cada minuto na empresa havia se tornado uma tortura.

Por isso, quando o relógio bateu as seis e meia da tarde, encerrei meu trabalho e desliguei o telefone depois de falar com Fisher, o detetive que coloquei atrás de Frederick. Segundo ele, Frederick estava internado em estado estável, tinha alguns ossos quebrados e os joelhos estourados, mas, infelizmente, estava bem.

Mesmo assim, fiquei aliviado. Sabia que ele não ia me entregar a polícia, até porque, se o fizesse ele sairia perdendo muito mais do que eu. Quando saísse do hospital, ficaria um bom tempo andando em uma cadeira de rodas até recuperar os movimentos dos joelhos, que tinham passado por uma cirurgia para a colocação de próteses de platina.

Com tudo isso, sabia que ele jamais se arriscaria a ir atrás de Claire novamente e aquilo me

deixou ainda mais satisfeito.

Sai do escritório e ativei o código de segurança para trancar minha sala. Dispensei minha secretária e falei com alguns funcionários que passavam por mim, percebendo que meu humor estava ótimo, apesar de não ter me recuperado muito bem do choque que foi descobrir que Paul era um falso.

Ainda não tinha tido estômago suficiente para falar com ele, mas tinha conversado com Mark, Roy e John, depois de Claire ter me assegurado que eles não faziam parte do plano. Pelo menos neles eu poderia confiar.

O trânsito de Nova York estava caótico naquele horário, mas nem aquilo me desanimou ao chegar em meu apartamento e sentir o cheiro de comida ficando pronta. Um sorriso incontrolável se abriu em meu rosto quando a vi na cozinha, mexendo em algumas panelas e tomando um gole de vinho tinto.

— Tem espaço para mim? — Perguntei, contornando o balcão.

Ela se virou para mim, toda linda e sorridente e veio ao meu encontro, contornando meu pescoço com os braços.

— Claro que tem. — Falou, colando os lábios nos meus. — Senti sua falta.

Não precisei dizer nada, meus lábios sobre os dela e minha língua contra a sua provou toda a saudade que eu havia sentido. Passei as mãos pelas suas costas, chegando o cós do short jeans, sentindo uma falta tremenda do seu corpo contra o meu. Havia me obrigado a ser gentil e esperar até que ela estivesse realmente bem, tanto física, como psicologicamente e mesmo com ela implorando para fazermos amor, eu ainda a sentia frágil em meus braços, como uma boneca de porcelana.

— Eu sinto tanto a sua falta, Matt... — Ela sussurrou, começando a descer os lábios pelo meu pescoço. — Sinto falta do seu cheiro, falta do seu corpo, falta do seu pau dentro de mim..

— Claire, você ainda...

— Eu estou bem, ou melhor, eu só vou realmente ficar bem, quando você me fizer sua de novo, Matt. — Ela murmurou, mordendo o lóbulo da minha orelha.

Senti meu pau pulsar dentro da calça em uma ereção potente, protestando por conta toda aquela carga de sedução e falta de sexo. E Claire sentiu, pois começou a pressionar meu pau com sua barriga, enquanto desfazia os botões da minha camisa.

— Faça amor comigo, Matt...

Quase falei não, mas foi impossível negar alguma coisa quando ela se ajoelhou na minha frente e desabotoou minha calça, puxando meu pau para fora. Olhando em meus olhos, ela tocou meu pau de cima a baixo, lambendo os lábios antes de colocá-lo na boca.

— Porra, Claire... — Gemi, tocando em seus cabelos, empurrando meu pau por toda a sua boca.

Ela gemeu, satisfeita e me sugou, levando-me até a sua garganta. Era incrível como era boa naquilo, como sua garganta se alargava para receber meu pau robusto, deixando-me meter até ela ficar sem ar e me empurrar de leve, passando a língua pela glândula, recolhendo o líquido de pré-

sêmen que já saía.

Com uma mão começou a me masturbar e com a boca, começou a chupar lentamente só a glândula, passando a língua pela abertura e levando a mão livre as minhas bolas, apalpando-a, fazendo-as ficar ainda mais pesadas.

Senti uma corrente de prazer perpassar meu corpo, atravessar minha coluna e se concentrar em meu pau, fazendo-o pulsar e aumentar em sua boca, até que gozei em quantidades absurdas, enquanto ela engolia tudo, levando as duas mãos a minha bunda.

Meti mais em sua boca e puxei meu pau para fora, ajudando-a a se levantar. Claire veio até a mim, toda vermelha e excitada, fazendo meu pau ficar vivo de novo e mandar meu autocontrole ao inferno. Puxei-a para mim e coleí minha boca a dela, levando-a até o balcão da cozinha, jogando tudo ao chão e colocando-a sentada ali.

— Você é impossível! — Rugi, tirando sua blusa rapidamente e avistando seus seios nus. — Impossível e linda para caralho.

— E você me ama mesmo assim. — Ela falou, desabotoando o short. — Eu preciso de você, Matt...

— E eu de você. — Falei, puxando seu short pra baixo junto com a calcinha.

Sua boceta lisinha ficou amostra para mim e a empurrei até ficar deitada, de pernas abertas, deixando sua carne rosada e brilhante de excitação aos meus olhos. Senti minha boca cheia d'água e me abaixei, passando a língua desde sua abertura até seu clitóris, sentindo seu gosto agri-doce aguçando minhas papilas gustativas e minha excitação, deixando-me ainda mais duro.

Adorava o gosto da sua boceta, seu cheiro de mulher, e me embriagava com aquilo, sugando seu clitóris avidamente para minha boca, fazendo-a gritar de prazer e tesão. Quando comecei a meter minha língua em sua entrada, senti seu corpo convulsionar sobre o balcão, seu quadril ondular, enquanto ela gozava alucinada na minha boca, segurando minha cabeça entre suas pernas.

Não a esperei terminar, minha excitação falando mais alto, enquanto a puxava para a beirada do balcão e entrava em sua bocetinha que ainda latejava pelo gozo, toda melada e quente.

Foi como entrar em um paraíso apertado e escorregadio, enquanto eu começava a meter, olhando em seus olhos azuis esverdeados, vívidos para mim. Um gemido alto escapou por nossa garganta e estoquei mais rápido, vendo Claire se apoiar no balcão com os cotovelos para me observar.

Olhei para os nossos sexos unidos e fiquei ainda mais louco, sabendo que apenas eu tinha o direito de me enfiar ali, no meio das suas pernas, em suas paredes quentes que me abrigavam e me davam todo o prazer possível. Rebolei e fiz círculos perfeitos dentro da sua boceta, acariciando cada nervo, sentindo-a me apertar da base até a glândula, enquanto jogava a cabeça trás e gozava com meu nome saindo de sua boca.

Com aquela visão, me libertei totalmente. Esporrei dentro dela, metendo e gemendo como um louco, acho que gritava e a apertava, mas o prazer era tão grande que não me deixava raciocinar direito. Apenas quando fiquei só pulsando em seu interior que voltei a pensar e respirar, observando seu corpo deitado sobre o granito negro.

— Eu te amo. — Ela murmurou, sorrindo de leve para mim com as bochechas vermelhas e a respiração ofegante.

Sem conseguir me conter, a puxei pela mão e a fiz se sentar, seu rosto quase colado ao meu.

— Eu te amo. — Respondi, puxando seu rosto para mim, beijando-a e sentindo meu pau ficar duro de novo.

Ela segurou minha cabeça e continuou a me beijar, sua língua contra a minha em um movimento languido, mas riu quando sentiu meu pau pulsar em seu interior.

— Você é insaciável! — Falou, sorrindo entre meus lábios.

— E eu acho que você deixou queimar alguma coisa no fogo...

Ela abriu os olhos rapidamente e olhou para algo atrás de mim.

— Ah meu Deus, a carne! — Gritou, me empurrando para longe e pulando do balcão.

Gargalhei ao vê-la toda afobada correndo até o fogão e apagando o fogo, pegando uma colher para ver o estrago que tinha feito.

— A culpa é sua! — Falou, olhando para mim, sem conter o riso.

— Minha? Foi você quem me atacou! — Falei, rindo da cara dela enquanto me dirigia para as escadas.

— Vai ficar com fome por causa disso, seu malandro! — Gritou da cozinha, parecendo mexer em algo na pia.

— Não vou não, acho melhor você fazer outra comida porque esse serviço extra de fazer a minha mulher gozar me deixou com fome! — Gritei de volta.

Ouvi apenas a sua risada como resposta e soube que, finalmente, aquele apartamento tinha virado o meu lar. Ou melhor, qualquer lugar que eu estivesse, com Claire ao meu lado, seria o meu lar.

Capítulo 24 - Matthew

Um dia, William Shakespeare disse que *é muito melhor viver sem felicidade do que sem amor* e agora, olhando para Claire que dormia tranquilamente no banco ao meu lado no carro, soube que aquilo era verdade. Eu poderia viver sem felicidade, mas jamais poderia viver sem amor.

Certo, parece meio gay um homem falar uma coisa dessas, mas essa era a verdade. Eu sabia muito bem que jamais poderia viver sem o amor dos meus pais, por isso sempre me esforcei ao máximo para ser um ótimo filho, sempre fui responsável e inteligente na escola, para que sentissem orgulho de mim. Sabia que jamais poderia viver sem o amor da minha irmã, até porque, quando a peguei no colo pela primeira e aqueles olhos azuis se fixaram em mim, eu conheci o que era amar sem limites, talvez o amor em sua essência mais pura.

E agora, eu sabia também que jamais poderia viver sem o amor de Claire. Sem acordar de manhã e ver seus olhos brilhantes sobre os meus, seu sorriso de alegria ao me ver, ou a forma como parecia uma criança tímida toda vez que eu a abraçava ou lhe fazia carinho. Eu a amava com todo o meu coração, algo tão grande que chegava a sufocar e sendo ela uma mulher tão solitária, mas ao mesmo tempo tão quente e pronta para dar amor, eu sabia que não podia dar nada melhor do que amor em troca.

Em contrapartida, eu sabia que todo esse amor só resultaria em um sentimento: felicidade. Era assim que eu me sentia, feliz, apaixonado, livre de quaisquer amarras ou impedimentos, pronto para encarar qualquer desafio apenas para ter Claire ao meu lado. E eu queria que ela se sentisse daquela forma também e acho que iria conseguir com o que tinha programado para aquele dia, que eu torcia para ser especial.

Estacionei o carro e o desliguei, livrando-me do cinto de segurança e me virando para Claire. Acho que nunca me cansaria de admirá-la, meu pai tinha razão ao falar que aquele cara de virgem não poderia fazer uma filha tão linda e, apesar de não se parecerem fisicamente, era óbvio que os cabelos loiros eram oriundos dele e seus olhos, apesar de serem azuis esverdeados, também lembravam os deles.

Mas era só isso. Ela não se parecia com ele em mais nada, nem por fora e muito menos por dentro e tinha certeza que também não tinha adquirido os sentimentos perversos de sua mãe. Claire era a prova de que amargura, maldade e soberba não eram genéticos e nunca me senti tão feliz por isso.

— Claire. — Murmurei, passando a mão de leve pelo seu rosto. — Chegamos, baby, acorde.

Ela resmungou um pouco e se virou para mim, abrindo os olhos. Senti meu coração pular no peito e sorri junto com ela, sabendo que não havia no mundo um homem mais feliz e apaixonado do que eu.

Claire.

— Onde estamos? — Perguntei, olhando ao redor e vendo apenas um grande galpão a minha frente.

— Estamos em frente ao Skydive Long Island... Conhece?

— Não. — Murmurei, virando-me para Matthew. Ele sorria de lado, com aquela expressão de menino rebelde. — O que você está aprontando, Matthew Peterson?

— Eu? Nada. — Ele deu de ombros, agarrando minha cintura. — Já saltou de paraquedas?

— Não.

— Já pensou em saltar?

— Eu... Não sei se tenho coragem. Por que?

— Porque eu queria muito que saltasse comigo. — Falou, tirando uma mão da minha cintura e levando-a ao meu rosto. — Seria incrível estar com você a mais de treze mil e quinhentos pés de altura.

— Matthew! — Exclamei, sem saber o que dizer, sentindo curiosidade e medo ao mesmo tempo. — Eu não sei...

— Espera, não precisa me dar a resposta agora. Venha comigo.

Tomando a minha mão, Matthew me levou até a porta do imenso galpão e entramos depois dele ter se identificado colocando o cartão em uma pequena máquina, como se fosse um crachá de reconhecimento. Dentro do galpão, homens andavam de um lado para o outro, rodeados por aviões de pequeno porte, todos de última geração.

Olhei tudo com curiosidade, quase perdendo o ar ao ver um casal descendo no campo vasto há alguns quilômetros de mim. Os dois sorriam de orelha a orelha e quando pisaram no chão, se abraçaram. Matthew apertou minha mão e sorriu:

— Está vendo? É tudo muito seguro, Claire. Eu salto há dez anos e quando estamos lá em cima... É como se estivéssemos livres de tudo. É uma sensação incrível e que eu queria muito que você sentisse.

Olhei para ele em dúvida, sem saber ao certo o que dizer. Parecia mesmo ser incrível, mas ao mesmo tempo o frio assolava a minha barriga.

— Vamos saltar separados?

— Não. Eu sou habilitado e posso saltar com você como seu instrutor. — Falou, colocando meu cabelo para trás da orelha. — Se você quiser eu posso saltar sozinho para você ver.

— Não. Eu vou com você. — Falei, decidida. Poderia estar com medo, mas confiava em Matthew de olhos fechados. — Eu vou com você em qualquer lugar do mundo.

Ele abriu um sorriso gigante e o puxei para mim, tocando em seu rosto antes de beijar sua boca, sentindo-o retribuir. O amava tanto que às vezes eu me perguntava se era normal alguém sentir algo

tão forte por outra pessoa, um amor sem medidas e que eu não sentia a mínima vontade de esconder.

Quando nos afastamos, Matthew me levou até o lado de fora do galpão e cumprimentou um grupo de homens de meia idade. Percebi que eles pareciam se conhecer há muito tempo e fiquei feliz por ver que Matthew estava cercado de boas pessoas, acima de tudo.

Não demorou, na verdade, acho que foi rápido demais e logo dois dos amigos do Matthew chegavam com todos os equipamentos e colocavam em mim. Matthew sorria em minha direção e me transmitia segurança pelo olhar e mesmo com o medo, eu sentia adrenalina crescendo. Quando entramos no avião e começamos a ganhar o céu, a terra virando apenas pontos esporádicos de verde e azul por conta da praia que ficava ali perto, eu soube que tinha tomado a decisão certa. A paisagem era a coisa mais linda que eu já havia visto na vida.

— Estamos a 13 mil pés, Matthew. — Ouvi Josh, um dos amigos dele, falar.

— Está pronta?

— Estou!

— Tem certeza? — Matthew perguntou, chegando mais perto de mim.

— Absoluta. — Assegurei, sendo sincera.

Matthew sorriu e parou atrás de mim, conectando seu aparelho ao meu, de modo que ao saltar, eu ficaria na frente dele, mas apenas ele teria o controle sobre os paraquedas. Senti seus beijos em meu pescoço e orelha e então, ele me empurrou para frente, me fazendo ficar na porta do avião.

— Pronta?

— Sim.

— Grite para mim! — Ele gritou ao meu ouvido por conta do barulho.

Olhei para baixo e para o alto, sorrindo feito uma criança e gritei:

— Sim! Sim!

E então, pulamos. Quase perdi o ar, mas ao mesmo tempo ele entrou vivo em meus pulmões, o vento forte batendo na gente, estávamos tão alto e tão perto do céu e ali eu soube que eu nunca tinha me sentido tão viva.

A terra abaixo de nós dois era a coisa mais linda do mundo, a paisagem era fantástica, a altura me deixava com um frio delicioso na barriga e eu gritava coisas desconexas, extasiada com toda aquela sensação, algo indescritível, tão perfeito, tão maravilhoso, algo que apenas Matthew poderia me mostrar.

— Claire! — Ele gritou no meu ouvido. — Eu te amo!

— Eu te amo, Matthew, te amo muito! — Gritei de volta, feliz, sorrindo.

— Eu te amo mais do que tudo no mundo! — Ele respondeu e pude ouvir sua risada. — Grita para mim, baby, grita comigo!

— Eu te amo mais tudo no mundo! Muito obrigada por tudo, Matt! — Gritei de olhos fechados, sentindo um puxão que me deixou ereta, o paraquedas havia sido aberto.

Voltei a abrir os olhos e agora a terra se aproximava cada vez mais, enquanto meu coração parecia zunir no peito, fazendo pressão em meu ouvido, minha barriga com aquele frio gostoso e a respiração de Matthew em meu pescoço.

Quando tocamos no chão, quase chorei pedindo para voltar, mas me virei para Matthew com as pernas e mãos trêmulas e o encontrei com um sorriso de orelha a orelha. Não tive condições de falar nada, não tinha palavras para expressar o quanto eu estava feliz, o quanto estava me sentindo especial e amada por aquele homem que um dia julguei ser meu inimigo.

O abracei com força e o beijei, despejando ali todo o meu amor e admiração. Nunca no mundo havia me sentido tão feliz e agradei a Deus por aquilo, desejando que Matthew sentisse ao menos metade da felicidade que ele me proporcionava.

— Como você está se sentindo?

— Feliz e amada!

— Defina sua felicidade.

— Matthew Peterson.

Ele me olhou surpreso e sorriu emocionado, olhando dentro dos meus olhos.

— Ah, Claire... Você também é minha felicidade. É o amor da minha vida. — Murmurou e me beijou de novo.

Apenas reafirmei para mim mesma que por ele eu passaria por qualquer coisa, qualquer tempestade, apenas para vê-lo feliz e vivo como estava ali comigo. Matthew era, realmente, o amor da minha vida.

Capítulo 25 - Matthew

Abri uma garrafa de vinho e me sentei no sofá, sorrindo de leve ao me lembrar do dia maravilhoso que tivemos. Ainda podia sentir o vento forte contra o meu rosto enquanto saltávamos, o sol enquanto andávamos lado a lado na praia e podia até mesmo ouvir a risada feliz de Claire.

Tinha sido um dia perfeito, que eu sabia que jamais sairia da minha memória.

Tomei um gole do vinho e suspirei, me sentindo leve e feliz, sem preocupação ou tristeza em mim. Tinha decidido ignorar totalmente Paul, não tinha a menor disposição para brigas e, apesar de estar ainda chocada e magoada com a atitude dele, com sua traição tão suja, sabia que ficar longe dele era o melhor a se fazer.

O barulho da campainha foi a primeira coisa que me tirou dos meus pensamentos, seguido por Claire que descia as escadas com os cabelos molhados, vestida com um vestidinho florido, fresca do banho recém-tomado.

— Está esperando alguém? — Ela perguntou, terminando de descer as escadas.

— Não. Mas deve ser alguém conhecido, porque o porteiro não interfonou.

— Deixa que eu atendo.

Quase agradei, mas a visão de sua bunda naquele vestido me distraiu totalmente. Mas foi só por um momento, pois logo a voz de Therese chegou nítida aos meus ouvidos.

— Sai da minha frente, garota, eu quero falar com meu noivo! — Falou, empurrando Claire para o lado e entrando junto com a minha mãe.

Me levantei tão rápido que quase deixei a taça de vinho cair, mas pouco me importei com isso, observando a expressão irritada de Therese se transformar em uma expressão melancólica.

— Matt... Não posso acreditar que você foi capaz de fazer isso comigo! Você realmente me trocou por uma prostituta?

Respirei fundo, cansado daquela conversa antes mesmo de começar, vendo Claire parar ao meu lado e segurar minha mão, nervosa.

— Therese... — Murmurei — Eu sinto muito, eu sei o quanto você deve estar magoada comigo, mas...

— O quanto eu devo estar magoada? Matthew, pelo amor de Deus, eu te perguntei se estava com outra mulher e você disse que não! Você mentiu para mim! — Ela gritou, nervosa. — E o pior é que eu já sabia a verdade, mas mesmo assim, eu queria ouvir da sua boca e mesmo assim você mentiu!

— Acalme-se, Therese, por favor... — Minha mãe pediu, tocando no braço dela.

— Você sabia? Como assim você sabia? — Perguntei, confuso.

— Eu pareço ser boba, mas não sou, Matt! Eu tive uma leve desconfiança desde aquela noite no restaurante, percebi como você ficou estranho depois que ela apareceu e tudo se confirmou quando você me dispensou daquela forma fria e começou a ficar distante a cada telefonema que eu dava. — Ela disse, magoada. — Por isso que eu contratei um detetive e coloquei na cola dela, queria saber de cada um dos passos dessa mulherzinha.

Ela olhou para Claire com grande irritação novamente. Senti como Claire ficou rígida ao meu lado e percebi como aquela situação deveria estar sendo difícil para ela também, o que fez com que eu apertasse sua mão com mais força, afim de passar tranquilidade.

— Eu não consigo entender, Therese... Se você sabia, por que continuou comigo? Por que não falou nada?

— Porque eu te amo! Porque preferi ficar com você, achando que ela seria apenas uma aventura, do que ficar sozinha, Matt. Eu não suportaria ficar sem você.

— Therese, eu... — Parei, me sentindo culpado, mas ao mesmo tempo sem saber o que dizer.

— E o que mais me magoa nessa história toda, Matt, é que você já sabe exatamente quem é essa mulher, de quem ela é filha e da intensão que ela tinha ao se aproximar de você e mesmo assim você preferiu ficar com ela e me deixar de lado! — Ela continuou, melancólica — Eu, que sempre te amei e te apoiei, que estive ao seu lado por tanto tempo, fui simplesmente esquecida, colocada para escanteio na primeira oportunidade.

— Não foi assim, Therese. Eu me apaixonei por Claire, a amo como nunca amei ninguém. Ela realmente entrou na minha vida de forma errada, mas se arrependeu. — Falei, querendo que Therese entendesse a verdade de uma vez por todas.

— Não, Matthew, ela não se arrependeu! — Ela gritou, ficando irritada de repente, de uma forma que nunca vi.

Percebi o ódio em seu olhar e sua expressão quando fitou Claire e soube que havia algo muito errado ali. Ela poderia sim sentir raiva de Claire, mas a forma como a olhava ia muito além daquilo.

— Ela é uma mentirosa, uma manipuladora, Matthew! Continua enganando a você e a sua família!

— O quê? Não, é mentira — Claire disse, apertando minha mão com força.

— Não adianta mentir, Claire. — Minha mãe murmurou, olhando para Claire com mágoa. — Como você pôde ser tão falsa conosco, garota? Como pode mentir tão bem? Fingir um arrependimento que não existe? Eu estou tão decepcionada!

— Emma, por favor, eu não fiz nada! Eu não sei o que ela disse, mas é mentira!

— Eu não disse, garota, eu mostrei! — Therese falou, mexendo em sua bolsa e tirando o celular de dentro dela. — Como eu disse, Matt, eu coloquei um detetive atrás dela e olha o que ele descobriu. Veja bem o tipo de mulher que você está se metendo.

Ela colocou o celular na minha frente um vídeo de Claire com uma mulher careca apareceu na tela. Estavam sentadas em um restaurante e a filmagem era longe o suficiente para ser discreta, mas perto o bastante para se ouvir a conversa.

" — Eu não posso acreditar que você está tão perto dele, garota! Tão perto que poderia até mesmo mata-lo!

— Às vezes eu sinto vontade disso, só para que a família dele pagasse por tudo o que nos fizeram passar.

— Sim, eu tenho essa vontade todos os dias, mas sabemos que ainda não é a hora. Mas está chegando o momento, Claire, eles vão pagar por tudo o que nos fizeram, perderão tudo o que tem, do mesmo jeito que nos fizeram perder tudo o que tínhamos.

— Mesmo assim... Eu não teria coragem de mata-lo.

— O quê? Por um acaso você se esqueceu de tudo o que passamos por conta deles, Claire? Seu pai, que era um advogado de renome, perdeu tudo depois que aquela vadia o deixou no altar. Eu nunca consegui ser bem-sucedida em nenhum filme que gravei! Passamos fome e por pouco não fomos morar na rua! E tudo isso foi por culpa deles!

— Eu sei disso tudo, mãe, mas... Você realmente quer que eu o mate?

— Ainda não. Mas quando chegar a hora, eu vou te avisar."

Continuei a olhar para tela, vendo-a escurecer assim que o vídeo acabou, mas sentia minha mente bem longe dali. Todas aquelas palavras se repetiam na minha mente como um mantra, e pensar a possibilidade de que Claire poderia ser capaz de me matar fez meu coração saltar no peito em decepção, enquanto tudo dentro de mim gritava que ela jamais faria algo como aquilo comigo.

— Matthew, por favor, acredita em mim, esse vídeo foi feito assim que eu entrei na vingança! Não é de agora!

— Para de mentir, garota! Meu detetive gravou esse vídeo há menos de uma semana, se você quiser eu ligo para ele e peço para que ele te confirme tudo, Matthew. Não acredite nessa mentirosa!

— Eu não estou mentindo, meu amor, por favor... — Claire implorou parando na minha frente, com os olhos cheios de lágrimas e medo.

Me lembro de ter visto aquele mesmo sentimento quando ela implorou para que eu não fosse atrás de seu pai no dia em que ela foi estuprada. E ela também expressou aquele mesmo sentimento quando eu a deixei sozinha na praia e imaginei quantas vezes ela não sentiu aquele mesmo sentimento. Medo.

E soube que tinha sido movida por aquele sentimento, que ela havia aceitado participar daquele plano estúpido. Sua vida sempre foi permeada pelo medo, pela culpa, pela falta de carinho e por não saber porque merecia ter uma vida tão triste.

Em meio a isso, lembrei-me dos dias que passamos juntos, do amor e da felicidade expressa em

seus olhos, algo impossível de ser falso e foi por causa daquilo que acreditei nela. O seu amor era algo que apenas eu entenderia, porque só eu sentia um amor na mesma proporção e todo a magoa que senti ao ver aquele vídeo foi totalmente esquecida.

Sem nenhum receio, limpei algumas lágrimas que molharam seu rosto e falei olhando em seus olhos:

— Eu acredito em você.

— O quê? — Ouvi Therese perguntar, mas ignorei.

— Mas, filho, o vídeo...

— Se Claire realmente quisesse me matar, ela já teria o feito. Há de convir comigo que oportunidades não faltaram, mãe. — Falei, pegando a mão de Claire novamente.

— Ela só não deve ter te matado ainda porque a mãe dela não mandou! Está tudo no vídeo, Matthew, pelo amor de Deus, como você ainda tem a capacidade de acreditar nessa mentirosa?

— Eu não sou mentirosa, Therese! Já que está aqui com o intuito de falar a verdade, por que não conta tudo de uma vez? — Claire perguntou, soltando a minha mão e parando em frente a Therese.

Pude perceber que Therese ficou desestabilizada, seus olhos se arregalaram minimamente, mas logo recuperou a compostura.

Pela primeira vez em anos, eu a olhei de modo diferente. Se Claire estava mesmo falando a verdade, como eu acreditava que sim, então aquele vídeo era antigo, no começo do plano. Como Therese teve acesso a ele? Não tinha como, era impossível, ela ao menos conhecia Claire naquela época, o primeiro encontro das duas havia sido no restaurante.

Ou talvez não. Meu subconsciente me alertou e eu fiquei rígido, sentindo a desconfiança me alfinetar por todos os lados.

— Tudo o quê? — Me ouvi perguntar, me aproximando até ficar ao lado de Claire.

— Eu não tenho nada para contar! — Ela disse, soberba, a mágoa ficando para trás. — Ela está mentindo, Matthew.

— Para com isso, Therese, eu não estou mentindo!

— Está sim! — Therese exclamou, agarrando a alça da bolsa. — Quer saber? Eu vou embora! Eu vim aqui porque queria abrir o seu olho, Matt, queria te alertar, mas eu acho que você quer se fingir de cego. Eu realmente sinto muito, pelo menos eu sei que estou saindo dessa relação sabendo que te amei desde o início e que não carrego o preço de uma traição nas costas.

A risada sem humor de Claire foi ouvida e toda a minha atenção ficou nela, enquanto olhava para Therese, incrédula.

— Saindo sem o peso de uma traição? Isso só mostra o quão falsa e fria você é, Therese.

— Como assim? — Minha mãe perguntou, aproximando-se da gente. — Eu não estou entendendo mais nada!

— Não dê ouvidos a ela, Emma...

— O que quer dizer com isso, Claire? — Perguntei, querendo entender de uma vez por todas o que estava acontecendo.

— Vamos falar a verdade de uma vez por todas, Therese. Até porque, só falta isso para termos tudo esclarecido. — Claire falou, virando-se para mim. — Therese e Paul são amantes.

— É mentira! — Therese gritou, furiosa.

— E... Bem, Therese é minha irmã.

Capítulo 26 - Claire

Eu me lembro vagamente de quando minha irmã nasceu. Eu tinha apenas dois anos de idade, mas a imagem daquela bebezinha envolta em uma manta branca, com uma penugem rubra na cabecinha, sempre ficou gravada na minha memória. Depois veio os sorrisos, acho que ela sorria para mim quando era pequena e me lembro que, conforme os meses iam avançando e ela ia crescendo, Therese era um bálsamo para minha alma triste, que desde cedo sofria com os maus tratos dos meus pais.

No seu aniversário de um ano, eu consigo lembrar que minha mãe, pela primeira vez na vida, tinha feito um bolo. Eu já tinha três na época e eu tinha ficado tão feliz com aquele bolo de chocolate em cima da mesa, que quase chorei, mas apenas abracei minha irmã com felicidade e ela sorria para mim sem entender muita coisa.

Mas eu também não entendia. Eu não entendia porque Therese era bem tratada e eu não, não entendia porque ela tinha bolo em seu aniversário e meus pais nem se lembravam do meu. Naquele dia, meu pai chegou com uma boneca tão linda pra Therese e eu fiquei apenas olhando, me perguntando o que eu tinha feito para não merecer uma boneca também. Mas ao mesmo tempo, eu ficava feliz porque sabia que minha irmãzinha não ia sofrer da mesma forma que eu sofria. Que ela não ia chorar com a indiferença dos meus pais e nem iria apanhar sem qualquer motivo.

Eu a amava tanto. Na verdade, eu amava todos eles, mas nunca fui amada de volta. Quer dizer, Therese era agarrada comigo, mas isso foi mudando conforme ela foi crescendo. Até os cinco anos era comigo que ela dormia, era comigo que ela brincava e era para mim que vinha chorando quando ralava os joelhos, mas depois ela foi se afastando. Lembro dos meus pais falando para ela que ela era bem melhor do que eu, mais bonita e esperta, que não tinha que dar atenção a mim e ela foi mudando até se tornar uma adolescente tão fria e amarga quanto eles.

Zombava de mim, ria e falava um monte de maldades. Nem de longe se parecia com a criança que eu tinha amado tanto. Primeiramente eu pensei que ela tinha sido contaminada pela loucura deles, mas logo depois eu percebi que ela era como eles, tão ruim quanto eles, sem escrúpulos e um pinga de emoção.

Demorou muito para que eu entendesse o motivo dela ser a preferida, mas quando eles me contaram todo o plano, soube também que minha mãe tinha engravidado intencionalmente de Therese, para fazer com que ela fosse a filha perfeita e se infiltrasse na vida de Matthew. Eu senti nojo de todos eles quando soube disso e quando Therese foi para Paris aos quinze anos para ser uma modelo profissional e eu aos dezessete fui obrigada a me prostituir para ajudar com a despesa de casa, eu soube que tudo naquela família estava muito errado.

Na verdade, aquilo não podia ser chamado de família.

E agora, com a sala toda em silêncio depois do que contei, eu me sentia mais leve. Quando pressionei minha mãe, falando que não contaria a Matthew sobre as duas pessoas que o estavam

enganando, era porque eu queria protegê-lo. Na verdade, eu já tinha falado sobre uma daquelas pessoas, que era Paul. Mas sabia que a traição de Therese com seu melhor amigo seria algo muito pesado para carregar.

Mesmo assim, me sentia na obrigação de colocar um ponto final em toda aquela história. Não fazia mais sentido carregar aquele último segredo e Matthew merecia saber com que tipo de mulher ele tinha se relacionado.

— Meu Deus do céu... — Emma foi a primeira a murmurar alguma coisa, passando a mão pelos cabelos. — Que loucura é essa? Como assim vocês são irmãs?

— É óbvio que é mentira, Emma. Não se pode acreditar em uma palavra que essa mulher diz! — Therese bradou.

— Eu estou falando a verdade. — Falei, me virando para Matthew.

Os olhos dele estavam fixos em Therese, sua expressão fechada, sem passar nada do que ele estava pensando. Por um momento, tive medo dele se voltar contra mim novamente, por eu não ter contado aquilo, mas me segurei a uma ponta de esperança. Se ele tinha acreditado em mim sobre a história do vídeo, com certeza não se viraria contra mim agora... Ou viraria?

A incerteza me deixava receosa.

— Matthew, por favor, você não pode acreditar nela! Pelo amor de Deus, essa mulher é louca, você conhece a minha história, sabe o quanto eu sofri quando perdi meus pais, eu te contei tudo! — Therese falou, chegando perto de Matthew. — Por favor, meu amor, você realmente acha que eu seria capaz de trair você com o Paul? Eu te amo, Matthew! Eu sempre amei você! E essa mulher, que está armando com a própria mãe para te matar, quer acabar de vez com o nosso relacionamento inventando essas coisas absurdas!

— Therese, para de ser falsa! — Falei, irritada com aquela dissimulada que mentia como se fosse a coisa mais fácil do mundo. — A nossa mãe está com um câncer terminal, ela nem consegue andar direito, quanto mais sair para almoçar comigo! Esse nosso encontro foi há muito tempo e desde esse dia, nossa mãe vem se afundando cada vez mais! — Me virei para Matthew, encarando-o, mas ele ainda olhava fixamente para Therese. — Matt, eu tenho como provar, eu posso te levar até a casa da minha mãe agora mesmo para você ver como ela está.

Parei de falar vendo Therese lançar um olhar raivoso contra mim, mas eu não tinha mais medo. Não tinha medo de ninguém, apenas de perder Matthew para sempre.

— Por que você escondeu isso de nós, Claire? Por que não contou tudo de uma vez? — Emma perguntou, se aproximando de mim.

— Eu pensei que contando todo o plano, os meus pais iriam desistir dessa loucura toda, por isso não contei. E também porque eu sabia que Matthew ficaria muito magoado com tudo isso, saber que a noiva o traía com o melhor amigo... Mas agora eu vi que não adianta manter isso só pra mim. Pelo visto, essa foi a última cartada deles, tentar enganar Matthew para fazê-lo se separar de mim. — Falei, me dando conta de que a insanidade de todos eles não tinha limites.

— Mas eu não consigo entender! — Matthew bradou pela primeira vez, virando-se para mim. Vi

a ira em seus olhos e senti meu coração quase se romper, mas ainda mantive a esperança. — Toda essa história não se encaixa! Você me disse que entrou na minha vida para que Therese soubesse que eu estava traindo-a com você, porque achavam que me separar dela iria me desestabilizar. Mas, se Therese está no plano, por que diabos você teve que entrar em cena?

— É o que eu estou falando, meu amor, ela está inventando tudo! Essa história louca não faz sentido algum, ela está me metendo nessa loucura para nos separar...

— Por causa do contrato pré-nupcial. — A interrompi, olhando para Matthew que mantinha o cenho franzido e a raiva nos olhos. — Eu não estava nesse plano até você e seu pai optarem por ter o contrato pré-nupcial. O plano deles era fazer Therese se casar com você, assim ela teria direito a tudo o que você tem, mas o que meu pai realmente queria era a produtora de filmes pornô e não só a sua empresa, então eles fariam um documento onde você assinaria, passando tudo para o nome de Therese. Ela te mataria e ficaria com tudo o que era seu.

— O quê? — Matthew perguntou com os punhos fechados e a voz rouca de raiva. — Mas é impossível! O meu pai é sócio da produtora com a minha madrinha Joanna, eu não tenho direito a nada!

— Tem sim. — Emma murmurou, parecendo um pouco abalada. — Você ainda era um adolescente quando seu pai comprou vinte e cinco por cento das ações da Joanna, se tornando o sócio majoritário com setenta e cinco por cento das ações, mas ele colocou a produtora no seu nome, Matt.

— Como assim?

— A Porn Hot está no seu nome e no nome da sua irmã, mas você tem mais porcentagem que ela. Quando seu pai e eu morrermos, você será o sócio majoritário da produtora. Seu pai colocou a maior porcentagem no seu nome, porque não quer sua irmã envolvida diretamente nesse mundo, mas o nosso dinheiro seria dividido igualmente entre vocês.

Matthew abriu e fechou a boca duas vezes, sem saber o que falar. Parecia chocado demais para dizer alguma coisa. Quase corri para abraça-lo, mas me contive com medo da sua reação.

— Mas fizemos isso de modo sigiloso, ninguém sabe, apenas Michael, eu, os advogados da produtora e o nosso advogado pessoal. — Emma disse, olhando para mim. — Como seu pai já tinha todo esse plano armado, Claire? É impossível.

— Eu não sei como, mas acho que ele soube dessa informação por algum advogado da produtora, eu lembro que ouvi algo sobre isso na época, mas eu não prestei atenção porque não estava envolvida no plano.

— E por que você entrou? Por que Paul participa do plano? — Matthew perguntou, voltando a olhar para mim.

— Assim que Therese te conheceu, meu pai mandou ela descobrir alguém próximo que não gostava de você, um amigo, alguém da família e Therese soube do ódio que Paul sempre nutriu por você.

— Ódio? — Matthew murmurou, parecendo perdido. — E por que ele tem ódio de mim?

— Por inveja, segundo Therese, ele sempre teve inveja de você, do que você tem. Por isso entrou no plano e soube de tudo, ele informava cada passo que você dava, ajudou Therese a te reencontrar depois que ela se tornou uma modelo famosa.

— De onde você tira todas essas coisas, garota? Você tem uma mente maravilhosa para criar histórias, acha realmente que Matthew vai acreditar nisso?

— Cala a boca, Therese! — Matthew explodiu, virando-se para ela e apontando o dedo no seu rosto. — Cala a porra da sua boca! Eu quero saber de tudo, ouviu bem? Tudo! — Ele se virou para mim com o rosto vermelho pela raiva, voltando a fechar os punhos. — E você? Qual era sua verdadeira função nessa loucura toda?

— Como eu tinha dito antes, eu iria te seduzir. Therese iria descobrir e se separar de você, te deixar desestabilizado, apenas para que você se sentisse culpado e corresse atrás dela. Meu pai queria que você ficasse culpado ao ponto de desistir do contrato pré-nupcial. Eu entraria e sairia de cena rapidamente, mas a nossa história tomou outro rumo e eu me apaixonei. Por isso decidi contar tudo antes que o plano seguisse como havia sido combinado.

— E Therese nos flagraria quando voltasse de viagem? — Ele concluiu.

— Sim.

— Então aquela viagem dela pra Paris foi apenas para deixar o caminho livre para você?

Apenas assenti, sem ter muito o que dizer. Já tinha contado todo o plano, Emma parecia chocada e ao mesmo tempo furiosa ao meu lado, Therese me olhava com grande irritação e ainda tentava fingir que tudo o que eu disse era mentira. Matthew parecia que tinha duplicado de tamanho, tão grande era sua raiva.

Seu maxilar estava rígido, seus punhos fechados e ele me olhava concentrado, como se estivesse pesando o tamanho da minha culpa naquela história toda. A antiga Claire iria desviar o olhar e fugir, amedrontada com tamanha fúria, mas a nova Claire, a mulher que eu me tornei quando o conheci, sustentou o seu olhar e deixou que ele visse que eu estava sendo sincera.

Eu poderia sim ter errado ao ter me envolvido naquela história, mas ao contrário de todos os loucos que me cercavam, eu tinha me arrependido. Eu tinha voltado atrás e contado tudo e agora eu terminava de tirar mais um peso das minhas costas, terminando de contar toda aquela loucura. Eu tinha dado um voto de confiança a eles, pensei que veriam que o plano não daria certo e voltariam atrás, mas não foi isso que aconteceu.

Agora, eles que arcassem com as consequências, pois eu estava com a alma limpa, sabendo que tinha contado toda a verdade ao amor da minha vida.

— Quer saber de uma coisa? — Therese falou, quebrando o silêncio da sala. — É verdade. Tudo o que a minha querida e doce irmãzinha falou, é verdade. Eu nunca gostei de você, Matthew. — Ela confessou, ácida, sua pose de menina ingênua ficando para trás. — Nunca suportei você, Emma! Sempre odiei todos vocês, o seu pai que nunca gostou de mim, sua irmã, que achava que eu era a melhor amiga dela e você, Matthew, que quase beijava o chão que eu pisava! E foi tão bom te fazer bobo, te deixar plantado na sala com seus amigos, enquanto eu ia foder com Paul e ríamos da sua

cara de idiota.

Ela parou e riu, jogando a cabeça para trás, tão louca como sempre foi.

— Eu estava tão ansiosa para me casar com você e depois te matar que foi um prazer mentir mais um pouquinho para sua mãe, me fazer de ingênua ao mostrar esse vídeo e me arrastar até aqui para enganar você. — Ela disse, voltando a me olhar. — Foi uma pena que minha irmãzinha deu com a língua nos dentes mais uma vez. Não estou entendendo o porquê de ela estar dando uma de justiceira e contando a verdade. Foi bem merecido o trato que meu pai te deu naquele dia, sua vadiazinha de merda.

— Sua filha da puta!

Foi rápido. Primeiro eu ouvi o grito de Matthew e depois ele quase partiu para cima Therese, mas meu reflexo foi mais rápido e parei na frente dele, empurrando seu peito, tentando contê-lo.

— Não, Matt, não vale a pena!

— Eu vou matar essa puta desgraçada! Mentirosa! — Gritou, furioso.

— Por favor, Matthew, não! Você não é assim, lembre-se, não vale a pena!

— Deixa ele vir, Claire, vai ser uma delícia ir à delegacia e denuncia-lo por agressão! — Therese gritou, rindo como louca.

Eu quase deixei, quase larguei Matthew e deixei que ele desse uma surra nela, mas ele não merecia se sujar com aquela com a mulher e muito menos ir parar na delegacia por causa dela. Estava difícil segura-lo, mas eu o olhei nos olhos e levei minhas mãos ao seu rosto.

— Matt, olha para mim, meu amor, para mim! — Falei, vendo seu olhar encontrar o meu, sua raiva toda concentrada ali. — Você não vai encostar nela, você não merece se sujar com uma mulher assim, é isso que ela quer, por favor, Matt. Eu te amo, eu estou aqui, você não está sozinho.

Ele cerrou o maxilar, sua raiva foi diminuindo conforme ele foi me encarando, sentindo meu carinho. Suas mãos rodearam minha cintura e ele suspirou alto, parecendo cansado, mas ainda raivoso. Quase suspirei de alívio, mas o barulho de um tapa estalado invadiu a sala, me fazendo virar rapidamente.

— Sua mentirosa, quem você pensa que é para brincar assim com o meu filho? — Emma gritou, dando um outro tapa no rosto de Therese, que a olhava espantada. — Como você pôde mentir assim para minha família, nos enganar desse jeito? Meu filho não pode te bater, mas eu posso, eu vou deixar essa carinha de porcelana toda roxa!

Quase sorri, mas o choque foi maior ao ver Therese tentar revidar, mas Emma batendo rapidamente em seu rosto, virando-o de um lado para o outro, sem toda a classe que sempre carregou consigo. Ela falava e falava e batia mais, até que Therese caiu sentada no chão, tonta, e Emma deixou os braços caírem ao lado do corpo.

— Nunca mais se atreva a mexer com a minha família de novo. — Ela disse, ofegante e me deu uma olhada rápida. — E isso inclui Claire. Se mexer com ela, eu não vou ser tão boazinha e bater só nessa sua cara fingida.

Therese olhou para todos nós, o rosto todo vermelho e os cantos da boca sangrando. Parecia chocada até mesmo para respirar e se levantou rápido, pegando sua bolsa e passando por nós como um furacão e batendo a porta ao sair. Só então eu soltei o ar que nem sabia que estava prendendo, cansada, mas subitamente aliviada.

Emma pegou sua bolsa e ajeitou os cabelos, recomposta. Sorriu levemente para mim e se aproximou de nós dois, colocando uma mão no meu rosto e a outra mão no rosto de Matthew.

— Eu sei que vocês têm muito a conversar, mas quero que saiba que uma mãe não poderia estar mais feliz do que ver que seu filho, finalmente, tem uma mulher boa e verdadeira ao seu lado. — Ela falou, voltando seu olhar para mim. — Muito, muito obrigada por ter nos contado tudo, Claire. Você salvou o meu filho.

Sem saber o que falar, apenas retribui o abraço que ela me deu, vendo-a abraçar e beijar Matthew logo em seguida. Com apenas um olhar que expressava tudo, ela passou por nós dois e saiu, deixando-nos sozinhos. Foi só naquele momento que eu realmente olhei para Matthew e percebi o quão abalado ele tinha ficado com aquela história.

O medo me assolou de vez ao pensar que ele poderia estar sentindo raiva de mim e que pudesse me mandar embora de vez da sua vida.

— Matt, eu...

— Não fala nada. — Ele me interrompeu, colocando dois dedos na minha boca. — Tira esse medo bobo da cabeça, eu nunca mais vou deixar você. Ouviu? Nunca mais. — Com as duas mãos em meu rosto ele me puxou para mais perto, quase colando o rosto no meu. — A partir de hoje, se eles tentarem mais alguma coisa contra nós dois, iremos enfrentar juntos. Amanhã iremos a delegacia e daremos parte do seu pai pelos anos de abuso que você passou nas mãos dele e iremos encarar o que vier pela frente, certo?

— Sim. — Murmurei, sentindo meu coração se encher de alívio e de amor.

— Estaremos sempre juntos, Claire. Entendeu?

— Entendi, sempre juntos.

Ele sorriu de leve com os olhos ainda magoados pelas revelações, mas encostou os lábios nos meus, quase me beijando.

— Muito obrigado por ter contado tudo. Eu te amo mais do que tudo no mundo.

— Eu te amo mais do que tudo no mundo. — Respondi, emocionada, sentindo sua boca grudada a minha em um beijo que selava um passado e abria as portas para um futuro, onde estaríamos juntos para sempre.

Capítulo 27

A história deles.

Trinta anos antes - 2014

In Red Bar - Los Angeles

— Isso é um absurdo! — O homem gritou, bêbado, batendo no balcão do bar, enquanto apontava para o pedaço de jornal que tinha a sua frente, com a mão ocupada pela bebida. — Agora o casal feliz vai transcrever a felicidade suprema em papel, fazendo questão de esfregar tudo isso na minha cara. Eu não aceito essa afronta, não aceito! — Gritou mais uma vez, mas ninguém lhe deu atenção.

Frederick Benson havia perdido tudo. Desde o fiasco de seu casamento com Emma Glislow e a vergonha que ele havia feito em pleno casamento, colocando aquele vídeo em meio a Igreja lotada de convidados de renome, seus pais haviam se afastado, seus amigos haviam o colocado de lado e sua carreira havia descido ladeira a baixo, assim como a sua reputação de bom fodeador.

Quando colocou aquele vídeo em meio ao seu casamento, pensou que a vergonha cairia apenas sobre Emma, nunca pensou que tudo aquilo respingaria tanto em si mesmo. Agora, meses depois de tudo aquilo, não tinha mais nada e ainda era obrigado a ver no jornal que o famoso astro pornô iria se casar com a mulher que era para ser dele.

Era difícil aceitar aquilo. Na verdade, sabia que jamais iria engolir aquela história, ser trocado por um ator pornô, ter sido humilhado em meio aos amigos e familiares e ainda carregar a fama de ser um... Cara de virgem que não sabe dar um orgasmo a uma mulher. Era algo que ele jamais iria aceitar!

Mas o que poderia fazer? Emma jamais voltaria para os seus braços, sua carreira estava arruinada, sua família não queria saber dele, seus amigos tinham se afastado e seu dinheiro estava acabando. Seus dias se resumiam a uma ressaca gigante e as noites a uma bebedeira e lamentação sem fim.

Sabia que havia, literalmente, fracassado na vida.

Cansado, terminou de tomar o uísque barato e deitou a cabeça sobre o braço, acariciando o rosto sorridente de Emma na foto do jornal. Ela era tão linda, com aqueles olhos azuis e cabelos negros, o

sorriso iluminado e o corpo de tirar o fôlego. Mas não era mais sua e nunca mais seria.

— Por que um homem tão bonito como você está aqui, jogado desse jeito? — Ouviu uma voz feminina sussurrar em seu ouvido, uma mão acariciando seus cabelos.

— Não é da sua conta. — Falou, raivoso e embolado. Só queria ficar em paz e sofrer sozinho. E rogar praga para aquele casal medíocre.

— Acho que é da minha conta sim. Não gosto de ver homens tristes, ainda mais quando é um homem tão bonito como você. — Sentiu os dentes se fechando de leve sobre sua orelha. — Creio que posso te animar rapidinho, querido.

O perfume almiscarado da mulher preencheu suas narinas e o sussurro em seu ouvido o deixou excitado rapidamente. Emma iria se casar com o ator pornô, ele estava fodido e pobre, sem eira e nem beira... Talvez se faltar nos braços de uma mulher fosse o melhor a se fazer.

Com isso em mente, levantou a cabeça e a fitou. Era linda demais. Os cabelos ruivos naturais iam até a cintura, os olhos enormes e azuis, emoldurado por um rosto feminino com expressões bonitas, mas fortes. Era magra, linda e cheia de curvas e o decote generoso lhe deu uma boa visão dos seios.

Quase salivou, mas se conteve e apenas sorriu.

— Sou Victória Medson. — Falou, estendendo a mão para ele.

— Frederick Benson. — Murmurou, levando a mão dela aos lábios. — É um prazer conhecê-la.

— O prazer será ainda maior se você me fizer companhia hoje... Na minha cama. — Ela sorriu, sedutora, passando a mão pelo colarinho amassado da camisa dele.

"Até que esse dia não vai acabar tão ruim, afinal", ele pensou, abrindo um sorriso largo. Levou a mão ao bolso e colocou algumas notas de dólares sobre o balcão, antes de pegar a mão da ruiva e arrastá-la para fora do bar.

A noite foi longa e prazerosa para ambos. Frederick fez questão de foder Victória de todas as formas e em todas as posições, como se quisesse provar a si mesmo que era bom o bastante para qualquer mulher e ver Victória gemendo e se tremendo em seus braços estava deixando-o enlouquecido.

Quando terminaram, quase ao amanhecer, Victória se virou para ele com um sorriso no rosto. Até que ele era bonito mesmo, cabelos loiros, alto, rosto magro e olhos verdes. Não seria um tormento atura-lo, como tinha pensado.

Ria silenciosamente por dentro, pois ele era realmente péssimo de cama e foi impossível não se lembrar de Michael e da forma como ele a pegava e fodia, como segurava seus cabelos e passava as mãos pelo seu corpo. Mas foi ali que sua risada morreu. Porque Michael não era mais dela, agora ele estava com aquela tal de Emma Glislow, uma morena sem graça e sem atrativos.

O filme dos dois havia sido tão sem sal que até agora ela não acreditava como eles tinham ganhado o prêmio de melhor filme. Aquilo a irritava profundamente, pois nunca tinha sido bem-sucedida em filme algum e culpava Michael, por não tê-la ajudado a entrar naquele ramo, por não tê-

la indicado para fazer filme algum.

Porra, ela fora sua primeira namorada! Havia perdido a virgindade com ele, será que isso não contava como nada? Certo, ela nunca foi muito emotiva, nunca teve paciência para romances, nem com aquelas crianças pegajosas do orfanato, mas isso não era um crime tão horrível. Era até divertido fazer umas maldades com aquelas crianças, como mandar uma cortar o cabelo da outra, colocar o pé na frente para ver algum daqueles pirralhos cair de cara no chão.

Mas agora tudo aquilo eram apenas lembranças. Até mesmo Michael era apenas uma lembrança distante, com aquele corpo lindo, que ela adorava tocar e beijar. Ele nem mesmo quis recebê-la quando ela foi atrás dele e agora estava prestes a se casar.

Se casar! Um ator pornô não se casa! Aquilo era absurdo, se fosse realmente para casar, que fosse com ela, que o conhecia desde pequeno, o conhecia como ninguém. O amava, era louca por ele.

Aquela tal de Emma não o merecia. E agora, ali, ao lado de Frederick, ela sabia que poderia contar com ele para destruir a vida dos pombinhos apaixonados. Com essa ideia em mente, ela se virou para Frederick que a olhava meio sonolento, com um sorriso no rosto.

— Eu ouvi você reclamando no balcão lá do bar... Era por causa da sua ex-noiva, não era? — Ela perguntou, calma, passando a mão pelo peito dele.

A expressão dele se fechou na mesma hora e ele bufou, raivoso.

— Até você sabe dessa história? Que porra! — Reclamou, virando a cara para o lado.

— Eu sei. — Ela murmurou, virando o rosto dele para ela novamente. — Sei porque eu sou ex-namorada de Michael Peterson.

— O quê?

— Você ouviu. — Olhou para ele, deixando a sedução de lado. — E assim como você, não estou nem um pouco feliz com essa história de casamento. Posso entender sua raiva, porque também fui passada para trás com essa história. Na verdade, Michael sempre me passou para trás! E, bem... Eu tenho certeza que juntos, somos mais fortes e podemos acabar com eles.

— Acabar... Com eles? — Os olhos dele brilharam e um sorriso se formou no canto de seus lábios.

— Sim.

Frederick pesou suas opções que, na verdade, não eram muitas. Ele não tinha mais nada a perder e vê-los sofrer ou ao menos perder tudo o que tinham, seria uma vitória para seu ego ferido.

Com um sorriso no rosto e a esperança renovada, olhou para Victória e enlaçou sua cintura, puxando-a para si.

— Estamos juntos nessa, Victória. Vamos acabar com eles.

Dois anos depois.

A dor era insuportável. Parecia que iria parti-la ao meio, deixa-la toda estragada da cintura para baixo. Pulsava e a abria toda e ela gritava, apertando o braço de Frederick no meio daquele quarto de hospital público.

Até que, finalmente, ouviu o choro irritante da criança e o médico sorriu, falando que era uma linda menina de olhos azuis e cabelos loiros. Ela revirou os olhos e caiu na cama, cansada e irritada e Frederick fez uma careta, o choro irritante da garota penetrando seus ouvidos.

— Por que ela chora tanto? — Ele perguntou, irritado, mas o médico sorriu alheio a seu estado.

— Não se preocupe, pai, ela está muito bem. É uma linda menina e o choro é normal, logo ela estará quietinha e com vocês.

— Faça-a calar a boca logo, Frederick, ou eu vou enlouquecer! — Victória murmurou, cansada.

Quando descobriu que estava grávida, quase morreu de tamanho susto e ódio. Aquilo ia contra tudo o que tinham planejado! Estavam perto, tinham se mudado para Nova York, iam infiltrar uma atriz falsa dentro da produtora, ela ia seduzir Michael e acabar com o casamento dos dois. E, de quebra, mataria o bastardinho que Emma estava esperando.

Mas aquela maldita criança dentro da sua barriga estragou tudo! Eles se atrasaram com os planos, a tal garota desistiu e ficaram a ver navios. O bastardo Peterson nasceu e agora ela colocava no mundo uma garota, a culpada por ter estragado o plano deles. O ódio era grande demais para suportar e ela quase a jogou no lixo na primeira oportunidade, mas não o fez.

Voltou para casa com criança nos braços, Frederick irritado e o coração cheio de rancor. A menina era mesmo muito bonita, loira, olhos lindos, a olhava com admiração e ela se sentia enjoada. Amamentar era a pior parte, doía e ela sentia vontade de bater na criança, na qual nomeou de Claire sem pensar muito.

Frederick era o pior pai que poderia existir. Vivia fora de casa, deixava-a sozinha com a menina e quando aparecia, só reclamava de tudo o que Claire fazia. Aquilo a deixava ainda mais irritada e não demorou muito para descontar isso na criança, cansada de tudo aquilo, desiludida, observando a felicidade dos Peterson e convivendo com a ruína.

Até que, um ano e meio depois, engravidou novamente. Quase abortou, desesperada só de pensar em outra criança grudenta e dependente quanto Claire, que quanto mais apanhava, mas emotiva ficava. Mas então eles encontraram uma solução.

Claire crescia sozinha, eles não ligavam muito para o que ela fazia e nem o que sentia, mas poderiam criar a outra criança para ser o que eles quisessem. Quando descobriram que seria uma menina, a animação voltou em dobro e assim começou.

A paixão que sentiam por Therese era palpável. Victória se apaixonou ainda mais por ver que ela era sua miniatura com os cabelos ruivos, mas com os olhos verdes do pai, linda e perfeita para ser usada da forma que eles quisessem.

Tudo estava dando certo, ela cresceu, se tornou tão fria quanto eles, Claire trazia um dinheiro

extra com os clientes que Frederick arrumava para ela e Therese crescia cada vez mais como modelo. Quando finalmente conheceu Matthew, eles ficaram exultante, o tempo foi passando, Matthew foi se apaixonando, mas o contrato pré-nupcial foi algo que jamais imaginaram, com o Matthew lambendo o chão que Therese pisava.

Colocar Claire no plano foi um risco grande. E agora, trinta anos depois, pagavam o preço. Voltaram à estaca zero, com Therese e Paul fora da vida de Matthew, Frederick praticamente aleijado em uma cadeira de rodas e Victória morrendo.

Therese entrou no quarto e respirou fundo. Frederick ligou para ela e disse que era para ir correndo, porque Victória estava praticamente indo embora e queria falar com ela. Ver sua mãe, sempre tão linda e bem cuidada, como uma moribunda naquela cama a fez sentir mais raiva de tudo. Nem com o tratamento mais caro que pagou para ela, conseguiu salva-la e o médico disse que era questão de tempo.

Um tempo que corria cada vez mais rápido.

Andou até a cama e se sentou ao lado da mãe, pegando a mão magra e pequena nas suas.

— Estou aqui, mãe. — Murmurou.

Victória lutou para respirar e abriu os olhos para olha-la, apertando sua mão de leve. Quase sorriu, vendo a si própria bem mais nova na filha, orgulhosa do que ela havia se tornado. Por fim, falou:

— Therese... — Sussurrou, lutando para falar. — Eu não tenho mais tempo, não conseguirei ver o que tanto lutei para apreciar, mas você...

Ela parou um pouco e puxou o ar, cada vez mais cansada.

— Você é minha filha... E pode... Pode fazê-los pagar. — Fechou os olhos e abriu de novo, observando-a. — Prometa para mim que vai fazê-los pagar.

— Eu prometo, mãe. Todos eles irão pagar, eu prometo! — Ela disse, sentindo os olhos marejarem. — Eu te amo muito, mãe.

— Eu sei querida... Você, só você, sempre foi minha filha, minha Therese... — Gemeu baixinho, a dor arrastando-a rapidamente. — Prometa de novo.

— Eu prometo, mamãe! Pode ir em paz, eu vou fazê-los pagar, matarei um por um.

— Eu confio em você.

Continuaram a se olhar, as mãos dadas. Therese chorava baixinho e soluçou quando sentiu a mão de Victória afrouxar e os olhos perderem o foco, partindo de vez.

Fechando os olhos, Therese beijou a mão da mãe e planejou a morte de cada uma daquelas pessoas, inclusive Claire, aquela vadia que havia os trocado para ficar com eles, os traidores!

Sua mãe não estava mais ali, seu pai estava fora do jogo, mas ela estava viva e forte. Tinha Paul ao seu lado.

E se vingaria em nome de seus pais.

Capítulo 28 - Claire

Uma semana depois

A última semana havia sido atribulada, cheia de acontecimentos surpreendentes, algo que eu não estava acostumada. Minha vida sempre foi previsível, eu sabia muito bem como agir em cada situação, como ser uma boa prostituta e fingir prazer para velhos sem noção, como dançar e me portar bem em cada ambiente.

Mas me lembro perfeitamente que, assim que coloquei os pés naquela delegacia, senti medo. Foi um medo diferente. Era como se meu pai estivesse ali, do meu lado, repetindo palavra por palavra que, se um dia eu o entregasse, ele me mataria. E agora eu estava ali, prestes a relatar todo abuso que sofri em suas mãos.

Foi bem difícil, mas a delegada foi gentil e me fez perguntas variadas, sobre como começou e por que eu demorei tanto para denuncia-lo. Minha resposta foi óbvia, até porque, creio que muitas mulheres infelizmente passam pelo mesmo o que passei. Não o entreguei por medo de cumprir o que tinha prometido, por vergonha e por achar que estava livre dele. Mas com Matthew ao meu lado, eu soube que tinha chegado a hora.

Quando sai da delegacia, deixando lá dentro boa parte do meu passado, do que sofri e o laudo médico da última vez que Frederick me estuprou, me senti estranhamente livre, como se um peso enorme tivesse saído das minhas costas. Lembro que senti os braços de Matthew ao meu redor e quase chorei de alívio, mas preferi beijá-lo e balbuciar o quanto o amava.

Jamais me esqueceria da expressão de Michael ao descobrir que Therese era minha irmã. Ele ficou atordoado, quase não acreditou, primeiro por sermos tão diferentes, depois por Therese ser bonita e, por último, se deu por convencido ao lembrar que sempre a achou dissimulada. Com aquela conversa, pude perceber que Michael era muito mais profundo do que jamais imaginei. Ele tinha sexto sentido enorme, conseguia enxergar além do que estava à sua frente e, mesmo assim, conseguia se manter relaxado diante de qualquer assunto. Era, realmente, um homem incrível e me orgulhava muito por Matthew seguir cada um de seus passos.

Estar ao redor deles me mostrou que eu estava preparada para qualquer coisa que viesse acontecer. Me sentia forte e acolhida, como se tivesse encontrado um lar depois de anos andando a esmo. Chloe era uma menina maravilhosa, uma verdadeira amiga, Michael era um sogro divertido e sacana, Emma era uma mãe e não cansava de me pedir desculpas por ter acreditado em Therese. E

Matthew... Matthew era o homem da minha vida.

Mas nada me preparou para a morte de Victória. Faltavam cinco minutos para as seis da noite de quarta-feira, e meu telefone tocou alto. Deixei a torta de frango no forno e quando atendi, a voz chorosa e ao mesmo tempo raivosa de Therese inundou meus ouvidos, falando que nossa mãe havia morrido naquela tarde.

Ela chorava, mas eu não consegui expressar nenhum tipo de reação extrema. Me senti triste, mas por Victória ter morrido sendo aquele ser humano amargo, do que por perder minha mãe. Até porque, ela nunca foi minha mãe, nunca me tratou como filha. O enterro dela foi vazio, apenas Therese, meu pai em uma cadeira de rodas, carrancudo e Paul. Não falei com nenhum deles, apenas coloquei uma rosa branca sobre o caixão, antes de ser coberto por terra, pedindo a Deus para que a levasse para um caminho de luz, mesmo sabendo que aquele não era destino dela.

E agora, depois de ter passado por tudo isso, me sentia em paz. Me olhei mais uma vez no enorme espelho do quarto de Matt, me sentindo realmente bonita dentro daquele vestido levemente dourado, chique, que ele havia comprado para mim. Não pude deixar de ficar nervosa, até porque, era a primeira que sairíamos em público no meio dos amigos dele.

Sua empresa, a MMJR Engenharia, havia abraçado a causa de arrecadar fundos para a House Of Happy Children há quatro anos. No começo, era uma festa onde se fazia um leilão para ajudar o orfanato onde Michael crescera, mas agora o projeto estava maior e a House Of Happy Children havia aberto um grande centro em Nova York, com projetos sociais com crianças e adolescentes que moravam em periferias da cidade, assim como haviam ampliado o orfanato em Los Angeles, se tornando um dos maiores dos EUA.

— Você está linda. — Escutei Matthew dizer.

O olhei pelo espelho e ele me olhou de volta, lindo vestido naquele *smoking* caro, de corte fino. Senti meu corpo estremecer com sua beleza, sua masculinidade tão forte que quase me fez ficar de joelhos e chupa-lo até perder a noção do certo e errado.

Mordi os lábios e me concentrei. Ultimamente eu tenho estado viciada em sexo, acostumada a atacar Matthew de manhã e todas as vezes que ele chegava em casa depois do trabalho, e na hora do banho e também na hora de dormir. Ele ria, mas sua graça morria na hora em que eu ficava nua, ou tocava em seu corpo.

— Nem pensar. — Respondeu, rindo de mim e me tirando do transe. Se aproximou e rodeou minha cintura, colocando meus cabelos de lado para cheirar meu pescoço. — Sei o que você quer fazer, mas não temos tempo para isso.

— Está tão na cara assim?

— Praticamente escrito na sua testa. — Falou, esfregando o início da sua ereção em minha bunda. — E meu pau adorou saber que você já está louquinha para dar para mim... De novo.

— Não faz isso, Matt... — Murmurei, sem forças, me sentindo excitada pela milésima vez naquele dia.

— Isso o quê? — Perguntou, mordendo o lóbulo da minha orelha e escorregando a mão para

frente do meu corpo, subindo até os meus seios que estavam pesados. — Sabe o que eu queria fazer agora?

— O que?

— Chupar seus seios até ficarem com os bicos inchados e vermelhos. E depois descer até a sua bocetinha molhada, e chupa-la até gozar para mim, na minha língua, Claire.

— Matt, por favor.

Estava no meu limite. Minha cabeça rodava, minha intimidade pulsava e molhava a calcinha de renda que eu usava. Nem parecia que tínhamos transado assim que ele pisou em casa!

— Eu quero muito, Claire, mas não podemos. — Falou e simplesmente se afastou, me deixando tonta e cheia de desejo em frente ao espelho. — Sou um dos anfitriões da festa, não seria de bom tom se chegasse atrasado, baby.

Olhei para ele e respirei fundo, tentando me conter. O que estava havendo comigo? Certo, sexo com Matthew era coisa de outro mundo, mas nunca fiquei daquela forma, tão louca por ele, convivendo com a calcinha molhada durante todo o dia até ser saciada e sentir vontade de novo, ainda mais forte. Obriguei aquela excitação sair do meu corpo e me virei para ele, aparentemente mais calma.

— Você tem razão. — Falei, vendo-o fazer uma careta para a gravata que estava na sua mão. — O que foi?

— Odeio gravatas! Essa aqui então, que fico igual a um pinguim, me tira do sério. — Ele falou, bem mais controlado do que eu, apesar de sua ereção estar visível na calça.

De repente, a visão dele com aquela gravata borboleta aberta, os cabelos despenteados e arrepiados e o pau para fora da calça, comigo de joelhos chupando-o me deixou louca, salivando. Acho que gemi baixinho, sentindo minha pele se arrepiar e meu cérebro já reconhecendo seu gosto em minha boca, louca para senti-lo.

Sem pensar muito no que estava fazendo, fui até ele e peguei a gravata e de suas mãos, colocando-a em volta do seu pescoço. Seu cabelo bagunçando depois do banho me deixou ainda mais excitada e me ajoelhei a sua frente, abrindo o fecho da sua calça com o lábio inferior entre os dentes, cheia de desejo por ele.

— Claire, o que está fa... Oh, porra! — Rugiu quando o chupei avidamente, sugando a glândula para minha boca. Quando o olhei, estava de boca aberta e os olhos ainda assustados, mas jogou a cabeça para trás quando o levei até minha garganta, forçando-o para chegar a base do seu pau. — Sua safada! Isso, chupa tudo, Claire... Era isso que você queria, não é? Cair de boca no meu pau!

Gemi, tirando-o da minha garganta e passando a língua pela cabeça robusta, recolhendo o pré-goço e voltando a chupa-lo. Suas mãos foram aos meus cabelos e parou meus movimentos, olhando-o por cima com aquela expressão superior que eu adorava, começando a mover os quadris e estocar o pau em minha boca.

— Boquinha gostosa, baby, você me enlouquece! — Gemeu, rouco, puxando meus cabelos e

enfiaando o pau até o fundo da minha garganta, se mantendo por lá e pulsando, enquanto eu prendia minha respiração para aguenta-lo o máximo possível. Mas ele já conhecia todo o meu corpo, tudo sobre mim e quando não aguentei mais, puxou seu pau para fora, deixando apenas a glândula em minha língua, me deixando tomar as rédeas de novo. — Vou gozar bem gostoso para você, Claire, chupa direitinho.

Quase babei apenas em ouvir aquilo, uma sede enorme de sentir seu gozo em minha língua tomando conta de cada um dos meus poros. Voltei a chupa-lo rapidamente, sentindo seu pau pulsar e crescer ainda mais em minha boca, a carne quente e cheia de veias ocupando cada espaço, enquanto ele gemia.

Senti sua perna tremer e ele cerrou o maxilar, começando a mover os quadris. Sabia que estava chegando lá e aumentei meus movimentos, recebendo seus jatos como recompensa. Gemeu alto e se entregou, gozando em minha língua e eu bebi tudo, parando de chupa-lo apenas quando já estava totalmente limpo.

Satisfeita, me levantei e parei a sua frente, pegando em sua gravata. Ainda estava de boca aberta e respirando parcamente quando fiz o nó e deixei gravata borboleta perfeitamente presa em seu pescoço, deixando-o ainda mais lindo do que já era. Comportado da cintura para cima e a calça até os pés da cintura pra baixo, com o pau exposto e semi-ereto. Uma perdição, mas me controlei.

— A gravata está perfeita, Matt. Vou só retocar o meu batom e podemos ir. — Falei, passando por ele indo até o banheiro, com o batom borrado nos lábios, mais satisfeita por tê-lo deixado com aquela expressão prazerosa no rosto.

O evento seria realizado na mansão dos Peterson, como em todos os anos. A decoração estava linda logo na entrada, onde estavam os seguranças, manobristas e uma mulher uniformizada, que pegava os convites individuais dos convidados. Matthew desceu do carro e deu a volta, abrindo a porta para mim e entregando a chave ao manobrista. Ao reconhecê-lo, a funcionária nos deixou passar, depois de nos desejar uma boa festa.

— Está tão calado... — Murmurei em seu ouvido, sorrindo.

Ele me deu uma olhada sacana e arqueou uma sobrancelha, contornando a mão em minha cintura.

— Ainda sinto sua boca no meu pau. — Falou para mim, enquanto atravessávamos os enormes portões. — Creio que ficarei duro pelo resto da noite.

— Mas você gozou!

— Sim. Mas aquilo foi um ataque sensual e ainda tenho muitas coisas em mente até ficar satisfeito de verdade.

Sorri, balançando a cabeça.

— Uma pausa para foto, senhores? — O fotógrafo pediu.

Matthew me puxou ainda mais pela cintura e posamos para foto, o flash me deixando momentaneamente cega. Depois da foto, entramos na festa, o jardim bem cuidado de Emma já com alguns convidados. Matthew cumprimentou algumas pessoas e me apresentou como sua namorada. A expressão de surpresa no rosto das pessoas me deixou um tanto tímida, mas percebi que aquela era a hora de colocar a máscara da Claire decidida, aquela encarava de frente qualquer careta daquele povo rico.

Já estava acostumada a ir a festas daquele tipo, sabia muito bem como mulheres bonitas eram julgadas ao estar acompanhada de homens ricos e influentes. Nunca liguei para aquilo, pois realmente era uma acompanhante de luxo e nunca tive que dar satisfações a ninguém. Mas, agora, era diferente. Eu não estava sendo apresentada como amiga e sim como namorada. E isso significava, para todos, que Therese e o relacionamento dos dois, havia ficado para trás.

Emma estava lindíssima em um vestido verde água e Michael estava elegante em um *smocking* parecido com o de Matthew. Chloe chegou logo depois, com Calton, em um vestido branco e longo, com pedraria prata no busto. Tão linda quanto a mãe. Na verdade, era uma réplica mais jovem de Emma, assim como Matthew era uma réplica mais jovem de Michael.

Logo a festa foi ficando cheia e Matthew me apresentava a mais um monte de gente que jamais me lembraria o nome, mas percebi que todos estavam unidos por uma mesma causa. Nos telões espalhados pela festa, imagens das crianças do orfanato apareciam, com a banda tocando ao vivo no palco no centro do jardim, próximo a pista de dança.

Mark, John e Roy chegaram e sorriram ao me ver com Matthew. Eles eram simpáticos e elegantes e não pude deixar de me lembrar de quando os conheci na boate, o modo como ficaram me olhando. Mas, agora que eu estava com Matthew, era perceptível que não me olhavam mais daquela forma e fiquei feliz por Matt ter amigos de verdade.

Alguns minutos depois, o jantar foi anunciado e fomos para uma mesa reservada, onde Michael, Emma, Chloe, Calton, John, Mark, Roy, Matthew e eu nos sentamos. A entrada de torradas italianas com patê de salmão foi servida e conversávamos animadamente, enquanto sentia a mão de Matthew acariciar minha perna, como sempre fazia quando sentávamos lado a lado.

— Tire a calcinha.

Ele sussurrou em meu ouvido, fazendo com que a torrada parasse em algum lugar entre minha língua e garganta. O olhei com os olhos arregalados e sorriu de leve, como se não tivesse dito nada demais.

— O quê?

— Tire a calcinha. — Repetiu, começando a puxar meu vestido longo para cima.

— Está louco, Matt? — Murmurei, segurando sua mão. — Estão todos aqui e...

— Tire a calcinha, Claire.

— Não! — Neguei e ele continuou a puxar meu vestido, medindo forças comigo e ganhando. — Pare com isso, não tem como fazer isso, Matthew.

Sem me responder, ele levantou meu vestido até acima dos joelhos. Olhei para todos na mesa e vi que conversavam alheios a safadeza de Matthew ao meu lado.

— Enfie a mão por dentro do vestido, tire a calcinha e coloque-a sobre meu colo.

Mordi o lábio, incerta, mas ficando excitada com todo aquele jogo. Sem pensar muito, fiz o que me pediu e levei a mão por dentro do vestido, levantando o quadril discretamente para tirar a calcinha. Passei-a pelos meus pés e a tirei totalmente, colocando-a sobre o colo de Matthew.

Vi o momento em que ele tirou o lenço do bolso e colocou por cima da minha calcinha. Pensei que a embrulharia ali e a guardaria no bolso, mas, ao invés disso, pegou a calcinha escondida pelo lenço e levou até a boca, como se estivesse limpando o canto dos lábios. Minha boca quase caiu aberta, mas impedi e o vi dobrando o lenço com a calcinha escondida entre ele e colocando-o no bolso novamente, como se estivesse fazendo a coisa mais comum do mundo.

E estava. Mas só eu sabia a verdade ali e me contorci na cadeira, me sentindo molhada, excitada e agora sem calcinha.

— Cheirosa como sempre, baby. — Ele murmurou, passando a língua nos lábios. — E molhadinha.

— Por que está fazendo isso, Matt?

— Porque eu posso. — Falou, colocando a mão de volta na minha perna. — Eu posso tudo, Claire.

Sem saber o que responder, tomei um gole do meu vinho e respirei fundo, sentindo seus dedos passarem pelas minhas pernas, dentro do vestido erguido. Por sorte, o pano de linho da mesa tampava tudo.

— Claire! Eu estou tão feliz que você está aqui conosco. — Chloe disse, ao meu lado, sorrindo para mim. — Ainda mais como namorada do meu irmão. Depois de tudo o que passaram, vocês merecem toda a felicidade do mundo.

— Obrigada, Chloe, e fico... — Parei abruptamente, sentindo os dedos de Matthew tocar em minha virilha e escorregarem até minha boceta, tocando meu clitóris.

Sem poder me conter, olhei para ele que parecia ouvir atentamente o que Roy falava. Tentei fechar as pernas, mas o prazer de ter seu polegar rodeando meu clitóris foi maior, enviando raios de prazer pelo corpo.

— Claire? — Chloe me chamou.

Olhei para ela e tudo pareceu turvo, mas me concentrei e sorri, quase gemendo e fechando os olhos por conta do prazer.

— O que?

— Você estava falando uma coisa e parou de repente.

— Ah sim... — Murmurei, abrindo mais as pernas para Matthew, que começou a me masturbar mais rápido. — Eu estava dizendo que fico... Fico muito feliz por estar aqui também.

— Ah, querida, somos uma família agora. Você tem que tirar um dia para conhecer minha escola de balé e...

Tudo se perdeu e Matthew meteu dos dois em mim, começando a estocar forte, como se sua família não estivesse ali. Senti meu rosto esquentar e apertei sua coxa com força, minha boceta pulsando ao redor do seu dedo, seu polegar ainda acariciando meu clitóris em uma carícia tão intensa, que não consegui me conter.

Gozei, querendo gritar, mas tentando ser firme ao olhar para Chloe, vendo sua boca se mexer, mas sem ouvir uma palavra do que ela estava dizendo. Meu corpo tremeu e eu finalmente relaxei, me recostando na cadeira, sentindo os dedos de Matthew diminuírem até parar totalmente.

— Tenho certeza que você amará, ainda mais agora que nos juntamos a House of Happy Children e estamos ensinando balé as meninas carentes. É tudo tão lindo!

— Eu imagino que seja... — Murmurei, sentindo a mão de Matthew se afastar totalmente.

Abaixei meu vestido discretamente e bebi mais um pouco, me sentindo quente e realmente devassa depois de tudo aquilo.

— Vá ao banheiro e me espere. — Matthew falou e voltou a se afastar, voltando a conversar com os amigos.

Quase neguei, mas a expectativa foi mais forte do que minha sensatez e logo me vi pedindo licença e me afastando da mesa, indo em direção ao banheiro mais distante da festa. Poucos minutos depois, Matthew entrou e trancou a porta, virando-se para mim com os olhos negros repletos de calor e safadeza.

— Levante o vestido até a cintura e encoste-se na pia. Deixe essa bunda linda empinada para mim, Claire.

Mordi o lábio e obedeci, encarando-o pelo espelho. Enrolei o vestido na cintura e abri um pouco as pernas, vendo-o desabotoar a calça e abaixar um pouco, apenas para que sua ereção pulasse para fora, seu pau lindo e grosso, totalmente em riste.

Se aproximou de mim e beijo meu ombro, as mãos em minha cintura e o pau em minha bunda, o líquido do pré-goço molhando minha pele, me deixando louca de excitação novamente, meu corpo sendo manipulado por todos os lados. Acariciou minha bunda de leve e mordeu meu ombro, antes de estalar uma palmada forte em minha nádega.

— Quer que eu te coma, Claire? — Perguntou arisco em meu ouvido, deixando a pele do meu ombro marcada.

— Oh meu Deus, sim... — Gemi, louca para senti-lo.

Me bateu de novo e mais uma vez, olhando-me pelo espelho, me deixando mais excitada do que eu poderia imaginar.

— Peça para mim, baby.

— Me coma, Matt... Por favor!

Um sorriso ameaçou se abrir no canto dos seus lábios, antes dele pegar o pau nas mãos e esfregá-lo em minha boceta, até me penetrar de vez em uma estocada firme. Gemi alto e ele rugiu, saindo e voltando a mergulhar, atingindo cada nervo sensível dentro de mim.

Sem poder me conter, comecei a rebolar em seu pau e ele deixou, levando o dedo até meu clitóris, começando a me tocar, para logo depois começar a meter rapidamente, indo e voltando fazendo com o que o barulho de nossos quadris ecoasse pelo banheiro, assim como nossos gemidos. Tanto ele quanto eu sabíamos que tinha que ser rápido, por isso ele pegou firme em minha cintura e aumentou a velocidade, bolinando meu clitóris com o dedo médio.

— Porra, Claire, você me enlouquece! — Ele rugiu, começando a riscar círculos perfeitos em meu interior, sabendo o quanto aquilo me enlouquecia, tocando todos os meus pontos. — Goze!

Sua ordem pareceu atingir cada pequeno nervo em mim e, sem poder me segurar mais, gozei para ele, gritando seu nome e rebolando em seu pau e seu dedo. Ele gemeu em meu ouvido e mordeu meu ombro, esporrando dentro de mim, alagando-me com seu sêmen quente.

Suspirei, trêmula e olhei-o pelo espelho, seus olhos excitados se enchendo de amor assim como os meus. O amava tanto que meu peito até doía, mas era uma dor boa que eu queria sentir para sempre.

— Amo você. — Falei, sorrindo. — Amo você, seu doido tarado.

Ele riu alto e saiu lentamente de dentro de mim, virando-me para encará-lo.

— Eu te amo mais. — Murmurou, antes de encostar os lábios nos meus e me provar que, não importasse onde, se eu estivesse em seus braços, estaria completa.

Capítulo 29 - Claire

Depois de nos arrumarmos totalmente, voltamos a festa de mãos dadas e um sorriso no rosto. Quem nos olhasse nem arriscaria o palpite de que tínhamos acabado de dar uma *rapidinha* no banheiro da festa.

Passamos pelos convidados que estavam sentados em suas mesas, conversando e apreciando o jantar. Matthew foi parado por algumas pessoas, mas logo liberado e quando chegamos a nossa mesa, nos sentamos como se nada tivesse acontecido. Com um suspiro de contentamento, pensei que, finalmente, poderia comer em paz, livre da tensão e do tesão que Matthew causava constantemente em mim.

Logo o garçom chegou a nossa mesa com o prato principal e serviu a todos. O cheiro levemente salgado entrou em minhas narinas e me senti nauseada, olhando para o prato a minha frente.

— O que é isso? — Perguntei a Matthew, tentando engolir a bile que queria chegar a minha garganta.

— *Foie Gras*. — Ele falou, sorridente, pegando o garfo e a faca dispostos a frente dele. — Já comeu?

— Nunca... — Murmurei, inquieta, sem conseguir deixar de encarar o prato.

Era até uma refeição bonita aos olhos, mas o cheiro me perturbava. E a aparência, por mais que fosse elegante, só me fazia suar frio.

— É uma comida francesa. — Continuou, cortando um pedaço. — É feito com fígado de pato, com um mousse especial... Uma delícia, Claire, prove.

— Fígado de... Pato? — Perguntei, sentindo a bile aumentar, minhas mãos suarem frio.

— Claire... Está se sentindo bem? — Emma perguntou, olhando atentamente para mim. — Não gostou da refeição?

— Ela ainda nem comeu, mãe... Acho que está com medo de provar. — Matthew riu de mim, colocando uma porção em seu garfo. Olhando-me atentamente, aproximou o garfo da minha boca e o cheiro quase me fez desmaiar. — Prove, baby e verá que é maravilhoso.

Não consegui me conter. Em um segundo eu estava com o garfo perto da minha boca e no segundo seguinte, estava pulando da cadeira e correndo em direção ao mesmo banheiro que havíamos acabado de sair. Não sei como consegui colocar um pé na frente do outro, mas assim que enxerguei ao sanitário, coloquei para fora tudo o que tinha ingerido naquele dia.

O enjoo era tão forte que, ao terminar de vomitar, ofeguei pronta para uma nova dose. Minha cabeça rodava e a bile ainda palpitava em minha garganta.

— Claire! Claire, abra a porta, por favor! — Ouvi Matthew bater e mais algumas vozes a acompanhá-lo.

Me ergui e dei descarga, olhando minha imagem refletida no espelho. Estava pálida e nem mesmo a maquiagem estava conseguindo me deixar um pouco corada. Enxaguei a boca com o desejo de escovar os dentes e respirei fundo antes de abrir a porta e encarar a todos.

Matthew e Michael correram para me amparar e Emma me deu um olhar especulativo, um sorriso leve se abrindo em seu rosto, me deixando confusa. Ela estava se divertindo com o meu enjoo?

— Baby, o que aconteceu? — Matt perguntou, tocando em meu rosto. — Você está branca como papel, Claire! O que está sentindo? É melhor irmos ao médico!

— Não! Foi só um enjoo, acho que comi algo que não fez bem ao meu estômago, só isso. Não precisa se preocupar.

— Como não vou me preocupar, Claire? Você quase atropelou todo mundo para chegar aqui. Estava bem até agora, como veio passar mal de repente?

— Matt tem razão, Claire, acho melhor irmos ao médico.

— Pois eu acho que não tem necessidade disso. — Emma disse, se aproximando da gente e puxando minha mão que Matt agarrava. — Sou mulher e entendo dessas coisas, vou levar Claire comigo e darei um remédio para enjoo.

— Mãe, eu ainda acho melhor leva-la ao médico... E se ela estiver doente?

— Não seja exagerado, Matt. Parece o seu pai. — Emma falou, revirando os olhos e me puxando de leve. — Voltem para a mesa, logo darão falta dos anfitriões da festa. Eu cuido de Claire.

— Nada disso, eu vou com vocês!

— Não. Você vai ficar com seu pai. Volto com Claire em poucos minutos.

E, sem dar brechas a discussões, Emma me arrastou com ela. Caminhamos em silêncio até a casa principal e subimos as escadas. Tinha de confessar que estava nervosa, ainda um pouco enjoada e sem saber o que Emma realmente queria comigo, mas a julgar por sua expressão, ela parecia feliz. Feliz! Não conseguia entender nada.

Confusa, entramos em seu quarto. Era lindo, muito bem decorado, com uma foto enorme dela e de Michael acima da pequena cabeceira da cama. Sem dizer nada, ela foi até o closet e eu fiquei parada no meio do quarto, esperando que falasse alguma coisa. Quando voltou, sem nada em mãos, comecei a me perguntar onde ela queria chegar.

— Emma... Por que está me olhando assim? — Perguntei, receosa.

— Porque eu estou feliz! — Ela sorriu amplamente e eu franzi o cenho.

Será que ela estava ficando louca?

— Feliz... Por eu ter vomitado?

Ela suspirou e, ainda com o sorriso no rosto, voltou a se aproximar de mim.

— Claire, você usa anticoncepcionais?

— Sim... Por que?

— E sua menstruação está normal?

— O quê? Emma, eu não estou entendendo onde quer chegar...

— Apenas me responda, Claire.

Parei, olhando para ela e fazendo contas mentalmente. Estávamos no meio do mês e minha menstruação vinha no começo. Na verdade, minha menstruação estava atrasada há quase três semanas e a constatação daquilo fez o meu coração disparar e despencar no peito.

— Eu...

— Você?

— Estou atrasada há três semanas.

— Ah, meu Deus! Eu não acredito! — Ela gritou, entusiasmada, batendo palmas. — Eu vou ser avó! Vou ser avó!

— Não, Emma, espera! Eu tomo injeções, não me esqueci do remédio, pode ser estresse por toda a tensão que venho passando nesses últimos tempos e...

— Claire, por favor, preste atenção. — Ela pediu, caminhando toda animada até parar a minha frente e segurar minha mão — Eu entendo tudo o que passou, mas apenas estresse não seria capaz de romper seu ciclo, nem a fazer deixar a mesa às pressas para vomitar. Eu sei muito bem o que isso significa e, por Deus, está escrito na sua testa! Você está grávida, eu tenho certeza!

Grávida!

Apenas a menção daquilo em voz alta me dava vontade de desmaiar. Como eu seria capaz de cuidar de uma criança, sendo que nem mesmo eu tinha tido uma família normal? Como seria mãe, tendo o exemplo de Victória perpetuado em minha memória? Um calafrio passou pelo meu corpo e me dei conta de que era possível, quando estava há quase quatro meses sem renovar meu método contraceptivo, sendo que era para tê-lo renovado há um mês.

Cai sentada sobre a cama, sem saber o que falar ou como agir. Será mesmo que havia uma parte minha e de Matthew se formando em minha barriga? Apesar do susto, a ideia de ter um filho de Matthew fez meu coração se encher de alegria e ao mesmo tempo de temor. E se ele não quisesse o filho? Se não estivesse preparado, assim como eu?

— Claire, não fique assim. — Emma pediu, sentando-se ao meu lado. — Você não está sozinha, ouviu?

— Mas... Emma, como posso ser mãe? Eu ao menos sei o que é ter isso, quanto mais ser! — Murmurei, apavorada, uma gama de sentimentos me envolvendo.

— Eu também não sabia ser mãe, mas aprendi. Os filhos nos ensinam muito, Claire.

— Eu tenho medo de ser como... Como Victória. E se eu não souber criar meu filho? Se o

maltratar como minha mãe fazia comigo?

— Não fará. Você é totalmente diferente daquela mulher que te colocou no mundo, Claire. Imagine, se você foi capaz de entregar todo o plano para salvar meu filho, disposta a encarar as consequências pelo amor que sente por ele, o que não faria pelo seu filho? Ser mãe é conhecer o maior amor do mundo, Claire, algo tão grande que alguém jamais conseguirá nomeá-lo. E se você estiver mesmo grávida, como sei que está, conhecerá isso e saberá ser a melhor mãe do mundo para o seu bebê.

Suas palavras me tocaram e eu capitulei, enxergando aquela situação por outro ângulo. Poderia ser um recomeço. Eu recomeçaria minha vida a partir daquele momento, sendo mãe do meu bebê e companheira de Matthew e somente a ideia daquilo fez meu coração pular de alegria. Sorri, emocionada e abracei Emma, sem saber o que dizer.

— Obrigada, Emma. Espero que eu seja ao menos o terço da mãe que você é. — Murmurei, sentindo minha garganta ficar apertada.

— Você será, querida. Na verdade, será uma mãe tão boa quanto eu, porque sei que vai defender suas crias assim como eu defendo. — Falou, passando a mão pelas minhas costas. Quando nos afastamos, ela sorriu e passou a mão de leve sobre meu ventre liso. — Vovó está te esperando ansiosa, querido. Ou querida.

Um sorriso de felicidade se abriu em meu rosto e me esqueci de todas as minhas dúvidas. De braços a dados a Emma, uma mulher incrível que eu já considerava como minha própria mãe, descemos e voltamos a festa. O jantar estava quase encerrado e o mestre da festa estava no palco, anunciando que o leilão beneficente logo começaria.

Assim que voltamos a mesa, senti falta de Matthew. Todos ocupavam seus lugares e apenas Matthew não estava ali, o que me deixou confusa.

— Está melhor, Claire? — Michael perguntou, me olhando atentamente.

— Sim, Michael, obrigada pela preocupação. — Falei, sorrindo de leve. — Onde está Matthew?

— Ele foi ao palco falar com o leiloeiro ainda a pouco, deve ter sido parado por algum convidado.

— Então eu vou atrás dele.

— Claire, não seria melhor você ficar? Vou pedir ao garçom para trazer algo mais leve para você, não pode ficar de estômago vazio, querida. — Emma disse, me olhando de uma forma que me fazia entender o porquê de não poder ficar sem comer.

— Eu só vou procura-lo e já volto, é bom para ver se meu apetite se renova.

Receosa, ela apenas sorriu de leve e assentiu, sentando-se ao lado de Michael. Pedi licença e sai de perto da mesa, indo em direção ao palco, sem dar muita importância para o que o leiloeiro falava animado ao microfone, leiloando um jantar em um restaurante caro.

Dei a volta e quando alcancei a latera, vi Matthew voltando. Olhar para ele me fez sorrir, mas ao ver sua cara fechada, senti meu corpo estremecer.

— Matt, estava te procurando. — Falei, indo ao seu encontro.

Seu olhar se chocou com meu e vi que algo estava errado. Não havia amor, não havia o calor ou ao menos a preocupação que tinha visto antes de sair com Emma. Ele me olhou de cima a baixo e quase passou por mim, mas me coloquei a sua frente, agradecendo por estarmos parcialmente escondidos das vistas de todos.

— Matt, o que aconteceu? — Perguntei, preocupada, colocando a mão em seu rosto.

— Tire as mãos de mim! — Rugiu, tirando minha mão de seu rosto com rispidez, apertando meu pulso.

— Matthew! — Protestei, sentindo dor e puxando meu pulso de sua mão. — O que houve? Por que está me tratando assim?

— Vai me dizer que não sabe, Claire?

— Não, eu não sei.

Ele riu, sarcástico e senti meu coração pesar no peito. Algo estava definitivamente errado ali.

— Como você pode ser tão puta? Tão dissimulada?! — Grunhiu próximo ao meu rosto, a raiva latente em seus olhos.

— Matthew, eu não estou entendendo, eu...

— Não tem o que entender! Eu descobri tudo, já sei de tudo!

— De tudo quê? — Perguntei, alterada, sem entender o que diabos estava acontecendo ali.

— Pensou mesmo que eu iria ficar com você sem ficar com um pé atrás, Claire? Achou mesmo que eu fosse cego o suficiente para ficar com você depois de tudo o que me fez? — Falou, o maxilar rígido. — Foi bom mesmo me manter em alerta, assim, eu descobri exatamente a vadia vendida que você é.

Algo se quebrou dentro de mim, uma dor tão forte e tão profunda que parecia que pequenas lâminas cortavam meu peito. Senti meus olhos marejarem vendo seu ódio para mim, de novo, assim como na praia. Mas agora doía mais, porque na praia eu realmente tinha culpa. Ali, eu era a vítima, estava sendo culpada de algo que nem sabia o que era e que, com toda a certeza do mundo, eu não havia feito.

Desesperada, coloquei minhas duas mãos sobre seu rosto e o olhei nos seus olhos, querendo que ele fosse capaz de ver a verdade que estavam dentro dos meus.

— Matt, eu não sei o que inventaram para você, mas eu não fiz nada! Eu juro por tudo o que há de mais sagrado no mundo!

Juro pelo nosso filho que está dentro de mim! Pensei em dizer, mas me contive, prevendo que sua raiva só aumentaria se eu dissesse que poderia estar grávida.

— Eu não acredito em você. — Grunhiu, tirando minhas mãos de seu rosto de forma agressiva. Mas daquela vez ele me largou rápido, como se eu tivesse uma doença contagiosa. — Suma da minha

frente, Claire. Quero apenas que suma para sempre da minha vida!

— Não! Eu não farei isso, eu te amo e não fiz nada, você precisa acreditar em mim, precisa...

— Eu não preciso de nada que venha de você! — Falou baixo e cheio de raiva, apontando o dedo para mim. — Não preciso de uma puta falsa na minha vida.

E com essas palavras, ele passou rapidamente por mim, me deixando sozinha. Senti as lágrimas descerem quentes pelos meus olhos, a dor aumentando e me deixando sem ar. Alguém inventara algo para ele! E era uma mentira muito bem-feita, porque ele acreditou sem ao menos pestanejar!

Abracei a mim mesma, olhando ao redor e me sentindo sozinha como nunca antes. Eu tinha o perdido, ele estava decidido e nem ao menos me dissera o que eu havia, supostamente, feito, me deixando de mãos atadas para lutar por alguma coisa. Um soluço irrompeu por minha garganta e abaixei os braços para minha barriga, protegendo o nosso filho, que já parecia tão real apenas com sua hipotética existência.

Conseguia me visualizar sozinha com meu bebê, sem saber o que fazer, porque provavelmente toda sua família me viraria as costas assim que soubesse da mentira que inventaram contra mim. A dor já estava me deixando em frangalhos, já me sentia mais do que desesperada, quando a vi.

Junto com o cano prateado de sua arma apontada para mim.

Therese estava ali, atrás do palco, um sorriso monstruoso em sua face bonita. Empunhava a arma com destreza, sem vacilar e senti meu peito se comprimir pela dor, o medo me deixando sem reação. Pensei em gritar, em correr e contar a todos que ela estava ali e armada, mas nada consegui fazer, meu cérebro paralisado pelo medo, como sempre me fazia ficar quando estava à beira do pavor.

Ainda sorrindo, ela recolheu a arma e beijou o cano e então, em um piscar de olhos, ela sumiu.

Só naquele momento eu consegui reagir e correr, primeiro procurei Matthew e não o encontrei em parte alguma. Vi de longe o seu lugar vazio na mesa e olhei ao redor, implorando a Deus para que ele estivesse ali, a vista de todos, conversando com alguém, mas para o meu desespero ele não estava.

Dei a volta pelas mesas, sempre olhando ao redor e fui até os banheiros, próximo ao jardim vazio. Olhei ali e nada dele, meu coração pulsando forte, torcendo para achá-lo. Então, no alto do meu desespero, sem me preocupar se pareceria uma louca, abri minha boca para gritar seu nome.

Mas apenas uma dor forte atingiu minha nuca. Acho que gritei, acho que murmurei seu nome, mas a incerteza me deixou e apenas a escuridão tomou conta de mim.

Capítulo 30 - Matthew

Enquanto tentava respirar normalmente com aquele saco ridículo na minha cabeça e minhas mãos presas por uma algema, tentei me lembrar de como tudo aquilo havia acontecido.

Em um segundo eu estava falando com o leiloeiro da festa, no próximo eu tinha uma arma encostada em minha cabeça e a cara de Paul a minha frente. A cena veio vívida na minha mente, quase podia sentir o cheiro enjoativo de cigarro vindo dele.

— *Quantas saudades estava sentindo de você, meu amigo. — Ele disse, sorrindo para mim. — Como vai?*

— *O que está fazendo aqui?*

— *Apreciando a festa, ou se esqueceu que também fui convidado?*

— *E eu também?* — *Therese perguntou, sorrindo maliciosamente com aquela arma encostada a minha cabeça.*

Observei-os, xingando-me internamente por ter me esquecido que de proibir a entrada dos dois, visto que os convites já haviam sido distribuídos há alguns meses. Como pude ser tão idiota? Era óbvio que iriam aparecer, em nenhum momento eu me enganei com a possibilidade de que eles pudessem ter desistido daquela vingança, apesar da mãe de Claire ter morrido e Frederick ainda estar impossibilitado em uma cadeira de rodas.

Mas eu não iria me intimidar. Havia várias seguranças circulando pela festa, se eu demorasse com eles, iriam sentir minha falta e logo viriam a minha procura. Com isso em mente, voltei a falar:

— *O que querem?*

— *Algo muito simples. — Paul falou, tirando o celular de dentro do bolso da calça social. — Quero que preste atenção nesse vídeo. Não faça alarde, porque a qualquer momento Therese pode estourar seus miolos e tenho certeza que ela teria um imenso prazer ao fazer isso.*

Olhei para Therese que assentiu com um enorme sorriso no rosto. Olhar para ela me deixava raivoso e enjoado na mesma proporção. Como pude me enganar tanto e me envolver com uma mulher como ela? Como podia ser tão falsa e dissimulada? Nem de longe lembrava a Therese dócil, calma e compreensiva que fingia ser.

— *Presta atenção no vídeo!* — *Ela grunhiu, empurrando minha cabeça com a arma.*

Me virei para a direção de Paul e ele colocou o celular na minha frente. Um vídeo começava e,

para minha surpresa, era eu quem estava na tela. Eu e meu pai. Estávamos arrebatando a cara do maldito do Frederick e estava tudo gravado, bem ali! Um pouco de longe, mas dava para nos reconhecer nitidamente e, quem observasse de fora, chegaria a conclusão de Frederick era apenas uma vítima.

Não pude conter meu temor. Se aquele vídeo parasse na polícia, meu pai e eu teríamos muito o que explicar e apenas dizer que estávamos ali, batendo nele, porque ele estuprou e surrou a própria filha, não livraria a nossa cara.

— Surpreso, querido? — Therese perguntou ao meu ouvido, sua voz me dando asco.

— Não deveria estar. — Paul completou, sorrindo. — Ou você acha mesmo que Claire te diria onde Frederick estava, sem depois nos informar? Você foi muito ingênuo, Matt. Aliás, como sempre. Não é tão difícil te enganar, não é mesmo?

— O que quer dizer? O que Claire tem a ver com essa história?

— É bem simples, querido amigo. Claire me ligou assim que você a deixou, logo depois dela te passar o lugar onde Frederick estava.

— Impossível! Eu a deixei no hospital, essa história não vai colar comigo, Paul!

— Ela pegou o celular do médico, pediu emprestado, alegando que precisava falar com a mãe. — Ele deu de ombros, como se não ligasse. — O que importa, é que ela me disse que você estava indo atrás de Frederick e, por sorte, eu estava por perto e cheguei a tempo de filmar tudo isso. Creio que a polícia adoraria assistir a esse vídeo.

Uma risada rompeu por minha garganta, enquanto olhava para ele. Ele realmente achava que eu era idiota? Aquela história não se encaixava, onde um médico emprestaria seu celular para uma paciente que ao menos conseguia falar direito? Que havia acabado de ser estuprada e precisava de atendimento?

— Não estou entendendo onde está a graça. — Therese grunhiu, irritada ao meu lado.

— Em vocês. — Respondi, passando meu olhar pelos dois. — Acha mesmo que vou acreditar nisso? Vocês podem tentar o quanto quiser, mas jamais me colocarão contra a Claire. Ninguém vai me colocar contra ela que, desde sempre, foi tão vítima nessa história quanto eu!

— É mesmo um idiota apaixonado! — Therese zombou. — Não precisamos que você acredite em nada, até porque, não foi para isso que viemos aqui.

— E para que vieram?

— Vamos ao que realmente interessa. — Paul disse, voltando a guardar o celular. — Você vai agora com a gente, sem fazer alarde. Irá nos acompanhar, passará pelos seus seguranças como se estivesse apenas acompanhando Therese e entrará no carro que ela indicar. Fui claro?

— Não vou fazer isso!

— Não? — Ele franziu o cenho antes de rir para mim. — Então eu acho que podemos entregar esse vídeo a polícia e deixar que o seu nome e nome do seu pai fique sujo em praça pública... O

que acha disso?

— Faça o que quiser! — Falei, irritado.

Já estava cansado de toda aquela conversa, de viver sempre cercado por todos aqueles loucos. Queria apenas paz para viver com Claire, para ser apenas dela e ela ser apenas minha, sem ter que viver com medo deles. Se aquela era a única ameaça que tinham contra mim, eu passaria por cima dela e resolveria aquela agressão na delegacia junto do meu pai. Éramos homens e, por mais que nosso nome ficasse respingado, iríamos assumir o nosso erro perante a Justiça.

Paul me olhou com firmeza, mas ao ver que meu olhar refletia o dele, recuou, surpreso. Quase sorri, mas virei para Therese assim que ela tirou a arma da minha cabeça e apontou para longe de mim, acima do meu ombro.

— Sua queridinha namorada está vindo. — Anunciou e eu me virei para Claire, que vinha decidida andando até o palco, olhando para todos os lados, certamente me procurando. — Se não obedecer ao que Paul falou, eu atiro nela. E saiba que eu tenho uma ótima mira, você não ia querer pagar para ver.

Olhei para Claire que ainda se aproximava e voltei meu olhar para Therese, que olhava para Claire de maneira compenetrada, a arma empunhada com firmeza. Daquela vez eu realmente senti medo. Medo de que ela chegasse ao ponto de matar a própria irmã.

— Abaixе essa arma, Therese!

— Não! Ela está se aproximando, se você não disser sim, eu atiro. Eu não estou brincando, Matthew.

— Para com isso, Claire é sua irmã! Chega dessa loucura, vá viver sua vida, saia dessa vingança assim como ela fez.

— Claire não é nada minha! — Ela disse, voltando o olhar rapidamente para mim, antes de olhar para ela de novo. — Ela é uma vadia que largou a família para se aliar a vocês e eu prometi a minha mãe que faria todos vocês pagar por tudo o que passamos, um a um e ela está incluída nisso também!

— Mas tudo pode mudar se você apenas vier conosco. — Paul disse, tranquilo. — Deixamos todos eles em paz se você apenas seguir o que estamos mandando.

— Ou eu posso matar todos eles agora mesmo, começando por Claire. — Therese disse, compenetrada.

Claire se aproximava cada vez mais e eu podia sentir meu coração batendo forte, a raiva florescendo cada vez mais, o ódio que sentia por eles aumentando gradativamente por me colocarem naquela situação, me tirarem o controle e me deixar sem escolha alguma, a não ser uma.

— Aceita ou não?

— Aceito. — Respondi, sem poder fazer mais nada, o medo de perder Claire e toda a minha família falando mais alto do que meu bom senso.

Therese sorriu e se virou para mim.

— Então você aí ao encontro de Claire. Quero que a insulte, que dê a entender que descobriu sobre algo que ela supostamente estava planejando. Quero que a xingue e humilhe, acabe com ela.
— Falou, raivosa, cheia de ódio.

— Não vou fazer isso.

— Então eu acho que posso matá-la. — Ela disse, dando de ombros.

— Pare com isso! Não tem porque fazer isso com ela, Claire não merece, ela...

— Ela merece sim! E você vai fazer porque eu quero, porque estou mandando!

— Será melhor, assim, ela não vai atrás de você quando passar por ela. — Paul disse.

Ela estava cada vez mais próxima e senti minha garganta embargar, pois sabia que iria machuca-la, mas, novamente, eu não tinha escolha, o que fez a minha raiva só aumentar.

— Abaixei a arma, vou encontra-la antes que ela chegue mais perto. — Avisei, minha voz saindo segura e raivosa também.

Andei firme até Claire e pensei até mesmo em passar por ela sem falar nada, mas ela se pôs na minha frente. Fechei minhas mãos em punho e me preparei para acabar com ela, mesmo que aquilo fizesse meu coração sangrar.

Agora, com o olhar magoado de Claire gravado em minha mente, eu me perguntava o que iria acontecer comigo. Não estava propriamente preocupado, morreria por ela e por minha família se assim fosse preciso, mas a curiosidade me deixava alerta, pois ainda não conseguia entender que fundamento tinha aquele plano de me tirar da festa.

Um sequestro para pedir resgate era algo que eu considerava inexistente. Não seriam idiotas de se arriscar assim, ainda mais agora que Frederick estava sendo procurado pela polícia. Me tirar da festa para me matar também não me parecia uma opção inteligente, até porque, não ganhariam nada com aquilo.

Nenhuma ideia vinha a minha cabeça, nenhum motivo parecia ser bom o suficiente para que eu fosse tirado da casa dos meus pais daquela maneira e ter que ficar sentado naquele carro, sem ver nada e estar algemado estava me deixando ainda mais impaciente.

— Já estamos chegando, querido... Está confortável? — Therese perguntou com uma voz subitamente amável, como era antes.

— Você é uma filha da puta, Therese. Uma falsa. — Xinguei, sentindo calor com aquela porra daquele saco na minha cabeça.

— Nossa... Estou muito ofendida, pode acreditar, Matt. — Ela riu e senti o carro diminuir a velocidade até parar totalmente.

Ouvi uma porta do carro ser aberta e logo fechada, então, a porta do carona onde eu estava foi

aberta também e fui puxado pelo colarinho da camisa.

— Saia do carro. — Ela disse, me puxando mais.

Me virei e coloquei os pés no chão de pegar equilíbrio e sair dali, odiando ter as mãos algemadas, como um maldito preso. Se estivesse solto, com certeza acabaria com a raça daquela vadia sem pensar duas vezes, passando até mesmo por cima do fato de que ela era uma mulher.

Pegando no meio das algemas, ela começou a andar na minha frente e só me restou acompanhá-la, no escuro, mas sentindo que pisava em um chão irregular, o que piorava ainda mais a minha situação. Ao menos sabia que havia ruas irregulares em Nova York, o que me levou a crer que estávamos praticamente no fim do mundo.

Uma porta foi aberta e andamos mais um pouco, logo depois a porta foi fechada e ouvi uma cadeira sendo arrastada no chão. Não demorou muito para que ela me empurrasse e eu caísse sentado em cima de uma cadeira que parecia ser de madeira, que rangeu com meu peso. Solto uma das minhas mãos das algemas e coloquei meu braço para trás, prendendo novamente no encosto da cadeira.

— Perfeito! — Ela comemorou e então, puxou o saco da minha cabeça.

Meus olhos doeram por conta da luz, mas logo me adaptei a claridade. Observei ao redor e vi que estávamos em um barraco feito de madeira, o chão era de cimento cru. Estávamos no que parecia ser uma sala, um sofá pequeno e surrado encostado a uma divisória de madeira, uma mesa de ferro próximo a janela e a cadeira onde eu estava sentado. Era só aquilo, mas poderia ver uma pequena porta, onde eu acho que ficava o banheiro.

— Que porra de lugar é esse? — Perguntei, pensando em como alguém poderia viver ali.

— Está com nojo, querido? Claro, sempre foi criado no luxo, não é? Não faz a mínima ideia do que é ser pobre! Do que é passar fome e morar em um barraco fedido como esse!

— Realmente não sei. — Falei, voltando meu olhar para ela. — Mas acho que não deveria me culpar por causa disso.

— A partir do momento em que eu vivi tudo isso por causa da sua família, eu tenho sim que te culpar por isso!

— Pare com a gritaria, Therese, por favor. — Ouvi a voz dele.

Virei minha cabeça tão rápido que, por pouco, não lesionei o pescoço. Frederick vinha atrás da divisória que ficava atrás do sofá em uma cadeira de rodas. Parecia novo em folha, apesar do nariz está torto e ter alguma dificuldade para mexer o maxilar, visto que meu pai e eu havíamos quebrado sem pena.

Ao lembrar daquilo, minha mão coçou para arrebentar aquele filho da puta que não parecia desistir nunca.

— Desculpe, papai. — Ela murmurou, subitamente obediente.

— Onde está Paul? — Perguntou ele sem desviar os olhos dos meus até ouvir duas batidas na

porta de madeira velha. — Deve ser ele, atenda.

Therese assentiu e foi até a porta, para abri-la. Não ia fazer muita questão de observar a entrada de Paul, mas ao vê-lo carregar uma mulher em seu colo senti meu mundo perder um pouco o foco. Claire estava ali, no colo dele! Parecia desmaiada, mas poderia, muito bem, estar morta. A ideia de perdê-la quase me fez ficar sem ar.

— O que Claire está fazendo aqui? — Perguntei, me mexendo sobre a cadeira pela primeira vez, louco para me soltar e tira-la do colo daquele filho da puta.

— Ela viu Therese. Ficamos com medo dela dar com a língua nos dentes e estragar tudo.

— Fizeram bem em trazê-la, então. Essa putinha com certeza iria nos entregar. — Frederick falou.

— Não foi esse o combinado! Vocês iriam deixa-la lá, junto com os meus pais!

— Não é você quem manda aqui, garoto, aprenda isso. Quem dita as regras do jogo somos nós. — Frederick disse com dificuldade, mas soberbo e raivoso como sempre.

— Um estuprador, uma louca e um ex-amigo invejoso? Vindo de vocês, o que eu deveria esperar? — Perguntei, olhando-o também, antes de me virar para Paul e vê-lo colocar Claire em cima do sofá. — O que você fez com ela?

— Calma, Matt. Ainda não a matei... Seria um desperdício matá-la sem provar desse corpinho delicioso.

— Paul! — Therese gritou, raivosa, cruzando os braços.

— Não fique nervosa, benzinho, só tenho olhos para você, mas Claire é gostosa demais.

— Não acredito que estou ouvindo isso! — Ela falou, o rosto branco ficando vermelho de fúria.

Mas nenhuma fúria se comparava a minha. Estar preso naquela cadeira, com as mãos em algemas, estava me tirando o foco, me deixando louco. Tentava forçar minhas mãos para os lados com toda a força, sem me importar de estar me ferindo ou não, mas não conseguia nenhum resultado.

— O que esperam com isso? — Perguntei, tentando ganhar tempo. — Matar a mim e a Claire por vingança?

— Não nos sujaríamos por tão pouco. — Frederick murmurou, parecendo calmo e compenetrado.

— Então, o que querem?

Acho que ele ia responder, mas um resmungo fez com que todos nós olhássemos para Claire, que se mexia no sofá até abrir os olhos por completo. Tive vontade de ir até ela e pega-la em meu colo, livra-la de tudo aquilo, mas novamente me vi impossibilitado de sequer mexer as mãos!

Ela observou tudo em volta, lentamente, até que deu um pulo no sofá e olhou para Frederick, assustada.

— Meu Deus! — Exclamou, engolindo em seco, o medo em seus olhos me deixando ainda mais louco. — O que estou fazendo aqui? Pai eu... Eu... — E então, ela me olhou. Sua expressão se suavizou um pouco, mas o medo voltou com força quando ela me analisou de cima a baixo. — Matt...

O que está acontecendo aqui? O que estamos fazendo aqui?

— Pensei que estivesse com saudades da nossa casa, filha... Da sua infância, onde eu me diverti tanto com você. — Ele disse, um sorriso frio se abrindo em seu rosto, o que me deu ainda mais vontade de soca-lo.

— Eu não estou entendendo...

— É bem simples, vamos logo ao que realmente interessa! — Frederick disse, arrastando a cadeira de rodas até a mesa de ferro. Começou a mexer em uma pasta azul que estava ali em cima e tirou um papel lá de dentro, depositando-o na mesa com uma caneta em cima. — Paul, leve a mesa até o nosso convidado, por favor.

Paul apenas assentiu, enquanto eu estava apenas calado, observando tudo e ouvindo a respiração irregular de Claire. Podia sentir seu medo dali, de onde estava sentado, mas não me atrevi a falar nada. Sabia que Therese estava armada e qualquer passo em falso colocaria ainda mais a vida de Claire em risco.

Com a mesa a minha frente, pude ver que o papel se tratava de um documento, mas ainda não conseguia entender onde eles queriam chegar com tudo aquilo.

— O que é isso? — Claire perguntou, levantando-se e colocando-se ao meu lado.

Parecia um pouco tonta, mas apoiou a mão nas costas da cadeira onde eu estava, se apoiando e mantendo-se firme.

— Isso é um documento que seu querido namorado assinará de boa vontade, onde passará para o nome de Therese a produtora de seu pai, que está no nome dele.

— O quê? — Perguntei, querendo rir.

— Você não é surdo.

— Eu não vou fazer isso.

— Vai sim. — Therese disse. — Ou podemos matar...

— Eu sei que você pode e quer matar a todos da família! — Falei, irritado, olhando para ela. — Mas, e aí? Eu passo a indústria do meu pai para vocês e o que acontece? O que acha que conseguirão com isso? Não ficaremos pobres e nem passaremos fome por conta disso!

— Mas o seu paizinho não terá mais a tão ilustre produtora pornô! — Frederick cuspiu, raivoso.

Olhei para ele, medindo forças, sabendo que aquele ódio que era apenas para o meu pai, estava refletindo sobre toda a minha família, estava refletindo na família dele, que ele mesmo estragou. Percebi que ficar negando não me levaria a lugar algum, na verdade, se eu fosse assinar eles teriam que soltar minhas mãos. E com as mãos soltas...

Formei um plano rápido e suspirei, parecendo derrotado, mas me sentindo vitorioso antes mesmo da hora.

— Eu assino.

— O que? Matt, você não pode... — Claire pediu, desesperada.

— Eu vou assinar!

— Ótimo! — Therese disse, indo atrás da minha cadeira. Senti ela mexendo na algema e quase sorri, mas me mantive firme, sério.

— Fique de olho nele, Paul. Não quero que ele dê uma de engraçadinho para cima da gente!

Paul assentiu e ficou ao meu lado. Senti minhas mãos livres e levei meu braço para frente, sentindo a dor nos músculos e nos pulsos por tê-los forçado tanto. Voltei meu olhar ao contrato e peguei a caneta, indo até a última folha, onde tinha a linha em branco para assinar.

Agindo como eu tinha pensado antes, comecei a escrever meu nome, tendo em mente parar no meio do caminho e atacar Paul, mas o som de um tiro fez todos os meus pelos se arrepiarem e pararem no meio do processo.

Capítulo 31 - Claire

Meu coração pesava e sangrava, assim como aquela arma em minha mão, enquanto ouvia o grito angustiado de Paul que havia caído no chão. Ele segurava o ombro ensanguentado e a bile subiu forte em minha garganta, me deixando subitamente enjoada. Ainda não sabia o que tinha dado em minha cabeça, nem de onde eu tinha tirado tanta coragem de pegar a arma na cintura de Therese e atirar em Paul, que, ao meu ver, era o mais forte entre meu pai e minha irmã. Também sabia que eu jamais teria coragem de atirar em Therese, que poderia ser a pior irmã de todas, mas que ainda era sangue do meu sangue e a única que eu tinha esperanças de ver mudada e livre daquela vingança.

— Sua louca! Olha o que você fez, meu Deus! Paul! — Ela gritou, desesperada e correu para ir até Paul.

Dali em diante, a cena se desdobrou como um filme a minha frente. Matthew se livrou das algemas e se levantou em um pulo, pegando a folha a sua frente e rasgando-a ao meio. Senti meu coração bater forte ao ouvir o grunhido raivoso de Frederick e Matt chegou perto de mim, tocando em meu rosto, enquanto eu apenas olhava fixamente para ele.

— Baby... Você foi muito corajosa. — Ele murmurou, colocando uma mecha do meu cabelo para trás. Por mais que ele demonstrasse tranquilidade, senti que também tremia. — Agora, por favor, me dê essa arma. Nunca vou me perdoar se você se machucar.

— Você ainda me ama? — Me ouvi perguntar, nervosa, incapaz de deixar de olhá-lo.

E, naquele momento, eu deixei todos os meus medos irem embora porque vi o amor em seus olhos novamente, explícito em sua expressão dócil, como se a raiva nunca tivesse passado por ali.

— É claro que sim, Claire. Eu vou te amar para sempre.

E eu acreditei, sentindo vontade de chorar de emoção em meio a todo aquele caos.

— Ah, que coisa fofa, os pombinhos se declarando. Estou emocionado. — Frederick disse, a ironia profunda em cada palavra. Matthew me olhou nos olhos mais uma vez e se virou para Frederick, tomando a arma da minha mão e me colocando para trás dele em um gesto tão rápido quanto um piscar de olhos.

Apenas quando olhei para frente eu entendi o porquê. Meu pai empunhava uma pistola e apontava para nossa direção, o olhar raivoso e malvado tomando conta de todo o seu rosto. Apesar de eu ter perdido o medo de Matt ter parado de me amar, ali eu senti medo de perdê-lo para sempre, pelas mãos do meu pai.

— Abaixе essa arma, Frederick e vamos apenas conversar.

— Não tem conversa alguma! — Therese disse ainda ajoelhada ao lado de Paul. — Olha só o que

a louca da sua namorada fez com o Paul!

— Ela não fez nada do que você não faria a mim ou a ela.

— Por isso mesmo que vocês dois merecem ir para o quinto dos infernos de mãos dadas! Ela por sempre ter tido tudo o que eu quis e você por ser filho de quem é!

— Tudo o que você quis? — Perguntei, me virando para ela. — Eu não entendo... O que quer dizer com isso?

— Sim, tudo o que eu sempre quis! Eu queria que Matthew me amasse para depois fazê-lo sofrer, mas não, ele foi e amou você! Eu queria que Michael gostasse de mim para ter o gostinho de vê-lo caindo do cavalo quando eu saísse por cima em meio a essa história, mas ele gostou de você! — Falou, amarga, me olhando de cima a baixo. — Eu queria que meu pai me desejasse como mulher, queria que ele me pegasse como pegava você, mas ele desejava quem? Você! Ele desejava e ainda deseja você!

Senti meu estômago se revirar ao ouvir aquilo, um enjoo tão profundo que quase parei se respirar. A cena de um pai desejar a filha como mulher já me era absurda, mas quando uma filha desejava seu próprio pai, quando desejava que ele a estuprasse, me deixou sem reação. Ali eu percebi a irmã que eu tinha.

Ela não tinha sido apenas corrompida pelas mentes doentes dos meus pais, ela era realmente uma junção dos dois, que resultou em um ser humano louco e totalmente sem escrúpulos.

— Você não tem ideia do absurdo que está dizendo... — Matt murmurou, parecendo incapaz de ficar quieto diante daquilo.

— Absurdo? Você não sabe o que é absurdo, seu Peterson de merda! Se você soubesse o ódio que eu sinto de você, se soubesse o nojo que eu sentia a cada vez que eu tive que transar contigo. — Ela balançou a cabeça, enojada, mas logo depois sorriu. — Mas aí eu pensava em meu pai e tudo ficava bem. Todos os meus orgasmos eram para ele, não para você.

— Pensei que pensava em mim! — Paul grunhiu em meio a dor, ainda segurando o ombro ensanguentado.

— Não se iluda. Ninguém jamais chegará aos pés do meu pai.

Olhei para ela, focando bem em seu sorriso bonito, seus olhos azuis brilhando, mas vendo na minha frente apenas uma pessoa com uma mente doente. O ódio que ela sentia de mim fez com que o meu amor e minhas esperanças caíssem por terra, deixando apenas um sentimento louco de injustiça misturada a raiva penetrando minhas veias, como fogo líquido.

Percebi que ela não merecia a morte ou uma boa surra. Ela tinha que estar dentro de um hospício, sendo tratada como a louca que era, porque, se ficasse solta, jamais nos deixaria em paz. Therese não tinha limites e aquilo não era culpa dos meus pais e sim dela, que havia nascido com a mente totalmente deturpada.

— Você é louca! — Falei, sentindo pena. — Uma mulher tão bonita, que conseguiu fama e fortuna de maneira honesta, mas que é completamente maluca e sem escrúpulos, tão diabólica que deseja o

próprio pai, um homem igualmente louco.

— Você não sabe o que está dizendo! — Ela gritou, se levantando e me encarando. — Eu não sou louca, você que é uma cega que não consegue enxergar o que Matthew e a família dele fizeram conosco!

— E o que foi que eles fizeram, Therese? — Perguntei, cansada de tudo aquilo. — Foram errados por ser felizes e seguir em frente, enquanto os nossos pais não conseguiram fazer o mesmo? Eles não fizeram nada de errado, ao contrário da nossa família, que foi construída por conta de uma vingança estapafúrdia e sem fundamento!

— Sem fundamento? — Frederick falou, chamando a nossa atenção. Seu rosto vermelho de raiva se sobressaindo. — Aquele Peterson filho de uma puta roubou a mulher que eu amava, construiu uma família com ela e ainda posava toda essa felicidade, enquanto a minha carreira desceu ladeira a baixo por culpa dele e daquele vídeo ridículo que ele e Emma fizeram!

— E desde quando isso te dá o direito de acabar com a vida das suas duas filhas? — Matt perguntou, intercalando o olhar entre o rosto dele e a arma em sua mão, agora repousada na coxa.

— Meu pai não acabou com a minha vida!

— Acabou sim, Therese. Você pode ter uma mente esquizofrênica, mas ele piorou tudo isso, pois usou a sua doença a favor dele!

— Não seja ridículo... — Frederick murmurou, rindo debochado.

— Eu não sou louca! — Therese gritou, andando de um lado para o outro, começando a puxar os cabelos. — Eu não sou louca! Não sou, não sou...

Olhei para Matthew sem saber o que fazer, ouvindo Therese começar a chorar em meio a uma ladainha sem fim. Minha irmã era realmente louca, algo que apenas a psiquiatria conseguiria explicar.

— Therese, para! — Frederick mandou e ela surpreendentemente parou e o olhou, o rosto banhado por lágrimas. — Venha aqui, querida.

Soluçando, ela andou devagar até ele e se abaixou quando ele bateu na coxa com a mão livre. Encostou a cabeça em sua perna e suspirou quando ele passou a mão por seus cabelos, o cano da arma próximo ao seu rosto, mas sua expressão era maravilhada.

— Lembra do que você prometeu ao seu pai quando era pequena? E do que vem prometendo desde então?

— Sim, pai.

— E que promessa era essa?

— Eu prometi que sempre iria te respeitar e fazer todas as suas vontades.

— Por que?

— Porque eu te amo acima de tudo.

— E vai me obedecer agora?

— Sim, senhor.

— Então, ajoelhe-se na minha frente.

Ela obedeceu, se arrastando no chão e parando ajoelhada na frente do meu pai. Matthew me puxou para trás do seu corpo novamente e me manteve ali, me deixando ver a cena sobre seu ombro.

Frederick passou a mão pelo rosto dela e acho que ela fechou os olhos, inclinando a cabeça para seu toque, soltando um suspiro de contentamento.

— Abra os olhos, querida.

Ela obedeceu e Frederick sorriu, olhando para ela.

— Diga que me ama.

— Eu te amo, pai. E farei tudo que o senhor desejar.

— Então, abra a boca.

Vi o movimento de seu maxilar e o sorriso de Frederick aumentou, satisfeito, ao erguer a arma e apontar para a boca dela.

Eu só tive tempo de fechar os olhos e me esconder atrás de Matthew, antes de ouvir o tiro seco. Acho que soltei um grito, e logo depois o barulho do baque do corpo de Therese encontrando o chão, foi ouvido em meio ao silêncio.

Frederick tinha acabado de matar a própria filha e eu chorei, levando minha mão inconscientemente a minha barriga, implorando a Deus para que salvasse a Matthew, meu filho e eu das mãos daquele louco.

— Meu Deus... — Matt murmurou, me apertando contra as suas costas. — Como você teve coragem?

— De atirar? Simples, foi só apertar o gatilho. — Ele disse, e pela sua voz, percebi que não tinha remorso algum. — Therese não tinha mais serventia para nada, era só uma pedra incômoda no meu sapato e eu não tenho pena de chutar certos empecilhos. Assim como não vou ter pena de vocês.

Então, veio outro tiro e senti o sangue espirrar em meu rosto e ouvi um grunhido alto, antes de ser empurrada contra o chão.

Daquela vez eu abri os olhos e encontrei os olhos azuis sem vida de Therese me encarando. Solucei alto, assustada e com o coração batendo forte, quando ouvi outro tiro que bateu em cheio contra a janela de madeira.

Quando meus olhos bateram em Matthew senti meu coração morrer um pouco. Seu paletó estava cheio de sangue e, tardiamente, entendi que ele tinha sido atingido e agora se arrastava pelo chão com a arma em punho, atirando contra o meu pai, que já tinha o braço cheio de sangue também.

— Liga para a polícia! — Matt gritou para mim e quando atirou de novo, senti o choque passar por completo.

Eu estava próxima a mesa e minha bolsa estava no sofá mais à frente. Para chegar até lá, precisaria passar no meio do fogo cruzado, mas não senti medo, apenas a adrenalina estava no meu corpo, me fazendo respirar pela boca e meu coração bater rápido.

Ouvi mais um tiro e me coloquei de quatro, começando a engatinhar em meio ao chão cru de cimento. Meus músculos tremiam, mas respirei fundo e continuei avançando, abaixada, até chegar próximo ao sofá e pegar minha bolsa.

Com as mãos trêmulas, peguei meu celular e o senti vibrando na minha mão, o nome de Michael aparecendo no visor. Sem pensar duas vezes, atendi, tentando controlar minha voz instável:

— Claire? Onde vocês estão? Estamos procurando por vocês e...

— Michael! Nos ajuda! Fomos sequestrados, tem muito tiro, meu pai e Matthew estão brigando, por favor...

— O quê? Onde vocês estão, Claire? — Ele gritou, mas o estampido próximo ao meu ouvido me deixou surda.

Algo quente, muito quente havia tocado minhas costas e então veio a dor. Tão forte que eu perdi o ar. Ouvi Matthew gritando mais alguma coisa, mais tiros e minha mente rodou, apenas a voz de Michael sobressaindo:

— Claire! Pelo amor de Deus, o que está havendo? Me fala onde vocês estão!

— Minha antiga casa... Rua Sweet Village, número 167... — Murmurei, sentindo o chão sumir.

Naquele momento eu entendi que tinha sido atingida e só pude pedir a Deus para guardar a meu filho e ao Matthew, antes de encarar a escuridão

Capítulo 32 - Matthew

O nome de Claire saiu da minha boca sem que eu ao menos pudesse pensar. Tudo parecia estar em câmera lenta, ela engatinhando até sua bolsa, falando ao telefone e, de repente, seu vestido claro ficando cheio de sangue nas costas e ela caindo no chão.

Lembro-me do dia em que meu pai disse que se apaixonar era algo fodido. Deixou claro que poderíamos entregar algo nosso a qualquer pessoa, mas quando entregávamos nosso coração, não tinha mais volta. Naquele momento, eu entendi o porquê. Amar Claire era algo tão natural como respirar. De repente, ter ao menos a remota possibilidade de viver em um lugar onde ela não estivesse, me deixou perdido. Se ela se fosse, meu coração iria junto e jamais poderia viver sem o meu coração.

Em desespero, corri até ela e me agachei ao seu lado, tocando em seu ferimento. Sangrava muito e ela estava desacordada, seu rosto bonito perdendo a cor rapidamente.

— Claire! Claire, por favor, fala comigo, por favor! — Gritei, desesperado, acho que chorava, mas não saberia dizer.

Sentia meu coração batendo forte, um pavor tão grande dentro de mim que me impedia sequer de pensar normalmente. Toquei em seu rosto, já cheio de uma saudade que nunca senti antes, minha garganta travada e meu corpo sem ação.

— Por favor, meu amor, por favor... — Murmurei, passando o polegar seus lábios gelados. — Fala comigo, volta para mim...

— Matthew... — A voz cansada de Paul me chamou atenção e então ele olhou para trás, acima de mim. — A arma, pegue a arma...

— O quê?

— A arma! Frederick... Ele... Vai atirar em você...

Pisquei, olhando-o como se fosse um bicho de sete cabeças, minha mente desligada de tudo a minha volta, mas então eu me lembrei. A imagem de Frederick com aquela arma, apontando-a para Claire apareceu vívida em minha memória e foi aquilo que me fez catar a arma que havia largado e me levantar, pegando-o de surpresa.

Andei até ele, vendo sua arma em riste, mas sabendo que ele queria me enfrentar. Meu desespero e minha preocupação com Claire continuavam vivos dentro de mim, mas a raiva e todo o ódio que sentia daquele ser me deram forças para continuar de pé e parar na frente dele, olhando em seus olhos verdes.

— No final, até que essa vingança está servindo para alguma coisa, Frederick... — Divaguei, vendo seu rosto de transformar em uma expressão confusa.

— Por que?

— Porque estou tendo a oportunidade de fazer um bem a humanidade. — Falei, sorrindo de lado.

— Matando você. — Vi seus olhos se arregalarem e sorri mais um pouco, antes de levantar a arma e mirar no meio da sua testa, apreciando seu momento de surpresa. — Vá para o inferno, seu filho da puta! — Rugi, antes de atirar uma única vez, no meio da sua cabeça.

Foi um prazer mórbido vê-lo com um buraco entre os olhos gélidos, que iam perdendo a vida gradativamente. Ali eu percebi que jamais carregaria a culpa de tirar a vida de alguém, pois um homem como Frederick não merecia pena, muito menos a vida que tinha. Era um monstro sem escrúpulos, um louco sádico, que acabou com a vida das duas filhas. E que, provavelmente, acabaria com a minha vida se por um acaso Claire... Não voltasse pra mim.

Senti meu peito se contorcer em uma dor profunda e larguei a arma, olhando ao redor. Pensei que naquela noite eu morreria, mas, no entanto, a situação era bem diferente. Vi Therese caída no chão, morta, Frederick morto por minhas mãos, Paul acabando de fechar os olhos, cansado de lutar e, por fim, minha garota ensanguentada no meio daquilo tudo.

Cansado de ser forte, senti meus joelhos cederem ao lado de Claire e chorei. Talvez não fosse uma atitude de homem, mas deixei que toda a dor que estava sentindo naquele momento explodisse em um choro sem barreiras, onde me permitia soluçar e apenas sentir, implorando a Deus para que trouxesse Claire de volta, para que alguém nos achasse e tudo ficasse bem.

Meu ombro doía como um inferno, mas, naquele momento, eu morreria apenas para que Claire ficasse bem. Trocaria de lugar com ela sem pensar duas vezes, daria minha vida para que ela voltasse a viver, a sorrir e começasse finalmente a ser feliz.

— Matthew! — Ouvi a voz dele e abri os olhos, sentindo meu coração saltar rápido no peito.

Meu pai.

Quando era criança eu o via como o meu maior herói. Ele me carregava nas costas, fingia voar comigo e tinha prometido me proteger de todo o mal. E eu acreditei. Nunca pensei que uma brincadeira infantil pudesse ter uma conotação tão real como agora, pois vê-lo invadir aquela casa e correr até a mim, me mostrou que no final de tudo, ele era realmente o meu herói, o cara que estaria lá por mim em qualquer momento ou circunstância.

— Meu filho, eu pensei que... Eu... Meu Deus, Matt! — Ele murmurou, se ajoelhando a minha frente e me abraçando.

Não liguei para a dor no meu ombro e apenas o agarrei, chorando junto com ele. Pude ouvir uma movimentação na casa, vozes e mais vozes, mas naquele momento era apenas eu e meu pai e toda a dor e alívio que nos envolvia. Ele por me ver vivo e eu por poder vê-lo mais uma vez.

— Meu Deus, você levou um tiro! — Ele exclamou, me afastando e vendo meu paletó molhado de sangue. — Quanta destruição, Matt! A Claire, ela...

— Eu não sei pai, mas ela não pode morrer! Frederick atirou nela, ele... Aquele filho da puta atirou na minha mulher!

— E você o matou?

— Como deveria ter feito desde aquela maldita noite do bar. Se tivesse o matado, Claire não estaria... Assim! — Ofeguei, olhando-a de relance, seu corpo magro caído naquele chão de cimento.

— Fica calmo, filho, por favor. Agora vai ficar tudo bem e vamos torcer para que nada de grave tenha acontecido a Claire.

Apenas assenti, observando o trabalho da equipe médica e polícia ao redor. Vi quando colocaram um saco preto sobre Therese e outro sobre Frederick e disseram que Paul ainda tinha sinais vitais. Quando tocaram em Claire, senti todo o meu corpo tremer e o enfermeiro tocou em seu pulso, ficando em silêncio por alguns segundos, que para mim pareceram séculos.

— Ela está viva? — Meu pai perguntou ao meu lado, me ajudando a levantar do chão.

— Sim. Os sinais vitais estão fracos, precisamos leva-la para o hospital.

— Eu vou com vocês.

— O senhor também levou um tiro, pelo o que estou vendo, seria melhor se fosse em outra ambulância e...

— Eu vou com vocês e não tem discussão! — Vociferei, sabendo que àquela altura, não seria um enfermeiro que me impediria de fazer o que eu queria.

— Ele vai com ela. — Meu pai confirmou e o enfermeiro assentiu.

Foi tudo muito rápido, ou talvez eu estivesse entorpecido demais, mas logo estávamos na ambulância. Vi quando furaram a veia de Claire e colocaram uma máscara de oxigênio em seu rosto pálido. Segurei sua mão fria e comecei a orar durante todo o percurso, sabendo que naquele momento, apenas Deus poderia me ouvir e me ajudar.

Quando chegamos ao hospital e tive que me separar dela, foi como se tivessem tirado meu ar. Era difícil respirar, difícil ficar parado em um único lugar ou ser tocado por um daqueles enfermeiros que queriam ver meu ombro. A dor era insuportável, mas eu queria ficar em pé, queria ser o primeiro a receber notícias sobre Claire, a saber sobre seu estado e a comemorar quando me dissessem que ela estava totalmente fora de perigo.

— Matthew, meu filho!

Vi minha mãe correr até mim com Chloe e Calton ao seu lado. Seus braços envolveram minha cintura e ela colocou a cabeça em meu peito, chorando, enquanto Chloe me agarrou do outro lado. Quis murmurar que eu estava bem, mas a emoção de revê-las me impediu e agradei internamente por meu pai ter aparecido naquele momento, parecendo outra pessoa sem aquela expressão leve e descontraída.

— Não precisa ficar assim, baby, Matt está bem.

— Mas eu pensei, eu... Meu Deus, eu pensei que tinha te perdido, pensei que tinha perdido Claire!
— Ela chorou, se afastando e tocando em meu rosto. — Filho, eu sinto tanto! Eu nunca pensei que aquele louco do Frederick chegaria a esse ponto, se eu soubesse... Por Deus, se eu sequer sonhasse,

jamais teria me envolvido com ele, eu me arrependo tanto, tanto!

— Não, mãe, a culpa não é sua. — Falei, querendo envolvê-la de novo em meus braços, mas a dor em meu ombro me deixando um pouco tonto e incapaz. — Como você saberia? O que ele fez foi culpa exclusivamente dele, não sua.

— Matt tem razão, Emma. Não precisa se culpar dessa forma, querida. — Meu pai disse, abraçando-a pelo ombro. — Vai ficar tudo bem.

— Eu fiquei tão preocupada, Matt. — Chloe disse, soluçando. — E Claire, já tem alguma notícia?

— Ainda não. — Murmurei, me sentando, sentindo-me fraco e inútil, a falta de atenção ao meu ombro cobrando seu preço.

— Matthew Peterson? — Um homem alto e forte, vestido em um jaleco branco, entrou na sala de espera. — Por favor, me acompanhe. Soube que negou atendimento, mas não vou deixá-lo nessas condições, logo não conseguirá mais ficar de pé, temos que retirar a bala e saber como está esse ferimento, rapaz.

— Você se negou a ser atendido? — Minha mãe perguntou, colocando a mão na cintura. Se fosse em outro momento eu iria rir da sua forma única de repreender seus filhos, mas ali, naquele instante, rir era a última coisa que eu queria fazer. — Você ficou louco, Matthew? Dessa forma, quando soubermos que Claire está bem, vai ser você que estará mal! Por favor, doutor, o senhor vai levá-lo nem que eu tenha que ir junto, puxando a orelha dele!

Sem dizer nada, me levantei e quase sentei de novo, a tontura aumentando, mas me obriguei a me manter firme.

— Esporo de mãe sempre dá certo. — O médico disse, balançando a cabeça e rindo.

Um tanto irritado, fui com ele para a ala da emergência e me deitei na maca, reprimindo um gemido quando rasgaram minha roupa e mexeram no ferimento. Suspirei e fechei olhos, voltando a pedir a Deus para que salvasse Claire.

Olhei ao redor vendo Chloe dormir com a cabeça encostada ao ombro de Calton, meu pai e minha mãe sentados em um sofá próximo e o relógio que não parava nem por um segundo. Meu braço doía menos agora, imobilizado em uma tala. Por sorte, o tiro fora apenas e raspão e não chegou a mutilar meu ombro. Ficaria apenas uma pequena cicatriz, mas a dor ainda persistiria por algumas semanas.

Mas eu pouco ligava para aquilo. Segundo as últimas parcas notícias que nos deram, Claire estava em meio a uma cirurgia complicada para retirar a bala das costas e, assim que a cirurgia terminasse, iriam nos informar sobre tudo. Mas disseram isso já haviam três horas e o medo, misturado a angústia e ansiedade estavam me matando.

Queria me movimentar, sair andando pelo hospital em busca de mais notícias, mas sabia que seria inútil. Então, infelizmente, a espera estava sendo a minha companheira naquele instante.

— Vai ficar tudo bem, filho, você vai ver. — Minha mãe murmurou novamente, me passando força pelo olhar.

— Eu quero acreditar nisso, mãe.

— Acredite. Se Deus quiser, logo, logo teremos uma boa notícia.

O relógio andou mais um pouco e já eram quase cinco da manhã quando um senhor de cabelos grisalhos, vestido em roupas apropriadas para cirurgia, entrou na sala de espera. Dei um pulo tão rápido do sofá que meu ombro protestou, mas não me importei, sabendo que havia chegado a hora de saber, finalmente, como Claire estava.

— Parentes de Claire Benson?

— Somos nós. Eu sou namorado dela, Matthew Peterson. — Falei, me aproximando. — Como ela está, doutor? Por favor, não aguento mais ficar sem notícias.

— Senhor Peterson, eu sou Richard Byer, médico responsável por Claire. Bem, a cirurgia foi complicada, a bala ficou alojada muito próximo a região da coluna lombar, entre as vertebrae L2 e L3. Tivemos que tomar todo o cuidado possível, pois a paciente corria o risco de ficar paraplégica se fizéssemos qualquer movimento errado. — Ele disse, olhando para ver se todos nós estávamos atentos. Acho que eu nem respirava, tamanho o meu desespero. — Mas, podem ficar tranquilos, pois tudo correu bem e a cirurgia foi um sucesso. Claire está dormindo agora, perdeu sangue mas tínhamos seu tipo sanguíneo em estoque e tanto ela, quanto o bebê, estão em perfeito estado, o que é praticamente um milagre.

— Ah, meu Deus, eu sabia! Sabia! — Ouvi minha mãe gritar e olhei para ela, sem entender nada.

— Você disse... Bebê? — Perguntei, sentindo meu coração falhar uma batida.

— Sim. Claire está grávida há pouco mais de um mês... O senhor não sabia?

— Não, ele não sabia! Na verdade, Claire e eu desconfiamos apenas hoje à noite, antes disso tudo acontecer. — Minha mãe falou, tocando em minha mão. — Querido, parabéns! Eu estou tão feliz, enfim, tudo vai ficar em paz.

Senti minha cabeça rodar levemente e me sentei, sem saber o que dizer. Claire estava grávida! Ela passou por tudo aquilo com o nosso filho dentro da barriga e eu não pude fazer nada para protegê-los. No entanto, ela estava bem e nosso bebê também. Nosso bebê... Eu ia ser pai!

Olhei para meu pai e ele me devolveu o olhar como se soubesse exatamente o que eu estava pensando e então, sorriu. Algo tão contagiante que sorri também, sabendo que eu seria um bom pai, porque eu tinha o pai perfeito como exemplo. Se eu fosse ao menos metade do pai que Michael era para mim, eu tinha certeza que meu filho seria muito feliz.

— Então eu vou ser avô? — Ele perguntou, se aproximando. — O avô mais gostoso que pode existir no mundo. Acho que estou muito bem!

— Michael, por favor! Olha a modéstia!

— Você sabe que eu não sei o que é isso, baby. — Ele disse, sorrindo e puxando para seus braços. — E você será a vovó mais gostosa do mundo, pode apostar.

— Para com isso, seu bobo, aqui não é lugar para essas coisas! — Ela murmurou, ficando toda vermelha.

Feliz, eu me levantei e recebi um abraço caloroso de Chloe, que estava emocionada porque seria tia. Calton também me parabenizou, assim como meu pai e minha mãe, até mesmo o médico.

Por fim, eu me sentia o homem mais feliz do mundo e, enquanto caminhava pelo corredor para ir ao quarto de Claire, passar a noite com ela, eu comecei a agradecer a Deus por toda aquela dádiva.

Vê-la fez meu coração se apertar. Estava feliz, mas só estaria tranquilo quando ela acordasse e me desse aquele sorriso que me tirava o chão, ou me olhasse com aquelas duas órbitas verde azuladas cheio de amor. Me sentei na poltrona ao seu lado e beijei seus lábios com carinho, sentindo uma lágrima salgada escorrer pelo meu rosto até a minha boca.

— Eu te amo mais do que tudo no mundo, meu amor.

Então, olhei para sua barriga ainda plana. A prova do nosso amor ali dentro, se formando, uma parte minha e dela que veio no momento mais improvável apenas para nos encher de alegria. Sorrindo, me abaixei e esfreguei meu nariz por sua barriga coberta.

— Eu também já te amo mais do que tudo no mundo. Obrigado por ser tão forte, prometo ser o melhor pai que pode existir e te fazer muito feliz, assim como farei a sua mãe, meu bebê.

E beijei sua barriga, finalmente tranquilo e em paz, meu coração repleto de amor e em minha mente, a certeza de que, agora, nada mais iria se colocar em nosso caminho e seríamos felizes para sempre.

Capítulo 33 - Claire

Havia um grande sentimento de paz dentro de mim, enquanto eu observava os campos verdes a minha frente e via Matthew correr atrás de uma menininha de cabelos loiros e olhos castanhos. Meus cabelos e olhos dele, apenas uma das muitas características que Alice, nossa filha, havia herdado de nós.

Ela corria pelo gramado e gritava “papai” com sua vozinha alegre e infantil e eu sorri, sentindo uma grande ondulação em minha barriga protuberante, meu menininho, que nem havia nascido ainda, chamando minha atenção. Passei a mão por minha barriga e Matthew acelerou o passo, pegando Alice nos braços e a jogando para cima.

Senti meu peito se apertar ao vê-la ir tão alto, mas logo ele a pegou e segurou. E a abraçou. Senti vontade de chorar de felicidade, por ter uma vida tão perfeita, tão linda, mas então o cenário foi mudando para aquela casa pequena, com chão de cimento cru, onde meu rosto era pressionado para baixo e meu pai massacrava meu ânus sem dó alguma, xingando-me de nomes perversos.

Ali eu realmente chorei, a dor tão grande dentro de mim, que quase parei de respirar. Ele continuava a me penetrar e senti o cheiro forte de sangue, próximo ao meu nariz e quando abri os olhos, encontrei os de Therese dentro dos meus, sem vida. Paul estava próximo a ela, com o ombro ferido pelo tiro que eu dei e então tinha Matthew, com a arma apontada para meu pai, que continuava a me estuprar inconsciente de que a morte estava perto.

E então, veio o barulho alto do tiro.

Tudo parou, voltei a respirar rápido, como se emergisse do fundo do mar e abri meus olhos, apenas para fecha-los de novo com a luz forte e fluorescente que pareceu queimar minhas córneas. Respirei fundo e me estabilizei, abrindo os olhos de novo e olhando ao redor, percebendo que eu estava em um hospital e tudo tinha sido apenas um sonho ruim.

Pelo menos, em parte.

— Claire!

Ouvi a voz de Matthew e virei a cabeça tão rápido que um gemido de dor escapou por minha garganta, mas aquilo não era nada perto do bater acelerado do meu coração, que fazia com que um bipe chato ecoasse pelo quarto. Matt tinha acabado de sair por uma porta, que eu achava que era o banheiro e veio correndo até mim.

Um sorriso enorme se abriu em seu rosto, seus olhos brilharam e eu o olhei de cima a baixo, vendo seu braço enfaixado, seu corpo coberto por uma camisa azul e calça jeans. Não pude impedir

de sentir o alívio me envolver por saber que ele estava bem e salvo e aquilo fez com que eu retribuísse seu sorriso, mesmo estando angustiada com tudo o que havia acontecido.

— Está se sentindo bem? Eu vou chamar enfermeira, não fala nada, você não pode fazer esforço...

— Matt...

— Eu sei que você quer saber tudo, mas precisa ser examinada e...

— Matt, olha para mim! — Pedi, minha voz soando um tanto fraca, mas eu estava decidida. Ele me olhou, apertando o botão ao lado da minha cama. — Eu estou tão feliz por te ver bem, que... Eu só quero dizer que eu te amo mais do que tudo no mundo.

Senti minha garganta ficar apertada e meus olhos se encherem de lágrimas que não consegui e nem quis conter. Quando elas rolaram para o lado, deixando minha visão menos embaçada, pude ver que Matt também tinha os olhos marejados. Não falou nada, apenas chegou perto de mim e tocou meu rosto com delicadeza, antes de se abaixar e colar os lábios nos meus.

Sentir seu gosto, sua língua aveludada tocando a minha, me fez querer ficar de joelhos e agradecer a Deus para sempre por ter nos dado uma segunda chance. Eu poderia ter morrido em meio a toda aquela loucura e Matthew também, mas, ao invés disso, estávamos ali, vivos e bem.

Levantei minha mão até seus cabelos e acariciei ali, sentindo os fios sedosos entre meus dedos e retribuindo seu beijo com amor, lágrimas se misturando aos nossos lábios e meu coração batendo agitado, cheio de saudade e gratidão.

— É, hm... Desculpe-me, Sr. Peterson, eu ouvi o seu chamado e preciso ver a paciente. — Ouvi a voz dócil e senti o sorriso de Matt em meio aos meus lábios, antes de se afastar totalmente.

— Não precisa se desculpar, Dulce. Estava apenas matando um pouco as saudades da minha mulher.

A senhora baixinha e gordinha sorriu abertamente, suas bochechas perdendo um pouco da vermelhidão que tinha tomado sua pele branca. Pediu licença e veio até mim, checando minha pressão, meus sinais vitais e examinando o pequeno curativo atrás da minha cabeça, que eu sabia que tinha sido causado pela coronhada que Paul havia me dado.

Lembrar dele me fez em pensar em tudo o que eu não tinha visto depois de ter levado um tiro. Várias ideias percorreram a minha mente, não sabia se ele estava vivo ou não, como estava meu pai ou como haviam nos encontrado, mas preferi esperar a enfermeira sair dali para interrogar Matt.

Quando ela terminou, me olhou, satisfeita.

— Seus sinais vitais estão ótimos, assim como sua pressão. Sente alguma coisa como enjoo ou tontura?

— Não, na verdade, não sinto nada de anormal, apenas minhas costas estão doloridas.

— Isso é normal por conta da operação. É realmente incrível que a senhorita e seu bebê estejam tão bem. Graças a Deus!

A senhorita e o seu bebê.

Aquela frase se repetiu umas cinco vezes na minha cabeça, sem me deixar ouvir o que a enfermeira continuou a falar antes de sair do quarto. Então eu estava, realmente, grávida! A confirmação daquilo fez meu coração ficar acelerado de novo e eu ouvi a risada fraca de Matthew, antes de piscar e vê-lo se sentar na cama, a minha frente.

— Calma, não precisa ficar nervosa assim. — Ele disse, ouvindo o bipe acelerado do aparelho ao meu lado, que monitorava meus batimentos. — Eu também fiquei um pouco assustado quando o médico me contou, mas agora... Sinto tanta felicidade que quase não cabo em mim, Claire.

Observei seu rosto reluzir em um lindo sorriso e todo o temor que senti desde quando Emma expos sua suspeita, se dissipou por completo. Pude perceber que Matt estava tão feliz quanto e eu e quando colocou a mão em cima da minha barriga, preendi a respiração, me dando conta de que sim, havia uma vida ali dentro.

Nosso bebê. Uma parte minha e de Matthew.

— Seremos pais, meu amor. Você está carregando meu filho aqui dentro! — Ele murmurou, tirando os olhos da minha barriga e voltando a me fitar. — Prometo, com todo o meu coração, que serei o melhor homem do mundo para você e o melhor pai para o nosso filho.

Ouvir aquilo me fez lembrar do início do sonho que tive antes de acordar. Sorri, sabendo que sim, ele seria o melhor pai do mundo.

— Filha. — Murmurei, colocando minha mão por cima da sua.

— O quê?

— Filha. É uma menina. — Afirmei, o nome “Alice” vindo claro em minha mente.

— Mas... Como você sabe? Você sente?

— Sinto e sei. Estava sonhando com isso antes de acordar. — Falei, ignorando o resto do sonho, sabendo que aquilo era apenas parte da minha mente atormentada, cheia de lembranças ruins. Mas o começo do sonho não, aquilo tinha sido puro e inconsciente, talvez uma imagem que Deus colocou ali, para me dar um vislumbre da minha vida no futuro. — Você corria atrás dela em um campo verde e ela te chamava de papai e fugia de você. Eu via tudo de longe, sabendo que seu nome era Alice e acariciando minha barriga. Esperava um menino.

— Alice... — Ele murmurou e eu amei ouvir aquele nome com sua voz grossa e amorosa. Então, ele me olhou e sorriu, antes de voltar a encarar minha barriga. — Nossa Alice.

— Nossa Alice. — Repeti, emocionada. — Eu amo muito vocês.

— Não mais do que eu a vocês. — Falou, me olhando fixamente e enlaçando a mão a minha. — Agora estamos livres, Claire e poderemos viver o nosso amor sem sustos, sem nada que possa nos afastar.

— O que quer dizer?

— Frederick está morto. — Falou, acariciando minha pele com o polegar.

— Morto. — Repeti em um sussurro, me perguntando se era errado sentir o alívio que eu estava

sentindo naquele momento.

Bastei olhar de volta para ele e saber que Frederick tinha morrido por suas mãos. Não encontrei culpa ou incerteza em seu olhar, apenas aquele sentimento de que havia feito a coisa certa. Novamente, senti meus olhos se encherem d'água, mas não foi de dor e sim de um alívio tão grande, que solucei.

Não consegui impedir que memórias das inúmeras em que Frederick me estuprou, bateu e xingou, viesse com força na minha mente. Eu sabia que aquela era uma parte da minha vida que eu não poderia apagar, que eu tinha sido corrompida pelo homem que deveria me proteger e me amar, mas que, ao contrário disso, me usou e abusou.

Mas, ao invés da dor vir forte como sempre vinha, veio apenas uma paz de espírito, algo que nunca havia me tocado e que me deixou um tanto desestabilizada, me dando mais vontade de chorar. Ele nunca mais iria me machucar, nunca mais iria encostar em mim, nem me xingar e acabar comigo, simplesmente porque ele havia morrido. Aquele ser que eu chamava de pai, que eu tanto amei quando pequena, que eu tanto quis que me amasse, mas que apenas me maltratava, havia partido.

E tinha levado consigo toda a dor e medo que sempre enfiou dentro de mim.

— Baby, por favor, fica calma... Eu sei como deve estar se sentindo, mas pensa na nossa filha, não pode ficar nervosa assim, acabou de passar por uma cirurgia complicada, amor... — Matthew pediu, mas eu apenas apertei sua mão com mais força, calando-o.

— Obrigada. — Murmurei, olhando em seus olhos e vendo seu cenho franzido.

— Pelo o quê?

— Por ter me salvado daquele homem. Por tê-lo tirado da minha vida. — Solucei, olhando em seus olhos. — Eu nunca vou ser capaz de agradecer o suficiente, Matt. Você, mais do que ninguém, sabe o quanto ele me marcou, sabe tudo o que fez comigo, de como eu me sentia apenas em ouvir o nome dele. Você conhece minhas dores, na verdade, me conhece por inteira e eu só a tenho a agradecer por você me amar da mesma maneira que eu te amo e cuidar de mim dessa forma, muito obrigada.

— Para com isso. — Ele falou, firme, mas gentil ao mesmo tempo, soltando minha mão para limpar minhas lágrimas. — Você sabe que eu sempre vou proteger você. Eu passaria por cima de qualquer coisa, apenas para te salvar. Eu te amo mais do que tudo no mundo, Claire, você sabe disso, mas quero que saiba que eu nunca, nunca mais em toda a minha vida, vou deixar que você corra perigo novamente. A ideia de te perder me deixa alucinado, eu quase morri apenas com a possibilidade de que você estava morta. — Ele parou e me olhou, seus olhos marejados novamente. — Eu só quero, agora, ser feliz com você e aproveitar tudo o que a vida reservar para nós dois.

— Eu também. Agora vamos ser felizes de verdade, Matthew, nada e nem ninguém vai nos separar. Nunca mais.

— Nunca mais. — Ele repetiu, antes de me beijar com amor.

Me dei naquele beijo novamente, agora ainda mais aliviada e feliz do que já estive um dia. O monstro que acabou com parte da minha vida estava morto, assim como Therese e minha mãe e

aquela vingança tinha acabado. Estava grávida e tinha o amor da minha vida ali, comigo, que era capaz de fazer tudo para me proteger e proteger nossa filha, que estava a caminho.

Apenas ali eu me dei conta de que era a primeira vez que a vida me sorria abertamente, sem culpa, sem peso nas minhas costas que me fizesse curvar e recuar. Estava finalmente livre de tudo o que me prendia, pronta para viver para sempre ao lado de Matthew, aquele homem que entrou na minha vida como nada e tinha se tornado meu tudo.

Capítulo 34 - Matthew

— Sua doida, eu fiquei tão preocupada com você! Depois que você saiu da boate nunca mais me deu notícias... Mas estou vendo que foi por uma boa causa. — Lexy disse e riu, olhando para mim.

Não pude deixar de rir também, acompanhado por Claire, que melhorava a olhos vistos. Estava há quatro dias no hospital, sendo observada de perto por mim e fazendo variados tipos de exames, mas tinha um em especial que eu estava ansioso para que ela fizesse logo. O ultrassom.

Só de pensar, meu coração já batia forte.

— Foi por uma ótima causa. — Ela respondeu, segurando minha mão.

— Eu sei. Isso só me confirma que ter sido arrancada da cama por ele, em pleno domingo, para ajudá-lo a ir ao seu apartamento, valeu a pena.

— Eu me lembro disso. O porteiro falando que você queria subir e quando eu abri a porta, dei de cara com ele!

— Eu tive que dar o meu jeito, já que a senhorita manteve o celular desligado. — Falei, sorrindo para ela. — Obrigado por ter me ajudado, Lexy.

— Não precisa agradecer. Só mantenha minha amiga feliz dessa forma e já será o bastante para mim.

— Pode ter certeza que eu vou manter. — Murmurei, levando a mão de Claire aos meus lábios.

— Ah... O amor é lindo! — Lexy suspirou. — Por falar em amor... Vocês sabem onde está Paul? Ele nunca mais me procurou e nem atende aos meus telefonemas... Eu queria entender o que aconteceu pra ele ter me deixado. Tudo bem, sei que não tínhamos nenhum compromisso, mas eu sinto a falta dele.

Claire me olhou um tanto insegura, sem saber o que dizer. E o pior é que eu também não sabia o que dizer. No começo, pensei que até mesmo Lexy fazia parte daquele plano louco, mas Claire havia me confirmado que não. Pelo jeito, o envolvimento dela com Paul nada tinha a ver com a vingança, para ele foi apenas diversão. Mas, para ela, parecia ter sido algo a mais.

— Aconteceram algumas coisas, Lexy e minha amizade com o Paul acabou. — Falei, tendo a atenção dela. — Ele não é uma boa pessoa, se eu fosse você, se manteria afastada dele.

— Não é uma boa pessoa? Como assim? É um bandido?

— Também. — Claire murmurou, pegando a mão dela. — Lexy, é uma história muito, muito longa e prometo te contar assim que eu tiver tempo. Mas, por enquanto, deixe Paul para lá. Como Matt disse, ele não é uma boa pessoa.

— Ah... Tudo bem, eu espero. — Ela disse, sorrindo de leve. Foi impossível não sentir pena, estar apaixonada por um cara como Paul era quase um castigo. — Bem, então eu já vou... Quando você tiver alta, me avise, ok? Fiquei preocupada quando soube do que aconteceu.

— Eu vou avisar, pode deixar. — Claire sorriu. — Obrigada por se preocupar, Lexy.

— Como não me preocuparia? Eu te considero como minha melhor amiga, Claire. Naquela boate, no meio daquelas cobras, a única pessoa que eu podia contar era com você. — Ela se curvou um pouco e a abraçou. — Se recupere logo e cuide bem desse bebezinho que está a caminho, viu?

— Vou cuidar.

— E você — Ela me olhou, sorrindo. —, cuide bem da minha amiga.

Depois de se despedir, Lexy saiu e eu me sentei ao lado de Claire, na cama. Estava adorando ver seu rosto corado novamente e aquele brilho leve em seus olhos. Por isso, sem consegui me conter, me abaixei e simplesmente a beijei, espalmando minha mão em sua barriga, ainda louco com a notícia de que eu seria pai.

Na verdade, acho que aquele sentimento de felicidade extrema jamais sairia de mim e eu já estava pensando em ter milhares e milhares de filhos, apenas para multiplicar aquela sensação por mil.

Duas batidas na porta fizeram que com que a gente se afastasse. Claire tinha um sorriso bobo nos lábios e eu sorri ainda mais, me afastando e vendo a porta se abrir. Primeiramente, meu pai entrou, seguido por um homem vestido em uma roupa social e um outro vestido de terno, que eu logo reconheci como Flynn, advogado da nossa família.

— Claire, como se sente? — Meu pai perguntou, sorrindo de leve para ela.

— Muito bem, Michael e louca para sair daqui.

— Segundo o médico, falta bem pouco para você ter alta. Também estamos ansiosos para você ir para casa. — Assentiu, antes de se virar para mim. — Filho, esse é o delegado Baker e ele tem ótimas notícias.

— É um prazer, senhor Peterson.

— Apenas Matthew, por favor. — Respondi, apertando a mão que estendeu para mim. — Ótimas notícias? Mas como, se eu ainda não dei o meu depoimento?

— Eu também não dei o meu ainda. — Claire respondeu, olhando para todos nós.

— Eu vim aqui para isso. Primeiro vou tomar os depoimentos dos dois e depois vou contar o que aconteceu.

Assentimos e logo ele começou a nos fazer perguntas que foram fáceis de responder, mesmo sentindo Claire estremecer ao reviver aquilo tudo. Foram momentos de terror que eu não queria passar nunca mais e que, se pudesse, apagaria de nossas memórias.

Claire parou de falar tão logo chegou na parte em que levou o tiro, dizendo que a partir daí só se lembrava de ter acordado no hospital. Eu prossegui e a parte mais fácil foi falar que havia atirado em Frederick. Ainda podia sentir o prazer de ter mandado aquele homem para o quinto dos infernos.

— Lembrando, delegado, que meu cliente atirou em legítima defesa. — Flyn interveio, calmamente. — Naquele momento era ele ou Frederick, e ele atirou para se defender.

Quis falar que não. Quis falar que atirei porque realmente tive vontade, porque quis mata-lo, por ter feito tudo o que fez a minha mulher, por tê-la estuprado e espancado desde quando ela era apenas uma criança, por tê-la feito sofrer e por ter atirado nela, mas fiquei quieto, sabendo que qualquer palavra contraditória poderia me mandar para cadeia.

— Sim, eu sei. — O delegado disse, olhando-me. — Seu caso poderia ser bem mais difícil de resolver, senhor Peterson. Veja bem, eu, como homem, estou ao seu lado e acho que o que fez foi certo. Se estivesse no seu lugar, teria feito o mesmo, mas, para o Juiz, talvez não seja tão fácil assim. Para sua sorte, o senhor tem uma pessoa que está disposta a testemunhar em seu favor.

— Uma pessoa... Quem?

— Paul Donovan.

— Paul? — Claire perguntou, se sobressaltando. — Como assim? Eu ao menos sabia que ele estava vivo...

— Mas está. O tiro que a senhorita deu nele não foi o suficiente para mata-lo e deveria agradecer, pois ele é a única testemunha viva que presenciou tudo o que aconteceu naquela casa.

— E ele quer testemunhar a meu favor? — Quase ri, a ironia daquilo tudo me levando a crer que aquela história estava longe de acabar. — Por que ele faria isso, se me odeia?

— Eu realmente não sei. Mas ele disse que o senhor atirou em legítima defesa, contou tudo exatamente como o senhor contou aqui.

— Impossível. — Murmurei, sem acreditar.

— Eu também achei improvável, Matthew, mas segundo o delegado, foi realmente isso que ele falou. — Meu pai disse, dando de ombros.

— Eu quero falar com ele, quero confirmar essa história.

— O quê? Não, Matt, você não vai até ele. — Claire disse, segurando minha mão. — Por favor, pode ser perigoso!

— Não tem como ser perigoso, amor, estamos em um hospital e ele está internado.

— Mesmo assim, Matt, por favor... Apenas deixa essa história pra lá, se ele confirmou que você atirou em legítima defesa, tudo bem. Não precisa ir atrás dele para confirmar isso.

Olhei para ela, vendo o desespero em seu olhar, mas sabendo que não poderia deixar aquela história passar daquele jeito. O que Paul queria com aquilo? O que ganharia testemunhando a meu favor, quando era muito mais fácil se ele apenas falasse que eu matei Frederick a sangue frio? Algo não se encaixava naquela história e eu queria saber a verdade. Só então, eu poderia seguir em frente, sem ter aquela dúvida martelando em minha cabeça.

— Eu prometo ser rápido, baby. — Murmurei, dando um beijo rápido em seus lábios e saindo do quarto antes que ela pudesse me impedir.

Acelerei o passo em meio ao grande corredor e fui até a pequena recepção naquele andar, perguntando onde ficava o quarto de Paul. Por sorte, estava em horário de visita e fui liberado para ir até o seu quarto, no andar de baixo. Estava ansioso e assim que desci do elevador, corri para achar o número na porta e entrei sem ao menos pedir licença ou bater na porta.

Paul estava sentado na cama, o braço esquerdo enfaixado, assim como o meu, só que com o gesso mais reforçado. Comia lentamente e parou ao me ver, a colher cheia de sopa perto da boca.

— Matthew. — Falou, sem parecer surpreso e colocou a colher dentro do prato novamente, voltando o olhar para mim. — Estava esperando sua visita.

— Claro que estava. — Falei, chegando próximo, mas mantendo uma distância segura. — Que história é essa de que vai testemunhar a meu favor?

— É só isso. Vou testemunhar ao seu favor.

— A troca de quê?

— De nada.

— Eu não acredito. — Falei, simplesmente, olhando para ele, quase desafiando-o a me contar a verdade.

Ele só me olhou e o que vi em seus olhos foi uma calma limpa e uma verdade que, por um momento, me fez vacilar. Mas então eu me lembrei do quão falso ele havia sido comigo durante todos aqueles anos e me reergui, me cobrindo de desconfiança novamente. Parecendo cansado, ele suspirou e se encostou na cama, olhando-me com atenção.

— É engraçado, Matthew. Eu entrei nessa vingança porque tinha inveja de você. Tinha inveja da sua vida, da sua família, por seu pai sempre ter sido presente, enquanto o meu vivia em viagens e mais viagens de negócio, por você ter tido uma mãe, enquanto a minha se preocupava apenas com a próxima cirurgia plástica que iria fazer. Por você ter tido uma irmã, enquanto eu não tinha nada, era a porra de um filho único, que tinha tudo o que dinheiro poderia comprar, mas não tinha família. — Ele falou, rindo sem humor. — Foi isso que Therese usou para me fazer entrar nessa vingança.

— Mas... Você não era amigo de Frederick? Pelo menos foi isso que Claire me contou.

— Não necessariamente amigo, erámos conhecidos, ele frequentava o mesmo bar que eu ia quando queria apenas beber e esquecer da minha vida. O mesmo bar que você o encontrou e meteu a porrada nele. Acho que foi um acaso do destino, mas enfim... Eu entrei na vingança por causa de Therese, não por causa dele. Quando você me apresentou a ela, eu me apaixonei imediatamente. — Ele suspirou e balançou a cabeça. — Ela era linda, parecia uma boneca com aquele cabelo ruivo e a pele de porcelana e ali eu realmente te odiei, por tê-la conhecido antes de mim. Quando vocês se separaram, ela começou a me procurar. Eu não queria ficar com ela, apesar de sentir muita inveja, eu gostava de você, você era meu melhor amigo, sabe? Mas meu corpo falou mais alto e eu me deixei levar por ela e por sua sedução. Até hoje eu não entendia, mas agora, com ela morta, eu entendo. Não foi por te odiar que eu embarquei nessa, foi por amar Therese. Por ser obcecado por ela.

Ele fez uma pausa e eu não falei nada, esperando que concluísse, tentando entender o que se passava na cabeça dele.

— Eu vivia correndo atrás dela, agarrando qualquer migalha que estivesse disposta a me dar. Tudo que ela me mandava fazer, eu obedecia sem pensar duas vezes, era realmente louco por ela, mas saber que ela era apaixonada pelo próprio pai me fez ver a dimensão de toda essa loucura. Nunca pensei que chegaria ao ponto que chegamos naquele dia, Matthew. Nunca pensei que seria capaz de matar você, mas ela me fazia te odiar, ela aguçava o pior em mim. Não coloco a culpa toda nela, sou homem, adulto, respondo por meus atos, mas jamais faria tudo isso se não fosse por ela.

— E se ela estivesse viva? Testemunharia a meu favor? — Quis saber.

— Com certeza. — Falou e a verdade em sua voz me fez acreditar nele pela primeira vez. — Matthew, saber daquela paixão louca dela por Frederick me fez sentir nojo, um nojo como nunca senti em toda a minha vida. Ela era mais do que louca. E não vou testemunhar a seu favor só por causa disso e sim porque, agora, eu percebi que essa vingança toda não fazia sentido algum. Acabar com a sua vida e com a vida da sua família não me levaria a lugar algum e você não deve ir para cadeia por ter tirado um monstro como Frederick do mundo. Sou eu quem mereço ir para a cadeia e pagar por ter participado de toda essa loucura como cúmplice.

Olhei para ele, sem saber o dizer. Parecia convicto de cada palavra que proferia e ali, eu acreditei novamente, crendo que, pelo menos ele, não tinha sido tão afetado mentalmente quanto Frederick e Therese.

— Está certo. — Murmurei, assentindo.

— Espero que você seja feliz, Matthew, de verdade. Eu fiquei sabendo que Claire está grávida e estou aliviado por ela não ter perdido o bebê. — Ele sorriu, tristemente. — A pior parte disso tudo é que, por conta da minha inveja, eu perdi a sua amizade e a amizade de Roy, Mark e John, mas eu entendo. Eles foram seus amigos de verdade, eu não. Pode ter certeza que quando eu sair da cadeia, vou sumir e nunca mais vou aparecer na sua vida.

— Vai ser melhor assim, Paul. Espero que você cumpra o que tem de cumprir e depois fique bem, mas longe de mim e da minha família. O que você fez pode até ser perdoado, mas nunca mais vou me reaproximar de você. Espero que isso fique claro.

— Ficou.

— Ótimo. — Olhei para ele uma última vez, sabendo que nossa conversa estava terminada. — Com licença.

Sem olhar para trás, sai e bati a porta atrás de mim, abalado com tantas revelações, mas esperançoso quanto ao futuro. Sempre manteria um olho aberto, jamais acreditaria totalmente nas palavras de Paul, mas eu sentia que aquele ciclo da minha vida havia terminado.

E o que se iniciava era cheio de felicidade e, finalmente, repleto de paz.

Capítulo 35 – Michael Peterson

Duas semanas depois.

A vida é realmente um grande quebra-cabeças.

Veja bem, quando eu era mais jovem e havia decidido seguir o ramo da pornografia, nunca imaginei que seria capaz de me apaixonar realmente. Porra, eu sou homem! E homens sempre têm aquela ideia absurda na cabeça de que, quanto mais mulheres nós temos, mais felicidade temos também.

Eu era feliz fodendo uma mulher diferente a cada dia, ou talvez, transando com várias mulheres em um mesmo dia, na frente ou por trás das câmeras. Minha vida era boa, confortável, eu conseguia conciliar tudo facilmente, não tinha ninguém a me cobrar nada, visitava a House of Happy Children toda a semana e estava bem assim.

Até Emma aparecer na minha vida, toda linda com aquele corpo perfeito, peitos naturais — sim, eu sou um fascinado por seios. E por bocetas. Mas hoje eu sou fascinado apenas pelos seios e boceta da Emma —, olhos azuis e a boca carnuda. Aqueles cabelos negros que me davam vontade de enrolar na mão e puxar, apenas para pega-la de jeito e meter nela...

Divagações, várias divagações...

E, bem, eu nunca imaginei que ela seria uma peça tão importante para o quebra-cabeça da minha vida. Ela chegou e embaralhou a porra toda, me deixou maluco, fez com que eu me apaixonasse rápido demais. Erramos e acertamos muito nessa caminhada, nos magoamos, mas nos reerguemos e, finalmente, ficamos juntos.

E então, ela me deu um filho. E logo depois, me deu uma filha. E o mundo se tornou mais bonito e vivo.

Ainda me pergunto como fui capaz de viver anos da minha vida sem Matthew e Chloe. Eles eram uma extensão de mim e de Emma, que eu tinha o prazer de ver respirar, andar e amar, que eu tive o prazer de pegar no colo, dar banho, trocar fraldas — lembre-se, um pai sempre deve ser presente! —, amar e proteger de todo mal.

Mas eles cresceram. Calton — que no começo eu pensei que era apenas um comedor de bocetas que queria se aproveitar da minha filha — mostrou a Chloe o que era amor de verdade e se casou com ela, e, por mais que tenha demorado um pouco, eu percebi que ele era o cara ideal para minha princesinha.

Mas, então, Matthew me mostrou que nem tudo são flores.

Me pergunto por que os nossos filhos têm de sofrer. Veja bem, você que é pai e mãe protege seu filho até de um vento mais forte quando ele é criança. Mas quando ele cresce, não temos mais esse domínio e contamos apenas com a ajuda de Deus para que tudo fique bem.

E eu, que com essa idade — que realmente não importa, porque continuo gostoso pra caramba — pensei que não iria mais sofrer, me vi sofrendo pelo meu filho mais velho, que estava preso em um assunto mal resolvido do meu passado. Algo que nunca sequer imaginei que poderia voltar, mas voltou e mexeu com meu filho.

E se mexeu com meu filho, mexeu comigo.

Sei que era algo que eu não poderia evitar. Com o tempo e a convivência no orfanato, pude perceber que a mente humana é algo terrível — o mesmo poder que ela tem de te exaltar e te deixar sã, ela tem de te destruir e acabar com você. Frederick era louco, assim como Victória e Therese, que no começo eu achei que poderia ser uma mulher que tinha sido apenas contaminada pelo ódio dos pais, mas que percebi que era tão louca quanto eles.

Agora, com eles bem longe da minha filha, debaixo da terra, eu posso voltar a respirar novamente e ser o mesmo cara despretensioso que sempre fui. Poucas coisas conseguiam me tirar da minha zona de conforto, mas agora eu estava bem e em paz comigo mesmo, observando Matthew sorrir para Claire com os olhos brilhando, sentindo um imenso orgulho do meu filho.

Ele conseguiu superar todos os obstáculos, encontrou um amor de verdade e, de quebra, salvou uma menina tão boa quanto Claire. Que, aliás, eu ainda não conseguia acreditar que era filha daquele cara de virgem sem graça.

Reprimi um sorriso quando vi Matthew levantar, chamando a atenção de todos. Estávamos reunidos no jardim da minha casa, uma enorme mesa de almoço foi colocada sobre a grama aparada, um toldo branco nos protegendo do sol. Chloe, Calton, Emma, Joanna, Kate, Lily com sua barriga muito saliente de nove meses de gestação e seu marido, Joe, ao seu lado, viraram a cabeça para olhar para Matthew, que mantinha os olhos em Claire que o olhava de forma apaixonada.

— Houve um tempo em que eu pensei que sabia o que era amar. Achava que amava e que não podia existir um sentimento como aquele. Mas aí eu te conheci e percebi que amar é algo muito, muito diferente, Claire. — Ele disse, observando-a. — Meu pai sempre descreveu o amor para mim, achava que ele estava exagerando, mas não, ele não estava exagerando. Realmente, o amor é algo tão grandioso, tão maravilhoso, que é difícil de ser explicado.

“Eu só sei que te amo, Claire Benson. Só sei que não posso dar mais um passo sem que você esteja na minha vida e sei também que não conseguiria respirar sem que você estivesse ao meu lado. Você é a mulher da minha vida, aquela me faz sorrir quando eu acordo, porque sei que será a primeira pessoa que verei, aquela que me prende atenção com um simples piscar de olhos, aquela que está me dando o melhor presente que eu poderia ganhar: uma filha.

“Quando te conheci, nunca passou pela minha cabeça que você seria tão importante, nem que eu a amaria tanto. Mas, hoje, você se tornou uma das pessoas mais importantes da minha vida e a mulher que eu mais amo no mundo. Viver sem você não é mais uma opção pra mim, por isso, meu amor, eu gostaria de saber se você não quer deixar de ser Claire Benson e se tornar a senhora Peterson.”

Sem tirar os olhos dela, Matthew tirou uma caixinha de veludo do bolso e a abriu, ajoelhando-se na frente de uma Claire que tinha o rosto banhado por lágrimas.

— Aceita se casar comigo e passar o resto de seus dias ao meu lado, Claire?

— Ah meu Deus, Matt... — Claire murmurou, colocando a mão na frente da boca e olhando para todos nós, com um misto de admiração e surpresa.

— É só dizer sim, sua boba! — Chloe falou, sorrindo para ela.

E então, Claire sorriu e mais lágrimas escaparam por seus olhos, enquanto se virava para Matthew.

— Eu não poderia ter outra resposta. Com toda a certeza do mundo, é sim. Um milhão de vezes, sim. Sim, sim e sim!

Em um minuto ela estava sentada na cadeira, no outro ela já estava em meio aos braços de Matthew, que a rodopiava sem parar, gritando que a amava mais do que tudo. Tenho que confessar que senti minha garganta se apertar.

Porra, era meu filho ali, segurando a mulher da vida dele, a mãe da filha dele. Eu não poderia estar mais feliz por aquele garoto e, olhando-o agora, foi impossível não me lembrar de quando eu parei o AVN Awards para pedir Emma em casamento.

Naquele momento, quando coloquei a aliança no dedo de Emma, eu pedi silenciosamente para que fôssemos felizes para sempre. E, agora, eu pedia silenciosamente de novo para que o meu filho fosse feliz para sempre.

— Isso é tão lindo! — Emma murmurou ao meu lado, chorosa, colocando a cabeça no meu ombro. — Não é lindo, Michael?

— É sim, baby. — Falei, passando o braço pelo ombro dela. — Parece que foi ontem que esse garoto nasceu.

— Sim. E agora nós seremos avós. Eu estou tão feliz! — Ela ergueu o rosto e molhou, passando a mão de leve pelo meu maxilar. — Muito obrigada.

— Pelo o quê?

— Por ter me dado essa família tão linda. Por ser um pai tão maravilhoso e presente para os nossos filhos. Por ser o homem que eu mais amo e por me amar também. — Ela sorriu com lágrimas nos olhos. — Trinta anos atrás eu morria de medo de você não me perdoar por ter sido tão idiota. Agora eu vejo que, se você não tivesse me perdoado, eu não estaria aqui hoje. Porque você é o amor da minha vida e eu jamais saberia viver sem você.

— Emma... — murmurei, sorrindo de leve ao tocar no rosto dela. — Eu posso dizer o mesmo. Eu não estaria aqui se você também não tivesse me aceitado de volta naquele hospital. Porque eu jamais saberia viver sem você. Eu te amo, baby. E no final, eu quem tenho que agradecer por você ter me dado essa família. Nossos filhos e você são tudo para mim, Emma.

Um sorriso lindo se abriu no rosto dela, daquela mulher tão forte, linda e malditamente sensual,

que conseguia colocar meu mundo de cabeça para baixo. Sem pensar duas vezes, saqueei sua boca na minha e a beijei, provando seu gosto mais uma vez, deixando minha língua roçar na sua em um movimento que eu nunca me cansaria de fazer.

Nem que eu vivesse por mil anos eu seria capaz de me esquecer o gosto de Emma, ou como sua pele aveludada se arrepiava ao meu toque, ou como ela ficava linda ao gozar. Cada parte dela era minha e cada parte minha era sua.

E agora, com nossos filhos encaminhados, casados e felizes, eu soube que poderia seguir minha vida com a minha deliciosa esposa em paz. Curtiríamos nossos netos, continuaríamos com o nosso trabalho e ela continuaria sendo minha em todos os sentidos. E eu continuaria a ser o homem mais feliz do mundo em todos os aspectos.

Capítulo 36 – Matthew

Quatro meses depois.

O campo esverdeado estava totalmente florido e ornamentado. Havia mesas e cadeiras de madeira branca, com uma toalha vermelha... Vermelha. Rosas — também vermelhas — enfeitavam todo o lugar e eu sorri de leve, me sentindo um tanto nostálgico.

Com um suspiro, ajeitei a rosa vermelha em minha lapela, me sentindo feliz e livre. Não só porque, depois de muita insistência, consegui me livrar da maldita gravata que sempre fazia questão de me perseguir em eventos importantes, mas sim porque eu sabia que a hora havia chegado.

— Ah, Matthew, eu ainda não acredito! — Minha mãe murmurou ao meu lado, sorridente, mas com os olhos cheios de lágrimas.

— Eu também ainda não acredito, mãe.

— Mas eu estou tão feliz! — Ela exclamou e aquilo me fez sorrir de novo, me fazendo lembrar daquele mesmo diálogo que tivemos há alguns meses. — Ah meu Deus, é ela!

E então, meu mundo parou e despencou, ao mesmo tempo que meu coração começou a bater rapidamente.

De braços dados com meu pai, que estava calmo e sorridente, ela veio em minha direção. Prestei atenção nos mínimos detalhes, desde seus pés cobertos pelo longo e esvoaçante vestido branco, até suas pernas, o lindo buquê de rosas vermelhas que ela segurava com uma mão e sua barriga linda de cinco meses, que abrigava Alice, o fruto do nosso amor.

Subi mais e passei por seu busto, observei o cordão que ela usava, presente de minha mãe. Encontrei a volta sinuosa de seu queixo fino, os lábios pintados de vermelho abertos em um sorriso lindo e, por fim, seus olhos brilhantes e alegres que não deixavam os meus.

Então, eu voltei a respirar.

Porque sabia que Claire, a mulher da minha vida, a mãe da minha filha, estava finalmente caminhando até mim, para os meus braços, para, enfim, se tornar a minha esposa.

Meu pai andou com ela calmamente até parar na minha frente. Deu um beijo na testa de Claire e depois deu um beijo em minha testa, pouco ligando para o que os convidados poderiam pensar, o que era bem a cara dele.

— Vocês serão muito felizes. Eu tenho certeza. — Murmurou, antes de se virar e ocupar o seu

lugar ao lado da minha mãe.

E eu também tinha essa certeza.

Claire sorriu ainda mais quando peguei em sua mão e a levei aos meus lábios, dando um beijo carinhoso, para então, nos virarmos para o Padre e dar início a cerimônia.

Não saberia dizer o que ele falou. Estava envolto em uma bolha, onde meu corpo, minha mente e meu coração estavam conectados e totalmente conscientes da mulher que estava ao meu lado. Foi impossível não dar uma volta no tempo, onde a vi pela primeira vez, toda sexy e sensual na Pleasure House.

Havíamos passado por muitas coisas, brigas, intrigas, dor e um passado nebuloso que veio atormentar o nosso presente. Mas eu sabia que passaria por tudo um milhão de vezes, apenas para estar vivendo o agora, onde a tomava como minha esposa e esperava uma filha com ela.

Naquele momento eu soube que Deus sabia de todas as coisas e tinha um plano ainda melhor para nós dois.

Voltei a minha atenção para o padre, que me chamava e me mandava fazer meus votos. Orgulhoso e amoroso, me virei para Claire que sorria e aquilo aqueceu meu coração, pois a expressão triste que sempre carregou consigo, havia ido embora.

— Claire... Você é tudo o que um dia eu nem mesmo ousei sonhar. Você me completa, me faz vivo e é uma parte de mim, porque hoje eu sei que não conseguiria, jamais, viver sem o seu amor. Você é forte, bela, a mulher mais dócil que eu já tive a oportunidade de conhecer e eu sei que é com você que quero viver o resto dos meus dias, te amando e cuidando, te fazendo feliz como você realmente merece ser. Prometo que a todo o momento o meu amor curará suas feridas e te fará sorrir. O meu maior objetivo é fazer de você a mulher mais feliz que existe, porque você já me faz o homem mais feliz. Muito obrigado por tudo, por me amar e por estar me dando o melhor presente que eu poderia ganhar, a nossa filha. Eu te amo mais do que tudo no mundo.

Algumas lágrimas escaparam por seus olhos e eu respirei fundo, tentando conter as minhas. Por fim, ela sorriu e começou a falar:

— Matthew, você é a prova viva de que a vida é capaz de dar muitas reviravoltas. Só nós dois sabemos pelo o que passamos, por tudo o que vivenciamos para chegar até aqui, mas eu tenho certeza que passaria por tudo novamente, apenas para ter o seu amor. Você já me faz a mulher mais feliz do mundo só pelo fato de acordar e sorrir para mim, eu não preciso de muita coisa para me sentir completa, preciso apenas ter você e nossa filha em minha vida. O amor que sinto por você é a coisa mais forte que já senti, seria capaz de fazer qualquer coisa por você, apenas para te fazer feliz. Prometo cuidar de você e te amar até o fim dos meus dias. E eu também te amo mais do que tudo no mundo.

Ouvi o suspiro da minha mãe no mesmo momento em que uma lágrima escapou por meus olhos. Percebi que aquele não era o momento de me fazer de forte, a emoção era grande demais para suportar e eu deixei mais algumas lágrimas se misturar ao meu sorriso bobo.

— Matthew Peterson, você aceita Claire Benson como sua legítima esposa?

— Sim! — Exclamei, sentindo meu peito estufar de amor.

— Claire Benson, você aceita Matthew Peterson como o seu legítimo esposo?

— Sim. — Ela respondeu, seus olhos sorrindo tanto quanto os seus lábios pintados de vermelho.

— Sendo assim, com o poder concedido a mim, eu os declaro marido e mulher. — O padre sorriu. — Pode beijar a noiva.

Sem conseguir me conter mais, puxei Claire para os meus braços e a beijei, espalmando uma mão em suas costas e a outra em sua barriga, enquanto sentia seus lábios nos meus e sua língua na minha.

Palmas começaram a ser ouvidas e eu sorri em meio ao beijo, sentindo-me o homem mais feliz do mundo, sabendo que aquele o lugar certo para eu estar. E ali, naquele exato momento cheio de emoção, eu senti. Primeiramente foi um leve tremor contra a palma da minha mão, o que fez com que Claire e eu parássemos o beijo. Mas, logo depois, veio um chute e senti meus olhos se encherem de lágrimas.

— Matt...

— Ela mexeu! — Falei, me afastando e me ajoelhando, tocando em sua barriga com as duas mãos, sentindo mais um chute para mim. — Ela está mexendo, Claire!

— Eu sei, eu estou sentindo. — Falou e tocou minha mão em sua barriga, chorando assim como eu achava que estava. — Essa danadinha... Esperou tanto pra mexer, mas quando mexeu, veio pra abalar com tudo. Não poderia haver momento melhor.

— Não poderia. — Confirmei, feliz, espalhando beijos por sua barriga e ouvindo mais uma salva de palmas. Apenas naquele momento eu me lembrei de que tínhamos plateia e me levantei, orgulhoso e feliz, enlaçando a cintura da minha esposa. Esposa! — Eu sou o homem mais feliz do mundo! Falem o que quiser, mas eu sei que não existe alguém mais feliz do que eu.

Pude ouvir algumas risadas dos convidados e Claire riu para mim, puxando-me pelo colarinho da camisa.

— Existe sim alguém mais feliz do que você.

— Existe?

— Sim.

— E quem é?

— Eu. — Ela respondeu, emocionada. — E Alice.

Sem poder falar nada contra, apenas a puxei a beijei, exclamando mentalmente que não poderia haver, no mundo, família mais feliz do que a nossa.

Claire era minha e eu era dela.

E o nosso amor duraria para sempre.

Capítulo 37 – Claire

Olhei para as camadas e mais camadas de nuvens pela janela do avião e senti um frio gostoso de ansiedade na barriga, feliz porque o medo que estava sentindo ao pisar no jatinho havia passado completamente. Com um sorriso de felicidade nos lábios, me virei para Matthew e comtemplei seu semblante sereno em meio ao sono, onde mesmo relaxado, continuava possessivo e atencioso com a mão grande espalmada em minha barriga.

Já tinha se tornado um costume ele chegar em casa do trabalho, me encher de beijos e depois me arrastar de onde eu estivesse para a sala. Me fazia deitar no sofá e então se ajoelhava ao meu lado, e passava uns bons minutos apenas acariciando minha barriga e conversando com Alice, que se manteve quieta até o dia de hoje. Nos pegou de surpresa, nos encheu de emoção e continuou a mexer durante todo o casamento e só agora dormia junto com o pai.

E os dois, juntos, me fazia a mulher mais feliz e amada do universo.

Naquele momento, acompanhada, mas livre para poder pensar no que eu quisesse, pude perceber como a minha vida mudou. Quando vi Matthew pessoalmente pela primeira vez, na Pleasure House, nunca imaginei que hoje estaria grávida e casada com ele. Aliás, nunca pensei que poderia ser feliz, ainda mais com ele ao meu lado.

Na minha cabeça, eu só via o meu futuro de uma forma: sozinha, sendo apenas uma acompanhante de luxo, sem perspectiva de felicidade. Agora não. Agora eu sabia que todos os meus sorrisos seriam de verdade e não mais para agradar algum cliente, sabia que quando eu olhasse para Matthew, seria com amor e não com rancor e sabia que quando meu coração acelerasse, seria de alegria e não mais de pavor. Eu era uma nova mulher, uma nova Claire que eu deixei ressurgir em meio ao ódio que minha família implantou dentro de mim.

Animada e esperançosa, coloquei minha mão por cima da mão de Matthew e encostei minha cabeça em seu ombro, sentindo seu cheiro e ficando ainda mais apaixonada. O pensamento de que eu o amava mais do que tudo foi a última coisa que passou pela minha mente, antes de eu adormecer.

— Amor? Chegamos... Acorde, dorminhoca.

Senti vontade sorrir ao ouvir sua voz, mas a sua boca cobriu a minha antes que eu pudesse expressar qualquer reação. Com um beijo calmo, me senti totalmente desperta e sorri quando ele se afastou.

— Onde estamos?

— Bom dia para você também. — Brincou, levantando-se e me estendendo a mão para me ajudar a levantar.

— Bom dia, marido. Eu também te amo, mas, veja bem, você está fazendo suspense sobre a nossa lua de mel há mais de um mês. Não acha justo me dizer onde estamos agora?

— Não. — Falou, rindo de mim e abraçando a minha cintura. — Querida esposa, em breve você descobrirá onde estamos. — Ele me olhou com aquele sorriso sacana e piscou um olho para mim. — E eu também te amo.

Cansada de perguntar e não ter respostas, apenas agarrei-o em meus braços e caminhei junto com ele. Saímos do jatinho e Matthew e nos despedimos do piloto e copiloto que nos aguardavam do lado de fora, bem como a comissária de bordo. Logo depois fomos em direção ao carro que nos aguardava próximo a pista e, quando nos sentamos, me permiti olhar ao redor, percebendo que dentro do aeroporto não tinha nada interessante, a não ser o céu escuro que lentamente dava espaço para o amanhecer.

Matthew passou a braço pelos meus ombros e me puxou para si, colocando a mão aberta sobre minha barriga. Aquilo pareceu despertar Alice e sorrimos quando ela chutou mais de uma vez.

— Alguém acordou cedo hoje... — Matthew murmurou, sorridente, olhando para minha barriga.

— Ela dormiu o voo todo com você. Parece que fica em sintonia com o pai. — Revirei os olhos, rindo. — Acho que já perdi a minha filha desde a barriga.

— Acostume-se, amor... As mulheres se encantam rapidamente por mim.

— Você não nega de quem é filho, sabia? Como pode ser tão metido como seu pai?

— Está no sangue. — Ele piscou para mim e beijou minha bochecha, antes de espalhar beijos por todo o meu rosto até chegar na minha boca. — Está feliz?

— Muito.

— Muito mesmo?

— Mais que imaginei que poderia estar um dia. — Falei, tocando seu rosto com minha mão. — E eu devo isso a você. Obrigada por tudo, Matt.

— Espero que fique ainda mais feliz quando chegarmos ao nosso destino.

— Falta muito? — Perguntei, olhando pela janela do carro, mas tudo o que vi foi uma cidade desconhecida com as lojas ainda fechadas.

— Não. — Ele disse, puxando meu rosto para olhá-lo de novo. — Eu amo você.

Era incrível como aquela frase que ele tanto falava pra mim, em momentos distintos, fazia com que eu derretesse. Poderia ouvi-lo falar aquilo pelo resto da minha vida e acho que sempre sentiria a mesma coisa.

— Eu amo você.

Sorri para ele e o beijei, agradecendo internamente a Deus por tê-lo destinado a mim. Iria me empenhar pelo resto da minha vida para fazê-lo tão feliz quanto eu prometi no altar e senti meu coração mais leve por, finalmente, me ver liberta de todas as amarras do passado, de todos os medos, pronta para recomeçar a minha vida ao lado do homem que eu amava.

Quarenta minutos depois, a visão pela janela começou a mudar. De uma cidade cheia de comércio fechado e casas bonitas e coloridas, a paisagem se transformou em uma estrada vazia, para então virar uma linda praia no começo do amanhecer. A visão me fez perder o fôlego e quando eu finalmente entendi o que era tudo aquilo, senti vontade de chorar.

Não era uma simples praia. Era um conjunto de ilhas que iam mudando de forma a cada vez que o carro avançava. Era tudo tão bonito que me senti sem palavras, ao mesmo tempo em que me sentia viva e agraciada por poder contemplar algo tão bonito.

— Matt...

— Não. Eu só quero que você fale quando estivermos lá dentro. — Ele falou, apontando para os grandes portões de ferro que se abriam para gente.

Assenti e esperei. O carro avançou e entramos em uma propriedade grande, com um belo jardim em volta. Percebi que era um resort. Logo que o carro parou, Matthew desceu e me ajudou a sair, enquanto dois homens uniformizados vinham em nossa direção para pegar as malas.

Andamos calmamente até entrarmos na recepção, que ficava em um salão bonito e rico e enquanto Matthew falava com a atendente, os detalhes de tudo ficavam me prendendo a atenção.

Com as chaves em uma mão e a outra na base das minhas costas, Matthew e eu seguimos os dois empregados que estavam com nossas malas. Andamos por todo o salão e passamos por uma grande área com sofás e um bar, tudo de muito bom gosto, mas vazio ainda naquele horário e então, a praia se estendeu a nossa frente. Passamos pelas grandes portas francesas e parei para tirar minhas sandálias, para só então, pisar na areia branca e morna com os primeiros raios de sol.

Olhei tudo com curiosidade, deslumbrada e sorri largamente quando subimos os degraus que dava para um extenso corredor de madeira. Nesse corredor, sobre as águas, era interligado a outros corredores lado a lado que nos levava a bangalôs que pareciam flutuar em cima das águas cristalinas. O nosso ficava quase no final do corredor extenso e impedi que meu queixo fosse ao chão quando vi o bangalô de dois andares na nossa frente.

— Esse é o quarto dos senhores. — Um dos homens uniformizados disse, assim que entramos no bangalô. Observei a sala imensa, antes de vê-lo colocar nossa mala ali no chão. — Tenham uma boa estadia.

Matthew assentiu e os levou até a porta, antes de dar uma gorjeta a eles. Quando finalmente saíram, senti vontade gritar de alegria, mas apenas sorri e me joguei nos braços de Matthew, que soltou uma gargalhada intensa com a minha animação.

— Matt! Meu Deus, isso tudo é tão lindo, tão lindo! — Falei, mais animada do que já estive um dia. — Como pôde esconder isso de mim por tanto tempo? Isso não se faz!

— Valeu a pena cada minuto de silêncio. Olha a sua felicidade! Isso é impagável, amor. — Ele

falou, me abraçando com cuidado pela cintura. — Agora eu vejo o quanto está feliz.

— Para, eu não precisava disso tudo para ficar feliz. — Murmurei, passando as duas mãos pelo seu rosto. — Se você não estivesse aqui, nada disso teria graça. Aliás, sem você, nada tem graça.

— Eu sei que não precisava disso tudo, mas nós dois merecemos paz e esse pequeno paraíso é apenas o começo de toda a felicidade e paz que teremos em nossas vidas. — Ele afastou uma mecha do meu cabelo e olhou em meus olhos. — Passamos por muita coisa, Claire e superamos cada uma delas. Agora nada irá impedir a nossa felicidade.

— Nada. — Murmurei, emocionada. — Eu te amo mais do que tudo no mundo.

— Eu te amo mais do que tudo no mundo. — Sussurrou, antes de me beijar.

Me entreguei ao beijo sentindo seu amor por mim e entregando meu amor a ele, mas ao mesmo tempo sentindo aquela necessidade de mais, de tê-lo não só perto de mim, mas fundido a mim. Por isso, agarrei seus cabelos com minhas mãos e aprofundei o beijo, deixando meus seios pressionarem seu peitoral definido, sentindo seu cheiro de homem penetrando minhas narinas.

— Hm... — Ele gemeu baixinho e mordeu meu lábio inferior, suas mãos descendo até a minha bunda. — Eu adoro essa sua fome por sexo. Vou te manter grávida a vida inteira.

— Eu não preciso estar grávida para querer transar com você... — Murmurei, ansiosa, desfazendo os botões da sua camisa branca.

— Mas com a gravidez você me quer com o pau enfiado em você a toda hora... Você não sabe o quanto eu gosto disso.

— Eu sei, sim. — Sorri, tirando sua camisa e observando sua ereção que já marcava o pano da calça.

Ele olhou para o mesmo lugar que eu e ri, antes de se abaixar e me pegar no colo. Eu nem me assustei mais, visto que ele fez isso quando entramos em seu apartamento para trocar de roupa e também na hora de entrarmos no jatinho. Apenas ri junto com ele e o beijei enquanto ele subia os degraus da escada.

Chegamos ao segundo andar que era totalmente aberto, com um quarto enorme, mas só pude observar isso antes de ser colocada na cama e tê-lo em cima de mim, me beijando todo o rosto antes de chegar a minha boca. Deixei minhas mãos passearem livres por suas costas que viviam constantemente arranhadas por minhas unhas, enquanto sentia suas mãos levantarem o vestido leve que eu usava.

Me levantei apenas um pouco para que ele retirasse o vestido e gemi quando ele abocanhou um mamilo, sugando-o com força e olhando em meus olhos, enquanto seus dedos brincavam com meu outro seio agora maior e mais sensível por conta da gravidez. Cada pelinho da minha nuca se arrepiou e eu raspei minha unha em sua pele, ouvindo-o grunhir roucamente para mim.

Seus dentes pressionaram o meu bico antes dele sugar a pele de todo o meu seio, deixando-o vermelho e ainda mais sensível. Mordi o lábio com força quando ele se dedicou ao outro mamilo e desceu a mão por minha barriga até alcançar a minha calcinha, rasgando a renda para ter acesso a

meu clitóris. Quando me tocou, senti meus olhos revirarem tamanho a excitação que me tomava naquele momento. Só ele sabia me deixar daquele jeito, louca por ele.

— Amo quando fica toda molhadinha assim... — Ele murmurou, descendo por minha barriga até chegar ao monte de vênus, passando a língua por ali, antes de se ajoelhar a minha frente. — Fica de quatro para mim, Claire. Vou comer sua boceta com a minha língua.

Senti meu baixo ventre se contrair e obedeci, ficando de joelhos na cama e apoiando meu rosto no colchão, tomando cuidado com a minha barriga. Matthew demorou um pouco, quando se encostou em mim pude sentir seu pau ereto contra a minha bunda, a glândula melada molhando minha pele. Senti seus beijos em minha nuca e seus dentes mordiscaram minha pele, descendo pela linha da coluna até chegar a minha bunda, onde mordeu cada nádega. Senti meu corpo tremer em antecipação e excitação.

Com as duas mãos em minhas coxas, ele as afastou mais e gritei quando sua língua tocou rapidamente meu clitóris antes de suga-lo para dentro de sua boca com rapidez. Meu nervo pulsou e em convulsionei, aquele prazer tão conhecido tomando conta de todo o meu corpo que pareceu ficar ainda mais tenso quando ele enfiou a língua em minha abertura que pingava por ele.

Gemi como louca e movi meu quadril ao encontro da sua língua que entrava e saía rapidamente, sem parar. Matthew gemeu comigo e senti meu corpo pulsar, perto do orgasmo, enquanto uma coragem e vontade sobre-humana tomava conta de mim. Ainda perdida em prazer, levei minhas mãos para trás, na minha bunda e abri as nádegas, me esforçando para olhar para trás e vê-lo.

— Aqui... — Murmurei com a voz instável e Matthew parou com a língua dentro de mim, olhando em meus olhos. — Quero sua língua aqui.

Parecendo em estado de choque, Matthew se afastou e olhou para onde minhas mãos estavam. Franziu o cenho e então me olhou de novo.

— O quê?

— Eu quero que me beije aqui. — Reafirmei, olhando-o sem parar.

— Não, Claire, eu não vou fazer isso, você...

— Eu quero, Matt! Eu preciso.

— Por que?

— Porque sei que com você será diferente. — Falei, engolindo em seco, mas sem perder a coragem. — Você não é como ele. Não vai me machucar.

— Claire, se está fazendo isso porque acha que eu quero, que eu preciso, pode tirar essa ideia da cabeça. Eu quero o que você quiser me dar, eu estou contente com isso, não me falta nada. Não quero que faça nada só porque acha que eu quero que faça.

— Não é nada disso. — Murmurei, me levantando e ficando ajoelhada de frente para ele. — Eu quero fazer isso, por mim. Porque quero ultrapassar essa barreira que me impus. E é só com você que eu quero fazer isso, você é meu marido, o homem que eu amo, o homem que eu sei que jamais me machucaria. Se for difícil demais para suportar, eu prometo pedir para parar. Eu juro. — Falei,

tocando em seu rosto. — Mas faça isso por mim, Matt. Por nós dois.

Ele tocou meu lábio inferior com o polegar, enquanto acariciava meu seio com a outra mão, nada mais do que um carinho que me enchia de prazer e contentamento, me deixava mais segura do que tudo.

— Você tem certeza?

— Assim como eu te amo. Nunca estive mais certa disso.

Ele ainda ficou alguns segundos olhando em meus olhos, esperando que eu recuasse ou vacilasse, mas não cedi. Logo depois se aproximou e me beijou e eu gemi baixinho, levando minha mão até o seu pau ereto a minha frente, tocando-o de leve de cima a baixo e sentindo-o pulsar para mim. Quebrando o beijo, Matthew me colocou de costas para ele e senti seu peitoral atrás de mim, sua mão colocando meus cabelos para o lado antes dele beijar minha nuca de leve.

Senti meu corpo se arrepiar quando seu dedo médio desceu por minha coluna até minha bunda, onde com a outra mão ele afastou minha nádega e deixou o dedo médio tocar de leve o lugar. Segurei a minha respiração e meu temor enquanto sentia o toque naquele lugar que sempre representou dor para mim e me obriguei a me acostumar com a sensação, seu dedo tocando levemente o local, sem fazer menção em penetrar.

Meu coração batia forte e eu gemi baixinho quando ele tirou o dedo e voltou segundos depois, com ele molhado por sua saliva, a sensação se tornando cada vez mais familiar para mim e, por incrível que pareça, prazerosa.

— É demais? Quer que pare? — Perguntou baixinho em meu ouvido.

— Não. Não pare. — Murmurei, levando minha mão para sua nuca.

Ele beijou meu pescoço, meu ombro e eu gemi mais alto quando fez menção em me penetrar, meu corpo tenso pelo medo e também pelo prazer desconhecido que me tomava cada vez mais.

— Sabe o que eu quero fazer agora, Claire? — Ele perguntou em tom rouco, em meu ouvido.

— O quê?

— Eu quero enfiar minha língua lá no fundo do seu cuzinho, deixa-lo bem molhadinho enquanto fodo sua boceta com a meus dedos. — Ele sussurrou, rouco, me deixando ainda mais excitada. — Depois, eu vou comer bem gostoso a sua boceta com o meu polegar aqui dentro... — Ele forçou o dedo em meu ânus e eu gemi mais alto, me sentindo louca por estar tão excitada sendo estimulada ali. — E você vai gozar muito, muito para mim. Você também quer isso?

— Sim... Sim, por favor, Matt.

— Então fica que nem uma gatinha e empina essa bunda para mim, baby.

Obedeci, ficando de quatro novamente e vendo-o todo glorioso atrás de mim, seu pau mais duro do que nunca. Ele se masturbou um pouco enquanto me observava, mas logo parou e caiu de boca na minha boceta de novo, sugando meu clitóris rapidamente antes de subir e penetrar a língua em minha abertura.

Gemi alto e arranhei o travesseiro, louca para gozar, mas logo ele parou e abriu minha bunda com as duas mãos. Senti sua língua subir de leve e então ele parou e me olhou, a boca bem perto do meu ânus.

— Você sabe, Claire... É só dizer para parar e eu vou parar. — Avisou e eu assenti, movimentando a cabeça.

Lentamente ele passou com a língua em volta do meu ânus e eu gemi baixinho, o medo dando lugar a uma sensação desconhecida de prazer, que se acentuou quando ele deu a primeira lambida. Senti meu corpo oscilar e ele gemeu baixo, junto comigo, antes de passar a língua por ali de novo e de novo e, levemente, começar a me penetrar.

Apenas a ponta da sua língua entrava e saía de dentro de mim e eu tremi, mais excitada do que nunca, começando a mover meu quadril em direção aos seus movimentos. Tudo ficou ainda mais intenso quando, sem aviso prévio, ele enfiou dois dedos em minha boceta, movimentando-os ainda mais rápido ali.

Senti meus olhos se encherem de lágrimas por conta do prazer tão grande e gritei quando enfiou ainda mais a sua língua em meu ânus, me deixando molhada ali, entrando facilmente. Nunca pensei que sentiria algo como aquilo um dia e meu baixo ventre oscilou, meu corpo tremeu e eu chorei em meio a um orgasmo massacrante.

Percebi que estava gritando apenas quando minha garganta protestou, quente, e o quarto foi tomado pelo silêncio. Matthew tirou seus dedos de mim e penetrou sua língua em meu ânus mais duas vezes, antes de se afastar um pouco e beijar minhas costas até chegar a minha boca.

O beijei com tudo de mim, agradecida e chocada por um prazer tão grande que sabia que apenas ele era capaz de me proporcionar. Quando se afastou, um sorriso lindo tomou conta de sua expressão

— Você está bem?

— Melhor impossível.

— Quer continuar?

— Óbvio! — Murmurei, rindo para ele, me sentindo feliz e liberta.

Ele me beijou mais uma vez e se deitou ao meu lado, afastando-se um pouco e tocando em seu pau ereto, com a glândula brilhando.

— Senta com a bocetinha aqui, amor.

Sem questionar, me levantei e sentei de costas para ele, sentindo seu membro me penetrar lentamente, entrando e entrando até estar todo dentro de mim. Gemi baixinho e comecei a me mover com a ajuda dele, para frente e para trás, sentindo sua mão em minha cintura.

— Isso, baby... Porra de boceta gostosa, Claire. — Ele gemeu rouco e se sentou, seu peitoral tocando minhas costas. — Nunca comi uma bocetinha tão apertada, amor... Nunca vou me cansar de comer você, de todas as formas, para sempre, Claire. Eu te amo.

— Eu também amo, muito! — Gemi, começando a ir para cima e para baixo com sua ajuda.

Seu pau tocava em todos os meus nervos, me fazia tremer e eu gemi alto quando seu dedo médio tocou meu ânus novamente, molhado por sua saliva.

— Rebola. — Mandou e eu obedeci.

Rebolei, sentindo seu membro me acariciar dentro da minha boceta e seu dedo penetrar levemente meu ânus, que se contraía e se abria para acomodá-lo, fazendo com que minhas paredes vaginais se apertassem também. Senti seu gemido em meu ouvido e quando a metade do seu dedo entrou em meu ânus, ele começou a tirar e entrar de novo, me penetrando nos dois lugares.

Meu corpo todo se contraiu e eu aumentei a velocidade dos meus movimentos, sendo duplamente fodida, totalmente estimulada e pronta para gozar. Matthew gritou meu nome e mordeu meu ombro, largando minha cintura e levando o dedo até o meu clitóris. Senti lágrimas grossas escaparam por meus olhos e eu ele penetrou todo o dedo dentro do meu ânus e moeu o pau dentro de mim, me fazendo gritar quando pequenos jatos começaram a sair por minha boceta.

Um orgasmo fora do normal. Eu sabia que estava ejaculando de novo para ele, como na primeira vez que transamos, mas mesmo assim, a sensação ainda parecia coisa de outro mundo. Meu corpo tremeu e eu me movi mais, sem parar, ainda sentindo os pequenos jatos molharem a cama e Matthew gemendo em meu ouvido enquanto esporrava dentro de mim, até que parou e eu caí cansada sobre seu ombro.

De olhos fechados, senti quando Matthew se deitou comigo e me colocou ao seu lado, saindo de dentro de mim. Senti nossos fluidos em minha pele e ele sorriu gostoso ao meu lado, beijando meu ombro e levando a mão a minha barriga.

— Acabei com você?

— Você sabe que sim... — Murmurei, me virando para ficar de frente para ele, meu corpo exigindo um descanso. — Obrigada.

— Pelo o quê?

— Por ser homem maravilhoso, por me amar tanto, por ter me ajudado a quebrar uma barreira que eu achei que era invencível. — Falei, tocando em seu rosto. — Esse foi o primeiro passo de muitos e tudo isso eu devo a você.

— Não. Para começar, você tem que se orgulhar de si mesma, por ter dado o primeiro passo, por ter tido tanta coragem. E sou eu quem agradeço por confiar tanto em mim, Claire.

— Eu sempre confiarei, Matt. Sempre confiarei.

O beijei novamente, sentindo-me de novo uma nova Claire. Não aquela que estava refletindo no avião, mas sim uma Claire ainda mais nova, cheia de coragem e de vida, que estava ao lado do melhor homem do mundo. Me aconcheguei em seu peito e murmurei que o amava, me entregando ao sono, mas não antes de ouvi-lo dizer que me amava também.

Epílogo – Um ano depois

Matthew

Senti mais um flash pipocar em meu rosto e sorri, feliz, agarrando a cintura de Claire que tinha um olhar admirado. Mas ela merecia aquilo, na verdade, merecia tudo aquilo e muito mais.

Não só por ser a mulher perfeita para mim ou a mãe perfeita pra Alice, mas sim porque ela tinha um dom magnífico, que lhe foi negado durante toda a infância, onde só nele ela conseguia expressar o que realmente sentia. Agora, na sua primeira exposição, colocar aqueles quadros para o público não era como se estivesse expondo seus sentimentos.

Era como se estivesse se livrando da parte ruim de seu passado e expondo a parte nova de sua vida.

Sorrimos mais uma vez e entramos na Galeria de Artes em Chelsea, que já estava repleta de convidados e admiradores de obras de artes. Foi impossível não olhar aquilo tudo com orgulho de Claire, observando todos os seus quadros na parede, peças ricas em detalhes e emoções.

— Eu ainda não acredito. — Ela sussurrou para mim, encostando a cabeça em meu ombro.

Me virei para ela e toquei em seu rosto com carinho, observando seus olhos cheios de lágrimas.

— Mas é para acreditar. Você é merecedora de tudo isso, Claire, cada um desses quadros é uma parte sua, é sua essência e merecem ganhar o mundo.

— Obrigada. — Ela sorriu e uma lágrima molhou sua bochecha. — Obrigada, Matt, porque eu tenho certeza que sem você, eu jamais conseguiria estar aqui.

— Não precisa agradecer, Claire.

— Preciso sim. Aliás, eu fiz algo para você... Espero que você goste. — Ela falou, antes de me pegar pela mão.

Andamos um pouco por entre as pessoas, parando quando éramos solicitados, mas confesso que a curiosidade estava me corroendo ao ponto de me fazer esquecer que tinha que ser cortês com os convidados. Quando enfim pararam de falar conosco, Claire me olhou com um sorriso lindo nos lábios e parou, me fazendo olhar para frente.

Senti meu coração bater forte.

Era um quadro enorme, com uma moldura dourada, onde a pintura refletia um quadro dentro do

outro. Um casal estava no meio e o homem estava dentro do segundo quadro pintado na tela, abraçando a mulher loira que estava fora do quadro. Os dois observavam a praia e eu não precisei de muito para saber que era nós dois ali, observando a praia na nossa lua de mel.

Era tão bonito, tão rico e cheio de sentimentos que eu temi chorar na frente de todo mundo, por mais que os convidados não estivessem realmente prestando atenção em nós dois. Sem palavras, apenas me virei para Claire, que sorria abertamente para mim.

— Eu fiz esse quadro de presente para você. — Falou, tocando meu rosto. — Ou melhor, de presente para nós dois. A nossa lua de mel foi inesquecível, aqueles dias na Polinésia Francesa foi algo fora do comum e cada sentimento que estava guardado em mim, eu quis colocar nessa tela, Matt. É o nosso amor, o nosso companheirismo que está ali. Espero que você tenha gostado.

— Você... Meu Deus, Claire! Como conseguiu esconder algo tão grande assim de mim? — Indaguei, voltando a olhar o quadro. — É tão lindo, tão... Eu não tenho palavras.

— Eu o pintei na casa da sua mãe. — Ela sorriu, travessa.

— Então era por isso que você ia para lá todos os dias? Fingia que ia levar Alice para visita-los e ficava aprontando isso? — Sorri para ela, sem poder me conter ou passar qualquer seriedade.

— Ela ia visita-los sim! Você sabe o quanto ela é agarrada com Michael e Emma... Eu só aproveitava e ficava pintando, enquanto Michael a roubava para passear ou Emma a levava para o jardim.

— Ficou incrível. — Falei, por fim, agarrando sua cintura e a colando no meu corpo. — Obrigado, meu amor, muito obrigado. Eu vou colocá-lo em cima da nossa cama, para ficar observando-o todos os dias, até ficar velhinho.

— E eu vou estar com você, sempre ao seu lado.

Sem poder falar mais nada, a puxei e a beijei com todo o meu amor, a imagem daquele quadro ficando enraizada na minha mente, como se fosse uma extensão do meu coração e do coração de Claire.

Mas, a verdadeira extensão do nosso amor deu o ar de sua graça com um grito puramente infantil e alegre. Ainda sorrindo, me afastei de Claire observei meu pai vindo com Alice no colo, que sorria mostrando os dois dentinhos debaixo. Seus cabelos ralinhos e loiros estavam bem acomodados com uma tiara na cabeça e seus olhos castanhos brilhavam, olhando a tudo.

Posso até ser um pai babão — está certo, eu realmente sou —, mas Alice, com seus oito meses de vida, era a criança mais esperta que eu já tinha conhecido. E eu podia jurar que ela já estava começando a balbuciar “papai” e “mamãe”.

— Ela é a pessoa mais animada da exposição! — Meu pai falou, sorrindo abertamente para Alice que o olhava sorrindo também.

Aquele bom humor dela era, com certeza, uma característica que puxou do avô.

— Está sorrindo para todo mundo e apontado os dedinhos para os quadros coloridos. Uma coisa linda. — Minha mãe falou, feliz.

Apenas sorri e me aproximei deles junto com Claire. Assim que Alice me viu ela soltou um de seus gritinhos infantis e abriu os braços para vir para o meu colo. Meu pai me passou ela e a segurei, arrumando seu vestidinho rosa. Claire deu um beijo em sua bochecha, apaixonada, e Alice sorriu para ela, feliz.

— Eu não entendo, é só ver você e ela esquece de todo mundo. Nem parece que acabou de falar “vovô” para mim. — Meu pai disse, revirando os olhos.

— Para de mentir, ela não disse “vovô” para você. — Falei, sentindo Alice tocar nos botões da minha camisa.

— Falou sim.

— Ela nem disse “papai” ainda.

— Mas, filho, você sabe que eu sou avô dela, sou muito mais carismático, então, é óbvio que ela falaria “vovô” primeiro.

Olhei para ele, indeciso e depois olhei para Alice que estava entretida ainda brincando com o botão da minha camisa. Acho que ela percebeu que estava sendo observada, porque levantou a cabecinha e olhou a todos nós atentamente, começando minha por minha mãe, depois meu pai e Claire, até parar com os olhinhos castanhos em cima de mim e abrir um longo sorriso.

— Papa.

— Ah meu Deus! Ela falou! Ela falou! — Minha mãe vibrou e Alice olhou para ela com os olhos arregalados, antes de sorrir de novo.

— Matt, você ouviu? Ela disse “papa”! — Claire falou, sorridente, olhando para nós dois.

Olhei para o meu pai e ele sorriu abertamente para mim, seus olhos brilhando de alegria e ali eu soube que ele só tinha falado aquilo para me provocar. Sem poder me conter, virei para Alice de novo e abri um sorriso para ela, indagando:

— Fala de novo, Alice. Fala para o papai.

— Papa. — Ela disse e riu, soltando um gritinho de novo quando a beijei e abracei com força.

Minha filha havia dito “papa”. Sua primeira palavra em um dia tão especial como aquele, assim como mexeu pela primeira vez em um dia tão especial, no meu casamento com Claire. Vi quando meu pai e minha mãe se afastaram e senti quando Claire me abraçou pela cintura, plantando um beijo no rosto de Alice.

— Eu amo vocês mais do que tudo no mundo. — Murmurou.

Olhei para ela sentindo meu peito inflar com a sensação de que era o homem mais feliz do universo e me abaixei, encostando meus lábios nos seus.

— Eu também amo vocês mais do que tudo no mundo.

Realmente amava. E seria para sempre.

Bonus

Michael e Emma

— E então, Michael... O que achou?

Esperei sua reação, enquanto ele olhava devagar para a biblioteca. Estava ansiosa, havia trabalhado muito para deixar aquele cômodo ao meu gosto, mas a casa não era só minha.

Ter a aprovação de Michael era fundamental.

Ele passou o polegar pela boca, deu uma volta completa e olhou tudo de cima a baixo.

— E então? Não me deixe nervosa, Michael!

— Eu gostei.

— Gostou?

— Sim.

— Mesmo?

— Gostei muito. — Sorriu.

Veio andando até mim, mas parou há alguns centímetros, mirando-me.

— Aqui, por exemplo. — Fechou os olhos e sorriu, como se estivesse vendo algo muito bonito.

— Eu imagino você nua, deitada naquele sofá, os tons dourados ao seu redor. Seus cabelos morenos caídos em seu ombro, enquanto você me olha com todo o desejo que sente por mim.

Pensei em falar sobre como ele era pervertido. Mas então eu me lembre que era Michael, meu marido, aquele homem que não tinha papas na língua e sorri, ficando excitada, entrando em seu jogo.

Mordi o lábio evitando um gemido, enquanto o observava ainda de olhos fechados. Lentamente, ele levou a mão até o seu membro e o apertou por cima da calça, me fazendo perceber que ele já estava excitado apenas com aquela imagem em sua cabeça.

Sabendo que eu deveria fazer algo quanto aquilo, me despi rapidamente e me desfiz de meus sapatos, me deitando lentamente no sofá. Coloquei parte de meus cabelos por cima de meu ombro e soltei um suspiro audível.

— Assim? — Perguntei.

Ele se virou rapidamente e passou a língua pelos lábios secos, me observando. Naquele momento, senti meu ego ir as alturas, vendo seu olhar de desejo e devoção em cima de meu corpo. Se aproximando lentamente, ele mordeu o lábio e suspirou:

— Exatamente assim. — Murmurou, se ajoelhando ao meu lado. As pontas de seus dedos tocaram em minhas coxas e começou a subir lentamente, passando pela minha barriga e me fazendo reprimir a respiração. — Você sabe o quão linda e gostosa você é, não é mesmo? — Seus dedos subiram até chegar aos meus seios, onde ele rodeou o mamilo com a palma da mão.

Pegou meu mamilo entre os dedos e o apertou, me fazendo soltar um gemido alto pelo choque de prazer, que percorreu todo o meu corpo e chegou ao meu clitóris. Eu já me sentia estupidamente molhada apenas com as coisas que ele estava me falando e ele ainda nem tinha chegado na parte mais suja e depravada de seu vocabulário.

— Você fala de mim, mas sabe que também é um cara enlouquecedor, Michael. — Murmurei, sentindo seus beijos em meu pescoço.

— Eu sei que te enlouqueço, baby.

— Sim, você realmente me enlouquece...

Mesmo se eu quisesse falar mais alguma coisa, não teria como. Michael invadiu minha boca com sua língua quente e perigosa, me dando um beijo de tirar o fôlego, enquanto ainda brincava com o meu mamilo intumescido. Naquele momento, eu já havia me esquecido de onde estava e até mesmo meu nome eu não saberia responder. O prazer de estar quase sendo comida por ele novamente, me fazia esquecer do resto do mundo.

Deixando minha boca, ele se levantou e se despiu de suas roupas rapidamente, deixando sua gloriosa ereção exposta para mim. Senti minha boca salivar com saudade de ter aquele membro grosso próximo a minha garganta novamente.

— Eu sei o que você quer, Emma — Ele se tocou, empunhando seu membro com uma expressão impassível. — Mas hoje eu quero dar prazer a você. Única e exclusivamente a você.

Ainda se tocando, ele se aproximou e tirou minha perna do sofá, colocando-a dobrada. Toquei o chão com meu pé e ele se ajoelhou no sofá, no meio das minhas pernas. Vi seu membro pulsar e crescer ainda mais em suas mãos, quando ele viu minha intimidade molhada para ele.

— Essa bocetinha rápida já está molhada para mim... — Gemeu, apertando a glândula molhada de seu membro. — Estou louco para meter até o fundo, Emma, mas vou ser cauteloso.

— Não precisa... — Murmurei, levando meus dedos até meu clitóris e me tocando rapidamente. — Entre em mim, Michael. Quero te sentir aqui dentro.

Ele grunhiu alto e parou de se tocar, tirando meus dedos de minha intimidade e se curvando até está cara a cara com a minha boceta. Senti sua língua me percorrer de cima a baixo, parando apenas quando estava em cima de meu clitóris pulsante. Ele o rodeou três vezes seguidas, me fazendo sentir o prazer de ser tocada por um homem tão experiente. Um gemido alto rompeu de meus lábios quando ele sugou meu nervo pulsante para dentro de seus lábios com toda a rapidez.

— Oh, Michael... — Gritei, tocando sua cabeça e me curvando no sofá, queria que o contato ficasse ainda mais intenso.

Ele deu uma pausa e beijou minha virilha. Meu corpo relaxou e eu me deitei, encostando a cabeça no braço acolchoado do sofá.

— Isso, quero que fique assim, baby. — Tocou minha barriga e abriu um sorriso safado que era só dele. — Eu vou te foder com a minha língua agora e se você se levantar, eu vou parar.

Assenti, vendo-o me olhar uma última vez antes de se abaixar. Foi impossível me conter quando

sua língua rodeou minha entrada e me penetrou de uma só vez, começando a sair e entrar em uma rapidez impressionante. Meus músculos internos pulsavam, sugando-o para dentro de mim com cada vez mais gana. Michael realmente sabia como fazer aquilo, ele estava me fodendo literalmente com a língua, me deixando enlouquecida por mais.

Eu estava quase arqueando o corpo para que ele entrasse ainda mais fundo, mas parei com o olhar que ele me deu. Meu orgasmo estava se construindo, sentia meu baixo ventre se contrair com o prazer iminente. Ele enfiou a língua ainda mais fundo, e ficou parado lá dentro, começando a massagear meus músculos internos enquanto rodeava a língua lentamente. Gritei seu nome, sentindo seus dedos beliscarem meu clitóris, fazendo um orgasmo tão forte explodir em mim, que meu interior se convulsionou inúmeras vezes, enquanto pequenos jatos saiam de dentro da minha boceta.

- Oh meu Deus... Oh meu... Michael! — Gemi, querendo fechar minhas pernas por conta do grande pulsar que ainda tomava conta da parte baixa do meu corpo.

Ele se ajoelhou a minha frente novamente, lambendo e limpando o canto dos lábios sujos pelo meu orgasmo, como se fosse a melhor iguaria do mundo.

— O que houve, meu amor? Você parece um pouco... Ofegante. — Sorriu maliciosamente.

— A culpa é sua. É impressionante como o tempo passa e você fica cada vez melhor.

- Eu sou bom em tudo o que faço, baby, você já deveria saber disso em todos esses anos de casamento. — Levou o dedo médio até a boca, chupando-o, logo depois o passou pelos meus lábios. — Chupa.

Passei a língua por toda a extensão de seu dedo e o enfiei em minha boca, lubrificando com minha saliva. Michael gemeu baixinho e mordeu o lábio, quando mordi de leve a ponta de seu dedo. Tirando-o de minha boca, ele levou o dedo até minha boceta e a penetrou, indo até o fundo e circulando-o lá dentro, fazendo minha excitação voltar. Minha lubrificação foi tão forte, que a senti descendo por minha coxa.

— Isso mesmo, baby... Se derrete pra mim. — Murmurou, tirando o dedo dentro de mim o chupando. — Nunca me cansarei de seu gosto, Emma. — Sorrindo sensualmente, ele se curvou sobre mim e sua glândula molhada entrou em contato com minha entrada já pulsante. — Eu vou meter forte e fundo e você vai gozar. Depois eu vou continuar metendo até você gozar de novo.

Dito e feito. Ele entrou de uma só vez, me alargando toda para receber todo seu comprimento grosso. Foi até o fundo e eu gozei, sentindo meu interior o sugar ainda mais para dentro, como se fosse possível ele ir ainda mais fundo. Ele saiu e começou a meter, gemendo em meu ouvido.

— Essa bocetinha apertada... — Se ajoelhou no sofá e levantou minhas pernas, encostando meus pés em seus ombros e voltando a meter em mim. — Só eu posso estar aqui dentro, só eu posso te foder desse jeito, baby. Porra, você me enlouquece, me enlouquece! Goza de novo, quero sentir seu líquido ensopando meu pau, anda!

— Michael, eu... Porra, fala mais! — Gemi, sentindo meu orgasmo se construir novamente.

— Eu vou falar e fazer mais, baby... — Ele levou o dedo até meu clitóris, tocando-o com agilidade. — Anda, Emma, ainda não senti seu gozo no meu pau!

— Eu estou indo, estou sentindo, Michael!

Eu implorava, sentindo meu mundo girar enquanto seu membro ia até o fundo e voltava, tocando aquele nervo preciso todas as vezes que ia ao fundo. Ninguém nunca me preencheu como ele, ninguém nunca me deu aquele prazer. Quando ele rodeou meu clitóris inchado, arranhei o estofamento do sofá e gozei intensamente.

— Isso mesmo, porra Emma, suga meu pau para dentro de você, assim! — Mandou com a boca mais suja e deliciosa de todo o mundo.

Ainda não tinha me recuperado daquele orgasmo, quando ele abriu minhas pernas e se curvou, metendo rapidamente. Senti seu membro pulsar dentro de mim e ele revirou os olhos, mordendo o lábio inferior.

— Eu vou gozar, Emma, vou gozar! — Avisou, metendo rápido uma e outra vez. Quando senti seu membro pulsar mais uma vez, um grito rompeu minha garganta com um orgasmo me pegando de surpresa, enquanto ele começou a gozar intensamente dentro de mim. — Ah, porra, Emma!

Ele saiu de dentro de mim e um último jato de seu sêmen pousou em minha barriga. Ofegante, nos olhamos e sorrimos. Peguei seu gozo com meus dedos e os levei até minha boca.

— Você também é delicioso, Michael...

— Isso eu já sei, baby. — Sorriu.

Não consegui segurar o sorriso que se abriu em meus lábios. O que eu poderia dizer? Aquele era o meu Michael ele jamais iria mudar. Sempre seria aquele cara engraçado, gostoso, lindo e metido. Aquele homem leve e pervertido que me encantou e que tomou todo o meu coração.

— Amo esse brilho em seus olhos.

Ah, ele poderia ser romântico também. Ele sabia ser às vezes.

— E eu amo você.

— Nosso amor é para sempre, não é, Emma?

Senti seus dedos em meu rosto e assenti. Havíamos formado uma família linda, nos amávamos. Com certeza, era para sempre.

— Sim, meu amor. Para sempre.

Agradecimentos.

Esse livro foi um acontecimento. Veio de forma inusitada, depois de inúmeros, inúmeros e inúmeros pedidos de todas vocês que se apaixonaram por Michael e Emma e queria algo a mais deles, nem que fosse uma história sobre o filho ou a filha deles.

E aqui está. Espero que eu tenha superado todas as expectativas.

Matthew e Claire estarão sempre em meu coração.

Quero mandar um surto de beijos para todas as minhas leitoras lindas, todas que torceram por Matthew e Claire, que choraram, que quiseram matar os personagens ruins. A cada menina que leu no Wattpad, vocês são incríveis.

Um abraço gigante a todas as meninas do grupo no Facebook e no grupo do WhatsApp. Vocês são maravilhosas.

A minha mãe e toda minha família. Amo vocês com todo o meu coração.

Lorrane e Luana, minha vida sem vocês não teria graça. Obrigada por tudo.

E a você, que leu esse livro. Um abraço muito apertado e um milhão de beijos. Espero que tenha gostado.

